ANNO BIOGRAPHICO

ANNO BIOGRAPHICO

Commissão Superior

DA

EXPOSIÇÃO NACIONAL

DE

1875

—

PRESIDENTE

Sua Alteza Real Gaston d'Orleans, conde d'Eu.

MEMBROS

S. Ex. o Sr. Visconde de Jaguary.

S. Ex. o Sr. Visconde de Bom Retiro.

S. Ex. o Sr. Visconde de Souza Franco, finado a 5 de Maio.

O Sr. Commendador Joaquim Antonio d'Azevedo.

———

1 DE MAIO

PEDRO VAZ CAMINHA

Pedro Alvares Cabral descobrira a terra que mais tarde se chamou Brazil á 22 de Abril de 1500.

A 1 de Maio do mesmo anno esse illustre capitão portuguez fez elevar no meio de solemnidade religiosa e patriotica no continente de Porto Seguro grandiosa *Cruz* feita de magestosa madeira cortada em floresta brazileira, e aos pés do sagrado symbolo do christianismo gravou as armas e divisas de sua nação e de seu rei.

A' 2 de Maio Cabral levantou ancoras e seguio viagem para as Indias ao mesmo tempo que por sua ordem para Portugal voltava em um dos navios Gaspar de Lemos á levar á el-Rei D. Manoel a noticia do inesperado descobrimento.

O que de viva voz Gaspar de Lemos relatou ao rei, disse á Côrte, e propalou pela capital de Lisboa, foi historia de

ouvida, que excitou jubilos ephemeros, enthusiasmos e felicitações que pouco e pouco arrefecerão, e de que a posteridade não toma em conta importante.

Mas Gaspar de Lemos fôra portador de preciosissima carta, em que á el-Rei D. Manoel era dada minuciosa relação da viagem de Pedro Alvares Cabral desde 9 de Março de 1500, em que a sua esquadra largára, descendo o Tejo, até 21 de Abril em que se aperceberão signaes de terra proxima e não conhecida, e desde 22 de Abril, em que se descobrira a nova terra até 1 de Maio, o dia da plantação da Cruz, á cujos pés se gravárão os signaes do dominio portuguez, e de 22 de Abril a 1 de Maio informações officiaes de tudo, das primeiras idéas sobre o paiz, do aspecto e dos costumes bem mal apreciados embora dos indios seus habitantes, de quanto fizera e ordenára Cabral, de ligeiros episodios, de descripções de solemnidades, de todo o importantissimo relatorio emfim desses dez dias, que formão o primeiro, romanesco, poetico, e riquissimo livro da historia do Brazil.

Essa carta foi escripta e assignada por Pedro Vaz Caminha, que era o escrivão da armada de Pedro Alvares Cabral.

Essa carta é o mais antigo, é o primeiro documento historico, é o auto solemne do descobrimento, é a primeira palavra da historia do Brazil.

Sua importancia official é tão transcendente, seu merecimento real é tão grande, que essa carta de Caminha tem sido reproduzida, e traduzida, e renovadamente publicada em muitas obras de historia, de chorographia, e de informações do Brazil.

Pedro Vaz Caminha é portanto o homem, cuja boca primeiro fallou, cuja mão primeiro escreveu sobre o desco-

brimento, sobre os indios habitantes, sobre as cousas observadas, e sobre os factos passados nos primeiros dias da terra, á que inesperadamente chegára Pedro Alvares Cabral.

A carta de Caminha vale ainda muito mais do que os escriptos historicos de Gondavo que valem tanto.

Quem quer que seja o historiador do Brazil hoje ou d'aqui á mil annos a carta de Pedro Vaz Caminha será a fonte do primeiro capitulo da sua historia.

Pedro Vaz Caminha e o Brazil não se podem separar; prenderão-se ambos á *Cruz de Porto-Seguro*.

O nome de Pedro Vaz Caminha fica de direito lembrado na propria data do dia que elle deu a carta que dirigio á El-Rei D. Manoel.

E vem á proposito aqui a coincidencia muito notavel do nome *Pedro* nos grandes acontecimentos da historia do Brazil.

O descobridor do Brazil chamou-se *Pedro*: foi Pedro Alvares Cabral.

O primeiro á dar noticias do Brazil, chamou-se *Pedro*; foi Pedro Vaz Caminha.

O primeiro escriptor de historia do Brazil chamou-se *Pedro*: foi Pedro de Magalhães de Gondavo.

O primeiro bispo do Brazil chamou-se *Pedro*: foi Pédro Fernandes Sardinha.

O fundador do imperio do Brazil chamou-se *Pedro*: foi D. Pedro de Alcantara Bourbon, D. Pedro I, imperador.

2 DE MAIO

FREI PEDRO PALACIOS

A ordem religiosa seraphica tem no Brazil recordações e memorias gloriosas que a historia registra e não podem ser esquecidas.

Frei Henrique, um Franciscano, foi o sacerdote que celebrou á 26 de Abril e depois a 1 de Maio de 1500 as primeiras missas, e que primeiro annunciou e pregou a lei sagrada de Jesus-Christo na terra então descoberta por Cabral.

Os conventos seraphicos abrirão fontes de instrucção gratuita no Brazil, rivalisando nesse grandioso sacerdocio com outras ordens religiosas.

Sem fallar de outros serviços a ordem seraphica apresenta ao mundo o mais celebre naturalista — botanico brazileiro; florescendo no seculo decimo oitavo, e nesse e

ainda no seguinte pregadores que tiverão o sceptro da eloquencia na tribuna sagrada.

E ainda coube aos franciscanos a pretenção e a esperança de saudar o primeiro canonisado — frei Pedro Palacios, humilde leigo que se tornára celebre por devoção e esplendissimas virtudes no Brazil.

Frei Pedro Palacios, religioso leigo da provincia da Arrabida em Portugal, aportou á capitania do Espirito Santo em 1558, e quasi logo deu principio á um — *Passo,* — simples oratorio rude sobre alta e ingreme rocha elevada perto do mar, e ahi collocou ou uma imagem ou um painel da Santissima Virgem Mãe de Jesus, que recebeu a invocação de *Nossa Senhora da Penha.*

Dentro em breve o rude — *Passo* — se transformou em modesta capella, cuja construcção frei Pedro Palacios, aliás pauperrimo, e á viver de esmolas, realisou em pouco tempo, graças ao concurso dos tambem pobres colonos da capitania em periodo de decadencia.

A capella de Nossa Senhora da Penha foi a pedra fundamental de proximo futuro convento da mesma invocação, que veio á ser o manancial de luzes e de instrucção, que deu á capitania do Espirito Santo pão de espirito á seus filhos mais esclarecidos.

Frei Pedro Palacios florescêu na *Penha* durante dezesete annos: sua vida foi exemplo inexcedivel de pureza de costumes e de devoção sublime: sahia da Penha para repartir com os pobres as esmolas que lhe trazião, para acudir á doentes; para consolar os moribundos, acendendo em suas almas a tocha da fé; para doutrinar os indios mansos; e procurar nas florestas os bravos, dominando-os com a palavra, desarmando-os com a humildade, captivan-

do-os com a fama de sua angelica bondade, e dedicadissima protecção moral.

Os colonos chamavão *santo* á frei Pedro Palacios.

Este piedosissimo leigo falleceu á 2 de Maio de 1575, sendo geralmente chorada a sua morte.

Derão-lhe sepultura na sua ermida de Nossa Senhora da Penha; mas á 18 de Fevereiro de 1609 trasladárão d'ali os seus restos mortaes para o convento da Victoria.

Foi tão grande a fama de santidade de frei Pedro Palacios, que se chegou á pretender a sua canonisação, cujo processo effectivamente começou á 27 de Julho de 1616; mas desde então ficou sem seguimento.

3 DE MAIO

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA

Nasceu Sebastião da Rocha Pitta na cidade da Bahia á 3 de Maio de 1660. João da Rocha Pitta, chanceller da relação daquella cidade foi seu pai, conforme a informação do conego Januario, e de outros, ou seu avô materno, segundo o testemunho do abbade Diogo Barboza.

Sebastião da Rocha Pitta estudou no collegio dos jezuitas da Bahia, e tomou ahi o gráo de mestre em artes; aos dezeseis annos partio para Portugal, e na Universidade de Coimbra formou-se em canones em 1682.

Logo de volta á patria occupou o posto de coronel do regimento privilegiado das ordenanças, e retirou-se para uma fazenda que possuia nas margens do rio Paraguassú.

Ahi esposo amante e feliz gozou todas as doçuras da

vida domestica: descansava das fadigas agricolas, e roubava horas ao encanto da familia, lendo e compondo: escreveu em castelhano um romance imitativo do *Palmeirim de Inglaterra*, fez-se poeta de mediocre reputação, e resolveu-se emfim á escrever uma—*Historia do Brazil*.

Até então nenhuma havia: Pedro Gondavo na sua *Historia da Terra de Santa Cruz* pouco adiantára além do descobrimento de Cabral: todos os outros escriptores em geral estrangeiros erão ou chronistas, ou noticiadores de acontecimentos e de cousas de uma ou outra capitania.

Rocha Pitta emprehendeu trabalho descommunal para o seu tempo, e mais que difficil ainda hoje. Deixou suas lavouras, e na Bahia, Rio de Janeiro e S. Vicente gastou annos á examinar as livrarias e archivos dos conventos e das camaras, seguio para Lisboa á indagar consciencioso quanto podia e devia dar-lhe luz, estudou as linguas franceza, italiana e hollandeza que além da propria e da castelhana e latina lhe darião perfeito conhecimento de obras sobre sua patria, empregou emfim quasi metade de sua vida na missão de historiador de sua patria e em 1730 aos setenta annos de sua idade publicou a « Historia da America-portugueza desde o seu descobrimento até o anno de 1724.»

Applaudido, festejado, coberto de louros mereceu do rei D. João V ser nomeado fidalgo de sua casa, e cavalleiro da Ordem de Christo o que era muito notavel distincção naquelles tempos.

O illustre velho brazileiro retirou-se então para o doce asylo de sua fazenda, onde oito annos depois morreu á 2 de Novembro de 1738.

Os poetas, os philosophos, os escriptores de qualquer

sciencia devem ser julgados conforme a maior civilisação do seu tempo, e as condições, e circumstancias em que puderão produzir suas obras.

Comparar o historiador Sebastião da Rocha Pitta, que escreveu no fim do seculo decimo setimo e no principio do seguinte com os grandes e luminosos historiadores da escola politico-phylosophica da Inglaterra, da França e da Allemanha é esmagar a adolescencia da idade moderna com a immensa opulencia da civilisação do seculo decimo nono.

Rocha Pitta não póde competir com os grandes historiadores modernos.

Elle não pertence, nem podia pertencer ás mesmas escolas; mas para o seu tempo, para os elementos de que dispôz com incalculaveis sacrificios pessoaes, para a civilisação do seu seculo a sua—*Historia da America Portugueza* é monumento, de que o Brazil se deve ufanar.

Rocha Pitta é o pai da historia, como Ayres Cazal é tambem o admiravel pai da chorographia do Brazil.

Assombra o que conseguirão fazer esses dous homens de merecimento excepcional creando obras—thezouros preciosissimos—em tempos de tanta incuria e de tanta pobreza de conhecimentos.

Sebastião da Rocha Pitta senão poude ser o sol, foi pelo menos a brilhante aurora da—Historia do Brazil.

Aos mais profundos e abalizados mestres que hoje fulgurão escrevendo a historia da patria, é de dever honrar a memoria do venerando e mais antigo mestre, que no seu tempo fez mais, do que hoje tem feito todos juntos quantos lavrão na mesma seára.

4 DE MAIO

LUIZA ANTONIA

Quando João Caetano dos Santos já então no maior esplendor de sua gloria dramatica levou á scena no Rio de Janeiro o drama de Alexandre Dumas *Kean ou a Desordem e Genio,* em que o dramaturgo francez representando *a desordem e o genio de Kean,* retratava sem o pensar o genio e a desordem do grande actor brazileiro, o publico fluminense no meio dos arrebatamentos enthusiasticos com que applaudio o seu maravilhoso *Kean,* teve ainda attenção, sorrisos de agrado, e movimento de sorpreza, a que o obrigárão a vivacidade, a segurança e a graça de um menino de oito annos de idade, que desempenhou o pequeno papel de Piter-Pater.

Antes de apparecer na scena Piter Pater perguntou com voz argentina, clara, e segura, infantil e alegre :

— Quer que entre sobre as mãos ou sobre os pés, Sr. *Kean?...*

Piter Pater entrou radioso sobre os pés e encantou o publico com a sua ledice, e suas travessuras.

Soube-se na mesma noite que o engraçado, intelligente e sympathico Piter Pater era uma menina.

Era Luiza Antonia, enteada de João Caetano, filha de Estella Sezefreda, a primeira actriz dramatica brazileira, e nascida em 1833 na cidade do Rio de Janeiro.

Depois de muitas representações consecutivas do *Kean*, a menina Luiza Antonia desappareceu da scena.

Mais tarde João Caetano quiz dar ao publico fluminense o *Frei Luiz de Souza* do immortal Garret, e lembrou-se de sua enteada Luiza Antonia para o papel de *Maria*: ella tinha então doze annos, exactamente a idade da filha de Luiz de Souza ; mas esse papel era difficilimo, e exigia para o seu desempenho intelligencia, e coração, arte e sentimento.

João Caetano mandou tirar as partes do drama, distribuio-as e pedio á seu cunhado o Sr. Luiz Honorio Vieira Souto, que se encarregasse de fazer a primeira leitura do papel de Maria á sua sobrinha, empenhando-se em conseguir que ella comprehendesse quanto lhe fosse possivel o caracter de Maria, essa creação suave, delicadissima, e commovente de Almeida Garret.

Mas a distribuição dos papeis fizera-se na vespera do carnaval, e durante este entregárão-se todos com tanto ardor aos brincos do antigo entrudo, que o proprio Sr. Vieira Souto esqueceu-se da incumbencia que recebera relativamente a Luiza Antonia, sua sobrinha.

Passados os dias do carnaval, João Caetano procedeu

immediatamente ao primeiro ensaio, ou de prova de partes do drama *Frei Luiz de Souza.*

Causou logo agradavel sorpreza trazer Luiza Antonia já perfeitamente decorado todo o seu papel; isso porém foi o menos.

Na primeira scena em que a filha de Luiz de Souza ardendo em vivos affectos manifesta sua exaltada sensibilidade, Luiza Antonia não repetio, representou com extraordinario primor o papel de Maria.

Entonações de voz, gesticulações, sentimento profundo, naturalidade do ouvir, eloquencia do olhar, tudo inspiradamente revelou a menina admiravel.

Quando a scena terminou João Caetano, e Estella Sezefreda, o padrasto e a mãe de Luiza Antonia; estavão banhados em pranto, e o velho Victor Porfirio de Borja, antigo e consummado actor portuguez chorava como aquelles vivamente commovido.

Frei Luiz de Souza subio á scena; e Luiza Antonia fez nesse drama a sua estréa dramatica, maravilhando a todos, e merecendo o esplendido e immenso triumpho que alcançou.

Ella tinha por si mesma comprehendido Almeida Garret, e creado no theatro do Rio de Janeiro o papel de Maria: João Caetano, e Estella Sezefreda apenas tiverão de corrigir pequenos defeitos proprios de sua inexperiencia da scena.

Cada uma das repetições do *Frei Luiz de Souza* marcou novo triumpho de Luiza Antonia. Em 1847 voltando á scena em algumas noites esse drama, o publico arrebatou-se em uma dellas tomado de tristissima illusão.

Sabe-se que em dolorosa e pungentissima scena do frei Luiz de Souza, Maria angustiada leva de subito o lenço á

boca, e no lenço deixa ver os signaes de uma hemoptise. Luiza Antonia era admiravel nessa difficilima parte do drama; mas na triste noite da illusão, os espectadores de pé e enthusiasmados applaudião com innocente inexcedivel ardor uma verdadeira hemoptise de Luiza Antonia!...

Como a *Maria* creada por Garret, a auspiciosa primeira e grande actriz do Brazil, Luiza Antonia achou-se atacada por grave affecção pulmonar.

Antes de 1847, logo depois de sua estréa no *Frei Luiz de Souza,* tinha ella desempenhado com triumpho igual o suave e interessantissimo papel da joven saboyarda na *Graça de Deus.*

Em fins de Abril de 1847 Luiza Antonia já avançando para a morte, á que a levava a tysica pulmonar, embora em seu primeiro periodo; mas quasi sempre fatal na idade critica a que a joven chegára, foi de repente atacada por febre perniciosa.

Não houve cuidados nem extremos que se poupassem para salval-a; tudo porém foi baldado.

A' 4 de Maio de 1847 Luiza Antonia exhalou o utimo suspiro, tendo de idade apenas quatorze annos.

A' mãi e ao padrasto que a choravão consternadamente, disse o grande medico brazileiro, o Dr. Meirelles:

— Não a chorem: melhor lhe] foi morrer assim, e quasi sem sentir a morte: estava tysica, e escapou a soffrimentos longos e irremediaveis, que a levarião á sepultura no fim de mais ou menos mezes.

Luiza Antonia tinha para o theatro dramatico mais do que talento, genio talvez igual ao de João Caetano, seu padrasto. No *Frei Luiz de Souza,* e na *Graça de Deus* exhibio tão prodigiosos dotes, que engrandecidos e bem di-

rigidos pela educação moral e intellectual que recebia, e pela escola de seu padrasto, e de sua mãi, a insigne actriz Estella Sezefreda, a elevarião provavelmente não só á eximia, e radiante artista dramatica do Brazil, mas ainda á celebridade, á luminoso astro no theatro dramatico do mundo.

Na historia biographica das mais celebres e maravilhosas actrizes das nações da Europa não houve uma que aos doze annos de idade operasse o prodigio de inspiração e de genio que Luiza Antonia realisou, creando por si só, sem mestre, e sem conselhos o difficilimo papel de Maria no *Frei Luiz de Souza.*

5 DE MAIO

FREI LEANDRO DO SACRAMENTO

No anno de 1778 nasceu na cidade do Recife, provincia de Pernambuco, Leandro do Sacramento, filho legitimo de Jorge Ferreira da Silva, e Thereza de Jesus, que se desvelarão em sua educação.

Era Leandro de magreza extrema, tinha a caixa thoraxica mal conformada, e saude muito precaria: apezar disso e de seus padecimentos, cedendo á pronunciada vocação, procurou a vida monastica, e na ordem Carmelitana reformada de Pernambuco professou á 5 de Maio de 1798.

Frequentou o collegio do seu convento, adquirio grande cabedal de instrucção, assumio o sacerdocio, e obtendo permissão para ir á Portugal, seguio o curso de philosophia na universidade de Coimbra e formou-se naquella faculdade, apresentando a sua theze com o titulo: *Thezes ex philosophia naturali Coimbriçæ.*

Em 1806 voltou para Pernambuco: espalhára-se a merecida fama de seus grandes conhecimentos de sciencias naturaes, e especialmente de botanica, e vindo ao Rio de Janeiro, sem que o pensasse e ainda menos pedisse, foi nomeado lente de botanica da academia medico-cirurgica.

Exercendo o magisterio, frei Leandro não só leccionava no edificio da academia, como costumava ir faze-lo em um dos dous antigos pavilhões ou mesmo passeando pelas alamedas do Jardim Publico da cidade do Rio de Janeiro.

Tão abalisado lente, como homem virtuoso, tão profundo como eloquente em suas lições, tão affavel como attractivo em suas maneiras, frei Leandro era por todos venerado,e com os seus discipulos muitas vezes se ajuntavão, para ouvi-lo no Passeio Publico, varões já de esclarecida nomeada.

Director do *Passeio Publico* passou á se-lo de Maio de 1824 em diante do *Jardim Botanico da Lagôa de Rodrigo de Freitas* : prestou a esta instituição importantes serviços, e preparava o plano de grandes reformas e melhoramentos, quando se aggravou sua affecção pulmonar.

A 1 de Janeiro de 1829, aos cincoenta annos de idade, falleceu frei Leandro do Sacramento naquelle mesmo Jardim Botanico.

Este illustre brazileiro escreveu pouco, ensinou muito, e sabia muito mais.

Escreveu pouco e infelizmente não deixou documentadas em obra dada ao prelo numerosas plantas medicinaes, que fez conhecidas e applicadas no tratamento de molestias: na phitologia não igualou, não póde ter o renome de frei Velloso, o autor da *Flora Brazileira Fluminense*; mas poderia te-lo acompanhado de perto, se houvesse escripto a historia de suas conquistas phitologicas, e se menos doente,

e debilitado pudesse ter-se dado ás laboriosas explorações botanicas, que poude effectuar aquelle sabio franciscano.

Na extensa e luminosa biographia de frei Leandro do Sacramento apresentada ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro pelo illustrado Sr. Dr. José de Saldanha da Gama encontrão-se as seguintes informações que são neste artigo indispensaveis:

« Leandro do Sacramento começou a escrever a sua monographia relativa ás *Balanophoreas*, plantas parasitas das raizes das arvores, mas não se sabe até que ponto chegou elle em suas descripções.

« Escreveu uma memoria interessante ácerca da cultura do chá, e processos de preparação das folhas, tomando por baze as experiencias feitas durante sua administração no Jardim Botanico da côrte.

« Nos jornaes scientificos de Europa apparecêrão diagnoses suas de especies novas de flora brazileira, algumas das quaes forão acceitas e outras apenas como synonymias.

« Nada menos de 8 generos forão creados por elle para plantas do Brazil; destes adoptárão as Botanicas legisladoras apenas o *Funifera*, ficando os outros prejudicados pelo direito de prioridade. D'entre as especies por elle descobertas, figura em primeiro lugar a embira branca, *Funifera utilis*.

« Baddi perpetuou o nome de Leandro na historia da botanica propondo o genero *Leandra* na ordem das *melastomaceas*. Diversas especies classificadas na Europa trazem a dedicatoria á memoria do illustre brazileiro. — O Jardim das plantas de Paris possue bom numero de specimens de plantas seccas enviadas pelo sabio americano das suas arborisações.

« Saint Hilaire faz menção destes notaveis serviços á França quando rememora os laços de amizade que unirão-no á Leandro na capital do Brazil.

« Professava sabiamente a sciencia das plantas e a ensinava com applauso dos ouvintes no Passeio Publico.

« Conhecia a sciencia dos mineraes e tanto assim que existe registrada uma nomeação do punho do conde da Barca para que Leandro fizesse parte de commissão encarregada de dar o preço e estudar collecção de mineraes que o Estado desejava comprar.

« Do Archivo da antiga Academia Medico Cirurgica extrahimos provas comprobativas de seu curso e das lições que dava sobre agricultura e botanica, e até com referencia ao modo porque elle organisára os pontos para os exames de seus discipulos.

« E mais teriamos achado sobre o mesmo assumpto si o incendio havido no morro do Castello não houvesse consumido maior numero de documentos. »

Sobrão titulos portanto para que frei Leandro do Sacramento figure distinctamente na galeria dos benemeritos e varões illustres do Brazil.

6 DE MAIO

FREI FRANCISCO DE S. CARLOS

Chegando em 1808 ao Rio de Janeiro, e nesta cidade estabelecendo a capital do *novo imperio,* como disse ao mundo, o principe-regente depois rei de Portugal D. João VI já espèrava contemplar maravilhoso paiz, acharse na terra dos prodigios das riquezas naturaes; mas estava bem longe de imaginar que encontraria na colonia muito explorada e pouco protegida genios, e intelligencias de sorprendente esplendor

E D. João e sua côrte tiverão de admirar-se.

Logo na Bahia D. João reconheceu em José da Silva Lisboa (mais tarde visconde de Çayrú) economista — politico e luzeiro de sciencias sociaes sem rival no reino lusitano; e no Rio de Janeiro achou poetas como o padre Caldas já famoso, como S. Carlos, Eloy Ottoni, Januario e

outros não conhecidos, pintores, como José Leandro, que retratava perfeitamente de memoria, theologos, como o padre Luiz Gonçalves, cclerico argumentador; mas abysmo de sciencia ecclesiastica; musicos, como o padre José Mauricio á quem Haydn chamaria irmão.

Principe muito religioso, devoto, e zelador do culto divino, muito exigente de brilhantismo, o principe-regente D. João sobre tudo exaltou-se surpreso e satisfeitissimo, saudando na capital do *novo imperio* o que lhe seria mais difficil de crear em trabalhoso empenho de alguns annos de escola regular, e que encontrou já em grandioso florescimento, — musica sacra, e eloquencia sagrada— na musica sacra de José Mauricio, que era genio, e que sobrepujou Marcos Portugal, grande mestre trazido do reino; na eloquencia sagrada, além de outros, o padre Caldas, aliás já famoso em Portugal, o padre Januario em esplendida aurora, Mont'Alverne á romper magnifico, S. Paio e S. Carlos fulgurantes ao meio dia de sua gloriosissima e bem merecida nomeada eclypsadora.

Depois do padre Caldas frei Francisco de S. Carlos foi o maior e mais brilhante planeta da luzente pleiade.

Este illustre varão descendente de honrada familia nasceu na cidade do Rio de Janeiro á 13 de Agosto de 1763, aos treze annos de idade entrou para a Ordem Serafica da Immaculada Conceição, e cursou com a maior distincção todas as aulas que ella possuia, completando sua educação theologica e litteraria.

Aos dezenove annos foi mandado para o convento de S. Boaventura que a ordem possuia na villa de Macacú (hoje extincta) e ali aprofundou no retiro os seus estudos das obras dos padres da igreja, dos philosophos antigos e moder-

nos, e dos grandes poetas e oradores gregos, latinos, francezes, italianos e portuguezes.

Voltando para a cidade do Rio de Janeiro, principiou logo á primar como orador no pulpito, e engrandecer-se no magisterio, sendo em 1801 nomeado pela sua ordem professor de eloquencia sagrada.

Em 1808 chegando ao Rio de Janeiro a familia real portugueza, pregou na presença della frei Francisco de S. Carlos o sermão de graças por tão faustoso acontecimento e o principe-regente D. João o nomeou logo pregador da real capella, declarando que era elle o mais eloquente orador sagrado que tinha ouvido.

D'essa época em diante a vida de S. Carlos foi continuada serie de triumphos na tribuna sagrada.

Tudo o favorecia para isso; elle dispunha de profundos e variados conhecimentos, de enthusiasmo religioso, de imaginação brilhantissima, de estylo suave e ameno, de elegante e correcta dicção, de voz sonora e enlevadora, e de bella presença: sua fronte era alta, seus olhos grandes, negros e as vezes cheios de fogo, sua boca rasgada e enriquecida por dentes iguaes, e brancos.

Tinha ás vezes repentes os mais felizes.

Um dia, por exemplo, pregava elle na festa de *Nossa Senhora das Dôres*, e chegando a rainha D. Maria I quando já ia adiantado o sermão, S. Carlos teve de recomeça-lo e rompeu exlamando: « *Infandum, regina, jubes renovare dolores* ! »

Além de preclarissimo orador sagrado S. Carlos foi grande poeta, e escreveu um poema em oito cantos á—*Assumpção da Santissima Virgem.*

Nossa Senhora da Assumpção tinha sido e foi até a ultima

hora de sua vida celeste objecto de sua especial devoção, e doce coincidencia, S. Carlos, adoecendo gravemente em 1829 foi levado para o hospital do convento, e posto em um beliche que ficava fronteiro ao altar da *Senhora de Assumpção* e á 6 *de Maio de* 1829 morreu tendo os olhos fitos na sagrada imagem.

Perdeu-se a quasi totalidade dos sermões de S. Carlos; alguns porém que ficárão impressos bastão para fundamento de sua gloria: destes o mais notavel é a oração funebre que pregou na capella real nas exequias da rainha D. Maria I: tudo se mostra grandioso nessa oração funebre admiravel; mas a peroração é rasgo de arrebatadora eloquencia, que se conservará sempre como precioso modelo.

O poema — *Assumpção* — monotono pela infeliz escolha da rima dos versos dous á dous, é ainda assim um monumento da litteratura nacional. A imaginação prodigiosa do poeta enastrou na simplicidade magnifica da concepção episodios cheios de belleza e de magestade, como os da vida sublime, e do martyrio e morte de Nosso Senhor Jesus Christo, e os das conjurações infernaes dos espiritos das trevas, além de outros o religioso cantor não esqueceu a patria: a descripção da cidade do Rio de Janeiro, e a do Pão d'Assucar á entrada da barra, e na do *Paraizo* a menção poetica de fructos do Brazil dão testemunho do seu patriotismo que lhe deu flôres para a corôa epica que inspirado e devoto depositou aos pés sagrados da Immaculada Virgem Mãe de Jesus Christo.

7 DE MAIO

SERGIO TEIXEIRA DE MACEDO

Nascido na cidade do Rio de Janeiro em Setembro de 1809 Sergio Teixeira de Macedo, ahi seguio e completou os seus estudos primarios e de doutrinas preparatorias sempre sob as vistas de seu pae o major Diogo Teixeira de Macedo.

Partio em 1827 para Coimbra afim de formar-se em sciencias juridicas; mas fechada a universidade em 1828 em consequencia dos acontecimentos politicos que abalavão o reino de Portugal, voltou para o Brazil, onde já estavão fundados os cursos juridicos de S. Paulo e de Olinda, e neste se matriculou, e foi considerado estudante distincto.

Ainda nos bancos academicos escreveu em 1831 *O Olindense*, periodico politico liberal de que foi á principio col-

laborador e logo depois unico redactor: sustentando as idéas da ordem do *partido moderado* então no governo, seus artigos forão muitas vezes reproduzidos nos principaes periodicos da capital do imperio.

Formado em Outubro de 1832, Sergio de Macedo, chegando á cidade do Rio de Janeiro, foi quasi logo eleito promotor publico, e praticou no escriptorio de advocacia do Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, e ao mesmo tempo escrevia artigos para a *Verdade* e para a *Aurora Fluminense*. No fim de alguns mezes solicitou e obteve o lugar de secretario da legação brazileira em Pariz, que vago se achava.

Pouco tempo foi secretario: a mudança do chefe da legação deu-lhe opportunidade á servir como encarregado de negocios desde Junho até Novembro de 1834; passou no mesmo caracter diplomatico para Lisboa, onde prestou serviços reaes e importantes, sendo muito para lembrar o seu aturado e esclarecido empenho contra o trafego de africanos que se fazia licitamente nas colonias portuguezas e que era contrabando no Brazil.

Tão grande estima e consideração soubera ganhar Sergio de Macedo, que a rainha D. Maria II, sentindo-se proxima á ser mãe, escreveu á seu augusto irmão o imperador do Brazil, convidando-o para ser padrinho do futuro principe, e rogando-lhe que mandasse a procuração áquelle que era simples encarregado de negocios, e na occasião do baptisado, ordenou que o tratassem como embaixador, e o agraciou com a gran-cruz da Ordem de Christo.

O governo do regente do Brazil estava então em desaccordo com a Santa Sé pela questão do bispo eleito do

Rio de Janeiro, e resolvido emfim á modificar as negociações em sentido mais conciliador, removeu o ministro brazileiro em Roma para Lisboa, e mandou Sergio de Macedo para Roma e Turim.

Em 1838 começou a sua missão em Roma que com felicidade desempenhou, concluindo as negociações, e chegando á merecer que á seu pedido fosse reconhecida pela Santa Sé a independencia do Chile.

Em 1842 partio Sergio de Macedo para Turim, levando ao rei Carlos Alberto as insignias da Ordem do Cruzeiro, e incumbido de negociações que officialmente ficarão secretas, mas sendo por ellas louvado e agraciado.

O governo imperial o elevou á categoria de ministro residente em Turim, e acreditado em Parma, dispensando-o da missão de Roma, onde logo depois de sua despedida o Santo Padre lhe enviou as insignias de commendador da Ordem de S. Gregorio Magno e breve pontificio o mais penhorador.

Em 1843 por alguns mezes interinamente ministro do Brazil em Pariz, passou em seguida de Turim para Vienna e ahi além de occupar-se de relações commerciaes, conseguio do principe de Metternick o reconhecimento das republicas do Chile e do Paraguay, e em 1847 foi elevado á categoria de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario.

De Vienna foi o habil diplomata removido para Washington e ahi honrou sua patria e seu governo na solução de difficuldades, e no ponto de direito soberano do Brazil na proposta da abertura do Amazonas á todas as bandeiras.

Em 1851, obtida a necessaria licença, Sergio de Ma-

No parlamento fez opposição ao gabinete do marquez de Olinda.

A 12 de Dezembro de 1859 entrou para o ministerio, occupando a pasta do imperio, que deixou em 1861.

Sendo em 1863 dissolvida a camara temporaria, e não tendo sido reeleito deputado, Sergio Teixeira de Macedo sahio em 1865 para a Europa, e lá falleceu dous annos depois.

8 DE MAIO

ANTONIO JOSÉ DA SILVA — O JUDEU

O tribunal da inquisição, o chamado *Santo Officio* que em seu berço pudera talvez escudar-se com idéas de zêlo religioso, e de bem intencionadas aspirações; mas em todo caso ameaçadoras de abusos, e de perseguições do fanatismo, tornou-se muito cedo o terrivel calumniador da religião santissima do Cordeiro de Deus, da lei purissima de Nosso Senhor Jesus Christo.

A Inquisição introduzida e firmada em Portugal por D. João III, estendeu suas rêdes, multiplicou seus commissarios, levou seus fios e suas malhas aos diversos dominios da monarchia portugueza e no Brazil fez numerosa colheita de victimas para o gozo horrivel de seus apparelhos de tormentos barbaros, e para suas fogueiras malvadas.

A 8 de Maio de 1705 nascêra na cidade do Rio de Janeiro Antonio José da Silva, filho legitimo do advogado João Mendes da Silva e de Lourença Coutinho, pobre senhora, a qual por simples suspeita de judaismo foi preza e remettida para Lisboa.

João Mendes seguio a esposa, levando comsigo tres filhos, dos quaes o menor era Antonio José então de oito annos de idade, e para manter-se e defender sua consorte, abrio em Lisboa escriptorio de advocacia.

Lourença Coutinho escapou dessa vez á fogueira.

Antonio José educado em Lisboa resplendeu por talentoso, e pela vivacidade do espirito, e aos vinte e um annos tomou na Universidade de Coimbra o gráo de bacharel formado em canones e voltou para Lisboa; mas logo á 8 de Agosto de 1726, no mesmo anno de sua formatura a Inquisição que pela segunda vez afferrara em seus carceres a martyr Lourença Coutinho, apoderou-se do joven bacharel, e durante dous mezes o pôz em martyrios e em tratos de polé, soltando-o por fim em auto de fé de Outubro do mesmo anno.

Antonio José praticou no escriptorio de advocacia de seu pae, e ajudou-o muito nos trabalhos do fôro; escreveu fabulas, e poesias facetas e espirituosas, fez-se conhecido e estimado, e pôz-se á compôr comedias que lhe derão gloria e fama, e que attrahião enchentes de applaudidores ao theatro publico do *Bairro-Alto.*

Antonio José da Silva casára-se com Leonor Maria de Carvalho e de sua união tivera uma filha, seu estremecido amor.

Mostrava-se elle fervoroso catholico ou de convicção, e

por fé robusta, ou á medo da Inquisição, que outra vez acabava de encarcerar sua pobre mãe.

João Mendes da Silva morreu em 1736 provavelmente amaldiçoando o demonio da Inquisição em sua agonia de esposo atormentado, e de pae apprehensivo.

Antonio José da Silva glorificado por suas espirituosas comedias cheias de originalidade e de inexcedivel graça, já appellidado com demasia de louvor o—Plauto Portuguez—regenerára e déra vida ao theatro de Lisboa, conquistára entre muitas, a amizade de Mathias Ayres Ramos da Silva Eça, provedor da casa da moeda, e varão de estudos litterarios, e a de D. Francisco Xavier de Menezes, conde de Ericeira, filho de D. Luiz, ambos do mesmo titulo, e ambos poetas.

Mas o povo chamava as comedias de Antonio José da Silva—*operas do judeu*. Seria esse o seu crime?...

O misero poéta foi de novo preso e encarcerado pela Inquisição á 7 de Outubro de 1737 e com elle sua joven e innocente esposa: pouco faltou á que não quizessem atormentar e assassinar tambem a filha ainda na infancia!...

Não valêrão á Antonio José nem o amor do povo que era crime, nem a gloria litteraria, que era escandalo, e nem a amizade fiel de Silva Eça e do conde de Ericeira, que por elle se interessárão.

O tribunal demonio, o chamado Santo Officio, o mais famigerado calumniador e sacrilego offensor de Jezus Christo acendeu á 19 de Outubro de 1739, na praça publica de Lisboa infernal fogueira, e em suas flammas assassinou fria e perversamente em nome de Deus, do Deus do perdão, da caridade, e da misericordia Antonio José da Silva, Lourença

Coutinho, sua mãi, e Leonor Maria de Carvalho, sua esposa!...

A Inquisição tinha marcado suas victimas: assou-as e devorou-as.

O nome de Antonio José da Silva ficou perpetuado em suas comedias, que são tão salientes, espirituosas, e distinctas pelo estylo, pela graça, pela originalidade que publicadas com diversas outras em collecção descuidosa, sem escrupulo e sem zêlo litterario, sobresahem e se reconhecem ao primeiro estudo e exame da critica.

Cerca de doze são as comedias reconhecidas da lavra de Antonio José: hoje não terião accesso no theatro moderno, como não a terião as de Plauto, de Terencio, de Gil Vicente e de outros mestres; mas as *Guerras do Alecrim e da Mangerona*—os *Encantos de Medéa*, o *Labyrintho de Creta*, a *Vida de Dom Quixote*, o *Precipicio de Phaetonte* e outras sobrão para fundamento da maior gloria desse illustre brazileiro, genio inspirado que foi alma do theatro portuguez no seculo decimo oitavo.

O Sr. Dr. Domingos Magalhães, poeta brasileiro e actual visconde do Araguaya escreveu e fez representar applaudida tragedia, da qual o titulo e o heróe perpetuão o nome do illustre e martyr Antonio José da Silva.

Nessa tragedia fraternisárão tres glorias da patria, Magalhães o autor, Antonio José o heróe, João Caetano o artista dramatico que entre mil applausos desempenhou o papel da illustre victima da—*maldita inquisição*.

9 DE MAIO

JOSÉ FELICIANNO FERNANDES PINHEIRO

VISCONDE DE S. LEOPOLDO

Aos 9 de Maio de 1774 nasceu na villa depois cidade de Santos, provincia de S. Paulo José Feliciano Fernandes Pinheiro, filho legitimo do coronel de milicias José Fernandes Martins e de D. Thereza de Jesus Pinheiro.

Em Santos estudou além das letras primarias o latim e o francez, e em Portugal, na universidade de Coimbra completou os seus preparatorios e em 1798 tomou o gráo de bacharel em canones, e obtida a venia paterna, preferio seguir a carreira da magistratura ao estado ecclesiastico á que tinha sido destinado.

Despachado em Lisboa pelo ministro D. Rodrigo de Souza

Coutinho para o estabelecimento litterario do *Arco do Cego* dirigido por frei José Mariano da Conceição Velloso, o sabio autor da *Flora Fluminense*, José Feliciano ali foi incumbido de diversas traducções da lingua ingleza, em que deu provas de sua capacidade, e ainda mais em excellente compilação que appareceu com o titulo *Historia Nova e Completa da America.*

A 15 de Julho de 1800 foi nomeado juiz das alfandegas do Rio-Grande do Sul, fazendo-se depender a elevação á capitania geral dos rendimentos das mesmas alfandegas. A' 19 de Setembro de 1801 teve patente de auditor geral de todos os regimentos do Rio-Grande do Sul, e para apresental-a ao vice-rei D. Fernando José de Portugal teve de passar pelo Rio de Janeiro, onde foi nomeado auditor da esquadra da defeza do Brazil.

Em 1802 chegou á Porto Alegre no Rio-Grande do Sul : em 1804 começárão á funccionar as alfandegas, e a capitania geral teve sua junta da fazenda, na qual José Feliciano servio de procurador da corôa, desempenhando além disso os cargos de juiz conservador dos contractos do quinto e dizimo, e inspector do papel sellado.

Durante vinte annos prestou como auditor geral serviços relevantes, e foi graduado nos postos de tenente-coronel em 1810, e no de coronel no anno seguinte. Em 1812 acompanhou o exercito pacificador até Montevidéo, e o general D. Diogo de Souza o propoz para vogal da commissão militar creada por carta regia de 17 de Setembro de 1813, para julgar em uma só instancia os réos de deserção, de sedição, etc. Em 1816 foi por carta regia de 19 de Junho escolhido para vogal permanente da junta de justiça orga-

nisada no Rio-Grande do Sul para processar numerosos réos que enchião as prisões.

Em todos esses cargos e commissões José Feliciano mereceu e teve elogios pela sua prudencia, e rectidão e pelo seu zelo.

Receiando que com essas honrosas tarefas o desviassem da magistratura, requerêra compensação que o governo lhe deu por decreto de 29 de Junho de 1808 com o predicamento da correição ordinaria, e pelo de 17 de Dezembro de 1811 com as honras de desembargador e o predicamento do primeiro banco.

O alto merecimento de José Feliciano estava reconhecido pelo governo: em 1821 o povo tambem por sua vez se manifestou reconhecido: a provincia de S. Paulo o contemplou no numero dos seus deputados á constituinte portugueza.

Nas côrtes de Lisboa José Feliciano procedeu dignamente, e não faltou ao seu dever de brazileiro: moderado por caracter, e fiel á principios severos de doutrina não igualou a Antonio Carlos, á Barata, á Feijó, Lino Coutinho e alguns outros em arrebatamentos e em ardentes lavas de patriotismo, não os acompanhou na retirada das côrtes declaradamente hostis ao Brazil; assignou a constituição portugueza; procedeu assim por convicção de que estava á isso obrigado pelas explicitas instrucções do mandato que recebêra; mas sempre defendendo os direitos do Brazil, deixou Portugal, apenas soube que a vontade nacional-brazileira se manifestára, proclamando a independencia aliás ainda guerreada por tropas portuguezas.

De volta ao Brazil achou-se eleito pelas provincias do Rio-Grande de S. Pedro do Sul, e de S. Paulo deputado

á constituinte do imperio, e nella se fez notar pela sua moderação e por suas idéas monarchistas, e liberaes-conservadoras até a dissolução mal aconselhada e funesta desse augusto congresso.

A' 25 de Novembro de 1823 foi nomeado presidente (o primeiro) da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul. Sua presidencia deixou memoria esplendida. Lembra-a a colonia de S. Leopoldo então fundada, e ainda hoje florescente; lembra-a o estabelecimento da primeira typographia da provincia; lembra-a, além do mais, a inauguração da Casa de Caridade que pomposamente se effectuou á 1 de Janeiro de 1825, e cuja maior pompa foi o facto de mostrar-se o presidente José Feliciano trajando sua farda de aureos bordados, e ajudando á nobre companheiro á carregar ao hombro a rêde em que era levado pobre doente,

A' 13 de Outubro de 1825 José Feliciano recebeu do imperador D. Pedro I o titulo de conselheiro, e á 21 de Novembro aceitou a pasta de ministro do imperio.

No ministerio deu desenvolvimento á academia das Bellas Artes, occupou-se zelosamente da instrucção publica, melhorou a escola medico-cirurgica, referendou o decreto de 11 de Agosto de 1827, creando os cursos juridicos de S. Paulo e de Olinda, cuja idéa elle iniciára na constituinte á 14 de Junho de 1823, acompanhou o imperador ao Rio-Grande do Sul, quando ardia a guerra da Cisplatina, e á 20 de Novembro de 1827 pedio e obteve sua demissão, merecendo elogios e agradecimentos honrosissimos em decreto desse dia.

José Feliciano já então se achava agraciado com o titulo de visconde de S. Leopoldo, em 1826 na creação do

senado fôra escolhido senador em lista dos eleitos pela provincia de S. Paulo, e á 18 de Maio de 1827 tivera a nomeação de conselheiro de estado, e a escolha para servir de secretario ao mesmo conselho.

O partido liberal em opposição systematica tinha ou por inimigos ou por suspeitos os homens que o imperador honrava e distinguia mais e que com dedicação o servião; não perdoou pois ao visconde de S. Leopoldo a sua elevação: o titulo nobiliario, a posição e influencia de conselheiro de estado, seu caracter de ministro, o favor e a confiança do imperador D. Pedro I forão motivos de suspeição, e no parlamento e na imprensa o visconde de S. Leopoldo foi atacado, como reaccionario e favoravel á idéas absolutistas.

O visconde de S. Leopoldo retirou-se do governo profundamente resentido e desgostoso das offensas recebidas em seu caracter pessoal.

Em 1827 negociára á 24 de Maio a burlada convenção de paz entre o Brazil e a Republica Argentina, o tratado de amizade, navegação e commercio entre o Brazil e a Grã Bretanha, e outro baseado em perfeita reciprocidade com a Prussia.

Em 1830, achando-se doente, requereu dispensa de conselheiro de estado, e obtendo-a por decreto de 9 de Março com todas as honras e preeminencias do cargo, retirou-se para a provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul á gozar as suaves doçuras do seio da familia.

Lá lhe chegou o écho do estrepitoso acontecimento de 7 de Abril de 1831, e lá vio romper sinistra a revolta rio-grandense á 20 de Setembro de 1835, que havia de perdurar fatalmente nove annos.

Vigiado pelos rebeldes, como illustre suspeito, vio-se nove mezes recluso em sua casa: á 15 de Junho de 1836 pronunciou-se a reacção legal, e a influencia do visconde de S. Leopoldo contribuio notavelmente para ella não sem grave perigo, que em sua lealdade monarchica elle nem sequer procurou calcular e medir.

Em 1837 vindo occupar a sua cadeira no senado, o visconde de S. Leopoldo foi pelo ministro dos negocios estrangeiros nomeado presidente de uma commissão que devêra determinar quaes os limites que pódem ser considerados como naturaes com relação ás localidades e topographia do Brazil, e ainda merecidos elogios recebeu pelos trabalhos que apresentou ao governo.

Em 1838 o visconde de S. Leopoldo partilhou com o marechal Cunha Mattos, e o conego Januario da Cunha Barbosa a gloria dos iniciadores da idéa da fundação do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brazileiro, do qual foi eleito presidente por todo tempo que vivesse.

O senhor D. Pedro II logo depois de entrar no exercicio de seus direitos magestaticos nomeou o visconde de S. Leopoldo veador das Serenissimas Princezas, suas augustas irmãs.

Velho e cansado trabalhava ainda activo o visconde de S. Leopoldo, quando falleceu na cidade de Porto-Alegre, provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul á 6 de Junho de 1847, sendo sepultado no cemiterio da Santa Casa da Misericordia.

Este illustre e venerando brazileiro era de ameno trato, de conversação instructiva, de intelligencia illustrada e de grande modestia.

Pouco figurou na tribuna parlamentar; mas em compensação foi de infatigavel e precioso trabalho no gabinete.

O visconde de S. Leopoldo escreveu:

Annaes da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul em dous volumes, o primeiro publicado na cidade do Rio de Janeiro em 1819 e o segundo em Lisboa em 1822. Esta obra modificada em seu primitivo plano pelo autor sahio em nova edição tirada em Pariz no anno de 1839, e o seu notavel merecimento é reconhecido geralmente:

Demonstração de que o *Instituto Historico e Geographico Brazileiro é o representante das idéas de illustração que em differentes épocas se manifestárão em nosso continente,* impressa ao tomo 1° da Revista do mesmo Instituto, 1838:

Vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão publicada em 1839 na Revista do Instituto:

Memoria sobre os limites naturaes, pactuados, e necessarios do Imperio do Brazil;

Resposta ás Breves Annotações que sobre a Memoria precedente escrevêra o conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá.

O visconde de S. Leopoldo foi membro de diversas academias e sociedades estrangeiras, como a Academia Real das Sciencias de Lisboa, a dos Amigos Naturalistas de Berlim, o Instituto Historico da França, a Sociedade de Agricultura de Carlsow, e a Philomatica de Pariz.

10 DE MAIO

D. FRANCISCA DE SANDI

Ignora-se tanto a data do nascimento como a da morte de D. Francisca de Sandi, natural da Bahia, e de distincta familia, cujo nome perpetúa.

Era viuva e dispunha de bens de fortuna, quando a Bahia foi em 1686 invadida pela peste que no anno anterior se pronunciára em Pernambuco, onde foi conhecida popularmente com a denominação de—*males*.

Na Bahia derão o nome de *bicha* á essa epidemia, que fez terriveis estragos, e como a medicina de então pouco pudesse contra ella, a camara e o povo da cidade de S. Salvador tomárão por seu padroeiro á S. Francisco Xavier, procurando merecer e recorrendo á protecção divina a 10 de Maio de 1686 e no mesmo dia conduzirão em procissão de penitencia a imagem daquelle santo da

igreja do collegio, repetindo annualmente a camara á sua custa essa procissão até o anno de 1828.

Em falta de outra data fica registrado no dia 10 de Maio o nome de D. Francisca de Sandi, que naquellas dolorosas circumstancias tornou-se assignalada pela sua caridade e heroica dedicação.

A peste ceifava diariamente vidas: os seus symptomas principaes erão—febre e cephalalgia intensas, anciedade, vomitos de sangue, e delirio: destes insufficientes esclarecimentos póde-se bem concluir que epidemia era essa.

A população tomára-se de terror, tanto mais que reputava a *bicha* muito contagiosa: os hospitaes não chegavão para os affectados, e do contacto destes fugião quasi todos: as familias e pessoas ricas desertavão da cidade empestada.

Foi então que D. Francisca de Sandi em vez de retirar-se para o interior da capitania, como tantos o fazião, abrio sua casa aos pobres affectados da peste, transformou-a no mais aceiado e melhor hospital, e não só fez todas as despezas com os remedios, dietas, tratamento, e com o serviço pessoal, como tomou sobre si a tarefa de principal e da mais dedicada enfermeira. Depois de esgotar todos os recursos que dos medicos partião, era ella quem dispunha os doentes que tocavão ao ultimo periodo a receber os sacramentos da igreja, e quem acompanhava os moribundos em seu agonisar.

Tanta piedade, tão grande virtude merecêrão do rei D. Pedro II uma carta de louvor e de agradecimento, e do povo da cidade da Bahia amor e gratidão, como de bons filhos á mãe mais estremosa e dedicada.

11 DE MAIO

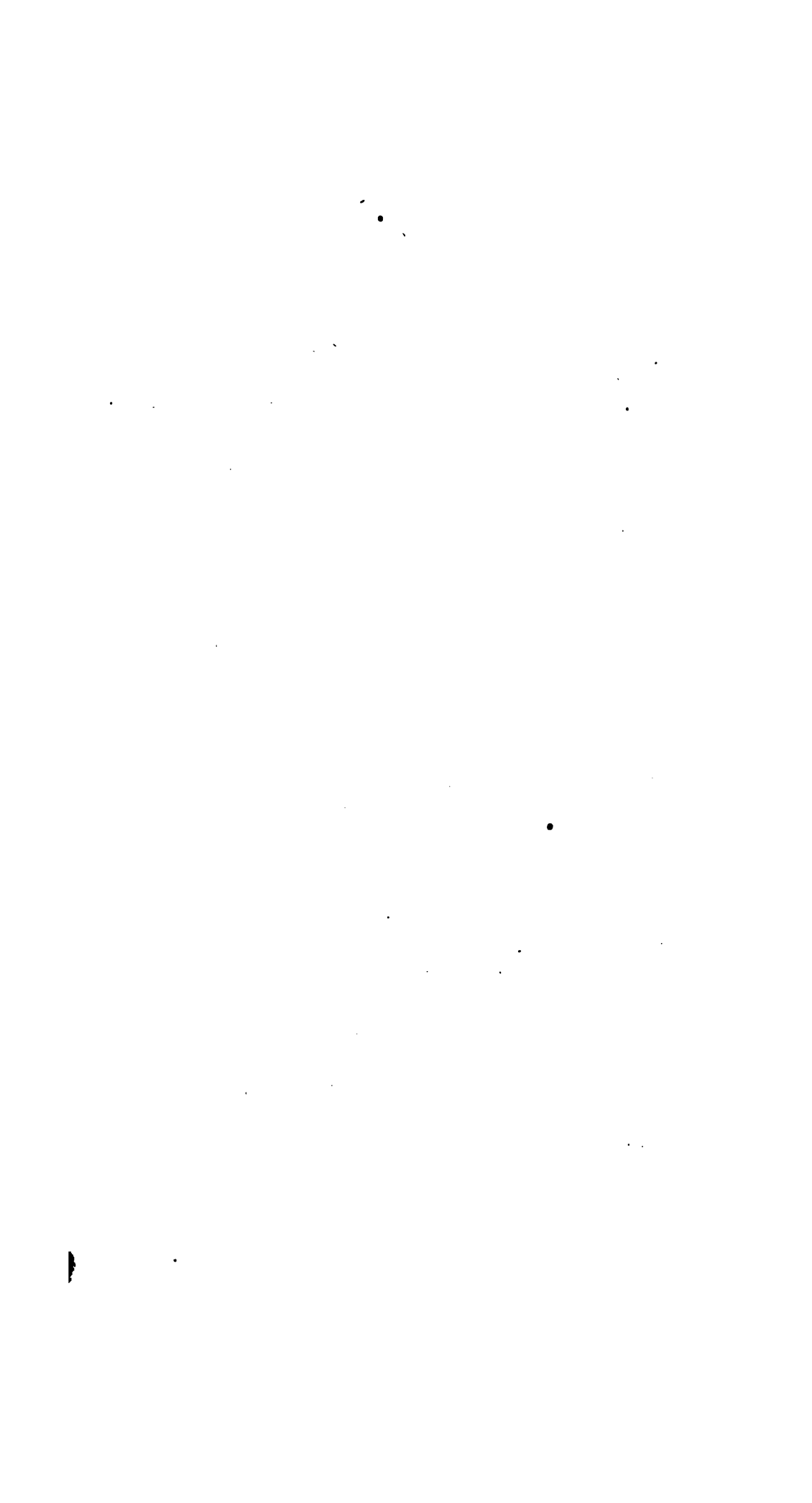
MATHIAS AYRES RAMOS DA SILVA EÇA

Nasceu este illustre brazileiro na capitania de S. Paulo no anno de 1705: cedendo á pronunciada vocação dedicou-se ás lettras: deixou a patria, e em Portugal formou-se em philosophia na Universidade de Coimbra.

Estudando muito sciencias physicas, e com especial predilecção os reinos da natureza, tornou-se celebre naturalista, e ganhou como tal grande reputação.

Passou por litterato notavel; foi amigo do infeliz Antonio José da Silva, o chamado Judêo, e empenhou todos os seus esforços, infelizmente debalde, para salval-o das garras e da fogueira da Inquisição.

Seu merecimento era tão reconhecido que foi nomeado provedor da casa da moeda e exercia esse emprego em Lisboa, quando falleceu.

Fique seu nome lembrado neste artigo ou ligeira noticia do dia 11 de Maio sob a reserva de franca confissão de data arbitraria.

12 DE MAIO

D. RITA JOANNA DE SOUZA

Mimosa filha de Olinda, capital então e ainda por muito tempo de Pernambuco, D. Rita Joanna de Souza, joven e risonha cultora das lettras e da poesia, merece na simples menção do seu nome justo brado de reprovação á incuria, ao desmazelo, com que seus contemporaneos da capitania aliás tão orgulhosa, altiva, e zelosa de sua gloria, deixou perder os testemunhos, as obras, primicias do distincto e applaudido talento da interessante pernambucana.

D. Rita de Souza foi sem duvida o encanto de familia senão rica, pelo menos abastada: seus paes deverião ter educação que lhes inspirasse o amor do bello, e o apreço das artes e da instrucção litteraria; porque ella nasceu em 1696, á 12 de Maio, segundo vagas informações, e naquelles tempos em que poucos homens no Brazil ião além dos estudos primarios e era quasi de cos-

tume ser a mulher analphabeta, applicou-se ás lettras e á pintura, e nos mais bellos annos da vida, quando punha em descanso os pinceis e a palheta, abysmava-se na historia, visitava o orbe na geographia, e se aditava, escrevendo memorias e trabalhos de investigação de acontecimentos passados.

Naturalmente os desenhos e quadros da juvenil pintora, os escriptos sobre historia da novel e candida philosopha se resenterião de sua idade — roza em botão mal desabroxada, e de sua inexperiencia de innocente donzella; mas em uns e outros brilharião lampejos do genio, que a fama, infelizmente não documentada, apregoou por longos annos.

Pernambucana e artista, o que significava, patriota e inspirada, D. Rita de Souza floresceu em época notavel para sua capitania, e cujos acontecimentos necessariamente devião influir em seu espirito: a guerra dos Palmares, e a relação da morte pavorosa, do suicidio *buonaresco* do zumbi, e dos principaes chefes dos negros forão as historias que sem duvida ouvio em sua infancia, e a *guerra dos mascates* tão excitadora dos brios e dos ardores pernambucanos terminada tresloucadamente por violenta e tyranica perseguição, tormento e desterro de seus irmãos pela patria, forçosamente impressionárão sua primeira juventude.

Mas tudo se perdeu de quanto produzio na téla, ou em manuscriptos a celebrisada menina, menina, sim; porque D. Rita Joanna de Souza, a donzella pintora, e philosopha morreu aos vinte e dous annos de idade em 1718.

Em *apontamentos biographicos de poetas e de homens notaveis de Pernambuco*, aliás velhos papeis desordenados, e em muitos pontos infieis, e sem criterio, leu quem escreve este livro a lembrança, ou o registro verdadeiro ou não:

« D. Rita Joanna de Souza pintora e litterata, formosa, e *donzella tão sabia, como modesta e de virtudes era, falleceu em Olinda aos vinte e um annos e onze mezes de idade em Abril de* 1718 *chorada por todos e á sepultura levada coberta de flôres.* »

Que D. Rita de Souza não foi talento commum, e antes primou como artista e litterata de merecimento tanto maior, que se fez notavel e celebre vivendo apenas vinte e dous annos se demonstra pelas honras que pagão á sua memoria Damião de Fróes no *Theatro Heroino,* Barboza Machado na *Bibliotheca Lusitana,* Ferdinand Diniz no *Resumé de l'Histoire Litteraire du Bresil,* o conselheiro Balthazar da Silva Lisboa nas suas *Notas Biographicas,* o Sr. Norberto da Silva e Souza nas *Brazileiras Celebres.*

Que culpa tem a joven e candida donzella inspirada, de que no seu tempo nem houvesse no Brazil typographia para publicar seus escriptos, nem ao menos zelo e amor de thesouros litterarios e artisticos em seus contemporaneos ?.....

Flôr que perfumou os jardins de Olinda, metheóro que passou rapido, suave harmonia que pouco a pouco se extinguio no espaço, rica legataria de quem se destruio por barbara incuria o espolio precioso, donzella formosa e pura que encantou vinte e dous annos Olinda e anjo subio para o céo, D. Rita Joanna de Souza tem direito á suave, grata, e maviosa lembrança na historia da patria.

Foi arbusto mimoso que em lettras e arte de pintura produzio fructos apreciaveis, e louvados.

Os fructos se perdêrão.

Fique ao menos no altar da patria por ornamento o seu nome — o nome da flôr.

13 DE MAIO

CAETANO ALBERTO SOARES

Em 1833 o Brazil tornou-se patria adoptiva de um homem tão distincto pela intelligencia, como pelo caracter e pelo coração. Caetano Alberto Soares naturalizou-se cidadão brazileiro nesse anno.

Filho legitimo de Antonio Soares Filgueiras e D. Anna de Oliveira, nasceu na ilha da Madeira á 13 de Maio de 1790, e foi adoptado por seu tio e padrinho o conego Caetano Alberto de Araujo que o destinou ao sacerdocio.

Aos vinte e quatro annos de idade recebeu ordens de presbytero, e seguindo para Coimbra, tomou na universidade o gráo de doutor em 1820.

Caetano Alberto Soares foi na ilha da Madeira vigario geral, professor de latim no collegio publico e exerceu de 1821 á 1826 a profissão de advogado: eleito deputado nesse

ultimo anno, partio para Lisboa, donde se retirou em 1828, quando, derribada a constituição, rompeu furente a reacção absolutista de D. Miguel, e nem na Madeira se julgando seguro, emigrou para Inglaterra, e d'ali para o Brazil que adoptou por patria.

Não tendo vocação para o sacerdocio, Caetano Alberto, que aliás foi sempre zeloso e fiel catholico, dando em toda sua vida exemplos de grandes virtudes, entregou-se na cidade do Rio de Janeiro á advocacia, na qual ostentou tanta sciencia do direito e pratica do fôro, como probidade sem jaça.

Exerceu interina e magistralmente o lugar de juiz de orphãos da capital; em 1850 foi encarregado da elaboração dos regulamentos commerciaes e em 1853 incumbido dos regulamentos para execução das leis das terras (de 18 de Setembro de 1850) tendo por companheiros neste ultimo trabalho os marquezes de Abrantes e de Paraná. Mereceu a nomeação de advogado da casa imperial.

De 1855 á 1857 occupou a cadeira de presidente do Instituto dos Advogados, que o elevou depois á socio honorario e em 1866 á seu presidente tambem honorario. Taes titulos e honras, os maiores que lhe podião dar os seus collegas e os mais competentes juizes, acclamão o superior merecimento do dr. Caetano Alberto.

S. M. o Imperador o agraciou em 1845 com o officialato e cinco annos depois com a commenda da Imperial Ordem da Roza.

Caetano Alberto Soares tem direito á honorificação da sua memoria porque no exercicio da advocacia foi verdadeiro modelo pela sabedoria e pela honestidade: nunca explorou

cliente algum que o procurasse: ao mais rico dizia: (quando assim o pensava) « não tem direito : deve perder a causa. »

Mas ainda lhe cabe outra gloria e por ella a gratidão da humanidade. Em sua longa vida de advogado elle foi sempre o dedicado e gratuito paladino dos libertos, á quem era disputada a alforria.

Esta lembrança basta para perpetuar o nome do advogado da liberdade.

O dia 26 de Fevereiro de 1867 foi o ultimo do illustre e honrado dr. Caetano Alberto Soares que falleceu na cidade do Rio de Janeiro.

14 DE MAIO

D. FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA SOBRINHO

Do consorcio do capitão-mór Manoel Pereira Ramos de Lemos e Faria com D. Helena de Andrada Souto Maior Coutinho, ricos proprietarios da capitania do Rio de Janeiro, nascêrão no engenho de Marapicú, termo da villa de Iguassú, João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, e Clemente de Lemos de Azevedo Coutinho e Mello, brazileiros que forão todos mais ou menos notaveis e celebres pelas lettras, e por distinctos serviços.

Familia feliz e aditada, como a dos Gusmão e dos Andradas em Santos.

Francisco de Lemos nasceu á 5 de Abril de 1735: estudou na cidade do Rio de Janeiro e no collegio dos jesuitas até os quatorze annos de idade, completou em Portugal o

curso de humanidades, e na universidade de Coimbra tomou em 1754 o gráo de doutor em canones, obteve logo uma cadeira de lente e a nomeação de reitor do collegio das ordens militares.

Para tanto devia ter sido fulgurosa a revelação da intelligencia do joven brazileiro, que aliás ardia por voltar para o Brazil e requereu o lugar de deão da cathedral do Rio de Janeiro ; o marquez de Pombal porém negou-lh'o para despachal-o em 1761 juiz geral das ordens militares, em 1762 desembargador dos aggravos da Casa da Supplicação, provendo-o depois em um lugar do tribunal da inquisição de Lisboa, e no cargo de vigario capitular de Coimbra, e coadjuctor e futuro successor ao bispado dessa diocese.

A' 14 de Maio de 1770 Francisco de Lemos era reitor da universidade de Coimbra, e fazia parte da junta—*Providencia Litteraria* — incumbida de reformal-a.

A junta composta de homens sabios e de elevada posição social desempenhou dignamente a sua tarefa, enriquecendo a universidade com edificios grandiosos, musêo de historia natural, gabinete de physica experimental, laboratorio anatomico, dispensatorio pharmaceutico, officina typographica, observatorio astronomico, jardim botanico principiado, desenvolvimento do ensino das diversas faculdades, e muito e tudo mais em relação ; o grande reformador porém, o principal iniciador e energico executor de tantos melhoramentos, e novas instituições foi o reitor Francisco de Lemos.

Por fim concluidos e apresentados os estatutos da reforma o marquez de Pombal se apresentou em Coimbra com poderes de tenente rei, mandou conferir os estatutos por D. Francisco de Lemos, agraciado com a carta de conselho

de Sua Magestade, e nomeado reformador reitor e bispo de Zenopolis.

Pouco tempo depois D. Francisco de Lemos era bispo de Coimbra, e recebia o titulo de conde de Arganil.

Morreu D. José I: o marquez de Pombal demittido e proscripto, D. Francisco de Lemos, o conde de Arganil, amigo leal do ex-ministro honrou-o na adversidade, recebeu a exoneração de reitor da universidade, e passou os ultimos annos do seculo XVIII dedicado exclusivamente ao amor e governo da sua diocese de Coimbra.

Quasi no fim desse seculo o principe D. João obrigou-o á voltar á reitoria da universidade, e á emprehender e realisar nella novos e utilissimos melhoramentos

Sobreveio alguns annos depois a invasão dos francezes: o marechal Junot resolveu mandar á Napoleão escolhida commissão de portuguezes sabios, e apezar de sua velhice, e de suas supplicas lá foi nella D. Francisco de Lemos, a quem em Bayona Napoleão distinguio com o maior favor.

De volta á Portugal em 1810 D. Francisco de Lemos, o conde de Arganil, sentindo-se suspeito de infidelidade ao rei e á patria, requereu processo e julgamento, e absolvido recolheu-se á Coimbra no meio de manifestações triumphaes do povo.

Aproximava-se dos oitenta annos: em socegado retiro só se occupou do seu rebanho de Coimbra.

Rebentou a revolução de 1820 em Portugal.

Em 1821 o Rio de Janeiro o contemplou entre os seus deputados eleitos á constituinte de Lisboa.

Aos oitenta e seis annos doente e prostrado no leito nem poude corresponder aos votos de seus irmãos pela

patria que sempre amára saudoso e com os mais vivos desejos de morrer em seu querido seio.

A' 16 de Abril de 1822 falleceu em Lisboa D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra, conde de Arganil, o grande reformador da universidade de Coimbra, o sabio e assignalado fluminense, um dos nomes mais esclarecidos do ultimo e do presente seculo na historia da civilisação de Portugal.

15 DE MAIO

JOÃO PEREIRA DE SANT'ANNA

Religioso carmelita, e chronista da sua ordem, João Pereira de Sant'Anna nasceu no Rio de Janeiro á 15 de Maio de 1696. Theologo profundo e illustrado litterato, depois de deixar firmada sua reputação no Brazil, seguio para Portugal e em Lisboa desempenhou importantes empregos.

Escreveu diversas memorias, e uma muito estimada chronica da sua ordem, impressa em Lisboa em 1745.

No Brazil-colonia, sua patria, gozou nomeada de grande sabio, e em Portugal floresceu com elevado credito, e mereceu honrosissima consideração, como theologo, litterato e escriptor.

16 DE MAIO

BENTO TEIXEIRA PINTO

Na ordem chronologica é Bento Teixeira Pinto o primeiro litterato e poeta que nasceu no Brazil; de sua vida porém quasi tudo ficou sepultado nas sombras do passado.

Sabe-se que foi natural de Pernambuco, vindo ahi á luz no seculo decimo sexto e provavelmente pouco antes de 1550. Ignora-se quando e onde morreu.

A data de 16 de Maio apresenta aqui o seu nome; por que nesse dia em 1565 largou de Pernambuco a náo *Santo Antonio,* na qual ião elle e Jorge de Albuquerque Coelho de passagem para Lisboa, e não devia ter muito menos de vinte annos em 1565 quem escreveu a narração dessa tormentosa viagem.

Bento Teixeira Pinto compôz e deu ao prélo um poema

em oitava rima, que intitulou — *Prosopopéa* — dedicando-o á Jorge de Albuquerque Coelho.

Publicou tambem em 1601 a — *Relação do naufragio que fez Jorge Coelho vindo de Pernambuco em a náo Santo Antonio em o anno de* 1565: no tomo II da *Historia Tragico-maritima* acha-se reimpressa aquella *Relação.*

A obra inedita *Dialogo das grandezas do Brazil* é por alguns attribuida á Bento Teixeira; outros porém duvidão que seja delle, e de um e outro lado as autoridades são de grande pezo.

A *Prosopopéa* que era rarissima, foi reimpressa pelo digno bibliothecario da bibliotheca nacional e publica do Rio de Janeiro o Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão que fez reproduzir com a maior fidelidade um exemplar de 1601, que descobrio na mesma bibliotheca, onde dormia ignorado até 1872.

Como obra poetica a *Prosopopéa* não tem grande merecimento; mas é subido o seu valor historico e bibliographico.

Em todo caso Bento Teixeira Pinto foi sob o ponto de vista chronologico o primeiro escriptor e primeiro poeta brazileiro.

17 DE MAIO

BERNARDO JOSÉ PINTO GAVIÃO PEIXOTO

Filho legitimo do marechal de campo José Joaquim da Costa Gavião e de D. Maria da Annunciação de Lara Pinto Gavião, nasceu na cidade de S. Paulo, provincia do mesmo nome, Bernardo José Pinto Gavião Peixoto em 17 de Maio de 1792, e seguindo a carreira das armas, teve logo aos desenove annos de provar a vida trabalhosa e arriscada de uma campanha: nos campos do Sul do Imperio batalhou debaixo do commando do general D. Diogo de Souza, nos annos de 1811 e 1812 contra os Hespanhóes, e seu peito foi ornado com a gloriosa medalha que se creou para galardoar os serviços dos officiaes que bem se houverão nessa guerra.

Na época brilhante e faustosa da independencia do Brazil encontra-se Bernardo José Pinto ligado aos patriotas que se

immortalisárão, trabalhando com dedicação e esforço pela regeneração da patria: em 1822 elle deixa seus lares e os commodos domesticos, e marcha como commandante de uma parte da cavallaria de S. Paulo para sustentar a causa sagrada, e por este e outros serviços é agraciado com a commenda da ordem de S. Bento de Aviz, sendo não menos honroso para o digno brazileiro o facto de haver o imperador D. Pedro I, por occasião de conferir-lhe essa condecoração, ajuntado ainda as expressões mais lisongeiras, e que davão testemunho da nobreza do seu proceder e do seu caracter.

Na carreira militar chegou ao posto de brigadeiro.

Distinguido pela amizade particular de D. Pedro I, tambem o foi e repetidas vezes pela confiança do povo e do governo; porque exerceu o lugar de presidente da provincia de S. Paulo, ainda de vice-presidente da mesma, foi honrado com a nomeação de veador da imperial camara por Sua Magestade, e seus comprovincianos reconhecidos o elegerão constantemente membro do conselho do governo, e depois do acto addicional membro da assembléa provincial em diversas legislaturas, elevando-o durante dous quatriennios ao seio da assembléa geral.

Uma vida tão laboriosa e variada, em que Bernardo José Pinto appareceu como militar, como administrador e como politico, não ha um unico dia que lhe deixasse um remorso; pertencendo ás fileiras de um partido politico, seus proprios adversarios nunca pensárão em negar-lhe o alto merecimento de suas virtudes: e se o seu nome foi menos vezes repetido nos acontecimentos do seu tempo é que a sua modestia o escondia aos louvores e á gratidão dos contemporaneos.

Pae de familia extremoso e honrado, amigo de uma lealdade provada e inabalavel, honrado e perfeito cavalleiro, cidadão que esqueceu sempre os proprios interesses para attender antes de tudo e sobretudo ao interesse publico, o brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto deixou um nome sem mancha e uma reputação intacta.

O brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto falleceu em S. Paulo em 1853, tendo sessenta e sete annos de idade, e mais de quarenta de importantes serviços.

18 DE MAIO

MARIANNO JOSÉ PEREIRA DA FONSECA

MARQUEZ DE MARICA'

A providencia preparou certamente o Brazil para entrar em 1822 no gremio das nações independentes e livres, dando-lhe na ultima metade do seculo anterior filhos que viérão á formar numerosa pleiade de grandes e illustres varões: a pintura, a architectura, a musica, a arte militar, a poesia sagrada e profana, a eloquencia na tribuna da igreja e do parlamento, as sciencias sociaes e politicas, as mathematicas, e sciencias naturaes, a philosophia emfim trouxerão dos berços do segundo quinquennio do seculo XVIII homens de transcendente merecimento para representa-los dignamente na civilisação do nosso imperio.

Entre essas notabilidades avultou Marianno José Pereira da Fonseca, filho legitimo do negociante Domingos Pereira da Fonseca, e de D. Thereza Maria de Jezus, nascido no Rio de Janeiro á 18 de Maio de 1773.

Marianno da Fonseca mandado aos onze annos de idade para Portugal, estudou as doutrinas preparatorias no real collegio de Mafra, em Coimbra seguio na universidade os cursos de mathematicas e de philosophia e nesta materia tomou o gráo de bacharel em 1793, voltando logo para o Brazil á noticia da morte de seu pae.

Chegando ao Rio de Janeiro entrou logo para a *Academia Scientifica* que em 1772 se fundára sob os auspicios do vice-rei marquez de Lavradio; mas em 1794 recentes erão as lembranças da conspiração mineira que se chamou depois do — Tira-dentes — e o vice-rei conde de Rezende, visionario sönhador de conjurações e despota perseguidor, dissolveu violentamente aquella Academia e prendeu e fez processar os seus principaes membros.

Marianno da Fonseca preso á 4 de Dezembro desse anno, ficou retido e incommunicavel por dous annos, sete mezes e quinze dias!

O processo era monstruoso. Livre por ordem regia dos horrores do carcere, Marianno da Fonseca seguio sua profissão de negociante, sendo chamado á vida publica em 1802, e desse anno até 1821 servio os lugares de deputado da agricultura, da junta do commercio, de administrador thezoureiro da fabrica da polvora, e de censor regio da imprensa.

Em 1821 foi eleito deputado secretario da Junta Provisoria creada no Rio de Janeiro.

A independencia do Brazil consummou-se.

Marianno da Fonseca foi á 13 de Novembro de 1823 chamado ao ministerio da fazenda e nelle servio até 23 de Novembro de 1825, deixando merecida reputação de illibada probidade.

Naquelle mesmo anno de 1823 foi nomeado membro do Conselho de Estado, e teve a honra de ser um dos collaboradores da constituição do imperio jurada á 25 de Março de 1824.

A 22 de Janeiro de 1826 foi escolhido senador pela provincia do Rio de Janeiro, e mais tarde agraciado com o titulo de marquez depois de o haver sido com o de visconde de Maricá.

No senado o marquez de Maricá não procurou distinguir-se, nem teve nomeada, como orador; mas foi superiormente estimado, como profundo pensador em trabalhos de commissões.

Ou consequencia de desillusões, e de desgostos que soube dissimular, ou força de irresistivel pendor para os estudos de philosophia, o marquez de Maricá pouco e pouco se arredou da politica activa.

Despopularizara-o no partido liberal que era o da maxima parte da nação o facto de sua entrada para o ministerio na dissolução da constituinte: depois teve por base de estima publica o geral reconhecimento de sua probidade, e de sua illustração.

O marquez de Maricá, pagos os tributos de seu civismo, e de seu dever politico, acolheu-se e quasi que desappareceu á sombra, e no retiro da meditação philosophica.

Um dia, muito mais tarde, reappareceu o marquez de

Maricá, dando ao publico o primeiro volume de suas *Maximas*.

Aos sessenta annos começára á escrevel-as, como sazonados fructos de sabia experiencia e consummada meditação.

A' esse seguirão outros, e em treze annos seis volumes com quatro mil e setecentas sentenças de admiravel ensino moralista.

Era um monumento de moral que elle completou com um ultimo volume igual ou excedente em sabedoria aos primeiros menos de um anno antes de sua morte.

Elle escreveu no prologo de seu ultimo livro de *Maximas* publicado em Fevereiro de 1848 as seguintes palavras:

« Procurei ser util á humanidade e nem a fórma de que revesti os meus pensamentos é das menos proprias para alcançar tal fim.

« Comprehendi eu a minha missão?....

« Dentro da minha campa o ouvirei do echo da posteridade. »

Elle ia completar então setenta e cinco annos; e quatro mezes depois de completa-los, falleceu na cidade do Rio de Janeiro á 16 de Setembro de 1848.

Foi profundo e venerando sabio moralista.

Suas *Maximas e Pensamentos* que excedem á cinco mil preceitos concisos, como devião ser, são thezouro de santas lições, e de religioso ensino.

As vezes o sabio nellas se repete, e as vezes se enubla em amargos juizos que enluctão o espirito, e fazem desamar a humanidade ; mas no todo a obra é collossal e honorifica altamente a patria de tão admiravel escriptor philosopho.

O marquez de Maricá pelo menos igualou aos mais louvados e grandes moralistas da idade antiga e moderna.

Foi sabio escriptor que em seu genero não tem igual na lingua portugueza, e disputa primazia aos mais illustres de todos os tempos no mundo civilisado.

19 DE MAIO

PADRE JOÃO RIBEIRO DE MELLO MONTENEGRO

Natural de Pernambuco, onde nasceu no ultimo quartel do seculo decimo oitavo, João Ribeiro de Mello Montenegro estudou no seminario de Olinda, e tomou ordens sacras.

Bem que tivesse adquirido em Olinda toda a instrucção que naquelle tempo ali se podia beber nas aulas que havia, distinguio-se mais como artista, do que como homem de letras. Foi professor de dezenho do seminario, e a elle se devem todos os dezenhos da *Flora Pernambucana* do dr. Manoel de Arruda.

O padre João Ribeiro era muito estimado por sua afabilidade e por suas virtudes ; mas de caracter exaltado, e enthusiasta das idéas que abraçava.

Em 1817 entrou com ardor na revolução republicana de Pernambuco, foi eleito membro do governo provisorio

revolucionario e servio nelle com abnegação pessoal e grande firmeza.

Dentro em pouco a revolução que rebentára, depois de ephemero triumpho entrou em agonia.

Em face das tropas legaes que avançavão vencedoras e da esquadra real que bloqueava Pernambuco o governo revolucionario declarou-se prompto á capitular; mas Rodrigo Lobo que commandava a esquadra bloqueadora repellio a idéa de qualquer capitulação, exigindo a entrega da praça sem condições: então aquelle governo nomeou dictador a Domingos Jorge Theotonio, que no mesmo dia, 19 de Maio, retirou-se do Recife com dous mil homens.

Nesse dia lugubre para os revolucionarios republicanos o padre João Ribeiro ainda ostentou firmeza; mas evidentemente não se illudia mais com esperanças vãs.

Dissimulando sua profunda tristeza elle acompanhou o dictador da sua republica moribunda, e o pequeno exercito que fez alto no engenho Paulista, onde chegada a noticia de que no dia immediato ao daquella retirada, Olinda se pronunciára pelo governo legal, e abrira suas portas ás tropas do rei, as forças republicanas puzerão-se em debandada, procurando cada qual fugir, e escapar a acção da autoridade.

O padre João Ribeiro não quiz fugir; mas evidentemente foi victima de perturbação de suas faculdades mentaes.

Ou vaidade humana levada a excesso desatinado, ou subita embora não reconhecida loucura o infeliz determinou suicidar-se, *lembrando a ruina da patria, e o exemplo de Catão*: tomou veneno que serenamente bebeu; sentindo porém que se demorava a morte, ferio-se em alguns pontos do corpo, e derramou nas feridas a mesma substancia

venenosa, e pouco depois desconfiado de que o veneno não produzisse effeito, atou ao pescoço uma corda, e matou-se, garroteando-se.

João Ribeiro de Mello Montenegro morreu sem gloria, e deixando lição que a moral, e a religião justamente condemnão.

O martyrio e o cadafalso não o terião nodoado; o suicidio deixou nuvem turva na memoria do seu nome.

Em qualquer outro homem o suicidio seria justamente reprovado, condemnado: em um padre, em um sacerdote de Jesus Christo o suicidio é escandaloso e hediondo sacrilegio.

Mas ainda bem que o furor suicida do padre João Ribeiro de Mello Montenegro manifesta o phrenesi, a loucura de um homem já sem responsabilidade dos actos que praticou.

Em todo caso a morte sinistra do padre João Ribeiro é uma lição. A historia não condemnaria esse homem enthusiasta e energico, que se sacrificou por uma idéa, por uma aspiração politica; mas todos os sãos principios de religião e de philosophia, da moral, da honra, do dever o condemnão pelo suicidio, e sómente podem pérdoa-lo pela irresponsabilidade da loucura.

20 DE MAIO

JOSÉ BERNARDINO BAPTISTA PEREIRA DE ALMEIDA SODRÉ

E' este o nome de um esclarecido, nobre, e distincto brazileiro preparado para figurar no primeiro plano do quadro dos estadistas do imperio, e que muito cedo por altivo resentimento negou-se de todo á influir na politica do Estado.

José Bernardino Baptista Pereira de Almeida Sodré filho legitimo de Manoel Baptista Pereira e de D. Anna Joaquina de Almeida nasceu á 20 de Maio de 1783 no municipio de Campos dos Goytacazes que então fazia parte da capitania, depois provincia do Espirito-Santo.

Oriundo de familia nobre e aristocratica, nascido em rico berço, dotado pela natureza de intelligencia feliz e muito superior á vulgar, e cedo habituado ao estudo, distinguio-se primeiro nas aulas de preparatorios no Rio de Janeiro, e depois foi distinguir-se na Universidade de Coimbra, na

qual se formou em leis, e onde estreitou laços de amizade com Bernardo Pereira de Vasconcellos, Alves Branco, depois visconde de Caravellas, e outros que forão, como elle, varões illustres do Brazil.

José Bernardino ainda em sua velhice fallava com orgulho da grande nomeada que gozavão na universidade de Coimbra os estudantes brazileiros, e que por sua parte elle soubera manter.

Querendo seguir a carreira da magistratura foi á 19 de Junho de 1815 nomeado juiz de fóra das villas de Santo Antonio de Sá (muito importante então e hoje extincta) e de Magé, e nellas se tornou celebre pelo seu espirito de justiça severa e rigida, e pela sua illustrada intelligencia. A 28 de Agosto do mesmo anno teve tambem a nomeação de provedor da fazenda de defuntos e auzentes, e de capellas e residuos. A 16 de Junho de 1819 foi reconduzido e continuou á desempenhar os mesmos lugares, sendo condecorado com o habito da Ordem de Christo, pelo rei D. João VI, á 13 de Maio de 1820.

De apparencias soberbas e de accesso altivo (aliás affectuoso, amenissimo, e brincador em suas relações amigas) o mais pobre, humilde e desprotegido dos requerentes ao apresentar-se contava com o sobr'olho carregado de José Bernardino; mas tinha plena, absoluta confiança no despacho ou na sentença firmadores do seu direito contra o mais rico ou o mais poderoso, que pretendesse sophisma-lo.

Infelizmente para a magistratura brazileira José Bernardino abandonou-a em 1821.

Nesse anno, José Bernardino foi eleito pela provincia do Espirito-Santo deputado ás côrtes constituintes de Lisboa; quando porém se dispunha á partir para Portugal, vendo

começar o pronunciamento, ou a conspiração patriotica da independencia no Rio de Janeiro, resolveu ficar onde a honra, e o dever civico mais exigentes e gloriosos lhe marcavão o seu posto de brazileiro.

Em 1823 teve assento na constituinte brazileira, e em 1826 ainda eleito deputado para a primeira, como depois para a segunda legislatura do imperio pela mesma provincia do Espirito-Santo, distinguio-se na camara principalmente nas discussões de assumptos financeiros, como orador eloquente, conciso, e substancioso.

Seu caracter altivo, seus principios de severa justiça não o prendêrão á nenhum concerto de partido; os liberaes porém o applaudião e louvavão até que delles se desviou, votando pelo maximo proposto para a dotação do imperador.

Mais suspeito aos liberaes se tornou nesse periodo de vehemencia politica intolerante, entrando para o ministerio á 18 de Junho de 1828, occupando a pasta da fazenda, sendo nomeado para a da justiça á 24 de Setembro seguinte; mas em 1829 o deputado Lino Coutinho, insuspeito aos liberaes como liberal extremado exclamava na tribuna, referindo-se á José Bernardino: «é o unico ministro constitucional que temos tido até hoje !.... »

Com effeito além do mais que fez em bem do Estado, e do escrupuloso cuidado com que respeitou as leis, tomou providencias energicas, com as quaes livrou alguns municipios da provincia do Rio de Janeiro de ouzadas quadrilhas de ladrões, muitos dos quaes cahirão em poder da justiça, desapparecendo os outros á medo de igual destino. Como ministro da justiça foi em pessoa visitar as prisões, e os terriveis carceres das fortalezas, ouvio um por um á todos os que se achavão prezos e mandou restituir a liberdade á

quantos arbitrariamente estavão della privados: alguns presos politicos a elle deverão esse beneficio, sendo um desses o famoso republicano Cypriano José Barata de Almeida, que fôra na constituinte portugueza em 1822 o deputado brazileiro mais audaz na defeza da causa de sua patria.

Nesse ministerio um facto poem em relevo o caracter independente de José Bernardino, e o seu culto severo ao systema representativo leal e puro.

O Imperador D. Pedro I autorisára por si despezas para o engajamento na Allemanha de dous mestres operarios para o arsenal de guerra da côrte.

Fizera-se o contracto, chegárão os engajados, e era indispensavel honrar aquelle, pagando-se despezas de adiantamento, de transporte, e outras garantidas pelo ajuste feito.

O ministro da guerra requisitou do da fazenda, que era José Bernardino, ordem para que o thesouro nacional désse a quantia necessaria, e recebendo negativa formal, deu disso parte ao Imperador.

D. Pedro I interpellou José Bernardino que respondeu simplesmente:

— Senhor, no orçamento que vigora, não tenho verba que autorise essa despeza; ella é portanto illegal, e eu não a posso ordenar.

O Imperador disse com viveza:

— Mandei engajar esses homens: quero que sejão pagas todas as despezas.

— E se-lo-hão, senhor; pois que Vossa Magestade o quer.

Dias depois D. Pedro I interrogou sobre o mesmo assumpto ao ministro José Bernardino e este respondeu-lhe:

— Em face da lei o thesouro nacional não podia pagar á esses engajados; mas para que fosse cumprida a ordem de Vossa Magestade, paguei-os á custa do meu bolsinho particular.

José Bernardino foi um dos ministros que mais cooperou para o tratado de 27 de Agosto de 1828, que deixando independente o Estado Oriental do Uruguay, po-lo á salvo da conquista ou do predominio annexionista da Confederação Argentina, e firmando a paz no Sul do Brazil, iniciou a verdadeira, generosa e util politica do imperio no Rio da Prata.

José Bernardino desceu do poder, sahio do ministerio que soubera honrar em 1829.

Em 1830 D. Pedro I lembrou-se de José Bernardino e convidou-o para fazer parte de um novo ministerio.

Pouco parlamentar, pouco affeito ás mudanças constitucionaes de gabinetes conforme as regras do systema representativo que as autorisão, ou por qualquer outra razão, José Bernardino respondeu á D. Pedro I:

— Senhor, honra de donzella, e confiança de ministro só se perde uma vez na vida: eu não posso tornar á ser ministro de Vossa Magestade.

No mesmo anno e terminada a sessão legislativa José Bernardino foi despedir-se e beijar a mão do imperador D. Pedro I que então lhe confiou o projecto de sua viagem á provincia de Minas-Geraes, e o grande resultado politico que esperava conseguir dessa resolução tomada.

O leal e franco cidadão disse ao imperador:

— Vossa Magestade achará infelizmente grande mudança no espirito da provincia de Minas Geraes.

Em 1831 e 1832 José Bernardino absteve-se de intervir nas discussões politicas da camara dos deputados.

Em 1833 a regencia provisoria convidou á 23 de Outubro José Bernardino para fazer parte do ministerio, á 14 de Janeiro de 1834 de novo lhe dirigio igual convite; elle porém uma e outra vez recusou a tarefa politica que lhe pareceu inopportuna.

Não foi reeleito deputado para a terceira legislatura; mas na primeira, e ainda na segunda eleição da assembléa provincial do Rio de Janeiro foi um dos membros mais votados, e occupou sempre a cadeira de presidente da mesma assembléa.

Em 1836 apresentado em lista triplice para senador pela provincia do Rio de Janeiro, e tendo por seus serviços e grande merecimento, e por outras razões que confiou á seus amigos, fundamentos para contar com a escolha do regente, reputou-se offendido pela preferencia que foi dada á outro candidato que nem era filho da provincia, como elle.

Orgulhoso e altivo José Bernardino resentio-se da cruel desillusão, e terminada a segunda legislatura provincial, retirou-se decidida e obstinadamente da vida publica, e dedicou-se exclusivamente aos estudos e pratica da agricultura.

Rico fazendeiro do municipio de Itaborahy, elle foi ali o iniciador de melhoramentos agricolas não conhecidos até então e o primeiro que empregou em fabrica de assucar machinas á vapor.

Nem se limitou á esse grande serviço de exemplo, e de ensino agricola o beneficio que lhe deveu o municipio de Itaborahy, que afortunado, ao entrar em execução o novo codigo do processo criminal, teve por eleição de sua camara,

como juiz dos orphãos José Bernardino Baptista Pereira, e como juiz municipal outro fazendeiro do municipio o Sr. Dr. Joaquim Francisco Muniz Barreto, dous juizes illustrados, modelos, que honrárão e felicitárão aquella modesta villa, sendo ambos capazes de fulgir nos mais altos tribunaes da magistratura.

Em 1847 coube á José Bernardino a honra de hospedar o Imperador o Sr. D. Pedro II em sua passagem pela villa de Itaborahy, onde Sua Magestade ficou dous dias.

Nos ultimos annos de sua vida José Bernardino applicou-se com o mais activo gosto e empenho ao estudo do systema homœopathico, do qual se tornára enthusiasta.

Aos setenta e oito annos de idade falleceu na fazenda da Boa Vista, na freguezia de S. Gonçalo, municipio de Nictheroy á 29 de Janeiro de 1861.

José Bernardino Baptista Pereira era desde o primeiro reinado commendador das Ordens de Christo e da Imperial da Roza, tendo em 1828 recebido tambem a carta de conselho: em 28 de Setembro de 1847 o Sr. D. Pedro II agraciou-o com a dignitaria da Imperial Ordem da Roza.

Escreveu e publicou em sua vida diversas obras: em 1823 *Reflexões historico-politicas:* no mesmo anno *Esboço sobre os obstaculos que se tem opposto á prosperidade da villa de Campos:* em 1854 *Dissertação analytica sobre a legislação e pratica orphanologica.*

Além desses trabalhos, dos quaes principalmente o ultimo mereceu louvores, escreveu ainda e publicou em dous grossos volumes em 4° nos annos de 1856 e 1857 a sua *Pratica Homœopathica.*

21 DE MAIO

ANTONIO DE MENEZES VASCONCELLOS DE DRUMMOND

Filho legitimo do capitão Antonio Luiz Ferreira de Menezes Vasconcellos de Drummond e de D. Josepha Januaria de Sá e Almeida, Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond nasceu na cidade do Rio de Janeiro á 21 *de Maio* de 1794.

Quando em 1808 a familia real portugueza chegou ao Rio de Janeiro e o principe-regente depois rei D. João VI assentou nesta cidade a capital da monarchia, o joven Antonio de Menezes que tinha já feito alguns estudos de humanidades, foi chamado para o gabinete do ministro Thomaz Antonio Portugal que era amigo de seu pae, e que lhe deu á 24 de Julho de 1809 um officio de propriedade na chancellaria do reino.

Antonio de Menezes servio com tanto zelo que á 13 de

Maio do anno seguinte recebeu a graça do habito da Ordem de Christo com a tença de doze mil réis.

Em 1821 D. João VI voltou para Portugal: em 1822 começa logo em Janeiro a revolução da independencia do Brazil: Antonio de Menezes abraça a causa da patria; parte para Pernambuco afim de chamar os patriotas dessa provincia ao reconhecimento do governo do principe D. Pedro, logo depois Imperador do Brazil, presta grandes serviços nesse empenho que se realisa e volta.

Em 1823 intimamente ligado aos Andradas, acompanha-os na opposição, quando elles sahem do governo, publica o periodico—*Tamòyo*—do qual foi o redactor principal, e, dissolvida a constituinte brazileira, é processado e desterrado, e aproveita seis annos de exilio na Europa, estudando com ardor.

Em 1829 torna para o Brazil, e á 2 de Setembro do anno seguinte entra na carreira diplomatica, como encarregado de negocios interino e consul geral na Prussia, Saxonia e alguns outros Estados da Allemanha. Em 1834 encarregado de negocios na Sardenha: no anno seguinte com igual caracter nos Estados Pontificios, Toscana, Parma e Napoles; é em 1836 elevado á ministro residente nos Estados Pontificios e Toscana, e acreditado tambem na Sardenha; á 24 de Abril de 1837 passa a enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Portugal, sendo exonerado e posto em disponibilidade activa á 6 de Abril de 1853.

Em Roma sustentou o habil diplomata a eleição do bispo o deputado padre Moura feita pelo seu governo, e á que se oppunha o santo padre, e só deixou essa capital, quando o governo brazileiro, resolvido á ceder, poupou-o e devia

poupal-o ao abandono dos principios, pelos quaes propugnára fiel ás suas instrucções.

Em Portugal a rainha D. Maria II, o rei, e a familia real o estimárão e distinguirão, e em periodo effervescente e fertil em revoltas a casa do ministro brazileiro foi successivo e respeitado asylo protector de vencidos nas lutas illegaes que á elle se acolhião, trazendo a côr ora deste, ora daquelle partido politico em adversidade. Drummond não dissimulava a hospedagem, e a rainha sorria generosa, ouvindo-o confessal-a.

E em Roma e em Portugal Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond fez de sua casa a imagem hospitaleira e beneficente da patria para quantos brazileiros litteratos, artistas pobres e viajantes nella se apresentárão: o coração sempre, a bolsa muitas vezes, um felicitou, a outra auxiliou os irmãos de Drummond pela patria.

Em Portugal a sua exoneração honrou-o; porque proveio do mais claro interesse pelos brazileiros em questão que é melhor não lembrar: o governo brazileiro julgou preferivel á quebra de relações com o de uma nação irmã o sacrificio do seu diplomata, sacrificio sem vexame nacional; porque o Brazil então, e já desde muito não tinha e nem podia ter de que arreceiar-se de qualquer exigencia ou resentimento de Portugal.

A' 21 de Junho de 1862 foi o conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond aposentado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario com o ordenado de tres contos e duzentos mil réis.

Recolhido á patria pouco depois de sua exoneração o conselheiro Drummond consolava-se com a distincta estima do Imperador, á cuja côrte pertencia como veador de

S. M. a Imperatriz, de cujas virtudes e angelica bondade era enthusiasta e justo apregoador.

Mas na velhice, precursora da morte, previa morte abate o conselheiro Drummond em cruel cegueira.

Dubia esperança o leva á Pariz, e recebe o desengano em operação improficua, e á 15 de Janeiro de 1865 morre longe do Brazil, e chorando-o.

Antes de morrer dispõe em seu testamento que seu cadaver seja mandado á enterrar-se no sólo da patria, e que seu coração revivente em duas filhas se confie á generoso amigo, o Sr. visconde de Mauá.

Os dous supremos legados se cumprirão.

O herdeiro de um coração magnanimo em duas orphãs, não é protector louvavel, é pae extremoso.

O cadaver do benemerito foi recebido honrosamente na cidade do Rio de Janeiro, e depositado no cemiterio de S. Francisco de Paula á 30 de Novembro de 1865.

O conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond além de seus serviços á causa da independencia da patria, e na administração e na diplomacia foi curioso explorador, e dispendiosamente generoso recolhedor de manuscriptos originaes, e copiados, e de importantes documentos relativos á historia do Brazil.

Na administração, na independencia do seu paiz, na imprensa, na diplomacia, nos trabalhos, e ainda nos ultimos legados d'além tumulo resplendeu, como patriota.

22 DE MAIO

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

Este, um dos martyres precursores da independencia da patria, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em fins do anno de 1748, procedente de boa e estimada familia, e na mesma cidade estudou no collegio dos jezuitas todas as disciplinas preparatorias, seguindo depois para Coimbra, em cuja Universidade tomou o gráo de bacharel formado em canones.

Alvarenga Peixoto teve em Portugal por protector e amigo o padre Manoel de Macedo, jezuita celebre, que, banida a companhia, se passára para a congregação de S. Felippe Nery, de Lisboa. Essa amizade e a reputação de estudante distincto na Universidade, e de talentoso poeta o recommendárão ao grande ministro marquez de Pombal, que além disso, ou por ser neto de brazileira, ou por habil

politica, favorecendo aos brazileiros de merecimento, o despachou logo juiz de fóra de Cintra, e no fim dos tres annos de exercicio exigido pela lei, nomeou-o ouvidor da comarca do Rio das Mortes, na capitania de Minas-Geraes, satisfazendo o empenho do joven magistrado que ardia por voltar para o Brazil, sua queridissima patria.

Chegando ao Rio de Janeiro em 1776, Alvarenga Peixoto estreitou laços de amizade com o vice-rei marquez do Lavradio, á quem offereceu uma traducção da—*Merope*, tragedia de Maffei.

Alvarenga Peixoto seguio para Minas-Geraes, e na sua comarca bastou-lhe pouco tempo para firmar justa reputação de magistrado honestissimo, integerrimo, illustrado, e de maviosissimo poeta.

Além de muitas poesias mandára de Minas ao marquez do Lavradio um drama em verso, *Enéas no Lacio*, de sua composição, obra muito gabada pelos litteratos da época (e os havia então autoridades magistraes em Minas) e por infelicidade perdido.

Casou-se Alvarenga Peixoto em S. João d'El-Rei, depois de renunciar a magistratura, e rico, e feliz em fazenda, e lavras que a noiva lhe trouxera, occupou-se em colher ouro, e em cultivar a poesia, aceitando por tributo de civismo o posto de coronel de cavallaria de milicias da Campanha do Rio-Verde.

Florescião então em Minas-Geraes poetas de primeira ordem, como Claudio Manoel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga, além de outros distanciados cultores das musas: com elles se ligou em fraternal culto das musas Alvarenga Peixoto.

A poesia inspira idéas altivas, sentimentos generosos, aspirações heroicas. Essa flamma celeste, e o amor da patria, e o resentimento da oppressão, e do menoscabo com que a metropole aviltava e abatia o Brazil depois da politica animadora, e dos largos horisontes abertos pelo marquez de Pombal, estadista gigante succedido por vaidosos anões, acendêrão nas almas d'aquelles poetas, e dos homens mais prestigiosos da capitania de Minas-Geraes o magnamico e glorioso intento da emancipação politica da patria.

Em 1822 havia no Brazil um principe, e com elle a independencia podia adoptar a monarchia constitucional.

Em 1789 faltava principe de sangue ao Brazil, e a independencia era logicamente acompanhada de republica, tanto mais que a confederação Norte-Americana sublimisada por Washington estava dando arrebatador exemplo.

Sonho travesso, mas esplendido de conferencias e de juramentos de estudantes brazileiros em Coimbra, e em França, conjuração mais idealista que pratica de inspirados e grandes poetas em Minas-Geraes, a independencia do Brazil devia custar martyres antes de saudar heróes victoriosos.

A conjuração estendeu suas rêdes.

Alvarenga Peixoto patriota dedicadissimo ainda mais se exaltou pelo ardor enthusiastico de seu cunhado, o rico, prestigioso e ardente Francisco de Paula Freire de Andrade, além de cunhado seu intimo amigo, que foi um dos principaes chefes conspiradores, propôz e fez aceitar por divisa da bandeira revolucionaria as palavras de um verso da egloga de Virgilio: « *Libertas quæ sera tamen* », e energico apressava o rompimento da revolução, quando o visconde de Barba-

cena, governador da capitania de Minas-Geraes, prevenido por denunciantes, fez prender os mais notaveis conjurados.

Alvarenga Peixoto provou a sorte de seus amigos, (menos Claudio Manoel da Costa que se suicidou na cadêa de Villa-Rica) e de Minas foi conduzido em ferros para a cidade do Rio de Janeiro, onde gemeu incommunicavel nos calabouços da ilha das Cobras até 18 de Abril, em que pelo accordão da alçada foi condemnado á morte, como os outros seus companheiros, pena, que graças á previa carta-regia de D. Maria I commutou-se em degredo perpetuo, excepto para Joaquim José da Silva Xavier que morreu no patibulo.

A' 22 de Maio do mesmo anno de 1792 foi Alvarenga Peixoto levado do Rio de Janeiro para o presidio de Ambaca, em Angola.

Esposo e pae estremoso, Ignacio José de Alvarenga Peixoto separado da patria e da familia, apenas resistio ao tormento do degredo alguns mezes, e morreu á 1 de Janeiro de 1793.

Sem que attingisse como poeta o gráo a que se elevárão o padre Caldas, Claudio Manoel da Costa, Gonçalves Dias e ainda alguns outros brazileiros, Alvarenga Peixoto foi com tudo muito estimado cultor das musas: compoz muitas odes, sonetos, lyras e poesias eroticas de verdadeiro merecimento.

23 DE MAIO

GABRIEL RODRIGUES DOS SANTOS

As academias juridicas de S. Paulo e de Olinda creadas por lei em 1827, e installadas no anno seguinte, inauguravão-se no meio dos combates ferventes do parlamento e da imprensa, que solapavão o throno do primeiro imperador. Todos erão então mais ou menos apaixonados politicos, muitos dos mais sabidos erão noviços em politica; todos porém interessados na luta geral, em nação, na qual já em 1821, e principalmente desde 1822 as crianças erão embaladas por suas mães ao som de hymnos e de cantigas patrioticas.

As academias juridicas de S. Paulo e de Olinda forão, como já alguem o disse, escolas de Girondinos: não é que os lentes os preparassem; os estudantes porém em palestras, em clubs, em lojas maçonicas se inflammavão em idéas liberaes as mais exaltadas.

Gabriel Rodrigues dos Santos nascido em S. Paulo á 1 de Abril de 1816, sahio da respectiva academia com o grão de bacharel em direito em 1836, tendo vinte annos de idade, e dous annos depois defendeu theses, obteve o grão de doutor, entrou em concurso á uma das cadeiras da Faculdade, exhibio provas brilhantes; mas o concurso foi annullado, e elle não se prestou mais á novo certamen academico.

Logo depois de formado exerceu o cargo de promotor publico da capital da provincia, e depois o de juiz de direito da mesma cidade. Em 1840 foi eleito membro da assembléa provincial, e tomou assento após viva opposição á pretexto de lhe faltar idade legal.

Servio de secretario da provincia, sendo desta presidente o seu amigo particular e correligionario politico Raphael Tobias de Aguiar, ali um dos principaes chefes do partido liberal.

Até a sua morte voltou, salvo curtos intervallos de exagerada oppressão de partido dominante, á assembléa provincial.

Em 1844 eleito deputado á assembléa geral, fulgurou na camara, como orador eloquente e abalisado.

Em 1848 foi reeleito; mas essa nova legislatura acabou, sendo a camara dissolvida em Fevereiro de 1849.

Rodrigues dos Santos subio então á tribuna universal da imprensa, e no *Ypiranga* publicado em S. Paulo fallou corajoso, firme, e electrisador, sustentando as idéas do seu partido.

Prestou bons e apreciados serviços, como vereador da camara de S. Paulo.

Em 1854 foi nomeado pelo Governo Imperial lente da academia juridica de S. Paulo.

Em 1856 foi de novo eleito deputado á assembléa geral pelo districto eleitoral do Rio-Claro, de sua provincia; e em 1857 pelo mesmo districto e pelo de Taubaté membro da assembléa provincial, que o nomeou seu presidente.

A' 23 de Maio de 1858 e aos quarenta annos de idade Gabriel Rodrigues dos Santos morreu de subito em S. Paulo, sendo fulminado por um ataque de apoplexia.

Apagára-se a flamma brilhante.

Rodrigues dos Santos pela grandeza esplendida de seu talento, e pela curta duração de sua vida póde bem comparar-se á um meteóro.

Liberal e constante lidador politico teve em suas generosas e porfiadas campanhas de vinte annos um erro de arrebatamento exaltado: na revolta dos liberaes de S. Paulo e Minas-Geraes acompanhou com fidelidade e coragem seus amigos, soffreu magnanimo a sorte dos vencidos; mas, tendo por defensor o venerando e sabio jurisconsulto o Sr. Dr. João Capistrano Soares, e por juizes comprovincianos seus, foi absolvido pelo jury.

Gabriel Rodrigues dos Santos, typo de lealdade e de dedicação politica, coração generosissimo, e amigo fiel, dispunha de ricas faculdades intellectuaes, de instrucção já extensa, e de espirito reflectido e moderado, e do raro bom senso que com todos aquelles dotes o preparava para ser um dos primeiros estadistas do Brazil, como poderião indicial-o os *conselhos, programma de partido, e combinações politicas* que em correspondencia reservada offereceu em 1851 e 1852 á alguns chefes, e redactores de periodicos do partido liberal.

Na imprensa elle foi sem contestação um dos mais potentes e bem inspirados mantenedores dos principios da escola liberal reformista; mas constitucional e moderada em suas aspirações.

O capitolio porém de Gabriel Rodrigues dos Santos levantava-se na tribuna parlamentar.

Nada lhe faltava para ser orador de primeira ordem.

Elle tinha figura elegante, rosto como illuminado, bellos olhos, presença sympathica, voz sonóra e vibradora de todas as cordas dos sentimentos, palavra facil, fluente, e tão prompta que parecia adevinhar a idéa, arrebatamentos de eloquencia que obrigavão a admiração dos adversarios, logica—Hercules—á esmagar a argumentação que combatia, imaginação vivissima, criterio e frio bom senso no meio dos volcões das proprias discussões mais tumultuosas.

Foi um meteóro...

Apagou-se.

24 DE MAIO

JOSÉ MARTINI

Na parochia de S. João Marcos, municipio de S. João do Principe, provincia do Rio de Janeiro nasceu á 26 de Fevereiro de 1821 José Martini, filho legitimo do major Pedro Martini e de D. Maria dos Santos Martini.

Assentou praça de cadete á 17 de Outubro de 1837, e no mesmo anno marchou para a provincia da Bahia, cuja capital estava dominada por ardente revolta republicana, e tão bravo se mostrou nos combates, que mereceu elogios dos seus chefes: em 1838 seguio para a provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, onde altiva lavrava a rebellião: ali entrou nos ataques de S. Borja, Banhado de Inhateum, Taquary, e Banhado de S. Gabriel, distinguindo-se sempre por valentia e dedicação, e sendo promovido á alferes á 2 de Dezembro de 1839.

Em 1842 contra a revolta da provincia de S. Paulo, em 1844 contra a das Alagôas provou-se no fogo o seu valor.

Exerceu diversas e importantes commissões militares, e em 1862 já era promovido á major por merecimento, e trazia no peito as medalhas de cavalleiro das Ordens de Christo e de Aviz.

Em 1865 marchou para a guerra do Paraguay.

Tomou o commando do 14° batalhão de infanteria, e á sua frente fe-lo conquistar heroico renome: na noite de 6 para 7 de Abril o 14° pertenceu á brigada que sob o commando em chefe de Willagran Cabrita occupou a ilha da *Redempção* no Paraná, e na madrugada de 10 do mesmo mez Martini com o 14° illustrou-se e resplendeu magnifico na peleja das trevas e dos matagaes. Em premio de sua inclita bravura e pericia militar foi nomeado tenente-coronel de commissão, e agraciado com o habito do Cruzeiro.

A 24 de Maio do mesmo anno de 1866 ferio-se a grande batalha de Tuyuty, em que o exercito paraguayo foi posto em completa derrota, e em tão horrivel destroço e debandada, que bem pudera ter então acabado a guerra, se o legendario Ozorio fosse o general em chefe, ou se o fossem o duque de Caxias ou o principe Conde d'Eu, que mais tarde se immortalisárão nessa guerra.

O dictador Lopes teve tempo de reunir seus soldados fugitivos e em desordem dispersos, e com a experiencia da adversidade, tratou de multiplicar trincheiras formidaveis.

O general Ozorio, visconde e depois marquez do Herval, doente e desgostoso, pedio successor, e teve-o no energico e bravo general o Sr. Polydoro ulteriormente visconde de Santa Thereza.

O general Polydoro no mesmo dia em que tomou o com-

mando do exercito brazileiro, á 15 de Julho de 1866 foi reconhecer os entrincheiramentos inimigos, e além do principal de Tuyuty, vio trincheiras avançadas que indicavão habil plano de enfiar a esquerda e ameaçar a vanguarda das forças que elle já commandava. Comprehendendo o intento do inimigo e a urgencia de anulla-lo, o galente general determinou que logo na madrugada do dia seguinte fossem atacadas essas trincheiras.

E o forão brilhante e victoriosamente!

O velho e bravo general Polydoro á cavallo e exposto ás balas inimigas radiava ao ver o impeto com que o brigadeiro Guilherme levava ao ataque a 4ª divisão, e a serenidade e a intrepidez estupendas do então brigadeiro Argolo, depois visconde de Itaparica que de charuto na boca, á fuma-lo placidamente commandava a 1ª divisão, protegendo a acção.

Uma depois de outras duas trincheiras são tomadas; os paraguayos voltão furiosos á reconquista-las; mas então rechaçados com enormes perdas, vão abrigar-se em outras fortificações....

Já era muito; mas ainda era pouco para a impetuosidade dos batalhões brazileiros.

O 14º estava na peleja, e á frente delle José Martini bradava — fogo!.. e avante!....

Em frente da segunda trincheira tomada havia uma bocaina e lá no fundo outra que enfiava a bocaina e que largo fosso defendia.

Embora!

O tenente-coronel Martini de novo brada — Avança!.... viva o Brazil! viva o imperador!....

E se arroja pela bocaina: o 14º segue-o enthusiasmado no meio de um diluvio de balas....

Ei-los ao pé da trincheira....

Martini apea-se do cavallo para ser dos primeiros á escalar a muralha, quando vê uma força de cavallaria inimiga correndo sobre o 14°...., salta sobre o cavallo, manda formar quadrado, e no empenho de retirar do fosso, e de reunir em fileira todos os seus soldados, de si se descuida, fica fóra de quadrado, e recebe de lança em punho o choque violento da cavallaria paraguaya, e é derribado coberto de feridas, e morre, saudando na morte o sublime 14° que o vinga, matando, e enraivecido destroçando a força que viera esbarrar em suas bayonetas.

O tenente-coronel Martini morreu glorioso á 16 de Julho de 1866, combatendo bravamente contra os inimigos de sua patria; mas deixou gravada na bandeira do seu heroico batalhão 14° a insignia da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Se no fervor daquella guerra, se na impossibilidade de distincções e honras funebres devidas á tantos heroes, a sepultura de Martini não teve lage, e menos em lage gravado condigno epitaphio, a memoria e a gratidão da patria que o perpetuem na historia, bastando para sua maior gloria, que lembrem seu nome, dizendo simplesmente :

« José Martini foi o disciplinador e o commandante do batalhão 14° de infanteria. »

25 DE MAIO

D. VIOLANTE ATABALIPA XIMENES DE BIVAR

Filha legitima do conselheiro Diogo Soares da Silva de Bivar e de D. Violante Lima de Bivar nasceu á 1 de Dezembro de 1817 na cidade de S. Salvador da Bahia D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar, e como seu pae partisse para a cidade do Rio de Janeiro afim de ahi estabelecer-se levado por importantes negocios pertencentes á sua profissão de advogado, ficou ella em companhia de sua mãe e de seu segundo avô materno que muito se desvelárão em sua educação.

A menina era tão intelligente e de comprehensão tão facil que aos oito annos de idade cantou acompanhada de orchestra uma cavatina então em voga, merecendo applausos de numeroso auditorio: não se limitando porém ao estudo da musica, applicou-se ás lettras e bem joven ainda sabia

já além da portugueza as linguas franceza, ingleza e italiana.

Tendo completado a sua educação D. Violante Atabalipa e seus irmãos passárão-se com sua mãe e seu avô para o Rio de Janeiro, onde os esperava ancioso o conselheiro Bivar.

Junto de varão tão illustrado como era seu pae, a joven D. Violante desenvolveu com ardôr e animação seus dotes intellectuaes, e tão dedicada á elle se mostrou, que para não deixal-o, suffocou o mais terno dos sentimentos, preferindo não casar-se com um distincto cavalleiro da provincia da Bahia.

Mais tarde em 1845 deu a mão de esposa ao tenente João Antonio Boaventura Vellasco, do qual enviuvou poucos annos depois.

Desde então retirada no seio da familia só se consolava com o amor dos parentes e com o cultivo das lettras.

Ainda em vida de seu pae redigio o *Jornal das Senhoras* publicado na cidade do Rio de Janeiro e primeiro periodico escripto por uma senhora no Brazil.

Traduzio do italiano as duas comedias de Goldoni *Pamella solteira* e *Pamella casada*, merecendo por esses muito elogiados trabalhos o diploma de socia honoraria do Conservatorio Dramatico Brazileiro.

Tomando gosto pelas traducções, reunio diversas de litteratura amena do francez, do inglez e do italiano que publicou em um volume sob o titulo *Algumas Traducções* que forão geralmente apreciadas.

Deu ao prélo tambem a traducção do *Chaile de Cachemira Verde*, comedia de Alexandre Dumas e Eugenio Nus.

No mais triste periodo, o ultimo de sua vida, reduzida á

muito fracos recursos, e sabendo por experiencia que as lettras podião dar-lhe gloria; mas nem lhe davão, nem lhe darião pão, ainda assim publicou no Rio de Janeiro o periodico hebdomadario *Domingo,* cujo primeiro numero sahio á luz á 23 de Novembro de 1873, gazeta recreativa e litteraria, na qual deixou numerosos artigos que manifestão o vigor de sua intelligencia, e seus estudos de lettras.

D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco falleceu á 25 de Maio de 1875 na cidade do Rio de Janeiro. Toda a imprensa diaria da capital, dando noticia do seu fallecimento, honrou devidamente seu nome, e seus trabalhos litterarios.

26 DE MAIO

FREI MANOEL DO DESTERRO

Natural da capitania da Bahia, onde nasceu em 1652, Manoel do Desterro entrou para a Ordem Seraphica, e foi nella celebre por sciencia e virtudes. Primou como eloquente e consummado pregador e profundo philosopho: o abbade Diogo Barboza e frei Apolinario da Conceição exaltão o merecimento dos seus sermões.

No Rio de Janeiro foi frei Manoel do Desterro custodio da provincia seraphica da Immaculada Conceição, e abalisado lente de theologia.

Tinhão os franciscanos um convento na villa de Macacú (uma das mais antigas do Rio de Janeiro então e até o seculo actual muito florescente e hoje extincta): para esse convento foi frei Manoel do Desterro adoentado e ali morreu aos 26 de Maio de 1706.

27 DE MAIO

FREI IGNACIO RAMOS

Filho legitimo de Manoel Ramos Parente e de Andreza Cazada, Ignacio Ramos nasceu na cidade da Bahia no seculo decimo setimo, e ali no convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo recebeu o habito á 17 de Julho de 1672.

Na sua cidade natal e no silencio do claustro adquirio grande instrucção: foi pregador eloquente e substancioso: em 1685 negocios de familia o levárão á Lisboa, donde passando á Roma já com o gráo de presentado para votar como procurador do vigario provincial do Brazil no capitulo celebrado no convento de Santa Maria Transpontina á 27 de Maio de 1692, sahio com o gráo de mestre, e nomeado vigario provincial do Brazil pelo geral da ordem, indo chegar á Bahia em 1693, tomando posse da vigararia á 14 de Dezembro.

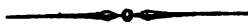
Foi visitador e reformador geral dos conventos da reforma de Pernambuco.

Voltando outra vez á Lisboa, de novo seguio em 1700 para Roma, como procurador da provincia de Portugal e no capitulo celebrado em 1704 obteve os privilegios de ex-vigario provincial e definidor perpetuo.

Foi secretario da provincia de Portugal e prior do convento de Lisboa, onde falleceu á 18 de Novembro de 1731.

Distinguio-se sempre como frade muito illustrado, de grande prudencia e tino e de trato affavel e ameno.

Barboza (Bib. Luzitana) de quem estas informações forão tomadas, diz que frei Ignacio Ramos publicou:

Ramos Evangelicos divididos em sermões panegyricos e doutrinaes em varias celebridades—em quatro tomos 4° impressos de 1724 á 1730.

28 DE MAIO

PATRICIO JOSÉ CORRÊA DA CAMARA

VISCONDE DE PELOTAS

Como se a gloria de seus mais notaveis feitos, e a fortuna da honorificação heroica de seu nome por bravo, esplendido herdeiro lhe devessem determinar alguma terra para patria, Patricio José Corrêa da Camara nasceu em um navio sobre o oceano que abraça todas as terras, quando seus paes sahidos da ilha Terceira se dirigião para Lisboa, onde elle foi baptisado, correndo o seculo decimo oitavo.

Patricio José Corrêa da Camara recebeu em Portugal zelosa educação, e modestos estudos de lettras: assentou como voluntario praça em um dos regimentos de infantaria

de Lisboa, testemunhou os horrores do terremoto de 1755, e foi escolhido para fazer sentinella ao thezouro real por essa occasião.

Passou para a India com praça de subalterno, nas guarnições de Gôa, Diu e Damão servio de ajudante de ordens do general governador, fez as campanhas daquelle tempo, servio em Moçambique e Loanda, e voltando para Portugal, requereu ser empregado no serviço do Brazil, e chegado ao Rio de Janeiro com o posto de capitão teve o commando de uma companhia de granadeiros do primeiro regimento de infantaria, presidio a construcção da náo *D. Sebastião* que estava no estaleiro, e os trabalhos de applicação do collegio dos jezuitas á hospital militar.

Não estava porém no seu elemento, e á noticia de hostilidades de hespanhóes no Sul, pedio ào vice-rei marquez de Lavradio passagem para o regimento de dragões do Rio Pardo, e alcançando-a, voou para o campo das pelejas em 1771 no posto de sargento-mór, e tomando logo o commando do regimento acampado em Barrancas, começou a serie de seus brilhantes feitos militares, dos quaes não foi o menos glorioso a tomada do forte de S. Tecla.

Sobreviérão os desastres de 1777, e a paz enfezada de vinte e tres annos na capitania de S. Pedro do Rio-Grande do Sul em boa parte dominada pela conquista hespanhola: Corrêa da Camara foi durante esse periodo o disciplinador severo; mas justo dos seus soldados e o commandante energico da fronteira do Rio-Pardo.

Em 1801 rompe a guerra e é elle um dos heróes da campanha de cinco mezes: passa a flamma do seu enthusiasmo e da sua bravura ao regimento baldo de recursos, pobre de munições, atrazado no recebimento de soldos, sem

fardamento, e sujeito á privações: opéra prodigios de valor, bate o inimigo em força muito superior, defende extensa campanha, retoma o forte de S. Tecla, villa de Batohy, e domina em extenso territorio á quem e além dos rios Santa Maria, Ibicuy, e Negro, repulsa a columna do brigadeiro Quintana, corre a oppôr-se á invasão do Rio-Grande pelo exercito do marquez de Sobremonte e sómente interrompe suas victorias electricas, e retrocede das vertentes do Jaguarão em frente do inimigo, quando lhe cumpre obedecer á notificação da paz de Badajoz.

De então em diante os serviços relevantes de Patricio José Corrêa da Camara o tornão um dos mais benemeritos rio-grandenses. Durante a paz o militar não dorme, e o cidadão vela. Com a maior economia para os cofres publicos construio aquartelamentos, hospitaes, prizão militar, casa de polvora, casa de residencia do governo: uma fonte publica foi devida ao seu genio benificente, e templo magnifico á sua piedade, e espirito religioso.

Nas seguintes campanhas de 1812 e 1816 á 1818 fulgurou entre os mais notaveis generaes.

Tronco de numerosa e dignissima familia, abrio a carreira militar, á seus descendentes que a souberão honrar, e que perpetuão sua gloria, sendo entre estes para lembrar aquelle que por seus brilhantes feitos na guerra do Paraguay recebeu muito merecidamente o seu mesmo titulo nobiliario.

Patricio José Corrêa da Camara, tenente-general do exercito brazileiro, barão de Pelotas á 12 de Outubro de 1825, e visconde do mesmo titulo á 12 de Outubro de 1826 fidalgo cavalleiro da Imperial casa, commendador da ordem de Aviz, condecorado com as medalhas das campanhas do

Sul falleceu na então villa do Rio Pardo á 28 de Maio de 1827, deixando o mais bello exemplo de dedicação, pericia e bravura militar, desinteresse e probidade, e tendo de idade mais de noventa annos, e a lembrança de vinte campanhas em sua vida de soldado.

29 DE MAIO

FRANCISCO DE PAULA FREIRE DE ANDRADE

O vasto territorio de que se formou depois a capitania de Minas-Geraes, começára á ser conquistado pelos sertanejos paulistas no ultimo quartel do seculo decimo setimo em que rompeu o descobrimento das maravilhosas minas auriferas e de pedras preciosas. Acudirão chuvas de aventureiros attrahidos pelo incentivo dos thesouros patenteados: a população avultou relativamente, e multiplicárão-se as povoações. Paulistas orgulhosos, indomitos, e não raro pouco obedientes a acção da autoridade, e *forasteiros*, como elles os chamavão, portuguezes em maxima parte, e em maxima parte gente de dar e tomar, sem freio de educação, sem noções do dever, e só cuidando de enriquecer depressa, taes forão os primeiros povoadores de Minas-Geraes.

Logo em 1708 paulistas e forasteiros disputárão em com-

bates mortiferos o predominio das minas, e no anno seguinte a necessidade de magistrado superior á impôr a lei áquelles povoadores determinou a creação da capitania de Minas-Geraes ligada á de S. Paulo e independente da do Rio de Janeiro.

Mas o espirito altivo dos paulistas, e o exemplo das resistencias dos forasteiros, e das revoltas de uns e outros como que passára á seus filhos.

A metrepole abusava exigindo de mais onerosos tributos lançados sobre as colheitas dos mineiros.

Em 1720 accendeu-se contra as casas de fundição mandadas estabelecer pronunciamento armado que a autoridade abafou sem saber em seguida apagar os desgostos da capitania.

Os vexames de povo continuárão.

O capitão general Gomes Freire de Andrade, depois conde de Bobadella, dizia em 1743 ao governo de Lisboa em memoravel officio: « os emolumentos de alguns ministros, como são os dos ouvidores e tambem dos officiaes, e benezes, e esmolas de missas e direitos parochiaes, levão de Minas tanto cabedal, como a capitação. »

O fisco explorava cinco fontes de renda: — o quinto do ouro, o contracto das entradas, o contracto dos dizimos, o donativo e a terça parte dos Officios, e a extracção dos diamantes. Além disso os tributos de importação erão, pelo menos alguns, verdadeiramente revoltantes.

Entretanto a capitania de Minas-Geraes augmentava em população, contava já homens notaveis em sciencias e nas lettras, e murmurava queixas, resentindo-se da oppressão da metropole.

As noticias da revolução da independencia dos Estados-

Unidos Norte-Americanos chegárão aos homens distinctos e litteratos de Minas-Geraes.

E em que tempo?.... quando em Minas florescião poetas da ordem de Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, Alvarenga Peixoto, e outros inferiores, mas de estimado talento; — quando Minas-Geraes gemia sob o pezo do governo insensato e provocador de Luiz da Cunha; — e quando por colheitas ruins os mineiros atrazados no pagamento do quinto do ouro estremecião sob a ameaça de cobrança mais que vexatoria, arruinadora de quasi todos.

Espirito altivo herdado, resentimento de vexames cada vez mais oppressivos, e apprehensões justificadissimas de exigencias egoistas da metropole sacrificadora, ou extenuante vexadora dos recursos naturaes da colonia exacerbavão a população mineira.

As idéas democraticas, o contagio da revolução e da independencia dos Estados-Unidos Norte-Americanos inflammarão a imaginação dos poetas e dos illustres e esclarecidos patriotas de Minas-Geraes.

Uma conjuração foi urdida. Em conferencia ainda innocente de amigos Thomaz Antonio Gonzaga, o imperecivel Dirceu de Marilia, imaginou sorrindo a hypothese de uma *republica*. Republica queria dizer *independencia e liberdade*: Claudio Manoel da Costa applaudio a idéa rejuvenecendo por ella; Alvarenga Peixoto arrebatou-se patrioticamente.

Annos antes em Coimbra e depois em França *estudantes* brazileiros tinhão concebido em patrioticos sonhos de proximo futuro o projecto glorioso da independencia da patria, e em magnetico e incalculado accordo grandes poetas, dignos de seu genio, victimas gloriosas da causa megestosa, trinta e sete annos depois esplendidamente triumphante.

pronunciárão a primeira palavra, tecêrão o primeiro fio da conjuração mineira, que havia de acabar, dando aos chefes conjurados o horror e a gloria do martyrio.

Sonho de estudantes, e conjuração de poetas.

Estas considerações, estes esclarecimentos relativos á conjuração mineira, da qual se falla em muitos artigos desta mesquinha obra, erão, ao que parece de necessidade e, para obviar fatigantes repetições, um pouco ou muito de direito vão escriptas neste artigo pertinente á Francisco de Paula Freire de Andrade.

Sobravão intelligencias illustradas aos conjurados; prestigioso era notavelmente Claudio Manoel da Costa; mas a velhice lhe negava actividade: um chefe de conjuração deve ter mais do que intelligencia, popularidade, energia, posição elevada, ou prestigio, coragem e resolução prompta.

Francisco de Paula reunia em si todas essas condições, e ainda mais nome de fidalga familia, grande riqueza, e o posto de tenente coronel do regimento de dragões, de que era coronel o governador da capitania.

Alvarenga disse delle: « que era a segunda figura da terra (de Minas-Geraes).

Francisco de Paula Freire de Andrade nascêra em 1752 no Rio de Janeiro, filho natural de D. José Antonio Freire de Andrade, conde de Bobadella, e de D. Maria do Bom Successo Corrêa de Sá.

Seguira a profissão das armas: estabelecido em Minas-Geraes casára-se com D. Izabel Carolina de Oliveira Maciel, filha do capitão-mór *José Alves Maciel* tambem pae do illustrado e infeliz conjurado do seu mesmo nome.

Francisco de Paula Freire de Andrade procurado por amigos que premeditavão o *levante*, enthusiasmou-se pela

idéa, e sem pensar que lhe davão, tomou a responsabilidade de chefe da conspiração, e abrio a sua casa ás reuniões e conferencias dos conjurados.

A conspiração foi denunciada. Elle foi preso como os outros chefes e complices do planejado levante.

Soffreu não menos de cinco interrogatorios, nos quaes os juizes empenhárão-se em arrancar-lhe mais do que a confissão da propria culpa, revelações completas da trama, no que, conforme diz o Sr. Norberto de Souza e Silva na sua *Historia da Conjuração Mineira*, foi tambem influido pela autoridade espiritual do confissionario.

Como dez outros conjurados principaes foi condemnado á morte, e como todos esses, á excepção só do Tiradentes, teve essa pena commutada em degredo perpetuo, partindo elle para *Pedras de Angoche*, á 29 de Maio de 1792 onde viveu tristemente, bem que tratado com favor e consideração.

Quando a séde da monarchia portugueza já se achava desde 1808 estabelecida na cidade do Rio de Janeiro, Francisco de Paula Freire de Andrade obteve licença para voltar á sua muita amada patria; não poude porém ter a consolação de chegar á ella, de saudal-a ao menos, contemplando a magestade de sua natureza; pois que, misero exilado, morreu na viagem que punha termo á seu desterro.

A commutação da pena de morte lavrada na sentença da alçada contra Francisco de Paula deve ser applaudida e abençoada.

Mas Francisco de Paula fôra o *chefe* da conjuração, e peior do que isso, *chefe* de conspiração, sendo *militar*, e commandante do corpo principal das tropas de Minas-Geraes.

Apezar de tudo isso Francisco de Paula teve commutação da pena de morte, e o Tiradentes, instrumento, agente

secundario, apenas jactancioso complice da conjuração subio á forca!....

Falta explicação aceitavel para o extremo martyrio, que glorificou o conjurado quasi obscuro; brilha porém a explicação da benefica, e louvavel commutação da pena para os outros réos condemnados á morte.

Francisco de Paula Freire de Andrade, embora filho natural, pertencia a duas familias de alta nobreza, e especialmente a de seu pae gozava de grande estima e de influencia na côrte de Lisboa.

Francisco de Paula, protegido pela familia, pelos parentes de seu pae salvou os outros chefes conjurados da morte no patibulo; porque seria escandaloso ser elle, o maior culpado, o unico favorecido.

30 DE MAIO

PRUDENCIO DO AMARAL

Jesuita notavel, e poeta estimado no seu tempo, Prudencio do Amaral nasceu no Rio de Janeiro em 1675: na cidade de seu berço estudou no collegio dos jesuitas, e entrou para a respectiva companhia então muito poderosa no Brazil.

Talentoso e applicado aos estudos ganhou em pouco tempo subida reputação de litterato e de poeta, fama que foi talvez muito exaltada pela veneração que obrigavão suas virtudes e sua éxemplar caridade geralmente applaudidas.

Prudencio do Amaral escreveu, mal inspiradamente em versos latinos, um poema didactico *De apificio sacchario,* descrevendo o modo de se construir, e de fazer pôr em acção uma fabrica, ou engenho de assucar. Em poema

didactico a lição que poucos, ou bem raros, fóra os padres, comprehendião então escripta em latim, a utilidade era quasi nulla, ainda admittida a profisciencia do mestre.

Felizmente elle tambem escreveu além desse poema algumas memorias historicas, e, entre ellas, os elogios dos bispos e arcebispos da Bahia, e um catalogo dos bispos do Brazil, que se publicárão em Lisboa nos annos de 1710 e 1711.

Ignora-se a data do fallecimento deste distincto fluminense, e jesuita virtuoso engrandecido pela sua propria humildade.

Seu nome fica no entanto lembrado no artigo deste dia 30 de Maio.

31 DE MAIO

JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

A' 31 de Maio de 1818 nasceu na freguezia de Nossa Senhora das Dôres de Itapecurúmirim, provincia do Maranhão, João Duarte Lisboa Serra, filho legitimo do commendador Francisco João Serra, e de D. Leonor Duarte Lisboa.

Na cidade de S. Luiz do Maranhão fez seus estudos primarios, o de latim com Sotéro dos Reis, e as mais disciplinas ainda ali nas aulas publicas; muito applaudido pela sua brilhante intelligencia, doce caracter, e optimo procedimento, seguio em 1834 para Portugal e na Universidade de Coimbra tomou os gráos de bacharel formado em mathematicas, e em sciencias naturaes.

Em Coimbra Lisboa Serra cultivou a poesia com ardôr, e preannunciando-se em felizes composições futuro poeta de

alto merecimento: entre alguns de seus bellos cantos avulta o que tem por titulo *Subindo pelo Vouga*. De volta ao seu Maranhão a sepultura de sua irmã queridissima o fez derramar da alma *No Cemiterio dos Christãos*—canção, melodia melancolica, profunda, longo gemido cheio do mais terno sentimento.

Companheiro, amigo fiel e intimo de Gonçalves Dias, Lisboa Serra tambem poeta inspirado parecia ter de acompanhal-o no amor e no culto das musas.

Mas não foi assim: porque?... ninguem o sabe.

Lisboa Serra deixou o Maranhão, e veio para a capital do imperio em 1842: já abastado pela herança paterna, duplicou a fortuna com o dote elevado de muito querida noiva que desposou, coroando ternos votos annos antes trocados em Coimbra com amada joven fluminense.

Contradicção inexplicavel!... após o enlace poetico, feliz, abençoado, resplendente de amor, o poeta divorciou-se com as musas!...

Lisboa Serra foi nomeado inspector da thezouraria da provincia do Rio de Janeiro. Forão as cifras e os calculos que apagárão nelle a flamma da poesia?...

Como quer que fosse o joven poeta suffocou em sua alma as inspirações de seu genio, e todo se voltou para o positivismo da administração, e para as aspirações politicas.

Em 1847 deputado pelo Maranhão, entrou na camara temporaria para tomar logo distincto posto entre os liberaes, e exhibir na tribuna parlamentar o explendor de sua intelligencia, e o capital elevado e precioso de seus conhecimentos.

Em 1848 o gabinete de Paula e Souza, tendo em justissima conta o espirito moderado, e conciliador de Lisboa

Serra, nomeou o illustre deputado do Maranhão presidente da provincia da Bahia, onde os animos fervião agitados.

Lisboa Serra foi ali presidente ephemero: o partido conservador subio ao poder á 29 de Setembro do mesmo anno, e o novo gabinete logo o demittio; mas pouco tempo depois de voltar á côrte foi nomeado thezoureiro geral da fazenda nacional e recebeu o titulo de conselho, e já tão apreciados erão os seus conhecimentos em negocios financeiros, e a sua pratica administrativa, que organisado e fundado o Banco do Brazil em 1851, o visconde de Itaborahy, ministro da fazenda, o escolheu para presidente dessa importantissima e melindrosa instituição.

Reeleito deputado pela sua provincia na legislatura de 1853—1856, foi naquelle primeiro ánno convidado para fazer parte do gabinete que então organisou o marquez de Paraná; mas com honrosos motivos não conveio em entrar para o ministerio.

Sua saude já se achava alterada, e d'ahi em diante cada dia mais abatido depois de prolongados soffrimentos falleceu na cidade do Rio de Janeiro á 16 de Abril de 1855.

Semanas antes de morrer o conselheiro João Duarte Lisboa Serra escreveu os mais simples e sentidissimos versos na sua enternecedora prece *Domine, exaudi orationem meam*, que lhe sahio do coração de pae estremecido, e á lembrar os filhos que ia deixar orphãos.

Lisboa Serra desceu á sepultura aos quarenta e oito annos de idade, legando á patria a memoria de um homem honrado, de esclarecida intelligencia, e do mais generoso coração.

1 DE JUNHO

ESTACIO DE SÁ

Os francezes da exped o calvinista dirigida por Nicoláo Durand de Villegaignon desde 1555 até 1558 continuavão á occupar a bahia do Rio de Janeiro e com projectos de desenvolvimento e extensão de conquista, da qual prelibavão a sua sonhada *França Antarctica*.

O governador geral do Brazil Mem de Sá os bateu completamente em 1560, tomou-lhes e destruio o forte *Caligney* ou *Villegainon;* mas nem poude perseguil-os, vendo-os fugir da ilha desse nome para o continente, onde os tamoyos seus alliados os asylarão em florestas visinhas, nem, por grande falta de recursos e de gente, deixar no Rio de Janeiro povoação portugueza fundada.

Os francezes voltarão ao forte perdido, e levantárão outros em ilhas e no continente.

O governo portuguez informado de semelhantes factos, mandou Estacio de Sá, sobrinho daquelle illustre governador geral, com forças mais do que insufficientes para o Brazil, e com a difficilima tarefa e grande responsabilidade de expulsar os francezes do Rio de Janeiro e fundar ahi uma cidade, ou estabelecimento colonial permanente.

Estacio de Sá chegou á Bahia com dous galeões, mas quasi sem soldados em 1564, e teve de esperar alguns mezes a organisação da força expedicionaria, que seu tio, o governador geral Mem de Sá, com o maior empenho; mas á custa de muito trabalho e sacrificios conseguio emfim entregar ao seu commando.

Em Janeiro de 1665 sahio Estacio de Sá do porto da Bahia, chegou no mez seguinte ao Rio de Janeiro; examinando porém as fortificações do inimigo, reconheceu que era pouca a gente que trazia, e insufficiente o numero de barcos de remos póstos á sua disposição: navegou para Santos, onde ficou até o principio do anno seguinte, em quanto lhe chegavão da Bahia e da capitania do Espirito Santo recursos e auxiliares.

A 20 de Janeiro de 1566 seguio de novo para o Rio de Janeiro; a 1 de Março surgio á barra deste nome e fez desembarcar as suas forças, fortificando-se no sitio que demora entre o Pão d'Assucar e o morro de S. João, e ahi lançou os fundamentos de projectada cidade, á que deu o nome de S. Sebastião.

Até o fim de 1566 portuguezes e francezes ajudados estes por numeroso concurso de *tamoyos*, seus alliados, e aquelles por indios auxiliares encontrárão-se em diversos combates parciaes sangrentos; mas infructiferos.

Mem de Sá informado pelo Jesuita José de Anchieta da critica situação em que se achava o sobrinho, veio em seu soccorro com outra expedição, e chegando ao Rio de Janeiro á 18 de Janeiro de 1667, no dia 20, o de S. Sebastião, encetou as operações, atacando a praça de *Uruçu-mirim*, que foi tomada depois de porfiada e terrivel peleja.

Batendo-se, como sempre, com inclita bravura Estacio de Sá recebeu nesse ataque uma flexada no rosto.

Os francezes forão completamente derrotados, e expulsos do Rio de Janeiro aquelles que escapárão da morte e pudérão fugir com os tamoyos, ou para bordo de suas náos; mas Estacio de Sá morreu á 20 de Fevereiro em consequencia dos seus ferimentos, e seu cadaver foi sepultado na modesta ou mesmo rude igreja de S. Sebastião que interinamente erguêra no seu povoado.

Quando se fundou a cidade, e a igreja de S. Sebastião no monte depois chamado do Castello, forão trasladados para esta os despojos mortaes de Estacio de Sá, e recebêrão jazigo na capella-mór.

Em 1839 S. M. o Imperador tendo ido visitar a Escola de Medicina, então no monte do Castello, dirigio-se depois á igreja de S. Sebastião, sendo acompanhado de muitos academicos, e com estes procurou e reconheceu a sepultura de Estacio de Sá.

Em 1862 reedificando-se a igreja de S. Sebastião, forão exhumados alguns restos de ossos de Estacio de Sá em presença de S. M. o Imperador e do Instituto Historico Brazileiro, e recolhidos á uma urna condigna.

2 DE JUNHO

CYPRIANO JOSÉ BARATA DE ALMEIDA

Este é o nome de um brazileiro que foi ardente espirito revolucionario; mas impulsado por convicções inabalaveis que resistirão á annos de martyrio, e cuja sinceridade ficou provada pela constancia e firmeza de seu animo.

Cypriano José Barata de Almeida nasceu á 26 de Setembro de 1762 na freguezia de S. Pedro Velho na Bahia; fez os seus estudos primarios e alguns de humanidades na cidade de S. Salvador e tomou o gráo de bacharel em medicina na Universidade de Coimbra, donde voltou para sua provincia.

Escaças e incompletas são as noticias biographicas de Barata de Almeida até 1821. Liberal exaltado e de idéas republicanas, é quasi certo que figurou naquelle anno, con-

correndo para o pronunciamento da Bahia no sentido da revolução de Portugal em 1820, e sem duvida gozava de influencia e de popularidade, pois foi eleito pela sua provincia deputado á constituinte portugueza.

Tomando assento nas côrtes, e não podendo igualar a Antonio Carlos na eloquencia, o excedeu em ardimento arrebatado, defendendo a causa do Brazil principalmente em 1822, quando a esmagadora maioria portugueza da constituinte fulminava decretos e medidas contra a antiga colonia e recente reino do Brazil que em franca e progressiva revolução preannunciava o grito magestoso do Ypiranga.

Barata de Almeida foi por mais de uma vez interrompido em seus energicos discursos pela gritaria furiosa e pelas injurias das galerias; mas impavido e firme, como rochedo no meio de ondas tempestuosas, nem hesitava, nem tremia, nem menos forte continuava á fallar.

Em uma sessão da constituinte um deputado brazileiro votou com a maioria á favor de moção hostil á sua patria. O sexagenario Barata impellido pela revolta de seu patriotismo e pela violencia de seu genio, esperou o deputado que assim votára, apostrophou-o em nome do Brazil, e com lamentavel impeto de colera, chegando ao patamar da escada, o lançou por esta abaixo.

Barata de Almeida foi dos deputados brazileiros que não quizerão assignar a constituição portugueza elaborada pelas côrtes, e um dos sete que ameaçados pela plebe em Lisboa, embarcárão-se ás occultas para Falmouth, onde publicárão em glorioso manifesto os motivos de sua retirada das côrtes e de Lisboa: entre esses sete deputados se

contavão patriotas e notabilidades, como Antonio Carlos, Feijó e Lino Coutinho.

Quaesquer que fossem os erros do velho Barata dessa época em diante, a gratidão da patria não póde jámais esquecer os serviços, o ardôr civico, a audacia, e até os imprudentes, e excessivos arrebatamentos do velho Barata, defendendo, animando, glorificando o Brazil e sua revolução em face do povo lisbonense irritado e ameaçador. A bravura indomita desse velho que em flammas de patriotismo não temia expôr-se ao furor da gente rude e enraivecida, que em Lisboa o insultava, e o tinha em odio, deve ficar na historia, e ser ufania da patria.

Em 1823 Barata foi eleito pela Bahia deputado á constituinte brazileira; não veio porém tomar assento nella, e depois da dissolução desta assembléa, foi em 1824 preso em Pernambuco, onde publicava o seu exaltado e ultraliberal periodico a *Sentinella da Liberdade*, e como conspirador mandado para o Rio de Janeiro.

Começou então o martyrio do velho e incorrigivel exaltado liberal. No Rio de Janeiro Barata encerrado em calabouços experimentou as sombrias prisões ora de uma, ora de outra fortaleza e a do navio que se chamava *Prezi-ganga*, sobre a qual escreveu e deixou em manuscripto circunstanciada *Memoria*.

Em 1829 o ministro da justiça José Bernardino Baptista Pereira, visitando as fortalezas para informar-se dos presos nellas encerrados, encontrou em uma o velho Barata, e o fez soltar por falta de fundamento legal que explicasse sua prisão.

Os liberaes do Rio de Janeiro festejárão o velho Barata

solto e livre, recebendo-o em seu desembarque no caes do largo do Paço.

O então deputado João Mendes Vianna, liberal influente, deu á Barata de Almeida casa e serviço domestico.

Barata sahira da prisão aos sessenta e sete annos com os cabellos completamente brancos, longos, e cahidos sobre os hombros; mas com a mais viva expressão de energia nos olhos ardentes e na face rigida e animada.

Voltando mezes depois para a Bahia, o velho Barata foi objecto de enthusiastico amor popular, que para seu não tardo compromettimento, exaltou-se nas camadas ou classes mais pobres e menos protegidas, ás quaes o velho indomito e enthusiasta fallava electrisador em seus escriptos e em seus conselhos incorregivelmente acesos em ardor juvenil.

A abdicação do imperador D. Pedro I foi dar-lhe maior força, mais compromettedora influencia sobre o elemento popular mais susceptivel de acção activa e illegal contra a autoridade: como em outras provincias, houve na Bahia revolta ephemera, que Barata, innocente lava de idéas revolucionarias, quiz socegar, aliás defendendo os populares, seus queridos, achou-se atraiçoado, suspeito por seu prestigio, compromettido pela sua intervenção imprudente, preso outra vez, e outra vez remettido para o Rio de Janeiro, onde recolhido á Ilha das Cobras ainda mais aggravou a sua perigosa fama de revolucionario, incorrendo em suspeitas que parecêrão bem fundadas, de conselheiro e encorajador da sublevação do corpo de artilheria na mesma Ilha das Cobras á 7 de Novembro de 1831.

Preso ficou o ardente e exaltadissimo Barata de Almeida até o anno de 1833, em que lhe derão a liberdade,

Tinha elle então setenta e um annos. Era muito: sa-

hindo da prisão e tornando á sua provincia, encontrou arrefecida a quasi idolatria popular, de que no outro tempo gozára.

Estava pobre, tinha familia, e sentia o enregelamento das desillusões.

A popularidade dava-lhe a prova da ingratidão e do olvido....

O pobre e alquebrado velho nem assim renegou suas idéas politicas; mas concentrou-as triste: obrigado á trabalhar para viver, e para dar pão á sua familia, não estendeu mão de pedinte, aos setenta e dous annos trabalhou.

Nesses cansados e ultimos annos o corajoso e benemerito deputado da constituinte portugueza foi professor publico de instrucção primaria na provincia do Rio-Grande do Norte para a qual se tinha retirado, e emfim ou deixado esse emprego, ou cumulativamente com elle exerceu na cidade do Natal a sua profissão de medico, e abrio uma pharmacia na qual se empregou, occupando-se das preparações officinaes sua filha mais velha D. Laura Barata.

Cypriano José Barata de Almeida falleceu quasi ignorado á 1 de Junho de 1838 na cidade do Natal, capital da provincia do Rio-Grande do Norte, contando setenta e seis annos de idade, e no dia seguinte, 2 de Junho, recebeu pobre e humilde sepultura esse varão tão notavel e celebre.

Em sua vida politica tormentosa e fervente Barata de Almeida publicou desde 1823 até 1832 ora na Bahia, ora em Pernambuco, ora no Rio de Janeiro com interrupções, das quaes a maior foi a do tempo de sua prisão de 1824 a 1829, o seu periodico *Sentinella da Liberdade*, escripto em linguagem simples, crua, e adrede empregada para o povo, e com estylo que marcava sua individualidade.

Nessa gazeta pregou elle muitas vezes ou com frequencia que não póde ser louvada idéas perigosas e contrarias aos principios da ordem que sacrificava á aspirações de democracia levada ás maiores exagerações.

Escreveu a *Memoria* sobre a *Preziganga*, ainda um ou outro opusculo politico.

A 1 de Dezembro de 1822 Barata de Almeida foi agraciado com a dignitaria do Cruzeiro como benemerito da independencia de sua patria.

Seus erros forão os do exaltamento de suas idéas, do ardor impetuoso de seu genio, das flammas de sua imprensa, e de seus conselhos nos clubs; mas grandes que fossem pagou-os caro no horror das masmorras, e honorificão-lhe a memoria seus serviços relevantes prestados a independencia, e o exemplo de firmeza e de constancia, que nunca vacillárão, nem mesmo ante a possibilidade do patibulo, que chegou á ameaça-lo.

3 DE JUNHO

JOSÉ DA SILVA MAFRA

Na freguezia de Nossa Senhora das Necessidades da cidade do Desterro, capital da provincia de Santa Catharina veio ao mundo no dia 14 de Janeiro de 1788 José da Silva Mafra.

Sem fortuna nem protectores assentou voluntariamente praça de *soldado* na companhia de granadeiros do 3° regimento de linha, tendo apenas treze annos de idade: o menino granadeiro, cabo de esquadra ainda imberbe, recebeu seu baptismo de sangue na campanha romanesca e gloriosa do Rio-Grande do Sul em 1798, e seguindo com o seu regimento para o Pará, d'ahi marchou á 22 de Outubro do mesmo anno na expedição da conquista de Cayenna, d'onde voltou em 1811, trazendo as divisas de tenente e a medalha de honra.

Em 1820 já era sargento mór, e commandava na sua provincia natal a fortaleza de Santa Cruz.

No anno seguinte recebeu o habito da ordem de S. Bento de Aviz. Em 1822 pronunciou-se pela independencia da patria, e teve em premio o habito de cavalleiro da imperial Ordem do Cruzeiro, e um anno depois foi promovido á tenente-coronel, posto em que se reformou á 19 de Julho de 1830.

Nascido em pobre e humilde berço, soldado quando apenas tinha a simples instrucção primaria, longe sempre dos grandes fócos de civilisação, não teve aulas, nem professores; teve porém livros, e lendo constantemente, fez-se mestre de si mesmo, e instruio-se, quanto poude, supprindo-lhe illustração vasta que lhe faltou admiravel bom senso.

Tendo deixado a carreira militar, exerceu durante alguns annos o lugar de secretario de sua provincia, e mais tarde foi por muito tempo primeiro vice-presidente da mesma provincia de Santa Catharina, e sómente aos setenta e quatro annos de idade obteve a sua demissão.

A 3 de Outubro de 1844 o distincto catharinense mereceu ser escolhido senador em lista triplice offerecida pela provincia do seu berço á S. M. o Imperador.

No senado não foi orador; mas distinguio-se como laborioso e habil membro de commissões importantes e por muitos annos desempenhou com o maior zelo e intelligencia o lugar de primeiro secretario.

Na vida militar, na administração publica, e na camara vitalicia foi sempre o mesmo homem diligente, estudioso, dedicado, de juizo recto, e de immaculada probidade: sem que fosse sabio, mostrou-se bastante instruido.

Pertenceu sempre a escola liberal moderada, era homem de governo e de ordem, de lealdade e de honra.

José da Silva Mafra fôra ainda agraciado com a commenda da Ordem de S. Bento de Aviz, e com o officialato da Imperial Ordem da Rosa.

A 3 de Junho de 1871 morreu aos oitenta e tres annos de idade esse venerando cidadão em grande, mas honrosissima pobreza.

4 DE JUNHO

PEDRO TEIXEIRA

Em 1637 os leigos Franciscanos Domingos de Brieba e André de Toledo acompanhados de seis soldados, restos de uma expedição sahida da cidade de S. Francisco de Quito para a provincia dos Encabellados, e atacada pelos indios deste nome no rio Aguarico, entrárão no Amazonas, e o descêrão todo, chegando com a maior felicidade escapos de grandes perigos á cidade de Nossa Senhora de Belém, capital do Pará, donde logo se passárão para a do Maranhão.

Em demanda do El-Dourado em 1540 o capitão Francisco Orellana foi o primeiro europêo que vio as margens do Alto-Amazonas, tendo entrado neste rio pelo Napo a que descêra sahindo da Coca. Depois delle e da infeliz expedição de Pedro Ursua em 1560, vierão sómente em 1637 aquelles dous leigos Franciscanos hespanhóes renovar as

primeiras idéas de communicação do Perú com o Atlantico pelo Amazonas.

O então governador do Estado do Maranhão Jacome Raymundo de Noronha, desejoso de recommendar-se ao governo de Madrid (era no tempo do dominio hespanhol) resolveu mandar uma expedição subir aquelles grandes rios, e nomeou para dirigil-a o capitão-mór Pedro Teixeira, que logo seguio para a cidade de Nossa Senhora de Belém.

Pedro Teixeira era natural do reino de Portugal, e servia no Brazil com excellente reputação.

Coube-lhe a gloria de ser o chefe dessa expedição que foi a primeira á subir todo o Amazonas, indo muito além, como se vae ver.

A 28 de Outubro de 1637 largou da villa hoje cidade de Cametá a famosa expedição que constou de setenta canôas, sendo quarenta e sete de bom porte, levando setenta soldados e mil e duzentos indios quasi todos *nhagahibas* da ilha de Marajó. Commandava a vanguarda o coronel Bento Rodrigues de Oliveira, natural do Brazil, e tendo commandos parciaes o sargento-mór Felippe de Mattos Cutrim, o capitão Pedro da Costa Favilla, pernambucano, e outros.

A 3 de Dezembro Pedro Teixeira que ia subindo o Amazonas com destino á *Quito* aportou á uma grande ilha, que denominou *Areias;* em principios de 1638 sulcou as aguas do Alto Amazonas, descobrio o Rio-Negro, em cuja foz praticou com os *uaranacoacenas*: a 3 de Julho deixou no rio Napo na confluencia do Aguarico o capitão Favilla com grande parte da expedição á reconhecer o paiz, e a assegurar a retirada. Continuando a navegação, chegou á 15 de Agosto á Payamino, territorio do Perú, e d'ali seguio por

terra até Quito, onde foi recebido com admiração e com as honras devidas á tão arrojado feito.

O vice-rei do Perú ordenou ao governador da provincia de Quito que fizesse Pedro Teixeira voltar pelo mesmo caminho, levando porém em sua companhia os padres hespanhóes frei Christovão de Acuna, reitor do collegio dos Jesuitas de Cuenca, e frei André de Artieda, afim de escreverem a relação da viagem para ser apresentada ao rei de Hespanha.

Pedro Teixeira sahio de Quito em torna-viagem á 16 de Fevereiro de 1639, em Agosto reunio-se ao capitão Pedro Favilla na margem direita do Napo em frente ás bocas do Aguarico e á 16 desse mez com a mais louvavel e nobilissimo inspiração patriotica em presença de frei Christovão de Acuna, de André de Artieda, dos mercenarios Pedro da Rua Cirne, e João da Merce, e de todos os expedicionarios tomou solemne pósse do paiz em nome do rei da Hespanha pela *Corôa de Portugal*, plantou um marco de páo na dita margem, á que denominou *Franciscana*, do que tudo fez lavrar a acta respectiva pelo escrivão João Gomes de Andrade. Este facto determinou o alcance das possessões portuguezas, e o extremo occidental do Alto Amazonas brazileiro.

A 12 de Dezembro de 1639 emfim chegou Pedro Teixeira com os seus companheiros á cidade de Nossa Senhora de Belém, e pouco depois d'ali partio para S. Luiz do Maranhão á dar conta da commissão que esplendidamente desempenhára.

Nomeado capitão-mór e governador do Pará, Pedro Teixeira tomou pósse desse cargo á 28 de Fevereiro de 1640,

e o entregou ao seu successor Francisco Cordovil Camacho á 26 de Maio do anno seguinte.

Falleceu onze dias depois na capital do Pará á 4 *de Junho de* 1640 no meio de sentimento geral; porque além dos seus relevantes serviços, era venerado pelas suas virtudes, valor indomito, e preclaro na prudencia dos conselhos.

Pedro Teixeira foi por certo um dos grandes vultos da historia do Brazil no seculo decimo setimo.

5 DE JUNHO

VISCONDE DE SOUZA FRANCO

Bernardo de Souza Franco, filho legitimo do negociante matriculado Manoel João Franco e de D. Catharina de Souza Franco, nasceu á 28 de Junho de 1805 na cidade de Nossa Senhora de Belém, capital da provincia do Grão-Pará.

Estudava humanidades no seminario do Pará, e cursava em 1823 a aula de philosophia racional sob a direcção do sabio que havia de ser o arcebispo da Bahia, marquez de Santa Cruz, quando em impetos de patriotismo, o joven de dezoito annos fez-se conspirador, entrando em conjuração contra o dominio portuguez, mantido em sua provincia pelas tropas luzitanas.

Preso como os outros conspiradores, Souza Franco foi remettido para Lisboa á bordo da galera *Andorinha do Tejo*, com duzentos e cincoenta e sete companheiros de infor-

tunio muitos dos quaes morreram na viagem victimas de barbaro tratamento a que por vezes não faltou o martyrio da fome e da sêde.

Em Lisboa foram esses patriotas independentes recolhidos á fortaleza de S. Julião, nella tratados com humanidade, sendo soltos dias depois. Souza Franco voltou logo para sua provincia já estrella do Imperio e alli chegou em Fevereiro de 1824.

Aos dezoito annos de idade no Pará, fôra ameaçado de morte no patibulo, á bordo da galera *Andorinha do Tejo* soffrêra longas semanas de martyrio; de volta, porém á patria ostentava em sua fronte a corôa civica dos heróes do Ypiranga.

Mas, chegado ao Pará, Souza Franco, o joven de intelligencia distincta e de applicação severa e constante, foi por seu pae destinado ao commercio, e durante alguns annos, aquelle que havia de illuminar immenso horizonte, como astro do parlamento brazileiro, teve então por horizonte o espaço fechado pelas quatro paredes do armazem, de que era modestissimo caixeiro; o caixeiro, porém, tinha a liberdade da noite, e a noite era o seu dia rico de luz que lhe vinha do estudo aturado, a que se entregava com ancia de saber.

Fundadas as escolas superiores do Imperio, o filho do Amazonas que na infancia sorrira ás aguias dos Andes, abrio vôo para Olinda em 1831, matriculou-se alli na Academia Juridica e em 1835 tomou o grão de bacharel, tendo obtido premios nos diversos annos do curso, e durante elles figurado com habilidade e crescente reputação na imprensa politica, redigindo a *Voz do Biberibe* e collaborando no *Diario de Pernambuco.*

Souza Franco recolheu-se ao Pará em Março de 1836, e assistio ao ultimo periodo da horrivel e feroz revolta que assollou sua grandiosa provincia; servio, cêrca de dous mezes, o lugar de procurador fiscal da thesouraria, e á 16 de Agosto do mesmo anno foi nomeado juiz do civil da capital.

Sua carreira na magistratura não foi longa, e quasi sempre della distrahido por altas funcções que teve de desempenhar não pôde assignalal-a por numerosos e prolongados serviços; mas, sempre que exerceu o ministerio de juiz radiou sciencia, firmou justiça, zelou o direito de cada um, e deixou seu nome symbolisando rectidão e probidade. Em 1854, sendo juiz de direito, aposentou-se com o titulo e honras de desembargador, e, tornando-se advogado na capital do imperio, a mestria, o credito, o esplendor de sua banca, sempre accumulada de trabalho incessante e extraordinario, foram taes, que lhe derão a modesta fortuna, por sua morte deixada á mais querida esposa aos mais estremecidos filhos, de quem elle fôra anjo de amor, abysmo de cuidados e providencia na terra.

Fóra da magristatura, Souza Franco revelou-se bem cedo administrador, que, logo em seu noviciado, admirou ainda mais pela habilidade pratica do que pela esclarecida intelligencia, porque esta já manifesta antes era brilhante fulgor por todos reconhecido.

Em 1839, como presidente da provincia do Grão-Pará, e successor do general Andréa, Souza Franco, em um anno de governo, subjugou e extinguio a revolta selvagem nos ultimos e desesperados arrancos de agonia horrivel em que a deixára o seu antecessor, restabeleceu completamente a ordem, regulou a administração provincial transtornada e em confusão de anomalias que a medonha anarchia legára.

Em 1840 entregou a provincia a novo presidente; no anno seguinte, porém reassumio o governo della, como vice-presidente, continuou sua obra de restaurador do Grão-Pará, e em quatorze mezes de administração regenerou as finanças, ordenou e multiplicou obras uteis, expedio regulamentos que derão systema a todos os serviços administrativos provinciaes, tirou do cahos anarchico aquelle mundo do Amazonas, seu amor enthusiasta, e desceu do palacio do governo no meio dos applausos geraes, honorificado pela popularidade mais ardentemente pronunciada.

O general Andréa, mais tarde barão de Caçapava, tinha sido a mão de ferro a esmagar desabrida, justa ou necessariamente impiedosa, a revolta selvagem; Souza Franco foi a intelligencia energica e regeneradora que fez do Grão Pará cahos o Grão Pará ordem.

Na administração da provincia do Grão Pará Souza Franco resplendeu como estadista e como genio creador.

De Junho a Dezembro de 1844 presidente da provincia das Alagôas em circumstancias anormaes e arriscadissimas, Souza Franco foi atacado na capital, a que faltavão sufficientes recursos de defeza, por Vicente Ferreira de Paula, a quem chamavão o *chefe das mattas* e que avançava á frente de bandos semi-selvagens; vio-se pois, forçado, na hora extrema do perigo, a retirar-se para bordo de pequeno navio de guerra; mas os revoltosos não lhe arrancárão uma só das concessões que exigião ás boccas dos bacamartes e ás pontas das facas affeitas ao crime. Mais tarde e em pungente sarcasmo lançárão-lhe em rosto a sua retirada, para aquelle navio, como si fôra honra ou gloria fazer-se assassinar sem proveito da

patria, e sem a consciencia do desempenho de imperioso dever.

Na administração de provincia, Souza Franco ainda se illustrou uma vez; mas á esta cabe menção especial e chronologica, tão extraordinaria foi a épocha, e tão extraordinarios os serviços e os sacrificios do benemerito.

Eleito pela provincia do Pará deputado á assembléa geral na quarta legislatura, Souza Franco toma assento na camara, filia-se ao partido conservador, revela seu bello talento nas discussões; mas reeleito deputado, deixa em 1843 aquelle partido no zenith de sua influencia predominadora, e generoso se oppõe ás suas exagerações de vencedor das revoltas liberaes de 1842.

Nas duas seguintes legislaturas distinguio-se como orador eloquente da maioria liberal, e como abalisado discutidor, principalmente nas questões financeiras: a 31 de Maio de 1848 entra com a pasta dos negocios estrangeiros para o gabinete Paula e Souza, a quem substituio interinamente na pasta da fazenda, durante o mez de Setembro até o dia 29, em que esse ministerio e a politica liberal perderão o poder. A sessão legislativa de 1848 foi tempestuosa, e para o gabinete de 31 de Maio ainda mais afflictiva, pelas discordias intimas dos grupos parlamentares do partido dominante. Souza Franco sustentou na primeira linha a politica e os actos do ministerio, ganhou fóros de estadista, e realçou a tribuna parlamentar com a sua logica de ferro, e com arroubos de eloquencia.

Dissolvida em 1849 a camara temporaria, começou e adiantou-se a nova legislatura no anno seguinte com

um unico deputado liberal no seio do parlamento ; mas esse unico era Bernardo de Souza Franco.

Já' o suppunhão conhecido; mas só então o conhecêrão.

Mas em 1850 Souza Franco chegára alquebrado por molestia, tão doente, que mal podia andar, e menos conservar-se de pé por mais de um quarto de hora: a camara permittio que Souza Franco fallasse sentado.

Eil-o só contra cem, elle só, e por isso chamado *unidade opposicionista*; elle só, tomando a palavra todos os dias, e em muitos casos duas e tres vezes em cada sessão, e discutindo magistralmente todos os assumptos, e pondo em tormentos todos os ministros!

A Bernardo Pereira de Vasconcellos disserão um dia: « que importa o Souza Franco? elle é um só na camara. »

— Sim, um só ; mas é o primeiro; observou o velho estadista.

A *unidade opposicionista* era um Hercules, e como que achava aquelle balsamo encantado com que, no fim dos combates curavão de subito suas feridas certos cavalleiros privilegiados dos romances e dos cantos dos bardos nas guerras e pelejas da meia idade.

Cada dia, no fim da sessão, depois dos combates Souza Franco descia da tribuna pallido, abatido, e sahia manquejante, extenuado, com apparencias ou de moribundo ou de lidador mal ferido e prestes a cahir para sempre, e no outro dia o Achilles revivia, voltava para esmagar os Hectores, e em cada dia uma batalha, e em cada batalha uma victoria! Era estupendo! elle só contra cem, uma voz contra cem vozes ás vezes em tempestade de apartes e de reclamacões: combate incrivel... ruido

immenso!... era a porórôca do Amazonas em assombrosa luta com as aguas furentes e crescidas do Atlantico.

Souza Franco reunia notaveis dotes e condições de orador : grande cabedal de instrucção, conhecimentos consideraveis, muita pratica em diversos ramos da administração, e estudo constante e diario, palavra facil, voz clara e sonora, valentissima dialectica, enthusiasmo pelas idéas que defendia, promptidão no improviso, atticismo nos epigrámmas, animo imperturbavel, energia e coragem. Era grave na tribuna ; mas ás vezes obrigado pela violencia do ataque mostrava-se violento na desforra.

Um dia o habil e muito espirituoso deputado Aprigio fallava sarcastico e insistente á torturar a *unidade opposicionista* : um desasisado espectador o interrompeu, arremedando o latir de um cão. O presidente e toda a camara bradaram contra o grosseiro insulto; mas o imperturbavel Aprigio exclamou :

— Sr. presidente, foi um aparte do Sr. Souza Franco!

— Engana-se, respondeu logo este ; foi o echo de sua voz.

Houve por certo muito espirito em ambos os repentes; mas em verdade não forão estes bem cabidos no seio do parlamento : o de Souza Franco teve ao menos a desculpa da desforra.

De 1850 a 1853 a gloria parlamentar de Souza Franco tocou ao apogêo; mas a melhor prova do alto merecimento desse illustrado cidadão, orador e estadista é que elle até o fim de sua vida se manteve no capitolio á que subira.

Em 1853 a camara em nova legislatura annulou o

diploma de deputado reeleito pelo Pará, que Souza Franco apresentou, embora não poucos deputados conservadores reconhecessem e sustentassem a validade da sua eleição.

O famoso paladino já era então um dos primeiros chefes do partido liberal.

Em 1855 reappareceu no parlamento como deputado supplente, apoiou o programma de moderação e de concordia do gabinete do marquez de Paraná; mas reclamando a realidade effectiva do programma em reformas liberaes que a nação almejava.

A' 5 de Junho desse anno, S. M. o Imperador o nomeou senador do Imperio, escolhendo-o na lista triplice offerecida pela provincia do Grão-Pará chegada á sua augusta presença nesse mesmo dia. A escolha prompta, immediata do Imperador tem uma eloquencia, que vale um triumpho de heróe romano dos tempos heroicos de Roma.

No senado Souza Franco resplendeu sempre na tribuna com todo o seu brilho da camara temporaria.

A' 4 de Maio de 1857 entrou para o gabinete organisado pelo marquez de Olinda, representando nelle com o seu amigo particular e politico Jeronymo Francisco Coelho, ministro da guerra, o elemento liberal.

Todo o partido apoiou o ministerio em honra do seu chefe Souza Franco, o ministro da fazenda.

Nesse gabinete em 1857 e 1858, Souza Franco ostentou nas camaras toda a pujança e todo o brilhantismo do orador de 1850 á 1852. Campanhas em campo cerrado, na arena das finanças, elle as fez e as venceu, sustentando os principios da escola liberal economica na organisação de instituições bancarias, e fóra do parlamento assoberbou com energicas

e sabias providencias tremenda crise commercial, poupando a praça do Rio de Janeiro e portanto as outras do Imperio ás calamidades que experimentaram então as dos Estados Unidos e de Hamburgo.

A' 12 de Dezembro de 1858 o gabinete de 4 de Maio deixou o poder.

No anno seguinte Souza Franco mereceu a nomeação de Conselheiro de Estado e no exercicio desse elevadissimo cargo sua illustração, e sua sorprendente actividade no trabalho e na expedição rapida de consultas forão tão admiraveis que lhe coube o justo desvanecimento de rivalisar com aquellas juvenis intelligencias laboriosas de 70 e de 80 annos que se chamarão marquez de Olinda e marquez de Sapucahy.

Em 1872 foi agraciado por S. M. o Imperador com o titulo de visconde de Souza Franco: no titulo nobiliario conservou seu nome, que é gloria nacional.

O titulo de visconde veio-lhe depois de novos, importantissimos serviços, que de 1864 a 1865 chegarão a ser heroicos pela abnegação pessoal que elle soube mostrar, como presidente da provincia do Rio de Janeiro.

Filha tambem de seus esforços nos conselhos do partido de que era um dos chefes, começára com pujante vitalidade a nova éra liberal em 1864; no mesmo anno, porém, rompeu, impôz-se e avultou a calamidade da guerra: o despota do Paraguay provocára o Brazil com affrontas selvagens; no seio do Imperio o clangor das trombetas, e o rufar dos tambores soarão bellicosos, e o povo da paz respondeu, bradando—ás armas! e o povo do amor exclamou terrivel:—guerra!...

O gabinete de 31 de Agosto de que era chefe o inclyto pa-

triota e estadista Francisco José Furtado convidou Souza Franco a acceitar a presidencia da provincia do Rio de Janeiro: o lidador indomavel nem pensou no abatimento visivel de suas forças physicas, e em cruel molestia que a outro qualquer teria prostrado no leito: animava-o a flamma do patriotismo: tomou posse do governo provincial.

A sua presidencia no Rio de Janeiro não chegou á durar um anno; nesse curto periodo elle teve de lutar com a mais forte opposição dos conservadores e de reagir com a valentia indomita do seu caracter, e com a dedicação magnanima que votava ao seu partido: em relação a seus actos, como politico, as censuras, e as recriminações violentas dos adversarios forão apenas iguaes ao enthusiasmo com que o sustentarão e applaudirão os liberaes. Fóra desse antagonismo de interesses e até de caprichos de partidos, Souza Franco achou a provincia com as finanças em ruina e arcando com um deficit enorme: em menos de dez mezes o provecto, economico, e zeloso administrador regenerou a situação financeira, extinguio o deficit e elevou o credito provincial.

Mas a guerra ardia: era preciso levantar, organisar, expedir corpos de voluntarios: Souza Franco fez prodigios de actividade e de trabalho: doente, emagrecido, macillento, ainda assim sentado á meza resistia á doze horas e mais de labor diario, apenas interrompido por grandes perdas sanguineas, que chegárão a produzir syncopes: amigos o encontrárão mais de uma vez nesse estado.

— Isso é demais, é suicidio! dizião-lhe.

— Não; respondia elle: é apenas o sacrificio de um cidadão que deve e está prompto a morrer no seu posto de honra.

Em 1865 deixou a presidencia por declaral-a o governo

imperial incompativel com o exercicio de conselheiro de Estado; mas o nome de Souza Franco ficou na provincia do Rio de Janeiro perpetuamente lembrado no registro longo e esplendido de seus relevantes serviços.

De 1865 até ante-vespera de sua morte o visconde de Souza Franco ainda fulgio dez annos, trabalhando infatigavel no conselho de Estado, e batalhando em opposição na tribuna do senado, que chamado Siberia por Antonio Carlos, foi para elle sempre Indostão, como a camara temporaria; mas fiel á religião dos seus principios liberaes em 1871 suspendeu suas hostilidades, e apoiou vigoroso o gabinete conservador do Sr. visconde do Rio Branco no grandioso empenho que deu ao Brazil a lei de 28 de Setembro desse anno; lei de liberdade, raio de luz divina teve por defensor, e por enthusiasta o famoso paladino liberal do parlamento.

Em annos seguintes na questão mal chamada religiosa, na questão já tradicional de soberania dos governos dos Estados e do poder do Papa, ou da curia romana em choques e antagonismos tantas vezes repetidos, o visconde de Souza Franco, livre pensador, foi além da politica do gabinete do Sr. visconde do Rio Branco, e atacou as pretenções da curia romana com exaltado fervor.

Mas avançava a idade do lidador invencivel, o corpo dobrou-se extenuado de forças physicas, a saude arruinada manifestava imminente, ou não tarda a extincção daquella flamma, que ainda em miraculoso resplendor o visconde de Souza Franco radiava. O espirito não tinha idade, era sempre joven; o corpo contava setenta annos que erão quasi cem pela exageração do trabalho, e pela consummissão das molestias. Operou-se o desequilibrio; chegou a morte a 9 de Maio de 1875, e a morte com seu dedo algido

pôz o sello do silencio eterno na bocca do orador legendario.

Bernardo de Souza Franco, deputado, senador, conselheiro de Estado, por duas vezes ministro da corôa, foi grão-cruz da ordem de Christo, dignitario da imperial da Rosa, visconde de Souza Franco, membro do Instituto Historico Brazileiro e de outras sociedades scientificas.

Economista politico e financeiro abalisado, jurisconsulto profundo, administrador provecto, homem de honra, typo de lealdade, inabalavel em suas convicções, no poder como ministro foi o mais legitimo e fiel representante das idéas do seu partido, no conselho de Estado igual aos melhores e mais activos auxiliares do governo, e na direcção e nos conselhos das phalanges liberaes, que acceitarião seu nome como bandeira politica, primou sempre como aconselhador de moderação, de lutas sem tregoas; mas só no campo legal.

A monarchia constitucional tinha no visconde de Souza Franco firme columna.

O partido liberal perdeu nelle mais de que um chefe, o pelejador heroico em lutas titanicas, o homem da dedicação e capaz dos maiores sacrificios, o esforçado e afanoso opposicionista que era o primeiro na frente nos dias da adversidade e nas horas do perigo, o Achilles recolhido á sua tenda depois da victoria, e o amigo certo no meio das tempestades da fortuna humana.

Para o visconde de Souza Franco, a amizade era religião sagrada; o progresso da liberdade a divisa de seu escudo de cavalleiro, a patria o amor ardente de seu coração de brazileiro.

6 DE JUNHO

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

A' 6 de Junho de 1729 nasceu Claudio Manoel da Costa na antiga villa do Carmo, depois cidade de Mariana, provincia de Minas Geraes, sendo oriundo de familia de sertanejos paulistas.

Fez seus estudos de humanidades no collegio dos jesuitas da cidade do Rio de Janeiro: aos desessete annos foi para Portugal, e na universidade de Coimbra seguio o curso de direito e tomou o gráo de bacharel formado.

Além dos livros da sciencia, que estudava, Claudio Manoel da Costa lia com ardor os de philosophia e de litteratura e cultivava inspiradamente a poesia. Logo que se formou, deu ao prelo em Coimbra em 1751 uma relação de suas primeiras composições poe-

ticas, e depois, obedecendo á anhelos de enthusiasta da litteratura italiana, partio para Italia, percorreu-a quasi toda, entrou para a Academia dos Arcades de Roma, tomando o nome de Glauceste Saturnio, e tanto se aperfeiçoou na lingoa do Dante e do Tasso, que escreveu nella muitos sonetos e cantatas.

De volta á Portugal, pouco se demorou em Lisboa : tudo induz á crer que paixão amorosa infeliz profundamente o desgostára : nem a Arcadia portugueza, á que pertencia, nem os amigos e os poetas contemporaneos o puderão reter. Claudio Manoel da Costa tornou para o Brazil em 1765, e estabeleceu-se em Villa Rica, depois cidade do Ouro Preto, capital de Minas-Geraes, com escriptorio de advocacia, ganhando em breve numerosa clientella, e grande reputação.

No entanto escrevia sempre : commentou o *Tratado da origem das riquezas das nações* de Adão Smith, sendo o primeiro que na lingoa portugueza escreveu sobre a nascente sciencia economico-politica. Sahirão de sua penna memorias ácerca da litteratura antiga e moderna, e copia de poesias de elevado primor.

Gosava de tanto credito pelo seu saber e pela sua probidade, e tão extensa influencia tinha na capitania, que os governadores o consultavão muitas vezes, e em 1780 o novo governador D. Rodrigo José de Menezes o chamou para segundo secretario de estado, cargo que Claudio Manoel da Costa deixou, quando D. Rodrigo entregou o governo ao seu successor Luiz da Cunha e Menezes em 1783.

A época era calamitosa : diminuira muito a extracção do ouro, e o imposto de capitação se tornára onerosis-

simo, e ainda mais indo-se atrasando os pagamentos annuaes.

Claudio Manoel da Costa conhecia bem a gravidade do mal e os perigos que a exigente avidez da metropole criava.

Aggravando-se esta situação, servio o desgosto geral dos mineiros de auxiliar á aspirações patrioticas de independencia, e de liberdade que inflammavão os espiritos mais esclarecidos da capitania : urdio-se a famosa e infeliz conjuração mineira, da qual foi leviano agente e depois o martyr principal o chamado — Tiradentes :— Claudio Manoel da Costa tomou parte nella com os illustres poetas Gonzaga, e Alvarenga Peixoto, e com outros varões notaveis ; mas denunciada a trama revolucionaria, forão presos todos os chefes e principaes cumplices conjurados.

Claudio Manoel da Costa, já sexagenario, e prostrado no leito por forte ataque rheumatismal foi arrancado de caza por soldados que o levárão para a cadeia de Villa Rica.

O nobre velho á soffrer horriveis dôres, privado dos commodos domesticos, á experimentar privações de tratamento medico, vendo-se na prisão de mistura com assassinos e salteadores, e atterrado pela devassa iniciada em Minas e pélos interrogatorios á que teve de responder, acobardou-se, e sem duvida em hora sinistra de accesso de demencia, suicidou-se cerrando o pescoço com uma liga alguns dias depois de o arrastarem á cadeia em 1789.

E nem por isso escapou ao tremendo accordão de 18 de Abril de 1792, que sobre elle concluio assim :

« Ao réo Claudio Manoel da Costa, pois que se matou

« no carcere, declarão infame a sua memoria, e in-
« fames seus filhos e netos, e seus bens por confiscados
« para o fisco e Camara Real. »

Claudio Manoel da Costa é sem a menor contestação um dos maiores e mais illustres poetas da America, e tem lugar de honra entre os grandes e estimados do mundo.

No *soneto*, o poema trivialissimo; mas tão raro de perfeita execução, elle foi emulo de Bocage, de Petrarca, e dos melhores poetas castelhanos; nas cantatas igualou aos mestres mais abalisados: em suas eglogas suaves e ricas de descripções vivas e admiraveis veem-lhe defeito no defeito quasi geral, na imitação da poesia latina, de que nem escapou Camões no immenso monumento que se chama *Luziadas*: nas odes o vate brazileiro eleva-se grandioso: em suas lyras ou cantatas lyricas é de enlevo indizivel, de encanto que não foi excedido; porque além da musica que enfeitiça pelo metro, ha a idéa, as imagens, e emfim o sentimento que arrebatão e commovem.

As composições poeticas de Claudio Manoel da Costa achegão-se mais á escola italiana do que á portugueza; elle porém escrevia no tempo em que Metastasio inspirava tambem tantas lyras á Gonzaga, e achava em Portugal tantos outros admiradores.

O Brazil porém não deixou de merecer ao seu illustre filho bellissimas poesias de côr e natureza local, e de originalidade invejavel.

Grandes poetas, authorisados criticos portuguezes, e estrangeiros exaltão o merecimento de Claudio Manoel

da Costa, e a Academia real de sciencias de Lisboa recommendou-o como classico.

Na galeria dos varões illustres do Brazil Claudio Manoel da Costa avulta como notavel homem de sciencia juridica e social, como patriota martyr, e como poeta, á quem no mundo civilisado poucos tem excedido, e não muitos tem igualado.

7 DE JUNHO

PEDRO DE ARAUJO LIMA

MARQUEZ DE OLINDA

No lugar denominado Antas, na provincia de Pernambuco nasceu á 22 de Dezembro de 1793 Pedro de Araujo Lima, filho legitimo de Manoel de Araujo Lima e de D. Anna Teixeira Cavalcanti.

Começou os seus estudos de humanidades em Olinda, e em 1813 seguio para Coimbra, onde os completou e na Universidade tomou o gráo de doutor em canones.

Voltando á patria em 1819 foi no mesmo anno nomeado ouvidor da comarca de Paracatú na provincia de Minas Geraes; não tendo porém ido tomar posse do lugar até 1821, teve de voltar á Lisboa, como um dos deputados da constituinte portugueza eleitos por Pernambuco.

Naquella assembléa Araujo Lima defendeu com vigor os direitos do Brazil; mas desde esse tempo distinguindo-se pela moderação e pelo respeito e obediencia ao poder legal, assignou como outros illustres deputados brazileiros a constituição portugueza, não acompanhando aquelles que mais melindrosos e ardentes em seu patriotismo negarão-se á fazêl-o, ou se retirárão da constituinte e de Portugal.

Em Fevereiro de 1823 embarcou em um navio inglez que o levou á Inglaterra, donde voltou para o Brazil, e chegando ao Rio de Janeiro á 30 de Abril do mesmo anno, achou-se eleito pela sua provincia deputado á constituinte do imperio do Brazil.

Na constituinte brazileira foi contado entre os oradores mais esperançosos e habeis, e tão moderado em suas idéas politicas, e tão governamental se manifestou, que, dissolvida a constituinte á 12 de Novembro de 1823, foi elle chamado ao ministerio com a pasta dos negocios estrangeiros.

A dissolução o desgostára muito; seu respeito ao imperador o levou á aceitar a pasta; mas tão contrariado, e tão convencido de que não devia ser ministro em taes circumstancias, que no fim de tres dias pedio e obteve sua demissão.

Fez então uma viagem á França e á Italia, e ausente da patria foi pela sua provincia eleito deputado na primeira legislatura e em 1827 tomou assento na camara, occupou a cadeira da presidencia, á 2 de Novembro aceitou a pasta de ministro do imperio, deixando-a á 15 de Junho de 1828.

Reeleito deputado na segunda e terceira legislatura, foi de novo presidente da camara em 1829, vice-presidente por vezes e outra vez presidente em 1837.

Em 1832 entrou para o ministerio chamado dos qua-

renta dias, que se organisou depois de frustrar-se o golpe de estado de 30 de Julho.

A 5 de Setembro de 1837 o regente Feijó o escolheu para senador em lista triplice offerecida pela provincia de Pernambuco, e á 18 do mesmo mez, decidindo-se á resignar a regencia, chamou Pedro de Araujo Lima á tomar a pasta do imperio, com a qual ficaria elle sendo regente interino.

Pedro de Araujo Lima aceitando assim a regencia do imperio, confiou o governo á politica conservadora, ou do regresso, como se dizia então, pondo á 19 de Setembro fim á situação liberal, que começára á 7 de Abril de 1831.

A 22 de Abril de 1838 Araujo Lima foi eleito regente do imperio em nome do Imperador, cessando desde esse dia a interinidade.

Durante a sua regencia foi suffocada uma revolta republicana na Bahia; e outra no Maranhão que tomára caracter selvagem; e de todo extranho á politica foi igualmente vencida e debellada, restando apenas bandos fugitivos e acoutados no interior á causar ainda apprehenções, que a amnistia concedida pelo Imperador, proclamado em maioridade, dissipou completamente. A rebelião do Rio-Grande do Sul não foi abatida, e pelo contrario tomou grandes proporções; mas o governo do regente não poupou meios, nem sacrificios para combatêl-a.

Em quasi tres annos de regencia Araujo Lima, sustentando e mantendo no governo a politica conservadora, resistio á apposição liberal em tres campanhas parlamentares das mais brilhantes, de que se póde ufanar o Brazil.

Em 1840 o partido liberal hasteou no parlamento e na imprensa a bandeira da maioridade do Imperador, que

aliás ainda não tinha a idade marcada pela constituição para assumir seu poder magestatico.

A opinião geral applaudio e abraçou a idéa; mas os chefes conservadores levárão o regente á sustental-os em opposição á causa da maioridade.

A 22 de Julho imprudente decreto adiou as sessões do corpo legislativo: a reacção pronunciou-se: Pedro de Araujo Lima cahio da regencia: o Sr. D. Pedro II foi proclamado *maior*.

O ex-regente foi occupar sua cadeira no senado.

Em 1841, por occasião da solemnidade da coroação do Imperador, Pedro de Araujo Lima foi agraciado com o titulo de visconde de Olinda com grandeza.

A' 5 de Fevereiro de 1842 foi o visconde de Olinda nomeado membro ordinario do novo conselho de Estado do imperio.

A' 29 de Setembro de 1848 subio ao governo com a politica conservadora, sendo presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros até 6 de Outubro do anno seguinte.

Em 1864 o Imperador o elevou de visconde á marquez de Olinda.

Modificando suas idéas conservadoras, e repellindo a exageração politica do seu partido, começou á distanciar-se delle, e em crise parlamentar em 1857, chamado pela corôa, foi organisador e chefe do gabinete de 4 de Maio, que teve entre os seus membros Souza Franco, um dos chefes liberaes e Jeronymo Francisco Coelho, outro assignalado liberal.

Esse ministerio resistio quasi dous annos á opposição conservadora.

Em 1862, em consequencia de outra crise parlamentar, o marquez de Olinda foi o organisador de outro gabinete, o de 30 de Maio, á que chamárão *gabinete dos velhos*; porque velhos erão quasi todos os seus membros.

A' esse tempo fracção illustrada e prestigiosa do partido conservador, deste se separára, alliando-se por communhão de idéas combinadas e assentes em programma ao partido liberal.

O marquez de Olinda animou essa combinação politica, e preparou o seu triumpho politico. Sobreveio a questão *Christie*, o insultuoso, violento, e desatinado abuso da prepotencia ingleza: o gabinete Olinda extremou-se na defeza da honra nacional, e em 1863 recebido no parlamento hostilmente pelos conservadores, dissolveu a camara, e creando a nova situação, que se denominou *progressista*, e ainda por outros *liberal*, entregou-lhe o governo em Janeiro de 1864 em face da nova camara temporaria.

Não estavão ainda então bem apertados os laços de alliança dos antigos e novos liberaes: em 1865 a queda do gabinete Furtado determinada por uma votação da camara manifestou no parlamento dissidencias no partido dominante: burlarão-se algumas tentativas de organisação ministerial, e á 12 de Maio é ainda o marquez de Olinda, quem se apresenta á frente do novo gabinete.

A guerra do Paraguay estava declarada: era a guerra da desaffronta nacional. O gabinete Furtado tivera a gloria de chamar ás armas os *voluntarios da patria*, e os batalhões de voluntarios surgião enthusiasmados ao mesmo tempo que a marinha de guerra de improviso regenerava navios condemnados por velhos e arruinados, e construia no

arsenal da côrte os primeiros encouraçados: o gabinete Olinda proseguio com ardôr no mesmo empenho patriotico.

Forte columna do exercito paraguayo invadio a provincia do Rio-Grande de S. Pedro do Sul.

O Brazil rugio.

E á 5 de Junho de 1865 o marquez de Olinda annunciou ás camaras a immediata partida do Imperador o senhor D. Pedro II para a provincia invadida pelo inimigo.

A columna paraguaya commandada por Estigarribia rendeu-se toda prisioneira em Uruguayana á 18 de Setembro de 1865.

O gabinete Olinda deixou o poder á 2 de Agosto de 1866: soffrêra energica opposição dos liberaes chamados então *historicos* em relação á politica interna; mas relativamente á guerra, prestou serviços relevantes e a opposição (não só a liberal historica, como a conservadora) jámais procurou embaraça-lo nesse campo que era o de todos, sendo o da honra e da gloria nacional.

O marquez de Olinda incansavel e extraordinariamente assiduo no trabalho, enfraquecido pela idade, abatido por molestias; mas conservando vigorosa, sã, admiravel intelligencia, vio subir ao governo em Julho de 1868 o partido conservador; em 1869 ainda occupou a tribuna do senado, pronunciando-se em opposição; no anno seguinte ainda até os primeiros dias de Junho de 1870 se mostrou em sua cadeira da camara vitalicia; mas á 7 desse mez pelas quatro horas da madrugada expirou victima de congestão cerebral aos setenta e sete annos incompletos de idade.

Em sua vida póde-se ler grande parte da historia da patria durante quasi meio seculo.

Oito vezes ministro, regente do imperio perto de tres

annos, conselheiro de Estado por mais de vinte e sete annos, o marquez de Olinda devia ser pela sua prodigiosa memoria livro preciosissimo da historia politica e administrativa do imperio.

Nas camaras foi orador substancioso e doutrinario.

No governo influia prodominantemente pelo seu saber, pela sua pratica da administração, e pelo conhecimento que soubera recolher dos homens e das cousas de seu paiz.

No conselho de Estado foi até os ultimos dias de sua vida um dos mais illustrados, e dos mais activos trabalhadores conselheiros.

Na politica nasceu e morreu conservador, e nem podia ser de outro modo. E' certo que desde 1856 começou á distanciar-se do partido dessa denominação, e tornou-se em seguida notavel influencia animadora do movimento e combinação de idéas e de estadistas que criárão em 1863 a situação progressista; mas no fundo, em seus principios, e em seus actos, o marquez de Olinda ligou-se aos liberaes; sendo porém *liberal-conservador*.

Nunca podia ser, e nunca foi verdadeiro chefe de partido, embora fosse predominante influencia em algumas situações politicas.

Do principio ao fim da sua esclarecida e elevada vida politica o marquez de Olinda symbolisou *o respeito e obediencia no poder legal* do governo.

Nas camaras, notavelmente no Senado fez por vezes opposição á ministerios; mas sempre opposição governamental: na mais energica, em opposição com o partido conservador em 1848, resalvando o traço principal e accentuadissimo de seu caracter politico, aquelle res-

peito e aquella obediencia á acção do poder legal e superior, e como desculpando-se da hostilidade forte e intransigente ao ministerio liberal, o marquez de Olinda, repetindo as palavras com que Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira respondêrão á intimação para deixar as armas, exclamou commovido no senado: « E' preciso resistir ao rei para melhor servir ao proprio rei ! »

Grande homem do seu seculo no Brazil, estadista que influio consideravelmente nos destinos de sua patria, o marquez de Olinda incorreu sem duvida em erros: mas deixou memoria esplendida de probidade, e de costumes puros.

Primeiro os liberaes, depois os conservadores aggredirão ardentes, as vezes violentos o marquez de Olinda na politica ; nenhum delles porém jámais pensou em pôr em duvida a sua preclara honradez.

O marquez de Olinda foi official da Imperial Ordem do Cruzeiro, grão-cruz das de Christo no Brazil, de S. Estevão da Hungria, Legião de Honra de França, Nossa Senhora de Guadelupes do Mexico, S. Mauricio e S. Lazaro de Sardenha, e Medjedié da Turquia.

Membro de diversas sociedades scientificas e litterarias, foi socio fundador e depois honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

8 DE JUNHO

BRAZ CUBAS

Havia apenas tres annos que Martin Affonso de Souza deixára fundadas as colonias de S. Vicente no porto deste nome, e de Piratininga no interior da actual provincia de S. Paulo, e apenas dous que lhe fôra passado o foral, confirmando-lhe a doação da capitania que então e por muito tempo se chamou de S. Vicente.

Nomeado capitão-mór do mar da India, e achando-se no desempenho de tão importante encargo longe de Portugal, Martin Affonso tinha em Lisboa por procuradora sua esposa D. Anna Pimentel e esta em Setembro de 1536 concedeu á Braz Cubas as terras de Girybatiba na capitania de S. Vicente.

Estabelecido nas terras já de sua propriedade e explorando com grande proveito a agricultura, Braz Cubas ou

porque desejasse evitar a viagem á villa de S. Vicente, ou porque logo reconhecesse as condições muito mais vantajosas do porto que se abria do outro lado da ilha de S. Vicente, que muito mais proximo ficava da sua fazenda, determinou criar naquelle ponto uma nova povoação: comprou á um dos dous primeiros moradores daquelle lugar a parte que comprehendia o outeirinho chamado de Santa Catharina, ainda todo em mata virgem, destruio este, e deu principio á construcção de cazas.

A acertada escolha do sitio attrahio para elle colonos do rio da Bertinga, e da ilha de Santo Amaro, e os navegantes começárão tambem á preferir aquelle porto ao surgidouro do outro lado da ilha.

A povoação teve por alguns annos a simples denominação de *Porto*, e foi crescendo animadamente.

Em 1543 o capitão Braz Cubas muito dedicado á povoação que fundára, criou nella o primeiro hospital ou Caza de Mizericordia que teve o Brazil, e deu-lhe o nome de *Hospital de Santos*, em lembrança do que havia em Lisboa tambem assim chamado.

A denominação do hospital comprehendeu quasi logo a povoação que se chamou *Porto de Santos*, e mais tarde simplesmente villa e cidade de Santos.

Em 1545 Braz Cubas foi por D. Anna Pimentel nomeado capitão-mór da capitania de S. Vicente, como lugar-tenente de Martin Affonso de Souza, e tomando pósse desse cargo á 8 *de Junho*, apressou-se á elevar o *Porto de Santos* á cathegoria de villa, o que realisou ou no mesmo anno ou de 1 á 3 de Janeiro do seguinte, sendo o foral dado á villa de Santos approvado pelo governador geral do Brazil, Thomé de Souza, á 8 de Fevereiro de 1552.

O capitão Braz Cubas continuou á prestar serviços importantes, exerceu os mais mais elevados cargos da capitania, foi provedor da fazenda real, e um dos patriarchas daquella grande e famosa colonia de S. Paulo.

A 31 de Agosto de 1557 assignou na sua muito amada villa de Santos escriptura de doação aos religiosos de Nossa Senhora do Carmo de terra que possuia junto á capella de Nossa Senhora da Graça, para edificarem o seu convento, como elles pretendião fazer.

Braz Cubas falleceu em 1592, tendo perto de cem annos: foi sepultado na capella mór da matriz da villa de Santos: a lapida que cobrio sua sepultura perpetuou este epitaphio: *Sepultura de Bras Cubas Cavalleiro Fidalgo da caza d'El-Rei. Fundou e fez esta villa sendo capitão, e caza de Misericordia anno de* 1543 *discobrio ouro e metaes anno de* 60 *fez Fortaleza por mandado d'El-Rei D. João III. Falleceu no anno de* 1592 *d.*

Nascido em Portugal, foi todo do Brazil desde sua mocidade, perto de sessenta annos de labor, de serviços, e de dedicação deu á este paiz e foi o tronco de nobre familia paulistana.

Além do mais não é possivel esquecer em Braz Cubas o fundador da povoação e da villa, depois cidade de Santos, berço glorioso dos Gusmão e dos Andradas, e rico emporio commercial da opulenta e grandiosa provincia de S. Paulo.

9 DE JUNHO

JOSÉ DE ANCHIETA

Celebre jesuita, missionario exemplar, José de Anchieta nasceu na ilha de Tenerife em 1533: seus paes nobres e ricos o mandárão seguir os estudos da universidade de Coimbra, e aos dezeseis annos entrou elle como irmão no collegio dos jesuitas já fundado nessa cidade, distinguio-se por seus actos de penitencia, e pela mais severa applicação aos livros; adoeceu e depois de tres annos de soffrimentos, foi mandado para Lisboa afim de exprimentar mudança de clima, e logo depois em 1553 acompanhou o governador geral do Brazil Duarte da Costa entre os jesuitas que então viérão para esta colonia de Portugal.

O clima da Bahia, onde chegou á 13 de Julho daquelle mesmo anno, restituio-lhe, como de improviso, a saude.

José de Anchieta abre immediatamente a primeira aula de latim, que houve no Brazil, nella ensina aos filhos dos colonos e á alguns cathecumenos, e ao mesmo tempo aprende a lingua—*tupy*—que em breve fallou, e da qual mais tarde compoz uma grammatica, e escreveu um vocabulario. No fim desse mesmo anno é mandado para S. Vicente, onde estava o padre Nobrega, já provincial; escapa á horrivel tempestade, chega ao seu destino, partilha os trabalhos de Nobrega na catechese, e em Piratininga (ou antes perto dessa villa) onde se levantava novo collegio de jesuitas, ensina latim, como principiára á fazer na Bahia; suas lições são ás vezes dadas á sombra de arvores, compõe cantigas em lingua tupy, nas quaes ensina preceitos religiosos, e os cathecumenos cantão-nas passeando á noite dirigidos por elle; compõe *autos*, pequenos e rudissimos dramas ou comedias de effeito consideravel em representações sem duvida intoleraveis hoje.

Rebenta a famosa conjuração dos tamoyos, que ameaça o dominio portuguez no sul do Brazil: os selvagens atacão S. Paulo e são rechaçados depois de terrivel peleja; mas ainda altivos, seus chefes se reunem em *Iperoyg* á vinte e seis legoas ao norte de S. Vicente.

Nobrega e Anchieta ouzão apresentar-se em *Iperoyg* no empenho de conseguir a paz: chegão á 4 de Maio de 1563; mas os *tamoyos* rugem sequiosos de vingança da sua derrota em S. Paulo: a magia de Anchieta os abranda; elles porém exigem a entrega de seus irmãos prisioneiros: Nobrega parte para S. Vicente afim de promover a satisfação da exigencia: Anchieta fica em *Iperoyg* como refem.

Não receia que o matem: seu nome é seu escudo: Anchieta é prestigioso entre os indios; mas exposto aos costu-

mes selvagens, á impudicicia innocente, que era como honra devida ao hospede, elle fez voto á Virgem Mãe Immaculada de escrever em seu louvor um poema, se se conservasse intacta sua pureza : conservou-a : Nobrega voltou, fez-se a paz, e elle compoz não um verdadeiro poema ; cantos porém, serie de hymnos que constárão de quatro mil cento e setenta e dous versos latinos. De Iperoyg elle sahira no meio das mais ferventes demonstrações da amizade dos indios.

Em 1565 Anchieta acompanha Estacio de Sá na expedição contra os francezes occupadores do Rio de Janeiro, e presta os maiores serviços, como interprete dos indios auxiliares tomados em S. Vicente e no Espirito-Santo, e como corajoso animador dos combatentes nas mais rudes pelejas.

No fim do anno de 1566 chamado á Bahia para tomar ordens sacras, é elle quem informa ao governador geral Mem de Sá da situação apertada quasi afflictiva de Estacio de Sá, e quem o accelera á partir em seu soccorro logo depois, acompanhando-o tambem nessa grande e feliz empreza, que terminou com a fundação da cidade do Rio de Janeiro, e capitania administrativa do mesmo nome.

A vida do padre José de Anchieta continuou trabalhosa, dedicada, apostolica até quasi o fim do seculo decimo sexto.

Nas capitanias de S. Vicente, do Rio de Janeiro, do Espirito-Santo a historia de seus triumphos de missionario, de sua influencia religiosa e civilisadora, de seu apostolado emfim corre bella e admiravel como a lenda de um santo.

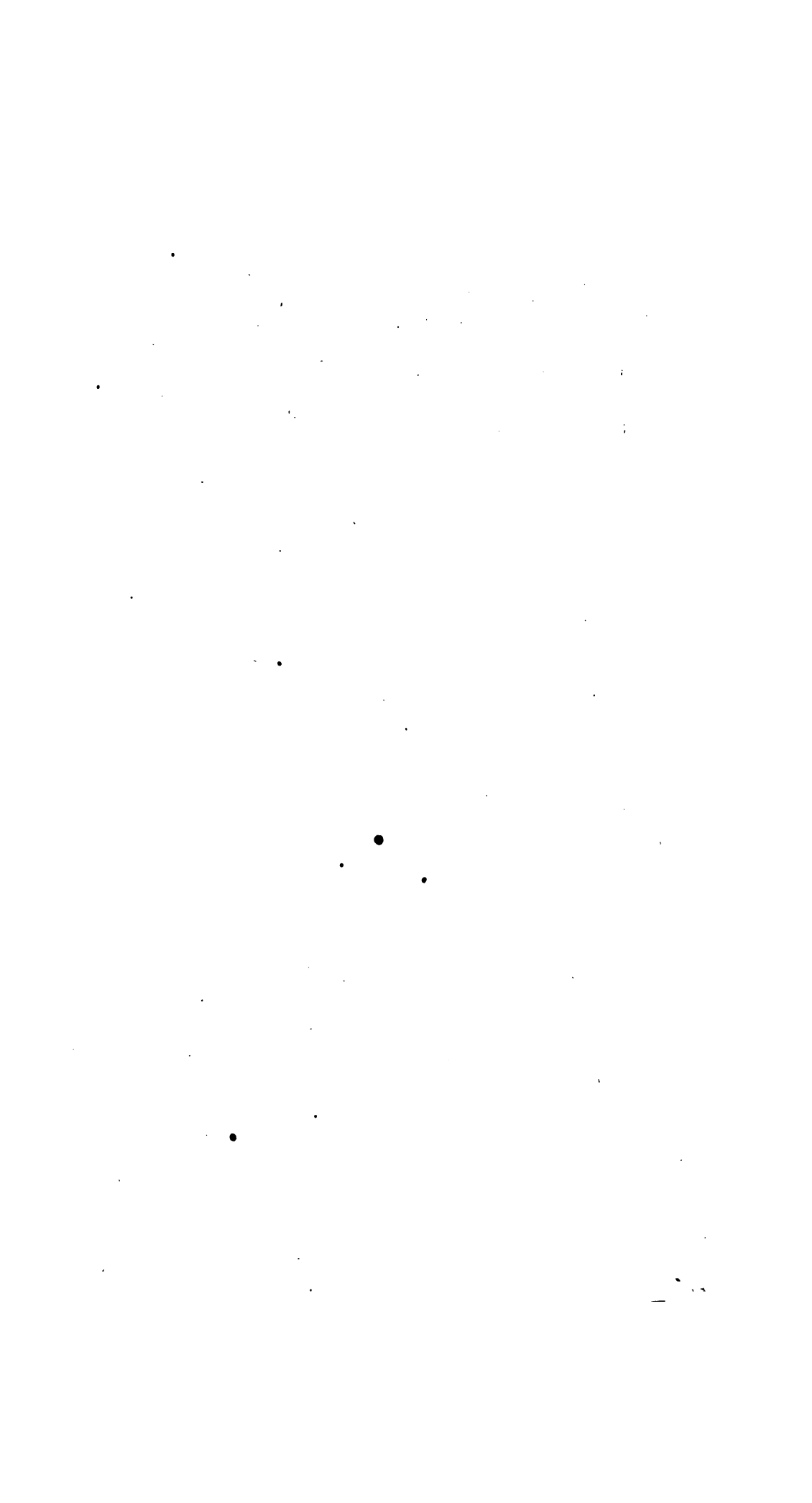
Do seio das florestas trouxe, ás vezes elle só, innumeros selvagens, de quem lavou o passado nas agoas do baptismo, e deu o futuro nos primeiros elementos da civilisação,

Provincial dos jesuitas durante sete annos, cargo que por doente e abatido renunciou em 1585, estava no collegio do Rio de Janeiro, quando ao porto da cidade chegou cheia de doentes a esquadra hespanhola commandada por Diogo Flores Valdez em 1583, e foi elle, foi o padre José de Anchieta que para receber e tratar os prostrados navegantes, fundou o abençoado hospital, modesto berço da grandiosa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, que deve ufanar-se de tão glorioso e apostolico pae.

Quarenta e quatro annos floresceu José de Anchieta no Brazil, dos quaes boa parte soube aproveitar catechisando os selvagens: em suas relações com estes observou e reconheceu a efficacia de muitos vegetaes empregados no curativo de diversas molestias, e ajuntando á isso o fructo de muita experiencia e de estudo particular, exercia ao mesmo tempo nas povoações do interior que visitava, o seu ministerio de missionario, e as funcções de medico e de enfermeiro animado pela caridade, que assim o fazia supprir a falta de homens da sciencia e de pessoas entendidas em tratamento de doentes.

Virtuosissimo, dedicado sem limites ao bem da humanidade, protector desvelado dos indios, verdadeiro ministro da fé, José de Anchieta foi um dos jesuitas do seculo decimo sexto, á quem mais deve o Brazil: viveu sempre tão santamente, quanto é licito aos homens julgal-o pelas suas acções e proceder.

A 9 de Junho de 1597 falleceu o padre José de Anchieta na aldêa de *Beritigbá*, na capitania do Espirito-Santo: seu cadaver foi conduzido e acompanhado por todos os indios daquella reducção e por centenas de habitantes, que fizerão á pé em dous dias quatorze legoas de caminho até a cidade

da Victoria, onde se conservárão seu despojos mortaes, até que depois de alguns annos, forão trasladados para o jazigo que junto do altar mór da igreja do collegio da Bahia lhes destinou o geral da companhia, scientificado das grandes obras e maravilhas que se referião da vida desse homem admiravel e exemplar.

10 DE JUNHO

MANOEL DA FONSECA LIMA E SILVA

BARÃO DE SURUHY

Manoel da Fonseca Lima e Silva filho legitimo do marechal de campo José Joaquim de Lima e Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro á 10 de Junho de 1793.

Assentou voluntariamente praça de cadete no 1° regimente de infanteria de linha do Rio de Janeiro á 25 de Novembro de 1805 e foi promovido á alferes á 13 de Maio de 1808.

Em 1811 matriculou-se no primeiro anno da Academia Real Militar da côrte do Rio de Janeiro, e tanto nesse, como no quinto anno, com o qual completou o curso de sua arma foi approvado plenamente.

Já promovido á capitão fez passagem para o batalhão de caçadores da côrte e com elle marchou na divisão expedicionaria commandada pelo general Luiz do Rego contra a revolta republicana de Pernambuco em 1817.

Teve por seus serviços até essa data o habito de cavalleiro da Ordem de Christo, e no fim desse mesmo anno foi promovido á major.

Organisado em Janeiro de 1823 o batalhão do imperador passou para elle, seguindo para a Bahia, fez alli a campanha da independencia, e commandando o batalhão, e depois a 1ª brigada, distinguio-se muito por sua pericia e bravura nos principaes ataques e combates até o dia 2 de Julho, em que as tropas lusitanas embarcárão para Portugal.

A 20 de Novembro de 1823 foi nomeado Moço da Imperial Camara e á 17 de Fevereiro do anno seguinte official da Ordem Imperial do Cruzeiro, sendo tambem promovido á tenente-coronel.

Servio ainda em Pernambuco, e em 1825 partio com o seu batalhão para a praça de Montevidéo. A revolta Cisplatina foi seguida quasi logo pela guerra Argentina. Manoel da Fonseca apenas entrou em combates parciaes; nesses porém assignalou-se pela sua intrepidez. Celebrada a paz voltou para o Rio de Janeiro em 1828, no posto de coronel graduado, e tendo sido dous annos antes elevado na Imperial Camara á guarda roupa honorario.

Em 1829 teve o habito da Ordem da Rosa, e a effectividade de coronel, e no anno seguinte a nomeação de veador de S. M. a Imperatriz.

A 6 de Abril de 1831 o coronel Manoel da Fonseca Lima, cujas idéas liberaes erão conhecidas, tomou parte no

pronunciamento do Campo de Sant'Anna, e tendo D. Pedro I abdicado a corôa, prestou todo o seu apoio ao governo, e ao partido liberal moderado.

A 16 de Julho de 1831 subio ao ministerio com a pasta da guerra, deixando o poder á 3 de Agosto de 1832 depois de baldar-se o golpe de Estado de 30 de Julho.

A 14 de Outubro de 1835 foi de novo ministro da guerra e interinamente da marinha, sendo exonerado desta pasta em Fevereiro e tambem da outra á 1 de Novembro de 1836, passando á ministro do imperio, obtendo á pedido a sua demissão á 24 de Abril de 1837, e recebendo do regente louvores pelos bons serviços que prestára.

Membro da assembléa provincial do Rio de Janeiro, em 1837, a mesma assembléa incluio o seu nome na lista dos vice-presidentes da provincia.

Em 1841 por occasião do acto solemne da sagração e coroação do imperador o Sr. D. Pedro II teve o titulo de conselho pelos serviços que durante a menoridade soubera prestar.

A 9 de Maio de 1844 foi nomeado presidente da provincia de S. Paulo, cargo em que se conservou até 30 de Outubro de 1847.

Tendo-se procedido nessa provincia a eleição para um senador, Manoel da Fonseca Lima vio o seu nome incluido na lista triplice.

Tão exigido e atarefado assim pela politica desde 1831, nem por isso foi menos poupada sua capacidade militar.

A 15 de Setembro de 1832 coube-lhe ser commandante das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro.

No anno seguinte entrou na commissão creada para organisar o projecto de ordenança geral do exercito.

Em 1840 fez parte da commissão encarregada de organisar as disposições penaes daquelle mesmo projecto.

Em 1841 teve ordem para dar parecer sobre a rebelião do Rio-Grande de S. Pedro do Sul, ajuizando das operações militares nessa provincia, respondendo aos diversos quesitos feitos pelo ministerio da guerra, o que elle satisfez no fim de quinze dias.

A 17 de Maio do mesmo anno recebeu o encargo de rever e mandar imprimir o terceiro volume da legislação militar do marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos.

Em 1843 foi nomeado membro da commissão encarregada de estabelecer o systema geral de manejo das differentes armas do exercito, manobras e evoluções militares.

Ainda outras tarefas semelhantes lhe forão incumbidas e pelo seu desempenho foi sempre louvado em avisos dos ministros da guerra.

Brigadeiro em 1837; á 4 de Setembro do mesmo anno vogal do conselho supremo militar; em 1842 secretario de guerra interino do mesmo conselho supremo, passando á effectividade em 1844 e promovido á marechal de campo graduado, sendo effectivo em 1846; em 1848 commandante superior da guarda nacional do municipio da côrte; em 1850 inspector dos corpos de guarnição da côrte; em 1851, tendo tido a guarda nacional nova organisação, nomeado outra vez commandante superior; no mesmo anno promovido á tenente general; em 1852 conselheiro de guerra e exonerado do lugar de secretario do conselho supremo; em 1857 ajudante general do exercito; em 1860 director geral da segunda directoria da secretaria d'estado dos negocios da guerra; o illustre militar foi á pedido seu no

mesmo anno exonerado do cargo de ajudante general do exercito.

Tantos serviços não passárão sem o brilho das honras e grandezas da terra.

Além das outras condecorações que já tinha, Manoel da Fonseca recebeu a 14 de Março de 1846 a grão-cruz da Ordem de S. Bento de Aviz e á 2 de Dezembro de 1854 o titulo de barão de Suruhy com grandeza.

Zeloso no desempenho de todos os cargos e de todas as commissões, o barão de Suruhy especialmente no commando superior da guarda nacional do municipio da côrte servio com dedicações patriotica, e com verdadeiro amor á essa milicia civica.

Além de seus grandes serviços militares, administrativos e politicos o barão de Suruhy legou á patria nome honradissimo.

Falleceu na cidade do Rio de Janeiro em 1862.

11 DE JUNHO

JOÃO GUILHERME GREENHALGH

Vinte annos de idade e apenas guarda-marinha Greenhalgh tem toda a historia resumida em algumas horas horriveis de um só dia, do dia de sua morte.

Mas nessas horas que magnifica revelação de heróe enexcedivel!...

Filho legitimo de Guilherme Greenhalgh e de D. Agostinha Fróes, João Guilherme Greenhalgh nasceu no Rio de Janeiro.

Com decidida vocação para a carreira que adoptou, depois de completar distinctamente os seus estudos de preparatorios, seguio, como aspirante o curso da escola de marinha sempre com applicação reconhecida; terminou-o e recebeu o posto de *guarda-marinha* no momento em que a

audaciosa affronta de um despota selvagem impoz ao Brazil a guerra do Paraguay.

Greenhalgh sauda com enthusiasmo sua partida para a esquadra.

Um amigo ao abraça-lo em despedida, diz-lhe franca ou inconvenientemente :

— Adeus, Greenhalgh !... tu partes para o campo da morte !...

— Não; respondeu elle: eu parto para o campo da gloria!...

O bello guarda-marinha, joven de esbelta figura; mas sem indicação de robustez physica ; de rosto bonito e sympathico, de espaçosa e magnifica fronte, de olhar incisivo e penetrante, e á ostentar sua joventude apenas no ligeiro bigode ou buço virgem que coroava seu labio superior, foi recebido na esquadra, como faceiro e elegante adolescente mais capaz de brilhar nos doces enleios e nas suaves conquistas de um saráo, do que nas provas rigidas e tremendas dos combates.

Greenhalgh tomou seu posto na guarnição da canhoneira *Parnahyba*, a famosissima logo depois.

Porque logo depois ferio-se a espantosa e lugubre batalha de Riachuelo.

Com superioridade de força maritima ainda muito augmentada por baterias que de subito se desmascarárão na alta barranca do rio, a esquadra paraguaya ameaçava destruir a brazileira.

Ao começar do combate o *Jequitinhonha*, um dos melhores navios encalhára, e ficára sendo sepultura de martyres.

A *Parnahyba* investida e harpoada por quatro vapores paraguayos era theatro do horror da abordagem, e seu tombadilho se abysmava em sangue.

A guarnição da *Parnahyba* batia-se estupendamente contra as numerosas forças que os quatro vapores inimigos em furiosa abordagem despejavão nella.

O numero esmagava a bravura: os combatentes pisavão sobre cadaveres.

No meio desse horror, desse inferno de sangue e de morte o faceiro e elegante Greenhalgh batia-se como furente leão.

A resistencia tocava ao desespero.

No fervor da peleja desigual, desesperadamente desigual, na maior furia do inimigo quasi victorioso, um official paraguayo consegue ir arriando a bandeira brazileira da *Parnahyba*...

Greenhalgh, o gentil guarda-marinha faceiro vê a profanação, arroja-se como enraivado tigre, arranca das mãos do sacrilego, e abraça o symbolo da patria.

— Larga esse trapo! bradou-lhe o selvagem inimigo, levantando a espada para ferir o heróe.

Mas Greenhalgh desfecha-lhe um tiro e o prostra morto á seus pés.

E quasi logo tambem cahe morto á bala de fuzil e á golpes de machado da multidão de inimigos, ao meio das quaes se arrojára denodado.

Cahio porém e morreu abraçado com a bandeira auri-verde de sua patria.

Logo depois o beque famoso da fragata *Amazonas* despedaçava e mettia á pique os audazes vapores paraguayos.

No meio de sua inundação de sangue a *Parnahyba* soltou o grito de victoria.

E das alturas do céo Greenhalgh desceu redivivo para saudar o explendissimo triumpho do Brazil nessa batalha em que fôra heróe igual aos mais esclarecidos heróes,

12 DE JUNHO

FRANCISCO PADILHA

Ignora-se a data do nascimento e a terra do berço de Francisco Padilha : sabe-se que em 1624 estava na Bahia e era capitão; não se póde porém dizer ao certo, se official de primeira linha, ou de milicias da capitania : em 1627 ainda no mesmo posto morre batendo-se com o inimigo da patria, e é difficil admittir-se que não tivesse tido adiantamento no serviço militar do exercito quem muito se distinguira na guerra de 1624 e 1625 contra os hollandezes.

A 10 de Maio de 1624 a cidade de S. Salvador da Bahia capital do Brazil-colonia cahira em poder de superiores forças mandadas a conquistal-a pelos Estados Geraes da

Hollanda. A cidade se achava fracamente guarnecida, e o terror se apoderou dos poucos soldados que havia, e dos habitantes, que a abandonárão, fugindo para o interior e deixando quasi só o governador que preferio ficar no seu posto de honra e cahir em poder do inimigo.

Poucos dias depois começou a organisar-se a resistencia, e entre os primeiros que se apresentárão promptos a pelejar foi o capitão Francisco Padilha.

Era governador da cidade conquistada e general dos hollandezes o coronel Johan van Dorth, chefe de grande reputação e valor. Sabendo elle que se armavão forças de gente do paiz, as quaes começavão á fortificar-se á uma legoa da cidade, quiz pessoalmente explorar os terrenos circumvizinhos, e sahio com cincoenta soldados; mal tinha porém chegado ao sitio proximo, mas solitario á que chamavão *Agua dos Meninos*, choverão flexas em grande numero sobre os seus soldados, e elle proprio cahio do cavallo que ferido se espantára.

Era o capitão Francisco Padilha que lhe armára uma emboscada.

Emquanto os indios e alguns valentes colonos accommettião os soldados hollandezes, Padilha atirou-se sobre o coronel Dorth, e depois de breve combate corpo á corpo o prostrou morto a seus pés á golpes de espada:

O bravo capitão cortára a melhor cabeça militar do exercito inimigo.

A guerra continuou, tornou-se energica e Padilha fulgio por seu denodo em muitos combates. Emfim chegárão grandes reforços e as esquadras de Hespanha e Portugal, a ci-

dade de S. Salvador foi restaurada, capitulando os hollandezes.

E nem no dia da victoria, nem em dous annos que se seguirão, se lembrou e se honrou o nome aliás glorioso do intrepido, e modesto capitão Padilha.

Mas em Junho de 1627 o valente almirante hollandez Pieter Heyn entra na bahia de Todos os Santos, toma, saquea, e queima dous navios, e sabendo que cinco ou seis outros ricamente carregados se tinhão ido occultar em uma enseada do rio Pitanga, ao norte da cidade de S. Salvador, no dia 12 de Junho vae em caça delles com dous navios grandes, dous hiates, e algumas chalupas.

Era tempo de lembrarem-se do capitão Francisco Padilha. O governador o mandára no dia 11 com cento e cincoenta homens defender os barcos ameaçados: Padilha os fez subir ainda mais o rio, e esperou o inimigo á bordo de um delles.

Pieter Heyn foi recebido com descarga de fuzilaria: era enorme a desproporção do numero dos combatentes, e horrivel o effeito da superioridade das armas dos hollandezes; mas Padilha não cedia, levando a resistencia até o heroismo.

Pieter Heyn furioso vê-se na necessidade de obrigar sua gente á dar abordagem: a peleja torna-se encarniçada e medonha. O capitão Padilha com o seu exemplo tem o poder de sustentar o combate contra triplicado numero de inimigos, que não diminuem pela morte; porque novos auxiliares vem alimentar o fogo infernal da abordagem: finalmente no meio de cadaveres o bravo cahe extenuado e coberto de sangue. Pieter Heyn vence, e valente não sabe comtudo respeitar o valor heroico, e manda passar á fio de

espada os homens da equipagem, e os denodados combatentes que restão dos centos e cincoenta heroes commandados por Padilha ! . . . .

Sómente tres meninos grumetes forão poupados.

O capitão Francisco Padilha sereno e grandioso em face da morte, foi degolado, á 12 de Junho de 1627, lançando sublime olhar de desprezo sobre Pieter Heyn.

13 DE JUNHO

D. FREI ANTONIO DO DESTERRO

Nascido em Vianna de Lima (reino de Portugal) á 13 de Junho de 1694 e zelosamente educado por seus paes Ventura Malheiro Reimão, fidalgo da casa real e D. Pascoa Pereira, ambos de nobre e antiga familia, Antonio Reimão aos quinze annos de idade entrou para a ordem religiosa de S. Bento e deixado o nome de familia chamou-se frei Antonio do Desterro: fez estudos severos e profundos, foi graduado doutor em theologia; distinguio-se no magisterio e no pulpito, exerceu cargos importantes, e era desde alguns annos bispo de Angola, quando, approvada a desistencia do bispado do Rio de Janeiro feita por D. frei João da Cruz, foi nomeado para esta diocese, e confirmado pelo Santo Padre Benedicto XIV á 18 de Janeiro de 1745.

D. frei Antonio do Desterro fez sua entrada publica e solemne na cidade do Rio de Janeiro á 1 de Janeiro de 1747, e cedidos tres dias depois desse ás festas, recepções, e á algum descanso, começou á exercer effectivamente o governo do bispado á 6 do mesmo mez, chamando á exame todos os sacerdotes seculares e regulares.

Em vinte e sete annos de governo da diocese fluminense prestou grandes serviços á disciplina ecclesiastica, á gravidade do culto, e á boa administração, e ainda como modêlo de virtudes, e de caridade.

Obrigou os parochos á proceder com escrupuloso cuidado aos assentamentos de baptisados e obitos, e ao ensino publico da doutrina christã por espaço de meia hora antes da missa dominical.

Em pastoral de 6 de Março de 1755 deliberou que os medicos e cirurgiões fizessem prestar os soccorros dos Santos Sacramentos aos seus doentes logo no principio do tratamento das molestias.

Adoçou em favor dos escrupulosos a abstinencia de certos alimentos durante a quaresma.

Empenhado em mitigar o infortunio dos escravos, procurou inspirar sentimentos de piedade aos senhores, e fulminou o enterramento dos cadaveres daquelles infelizes em lugares fóra dos cemiterios, como alguns mandavão fazer então.

Prohibio os ajuntamentos e conversações ás portas dos templos abertos em dias festivos, as funcções religiosas á noite, e o costume *das penitencias de açoutes* nas procissões da quaresma e ritos gentilicos e supersticiosos que escandalisavão o verdadeiro culto.

No interior do mosteiro de S. Bento fez construir á sua

custa uma capella á Nossa Senhora da Conceição (cujà Imagem Santa trabalhada em jaspe foi recolhida em precioso nicho de prata), e para seu patrimonio deu tres contos de réis que se empregárão em propriedades: na igreja do convento de Nossa Senhora d'Ajuda tambem erigio á sua custa o altar do Senhor dos Afflictos junto ao Arco Cruzeiro do lado do Evangelho, e para sua conservação doou duas moradas de casas terreas.

Ao recolhimento de Nossa Senhora do Parto destinou mais de oito contos de réis para se construir o edificio, e ao seminario de S. José doou uma fazenda que comprára á seu irmão o mestre de campo João Malheiro Reimão.

Fez outras doações á diversas igrejas.

Exigente e severo para com o clero na disciplina, soube protegel-o, melhorou as condições economicas dos parochos, e ainda mais as do cabido.

Ensinou com a palavra e com o exemplo e foi sempre o pae dos pobres e dos orphãos.

Morrendo á 1 de Janeiro de 1763 o governador e capitão general Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, governou D. frei Antonio do Desterro a capitania com a maior prudencia e acerto.

A' principio respeitado; mas pouco amado pelos padres que experimentárão a justa severidade de sua disciplina; e pelo povo e particularmente pelas senhoras que o tinhão em conta de rabugento, e se resentião da ameaça e oppressão do recolhimento de Nossa Senhora do Parto, de que alguns paes e maridos se aproveitárão talvez em muitos casos abusivamente, D. frei Antonio do Desterro em poucos annos conquistou o amor e as bençãos de todos.

Acabou merecendo na sua diocese o nome de—Mestre dos Bispos do seu seculo.

Aos setenta e nove annos, cinco mezes, e vinte e dous dias falleceu D. frei Antonio do Desterro á 5 de Dezembro de 1773, tendo pedido dias antes os Sacramentos ultimos, e conservando até a morte suas faculdades em perfeito estado e seu animo cheio de resignação e de serenidade.

14 DE JUNHO

JOÃO MANSO

E' este um nome celebre nas tradicções recentes, e nas memorias de velhos fluminenses, alguns dos quaes ainda vivem, e á que todavia faltão informações sufficientes para um artigo biographico.

João Manso nasceu no seculo decimo oitavo no Rio de Janeiro: é positivo que estudou latim e mais no seminario da Lapa, e que floresceu ainda no seculo actual.

Foi na cidade do Rio de Janeiro notavel professor de latim, e tão afamado que seus discipulos tinhão por gloria nomear o seu mestre.

João Manso dotado de grande intelligencia estudou em seu gabinete com ardôr e enthusiasmo as sciencias naturaes e especialmente a chimica de que era apaixonado e sem en-

sino regular, e com fracos recursos para experiencias, foi relativamente preciosa notabilidade.

Elle fez a analyse do ferro de Ipanema, do districto de Sorocaba em S. Paulo.

Applicando seus conhecimentos á industria e tendo estudado argilla que encontrou na ilha do Governador, com ella fabricou excellente e bella louça, e bustos de D. Maria I e de seu esposo D. Pedro, aos quaes se remetterão para Lisboa.

Alguns dos mais considerados habitantes da cidade do Rio de Janeiro se desvanecião de possuir louça do paiz fabricada pelo celebre João Manso.

Com exagerado renome de grande chimico; mas em verdade grande chimico, á quem tudo faltou para poder attingir alto grão entre os homens da sciencia no mundo civilisado, João Manso foi por certo notabilidade, e luz de civilisação no Brazil ainda colonia com egoismo peada pela metropole.

João Manso foi aguia, á que faltou espaço, foi genio, á que faltárão recursos e condições favoraveis para revelar-se na altura de suas faculdades.

Esse homem notavel falleceu quasi ignorado no Rio de Janeiro.

Ignorando-se as datas de seu nascimento e de sua morte, e qualquer outra importante de sua vida, fica o seu nome arbitrariamente registrado neste dia—14 de Junho.

15 DE JUNHO

FREI CHRISTOVÃO DA MADRE DE DEOS LUZ

Barbosa na sua *Bibliotheca Luzitana* informa que frei Christovão da Madre de Deus Luz nasceu na cidade do Rio de Janeiro, sendo filho legitimo de *Francisco Dias da Luz, natural da cidade de Tavira em o reino dos Algarves e um dos alentados capitães que em companhia do general Mendo de Sá expulsárão do Rio de Janeiro aos francezes, colligados com os Tamoyos, e Domingas da Silveira filha dos primeiros conquistadores e povoadores dessa colonia.*

Balthazar da Silva Lisboa nos seus *Annaes do Rio de Janeiro* não faz menção de Francisco Dias da Luz entre *as pessoas distinctas que ajudárão a fundação do Rio de Janeiro.*

Ainda mais: a expulsão dos francezes e fundação da cidade acontecerão no anno de 1567 : Francisco Dias da Luz, alentado capitão, que acompanhou então Mem de Sá, devera ter pelo menos vinte e tantos annos : não consta que frei Christovão morresse centenario, dando-se-lhe porém — cem annos em 1720, em que falleceu; fôra preciso que Francisco Dias da Luz o tivesse procreado, quando contava perto de oitenta annos, o que não é provavel.

E' mais verosimil que Francisco Dias da Luz viesse para o Rio de Janeiro e ahi prestasse bons serviços e desposasse Domingas da Silveira annos depois de 1567.

Em todo caso Christovão da Luz nasceu na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro no seculo decimo setimo, recebeu o habito de S. Francisco na provincia de Santo Antonio do Brazil, foi por vezes guardião e definidor, e um dos dous procuradores geraes que forão á Lisboa solicitar a erecção da provincia da Immaculada Conceição, o que com o maior jubilo seu conseguio á 15 *de Junho* de 1675 pelo Breve do Santo Padre Innocencio X.

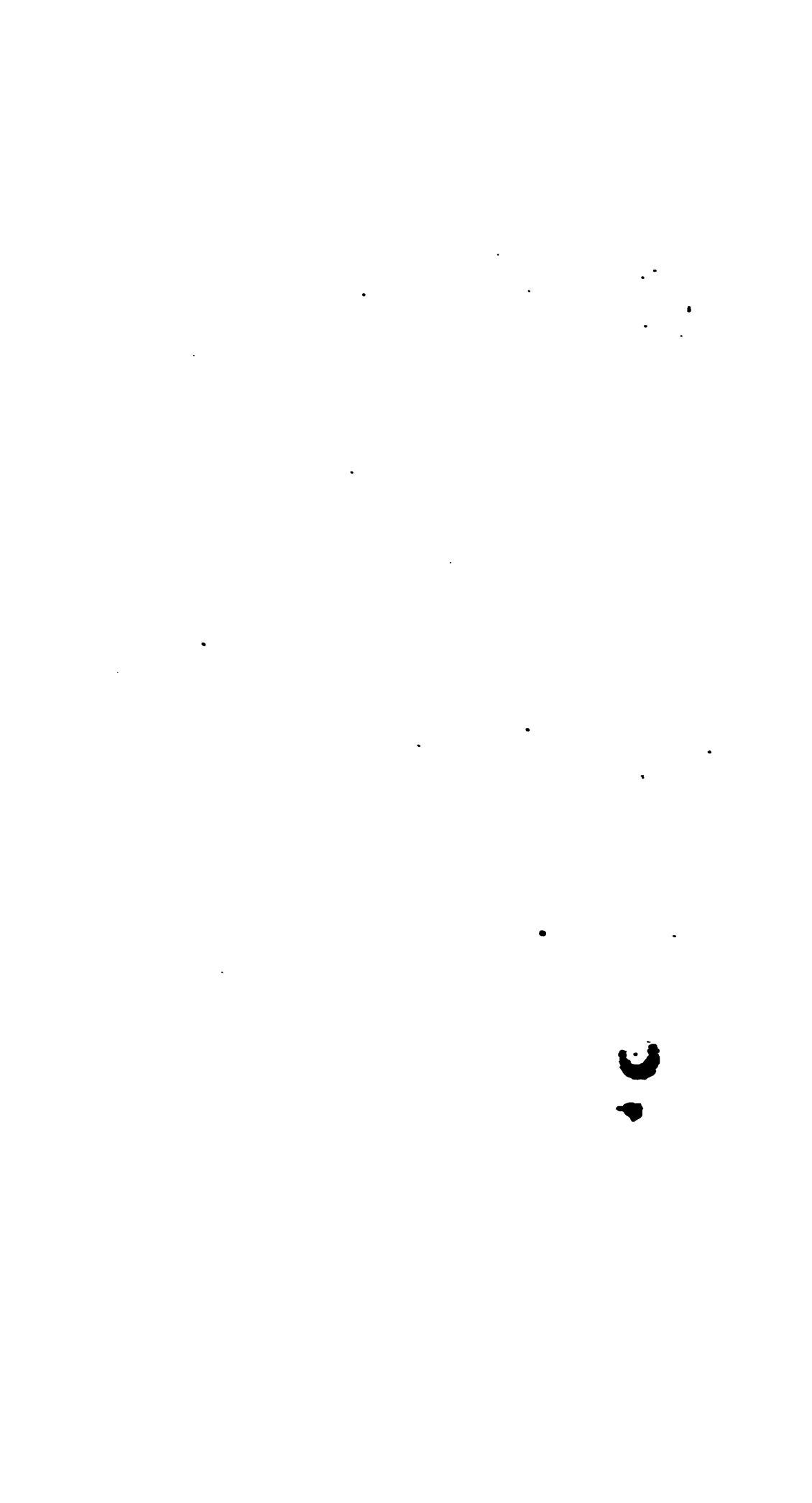
Na provincia franciscana da Immaculada Conceição occupou os mais elevados lugares, como forão duas vezes provincial e visitador.

Foi por muitos annos commissario do Santo Officio. — Deixou grande nomeada por vigorosa intelligencia, profunda instrucção, virtudes, e perfeita rectidão no exercicio das autoridades que teve.

Conforme o testemunho de Barbosa (*na Bibliot. Lus.*) compoz :

Cuidado contra o tempo. M. S. 4°. Nesta obra descreve varias noticias do Estado do Brazil desde o seu

descobrimento e da seraphica Religião no mesmo continente. Conservava este livro frei Salvador da Conceição Gayo, ex-definidor da mesma provincia, do qual confessa frei Appolinario da Conceição ter extraido varias noticias para as suas composições com que tem utilisado a curiosidade publica.

« *Cartorio da Provincia da Immaculada Conceição do Estado do Brazil* que fez quando era provincial no anno de 1683. Consta de dez capitulos, nos quaes recopilou a origem desta provincia, com todos os breves e varias noticias pertencentes á ella até o tempo em que escreveu. »

18 DE JUNHO

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

Nasceu Francisco Sotero dos Reis na cidade de S. Luiz do Maranhão á 22 de Abril de 1800, sendo filho legitimo de Balthazar José dos Reis e de D. Maria Thereza Cordeiro.

Estudou rapidamente instrucção primaria, e depois dos doze annos de idade conseguio dos paes continuar os seus estudos: seguio o curso de latinidade na aula publica estabelecida no convento de Nossa Senhora do Carmo, e depois o de philosophia e rhetorica com o mesmo professor frei Caetano de Vilhena Ribeiro, com particulares, cujo favor obteve, aprendeu o francez e pouco mais, e dispunha-se á ir formar-se em medicina em França, quando a morte do pae veio burlar-lhe esse projecto.

Tinha então dezoito annos, e abrio aula de latim e de

francez em sua casa, e tendo o italiano Thiago Carlos de la Rocca fundado por aquelle tempo um collegio de instrucção na quinta das Larangeiras, o governador do Maranhão Bernardo da Silveira protegeu esse estabelecimento e nomeou Sotero dos Reis em 1821 para reger nelle a cadeira de latim.

Em 1823 Sotero ganhou por concurso a cadeira publica de latim, na qual primou admiravelmente, sobrando-lhe ainda tempo para ensinar grammatica portugueza e francez gratuitamente ás suas parentas e á meninas de familias amigas, e ás educandas do Asylo de Santa Thereza, cujo director foi de 1864 á 1870.

Membro notavel dos conselhos geraes de sua provincia, e depois em diversas legislaturas da assembléa provincial, occupou nesta á cadeira de presidente de 1862 á 1864.

Fulgurou na primeira linha na imprensa, e nenhum o excedeu nessa arena politica. Foi o orgão e mantenedor pujante do partido conservador, e nunca se apresentou nem quiz ser candidato á assembléa geral, ou á senador: no entanto graças aos seus estudos severos e profundos de gabinete merecêra a reputação de um dos mais illustrados maranhenses.

Criando-se em 1838 o Lyceu do Maranhão foi Sotero dos Reis o seu primeiro e dedicadissimo inspector.

Na imprensa politica redigio o *Argos da Lei* em 1825, e o *Maranhense*, em 1831 o *Constitucional*, tendo por collaborador Odorico Mendes, em 1836 o *Investigador Maranhense*, á que fez succeder em 1840 a *Revista*, que acabou em 1850. Collaborou no *Correio de Annuncios;* em 1854 tomou á seu cargo a redacção do *Observador*, e em 1856 passou á redigir a folha official *Publicador Maranhense*. Em

1861 abandonou desgostoso a penna politica, que tão nobre e esplendidamente manejára em sustentação e honra de suas idéas.

Nesse mesmo anno fundára no Maranhão o Sr. Dr. Pedro Nunes Leal o excellente collegio *Instituto de Humanidades*, no qual Sotero dos Reis, leccionando latinidade ajuntava aos respectivos preceitos explicações daquillo em que divergião as regras da grammatica portugueza. O Sr. Dr. Nunes Leal pedio ao illustre mestre que imprimisse suas sabias lições.

Sotero dos Reis publicou em 1862 o seu pequeno e rico livro *Postillas de grammatica geral applicada á lingua portugueza pela analyse dos classicos.*

Seguio-se á essa obra *em* 1866 *a* — *Grammatica Portugueza accommodada aos principios geraes da palavra, seguidos de immediata applicação pratica.*

De 1863 á 1869 publicou em cadernetas *Os Commentarios de Caio Julio Cesar traduzidos em portuguez*, comprehendendo o livro oitavo attribuido á Horacio.

E por ultimo e grandioso trabalho deu ao prélo o seu *Curso de Litteratura portugueza e brazileira, professado no Instituto de Humanidades da provincia do Maranhão* de 1866 á 1868.

A' 16 de Junho de 1866 foi o illustre ancião maranhense jubilado com todos os seus vencimentos no emprego de professor que exercia á quarenta e tres annos.

As obras de Sotero dos Reis publicadas desde 1862 tinhão-lhe dado renome e gloria dentro e fóra da patria ; mas coberto de louros a velhice, os trabalhos, e a morte da esposa amada o abaterão em seus derradeiros annos.

Prestigioso e venerado ; mas triste ainda leccionava em magisterio particular por invencivel amor das lettras, quan-

17 DE JUNHO

JOSÉ DE REZENDE COSTA

Natural da então capitania de Minas-Geraes, onde nasceu em 1767, filho legitimo de distincto mineiro, de quem teve o nome e sobrenomes José de Rezende Costa é eloquente exemplo da inconstancia e dos grandes contrastes da fortuna.

Estudou humanidades na provincia de seu berço e devia seguir para a universidade de Coimbra, quando tramando-se a conspiração mineira, que depois ficou chamada do *Tiradentes*, foi por seu proprio pae, um dos conspiradores, demorado na capitania para formar-se na universidade, que os revolucionarios, contando com facil victoria, já projectavão fundar em Villa Rica.

A conjuração foi denunciada, seus chefes principaes e

notaveis cumplices forão em 1789 presos e entre estes José de Rezende Costa, e seu filho o joven estudante do mesmo nome.

Com seu pae jazeu Rezende Costa nos carceres da ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, até 20 de Abril de 1792, em que condemnados por sentença do dia antecedente, como nove outros réos, á morte e á infamia, forão levados em ferros para a *cadeia da cidade* e passárão a noite no *oratorio*, preparando-se para subir á forca no dia seguinte, luxo de crueldade; porque no dia seguinte, á excepção do Tiradentes, que se engrandeceu no patibulo, os outros dez condemnados á morte receberão a commutação da sentença em degredo perpetuo ou temporario, que já estava resolvida.

José de Rezende Costa, filho, teve dez annos de desterro para Cabo Verde, emquanto seu pae era por igual tempo desterrado para Bissáo.

No exilio achou o joven brazileiro suave protecção que depois se tornou muito mais consideravel pela influencia de illustre compatriota.

José de Rezende Costa, filho, exerceu até 1803 algumas commissões e empregos, e obtendo então licença para passar-se á Lisboa, ali de 1804 á 1809 servio de *escripturario do real erario e da casa e estado das Senhoras Rainhas*. Naquelle ultimo anno foi chamado pelo governo para o Rio de Janeiro, onde occupou o emprego de administrador da fabrica de lapidação e de contador geral do Erario, e escrivão da meza do thezouro, obtendo a sua aposentadoria e recebendo o titulo de conselho em 1827.

Agora porém o que mais avulta na vida do revolucionario de 1789, condemnado em 1792.

Em 1821 a provincia de Minas-Geraes o elegeu deputado á constituinte portugueza, e em 1823 deputado da constituinte brazileira.

Elle, José de Rezende Costa, uma das victimas da primeira conjuração para a independencia, foi, proclamada em 1822 a independencia, um dos escolhidos para trabalhar na constituição politica do imperio do Brazil!...

A *cadeia da cidade* do Rio de Janeiro deixára de sêl-o em 1808, e passára o edificio á receber consideraveis obras e melhoramentos, ligando-se ao palacio por um passadiço.

Em 1823 destruio-se esse passadiço, e o edificio da antiga *cadeia* foi convenientemente preparado para servir, como servio, de paço da assembléa constituinte brazileira, e José de Rezende Costa com o caracter de deputado da constituinte do Brazil independente e livre, sentou-se ufanoso na sala da assembléa augusta no mesmo edificio, onde abraçado com seu pae velára uma noite de agonias no *oratorio*, e acompanhado de um religioso Franciscano, que o preparava para no dia seguinte morrer na forca *por crime*, que se tornára virtude, *por infamia* que estava sendo, e é gloria!...

José de Rezende Costa foi ainda eleito pela sua provincia deputado á assembléa geral na primeira legislatura ordinaria de 1826 á 1829.

Este homem, veneranda tradicção nacional, falleceu na cidade do Rio de Janeiro á 17 *de Junho* de 1841 com setenta e quatro annos de idade.

18 DE JUNHO

D. PEDRO FERNANDES SARDINHA

Em 1549 Thomé de Souza mandado pelo rei D. João III fundára o governo geral do Brazil; mas faltava para completar a organisação administrativa dessa nova colonia portugueza autoridade ecclesiastica superior tanto mais indispensavel, quanto o clero secular existente nas capitanias se abandonava aos vicios e á desregramentos reprehensiveis.

Em 1551 o Santo Padre Julio III confirmando pela Bulla, que aquelle rei solicitára, a eleição de D. Pedro Fernandes Sardinha para bispo do Brazil, satisfez aquella grande necessidade.

D. Pedro Fernandes Sardinha foi pois o primeiro bispo do Brazil e chegou á nascente cidade de S. Salvador á 1 de Janeiro de 1552.

No governo ecclesiastico elle soube temperar a mais justa severidade com a moderação e com a prudencia, que as circumstancias exigião e conseguio melhorar não pouco o procedimento do clero secular, apoiando-se muito nos Jezuitas, que realmente estavão resplendendo então com o mais ardente zelo religioso, e prestando os maiores serviços como missionarios.

Durante a governação de Thomé de Souza tudo correu conforme os bons desejos do bispo ; mas em Julho de 1553 chegou o novo governador geral, Duarte da Costa, que dentro em pouco se achou em desharmonia com D. Pedro Fernandes Sardinha.

Querem alguns que proviesse a desavença do resentimento do governador-geral por ter o bispo reprehendido seu filho Alvaro da Costa, censurando o descomedimento de seus costumes ; é porém de crer que o desaccordo partisse da menor influencia exercida pelos Jezuitas sob o governo de Duarte da Costa.

Aggravou-se a desharmonia em 1554, porque, tendo os colonos e mamelucos de Santo André atacado o novo collegio de S. Paulo fundado pelos Jezuitas, o bispo exigio, mas não obteve quanto desejava, o castigo dos aggressores, que aliás tinhão sido rechaçados.

O governador geral e o bispo queixárão-se um do outro ao rei, e ou chamado á côrte, como dizem alguns, ou para fazer em pessoa suas representações, como outros referem, D. Pedro Fernandes Sardinha partio da Bahia para Lisboa á 2 de Junho de 1556 ; naufragou porém nos baixios chamados de S. Francisco entre o rio deste nome e o de Cururipe á 16 do mesmo mez o navio em que ia.

Salvárão-se todos do naufragio, e em numero de cem

entre passageiros e tripolantes tentavão seguir por terra para Olinda, quando cahirão nas mãos dos terriveis indios *cahetés*, que matárão e devorárão as tristes victimas, entre as quaes se contavão mulheres, velhos, e crianças, dizendo-se que o infeliz bispo fôra o primeiro á soffrer a morte.

Dos cem escapárão apenas um portuguez que fallava a lingua geral do gentio, e dous indios da Bahia.

O primeiro bispo do Brazil foi martyr.

O monte, onde elle e seus companheiros forão sacrificados ainda hoje é chamado *Monte do Bispo*, e tornou-se (diz a antiga tradicção) de fertil que era em arido e esteril.

19 DE JUNHO

MARTINHO DE MESQUITA

Litterato e poeta, Martinho de Mesquita nasceu no Rio de Janeiro em 1633: ignora-se o anno em que deixou o Brazil; certo é porém que seguio para Roma, e lá estudou, formou-se em canones e em jurisprudencia civil, e tomou ordens sacras.

Em Roma foi secretario do cardeal Barberino.

Escreveu diversas memorias e poesias tanto em portuguez como em latim que forão muito apreciadas pelos seus contemporaneos, segundo informa o Sr. conselheiro Pereira da Silva na sua obra *Os Varões Illustres do Brazil — Supp. Biog.*

Em falta de datas conhecidas e averiguadas seja o seu nome lembrado aqui no dia 19 de Junho.

20 DE JUNHO

BONIFACIO JOAQUIM DE SANT'ANNA

Filho legitimo de Bonifacio Joaquim de Sant'Anna e de D. Maria do Carmo, nasceu este bravo marinheiro do Brazil á 5 de Julho de 1822 na cidade do Rio de Janeiro.

A' 17 de Novembro de 1838 assentou praça de aspirante, e seguio o curso da academia de marinha, sendo promovido á guarda marinha á 10 de Dezembro de 1840.

Sendo 1° tenente commandou o brigue-escuna *Andorinha*, desde 10 de Maio de 1851 até 30 de Setembro de 1852 no Rio da Prata, sendo condecorado com a medalha de prata n. 1 pelos serviços de campanha na guerra contra Rozas, dictador da Confederação Argentina.

Foi depois agraciado com os habitos da ordem de Aviz, e da imperial da Roza.

Até 1864 correrão annos serenos e felizes de paz e o 1° tenente e em 1860 capitão-tenente Sant'Anna desempenhou diversos commandos de navios de guerra, dando constantes provas de esmerado zelo, e de dedicação ao serviço da marinha.

Em 1864 acendeu-se a guerra de represalias por parte do imperio do Brazil no Estado Oriental do Uruguay contra o obstinado e provocador governo de Montevidéo.

Commandando a canhoneira *Beberibe* o capitão-tenente distinguio-se no bombardeio, ataque e tomada da praça de Paysandú.

Seguio-se logo a guerra do Paraguay, e á 11 de Junho a *Beberibe* fulgura na formidavel batalha de *Riachuelo*, e seu commandante o impavido Sant'Anna faz prodigios de bravura, rechaça o inimigo do seu navio abordado, concorre para a gloriosa victoria, e apenas menos avulta nos horrores da enraivada e romanesca batalha, e na grandeza do triumpho; porque sahe de uma e de outra sem a distincção de um ferimento, e sem a glorificação da morte.

Essa porém não lhe tardou muito.

O dictador do Paraguay com razão se temia da esquadra brazileira, e todas as traças dava para destruil-a.

Em Riachuelo perdera alguns dos seus vapores, e não ouzava expôr os que muito maltratados lhe restavão: appellou para o recurso terrivel das altas barrancas do Paraná, fortalezas naturaes e á cavalleiro dos navios, que devião forçal-as nas peiores condições e debaixo de fogo infernal de artilharia e de fuzilaria.

O Brazil ainda não dispunha de um só navio encouraçado.

Nove dias depois da victoria de Riachuelo, á 20 de *Junho*

de 1865 a esquadra brazileira teve de forçar a barranca fortificada, e ameaçadora de *Mercedes*. A *Beberibe* estava commandada pelo immediato do capitão-tenente Sant'Anna, que gravemente enfermo guardava o leito ; mas ao annuncio de proximo e imminente combate Sant'Anna se levanta : o medico protesta ; elle ri, e toma a espada : faltão-lhe as forças ; ordena porém que o conduzão ao passadiço, e apoiando-se onde melhor poude, commanda a *Beberibe* na passagem de *Mercedes*.

O troar da artilharia reanima-o ; Sant'Anna em pé e firme, forte e radioso repete a vóz de—fogo !—até que uma bala o fére no alto da cabeça, e o faz tombar morto no passadiço.

Foi um herôe de menos ; mas a victoria glorificou o Brazil, de cujo glorioso monumento o capitão-tenente Sant'Anna ficou sendo pedra componente e preciosa.

21 DE JUNHO

JOAQUIM VIEIRA DA SILVA E SOUZA

Na freguezia do Rozario da cidade de S. Luiz do Maranhão recebeu á 12 de Janeiro de 1800 o sacramento do baptismo Joaquim Vieira da Silva e Souza, filho legitimo do coronel de milicias Luiz Antonio Vieira da Silva e de D. Maria Clara Gomes de Souza.

Aos dezesseis annos de idade e já adiantado em estudos secundarios foi para Portugal, onde os completou, e na universidade de Coimbra tomou o gráo de bacharel formado em direito á 21 de Junho de 1822.

Voltando logo para sua provincia, achou-a ainda sob o dominio da junta provisoria e da guarnição luzitana, que se oppunhão á independencia, aliás já proclamada em quasi todo o Brazil.

Joaquim Vieira da Silva e Souza teve a gloria de ser um dos principaes conspiradores da reacção maranhense, ou antes da revolução que devia quebrar o jugo portuguez naquella provincia : já no interior della batião-se e vencião os independentes em diversos pontos, e na capital estava prestes á romper o movimento nacional, quando á 26 de Julho de 1823 lord Cochrane, almirante da esquadra brazileira, entrou á bahia de S. Marcos em a náo *Pedro I* com o estandarte auri-verde desfraldado, e tanto bastou para que se submettessem as autoridades e a guarnição portugueza.

Succedeu á queda da *junta* oppressora periodo reaccionario de alguns mezes ; mas Vieira da Silva que muito se expuzéra e chegára á ser preso como conspirador ante-luzitano, foi, depois da victoria e influente no governo da provincia, elemento precioso de ordem, conselheiro de moderação e de magnanimidade.

Em 1624 era elle juiz de ausentes na comarca da capital, quando lord Cochrane, obscurecendo sua gloria recente, voltou ao Maranhão, substituio o presidente legal por outro de sua feição, e depois pagou-se por suas mãos de quantiosa importancia que allegava pertencer-lhe das prezas que fizera, tirando das diversas repartições de arrecadação os fundos que havia em seus cofres. Ninguem ousou resistir : só o dr. Vieira da Silva desobedeceu a intimação e zombou das ameaças de lord Cochrane, salvando assim os dinheiros confiados á sua guarda.

Em 1826 o governo imperial o despachou juiz de fóra, e em 1829 ouvidor da cidade da Fortaleza, capital do Ceará : na carreira da magistratura, na qual fulgurou, como juiz esclarecido e de rectidão exemplar,

foi em 1839 elevado á desembargador da relação do Maranhão, em 1854 á presidente da mesma, e em 1864 nomeado ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Mas da magistratura o distrairão por vezes a alta administração e o parlamento.

Presidio a provincia do Rio-Grande do Norte desde 22 de Fevereiro até Outubro de 1832: esta provincia se achava ameaçada pela revolta que o coronel de milicias Joaquim Pinto Madeira capitaneava no Ceará: o dr. Vieira da Silva não tendo forças de que pudesse dispôr, appellou para o patriotismo do povo, chamando-o ás armas em serviço voluntario, e poude em poucas semanas levantar bellas e gloriosas columnas civicas, que prestárão os maiores serviços á provincia.

A regencia permanente nomeou á 13 de Outubro do mesmo anno o dr. Vieira da Silva presidente do Maranhão para succeder no governo ao desembargador Araujo Vianna (depois visconde e marquez de Sapucahy), que deixava nome estimadissimo, e lembrança immorredoura: ainda mesmo á governar depois de tão preclaro antecessor, conseguio elle que sua administração fosse igualmente applaudida e abençoada.

Eleito deputado pelo Maranhão na legistatura da 1834 á 1837 revelou-se orador de merecimento, e, apezar de insistente recusa motivada por máo estado de saude, teve de aceitar a pasta do imperio no ministerio de 20 de Janeiro de 1835, o ultimo da regencia permanente, cabendo-lhe, entre outros serviços, o de ter sido o ministro referendador do decreto de 8 de Maio que criou a Academia Imperial de Medicina, a qual lhe conferio o titulo de seu socio honorario.

Entregando a regencia permanente o governo ao primeiro regente do Acto-Addicional, o padre Feijó, retirou-se Vieira da Silva do ministerio.

Foi reeleito deputado na seguinte legislatura, e incluido em lista triplice em 1859 pelos seus comprovincianos, o Imperador o honrou com a sua escolha, e deu-lhe assento no senado.

Já desde annos o dr. Vieira da Silva se achava desgostoso da politica, e na camara vitalicia limitou-se á trabalhar em commissões e não occupou a tribuna.

No entanto concorrêra muito no Maranhão para se fundar o Banco Commercial, foi um dos creadores da *Sociedade Philomatica* para propagação de conhecimentos uteis, e depois de extincta esta, fundou a *Sociedade de Agricultura* que, apezar seu, e de sua activa animação, tambem não resistio á indifferença, e ao abandono.

Joaquim Vieira da Silva e Souza: conselheiro honorario, senador do Imperio, ministro do Supremo Tribunal de Justiça, cavalleiro fidalgo,. e commendador da Ordem de Christo, falleceu na cidade de S. Luiz do Maranhão á 23 de Junho de 1864.

22 DE JUNHO

D. MANOELA DE SANTA CLARA E D. RITA DO SACRAMENTO

Nascidas na villa depois cidade de Sorocaba em S. Paulo, de honesta e rica familia, educadas com piedoso esmero e na pratica de virtudes, D. Manoela de Santa Clara e sua irmã D. Rita do Sacramento resolverão fundar na terra de seu berço um recolhimento, onde pessoas de seu sexo, principalmente meninas e jovens donzellas se educassem no temor de Deus, e nos principios do bem, da virtude, e da santidade, apurando-se pela oração e pela luz da religião: derão seus bens para patrimonio do Recolhimento, e recorrerão ao principe regente depois rei D. João VI para lhes ser permittida a fundação, que foi autorisada por aviso de 22 de Junho de 1810 mandado ao governador da capitania de S. Paulo Antonio José da Fonseca e Costa, devendo começar o Reco-

lhimento sómente com seis educandas, e não podendo receber mais, em quanto não tivesse maior e sufficiente patrimonio.

As piedosas fundadoras aceitárão a condição e o Recolhimento floresceu dirigido santamente por ellas.

Mais tarde e já no tempo do imperio do Brazil, um presidente da provincia quiz obrigar as piedosas directoras á receber no Recolhimento meninas, que deverião ser educadas, conforme systema e praticas, que não erão da instituição. O presidente queria educação menos religiosa, e mais civil, ou mais preparadora de mães de familia.

O imperador D. Pedro I, ou antes o governo imperial resolveu com justiça a questão, declarando ao delegado do poder executivo que elle não podia impôr ao Recolhimento aquelle onus que além disso contrariava os principios e a natureza do estabelecimento.

A instituição decahio com a morte das suas benemeritas fundadoras, e com a influencia das novas idéas, e da civilisação moderna; fôra porém ingratidão e revoltante injustiça negar as devidas honras ás duas nobres e pias senhoras que consagrárão suas vidas, seus trabalhosos dias, e toda sua fortuna no Recolhimento, que fundárão, tendo os olhos fitos no céo, e não querendo da terra, senão o proveito e o amor de suas educandas.

23 DE JUNHO

JOÃO IGNACIO DA CUNHA

VISCONDE DE ALCANTARA

Filho legitimo do dr. Bento da Cunha e de D. Marianna Mendes da Cunha, nasceu João Ignacio na cidade de S. Luiz do Maranhão á 23 de Junho de 1781.

Fez os seus primeiros estudos e começou os de humanidades na mesma cidade de seu berço e completou estes e formou-se em direito na universidade de Coimbra, louvado sempre por seu comportamento irreprehensivel, intelligencia clara, e applicação notavel.

Tomando em 1806 o grão de bacharel formado, foi logo á 25 de Fevereiro do anno seguinte despachado juiz de orphãos de Lisboa.

Em Novembro de 1807 acompanhou a familia real portugueza para o Brazil, onde, continuando na carreira da magistratura foi nomeado á 29 de Novembro de 1808 desembargador da relação da Bahia com exercicio na casa da Supplicação e em 1814 nesta confirmado em um lugar ordinario de desembargador, em 1821 desembargador de aggravos na mesma casa, e á 10 de Junho de 1822 desembargador do Paço, chanceller da Casa da Supplicação em 1824, e no mesmo anno regedor da justiça, o mais alto gráo á que podia então attingir como magistrado.

Em 1821 e 1822 servio tambem como intendente geral da policia no Rio de Janeiro.

Proclamada a independencia do Brazil e fundado o imperio, João Ignacio da Cunha já muito considerado por sua illustração e experiencia figurou entre os mais notaveis funccionarios politicos do primeiro reinado.

A provincia do Maranhão occupada por tropas luzitanas até Julho de 1823, só muito tarde elegeu seus deputados á constituinte brazileira, e um destes João Ignacio recebeu o seu diploma, quando aquella assembléa já se achava dissolvida.

Em 1826 foi escolhido senador na lista offerecida pela provincia do Maranhão, sendo portanto um dos membros do anno em que se constituio o senado, e nessa camara distinguio-se como orador succulento, e de grande saber.

Em 1828 alcançou á 18 de Agosto sua aposentadoria como membro do Supremo Tribunal de Justiça, á 27 de Agosto do anno seguinte foi elevado á visconde de Alcantara e á 10 de Junho de 1830 teve a nomeação de conselheiro de estado.

A' 2 de Agosto deste ultimo anno aceitou a pasta do im-

perio que occupou até 14 de Outubro: voltou ao ministerio logo no mez de Dezembro para retirar-se dèlle á 19 de Março de 1831.

O visconde de Alcantara suspeito ao partido liberal, era por este considerado reactor e contrario ás suas idéas e aspirações: o ministerio demittido á 19 de Março, cahira no meio da maior agitação e effervescencia dos animos na capital do imperio, e cahira accusado de protecção a estrangeiros facciosos que acabavão de ultrajar a nacionalidade brazileira.

O novo ministerio então organisado foi muito imperfeito e mal combinada concessão offerecida aos brazileiros irritados; mas os liberaes ardentes, os federalistas e republicanos continuárão a conspirar impunemente e ás escancaras contra o imperador D. Pedro I que de subito, na noite de 5 de Abril, chamou ao poder os estadistas mais impopulares nessa épocha: o visconde de Alcantara, um delles, aceitou a pasta da justiça.

No dia seguinte povo e tropa pronunciárão-se, pedindo a reconducção do ministerio demittido na vespera á noite: o imperador preferio abdicar a corôa á uma ou duas horas da madrugada de 7 de Abril, e o visconde de Alcantara e seus companheiros immediatamente pedirão e receberão a sua demissão.

A vida politica do visconde de Alcantara acabou na madrugada de 7 de Abril.

Dous annos depois aos 14 de Fevereiro de 1833 baixou á sepultura na cidade do Rio de Janeiro.

O visconde de Alcantara foi juiz de rectidão severa, e em toda sua vida publica de probidade inatacavel. Era de costumes puros e de virtudes.

Nas lutas politicas de 1823 á 1831 sua lealdade e dedicação á D. Pedro I, seu amigo e admirador, o fizerão passar pelo que em sua consciencia não era, e foi por isso objecto de opposição desabrida.

O visconde de Alcantara foi o ministro fundador da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e seu presidente honorario, emquanto viveu.

Seu peito coberto de condecorações brilhava muito menos do que o seu coração cheio de virtudes, e seu titulo de visconde exalta a nobreza democratica; por que elle sahio do povo e só por merecimento real elevou-se ás grandezas sociaes que soube honrar.

24 DE JUNHO

LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE

Aos 31 de Dezembro de 1832 nasceu na cidade de S. Salvador, capital da provincia da Bahia Luiz José Junqueira Freire, filho legitimo de José Vicente de Sá Freire e de D. Felicidade Augusta Junqueira.

Aos sete annos de idade, tendo apenas começado o estudo de primeiras letras, foi accommettido de molestia de coração, que ameaçou-lhe a vida: só no fim de quatro annos sua saude se restabeleceu; ficou-lhe porém certa apparencia doentia que conservou até morrer.

Aos quatorze annos poude finalmente principiar a aprender a lingua latina, e matriculando-se depois no lyceu da Bahia, cursou as humanidades. Deu-se com ardor ao estudo de poetas latinos e portuguezes, e logo manifestou em muitas

composições esperançoso e bello talento poetico. Era ainda muito joven; sua intelligencia porém brilhante, e seu espirito meditador annunciavão nelle um homem de genio; mas elle tinha tambem sensibilidade delicadissima, imaginação exaltada, e o mais leal coração.

Em 1847, aos dezesete annos de idade Junqueira Freire amou apaixonadamente uma donzella, seu primeiro, ultimo, e infeliz amor. O joven poeta vio murcha em flôr a mais terna esperança.

O demonio do desengano, como diz o Sr. dr. Franklin Doria no seu precioso *Estudo sobre Luiz José Junqueira Freire,* soprou-lhe no espirito abatido a idéa do suicidio; mas o poeta aceitou a idéa, resolvendo-a em outra que lhe pareceu equivalente; porque era a renuncia do seculo, a sepultura do claustro.

A menina adorada, e o amor desgraçado fizerão de Junqueira Freire triste, mizero frade sem vocação verdadeira.

Em 1851 entrou como noviço para o convento dos Carmelitas, e professou em 29 de Março do anno seguinte.

Junqueira Freire precipitado e imprudente se sacrificára inutil, desastradamente: morto para o mundo, ficára-lhe vivo, ardente, invencivel o seu primeiro e infeliz amor.

Desgostou-se do claustro, reprovou sua instituição, consolou-se estudando com desespero philosophia, que muito e talvez mal dirigido cursára, theologia, historia e rhetorica, de que se occupava com predilecto e severo cultivo; não poude porém completar o suicidio que imaginára: no coração vivia sempre... e nelle o amor condemnado.

A 3 de Novembro de 1854 obteve sentença de perpetua secularisação, não sendo ainda á esse tempo iniciado em ordens.

Pobre Junqueira Freire!... no convento reapparecêra-lhe o grave soffrimento do coração, e voltando secularisado ao mundo, padeceu perto de oito mezes, e morreu á 24 de Junho de 1855 na cidade que fôra o seu berço.

Contava então apenas vinte e tres annos, e nove de martyrios por seu malaventurado amor.

Junqueira Freire escreveu muito para quem tão pouco viveu: extraviou-se, perdeu-se a maior parte dos seus manuscriptos: o illustrado Sr. dr. Franklin Doria publicou no seu já citado *Estudo* trechos muito interessantes da autobiographia do estimadissimo poeta roubado pela morte na primavera sem flores de sua vida desgraçada.

A imprensa perpetúa de Junqueira Freire as *Contradicções Poeticas*, e as *Inspirações do Claustro*, nellas se admira o genio do infeliz joven destinado pela natureza á ser um dos primeiros poetas do Brazil.

Especialmente nas *Inspirações do Claustro* elle primou pela originalidade de sua inspiração, pelo sentimento, pela dôr e pela terrivel impressão do seu *suicidio claustral*, de que aliás o culpado fôra elle, e não o claustro, e não o voto solemne, que imprudente, ou romanescamente procurára nas ancias afflictivas do seu poetico e exaltado amor.

Morreu pelo coração esse poeta de deslumbrante futuro, a quem o amor ferira tão profundamente no coração.

O claustro, á cujo seio se retirou, foi innocente aggravador dos tormentos do frade sem vocação; mas eis aqui incompleta e ligeira amostra do grande talento poetico de Junqueira Freire no arrebatamento inspirado, com que descreve o acto da sua profissão, que elle tarde arrependido evidentemente condemna.

. . . .

....

E vim depois, — e n'um furor sagrado,
Louco religioso entrei n'um templo
Com lagrimas de amor — devota insania! —
Prostrei-me soluçando ao pé das aras,
No jaspe dos degráos. Alli co'o choque
Do corpo ardente em flammas de delirio
Sobre o frio do chão, senti... Quem póde
Verter esse mysterio em lingua de homem?
Não! alli, sem acção, cahido ao longo,
Não, não morri. Minh'alma tão sómente
Sem idéas parou: pensar não pôde.
Sumio-se, aereo pó, a intelligencia.
Ficou-me o coração fervendo em sangue,
Volcão represso, — e congelado o corpo
Unido alli co'a pedra. Estatua em terra,
Idolo gesseo que do altar cahira,
Não sei que mundo foi, não sei que abysmo
Que confuso habitei. Subito estrala
Funereo canto, que evocou-me á vida,
Dizendo — morto — em destroçadas vozes.
Depois alguma dextra ergueu-me o corpo,
E vi... Não sei que vi... Cegou-me os olhos
O vitreo grosso das sanguineas lagrimas.
Pulverea sombra de subtil memoria
Faz-me pensar que li. Prece ou contracto,
Não sei que foi. Um juramento eterno
Fiz ao Senhor sobre os altares delle?
Não lembra-me, não sei. Sómente o dizem
Estranhos homens, de vestidos negros,
— Homens? quem sabe se demonios erão?
Seraphins infernaes, do inferno fallão,
E seu irmão, satanicos, me chamão!
Co'a voz tremenda, ameaçando as furias,
Dizem que fiz um immortal protesto,
Que ha de seguir-me ao céo que ouvio-me as vozes,
Que ha de seguir-me aos penetraes do abysmo.
Clamam — infames! — que co'as proprias unhas
Rasguei, abri o coração ao Christo,

E com seu sangue borrifei meus labios,
E com seu sangue sigillei meu pacto.

Quando, esgotada essa visão terrivel,
Visão que a dôr me realisa e a raiva,
Olhei-me a mim, desconheci-me quasi.
E' bem real, Pythagoras, teu sonho!
O Démon que inspirava-te era um anjo.
Dos arcanos do céo alguns tiveste.
As almas dos mortaes transmigrão, passão
De corpo em corpo ou de uma essencia em outra.
Corpo nem alma os mesmos me ficárão.
Homem que fui não sou. Meu ser, meu todo
Fugio-me, esvaceu-se, transformou-se.
Vivo; mas acabei meu ser primeiro.
Labil reminiscencia inda me antolha
Fugazes sombras da passada vida.
Para maior supplicio, aqui n'um quadro
Esses dous tempos comparados vejo
Ante mim sempre, que os refuso embalde.

Eu te creio, Pythagoras, nos sonhos.
As almas dos mortaes transmigrão, passão
De corpo em corpo, ou de uma essencia em outra.

Se eu não morri, sou transfuga da vida.
Dista, dista de mim minh'alma antiga.

A toga ferrea que estreitou-me os artos,
Como azinhavre devorou-me as carnes.

Osso, esqueleto, pelas fibras preso,
Vou caminhando, — e caminhando rinjo.
Folga, Loyola: — eu preenchi teu mando.
Até te entrego o teu superfluo « quasi. »
Eu sou cadaver, sou! — Olha-me e julga. *

---

* Inspirações do Claustro, O monge.

25 DE JUNHO

MANOEL MAURICIO REBOUÇAS

Filho legitimo de Gaspar Pereira Rebouças e de D. Rita Basilia dos Santos, nasceu Manoel Mauricio Rebouças na villa de Maragogipe, onde a principio e depois na capital da então capitania da Bahia aprendeu as primeiras letras, e quando se preparava para começar o estudo da lingua latina teve de aceitar, com autorisação de seu pae, o partido, que lhe fez o escrivão da provedoria dos ausentes, capellas e residuos dos dous termos de Maragogipe e Jaguaripe, e de acompanhal-o a essa segunda villa, como seu escrevente.

Em 1814 Manoel Mauricio Rebouças volta de Jaguaripe para a capital, onde se empregou ainda como escrevente em um dos cartorios de tabellião do judicial e notas, como depois no mesmo caracter, já porém juramentado, em cartorio identico da villa da Cachoeira.

Mas ahi vêm estrondosos acontecimentos quebrar a penna do escrevente e dar-lhe em troco nobre espada temperada nas forjas do patriotismo.

A guerra santa da independencia rompêra na cidade de S. Salvador da Bahia com a luta dos dias 19 e 20 de Fevereiro de 1822, que ensanguentou as ruas da antiga capital do Brazil; a bravura dos patriotas não pudéra vencer as tropas aguerridas do brigadeiro Madeira, e, a cohorte heroica dos independentes deixou a cidade ao inimigo e foi hastear no interior da provincia a bandeira gloriosa da liberdade e da honra.

Manoel Mauricio Rebouças mostrou-se ao lado do seu benemerito irmão, o venerando Sr. conselheiro dr. Antonio Pereira Rebouças veterano da independencia, que com sua familia se retirára logo no dia 20 de Fevereiro para a famosa villa da Cachoeira. Desde então até o fim da guerra, desde Fevereiro de 1822 até o faustoso 2 de Julho de 1823 o illustre brazileiro servio incessantemente á causa da patria com a dedicação e a energia do mais preclaro civismo.

Recordem-se alguns de seus feitos.

A 25 de Junho de 1822 foi solemnemente acclamada na villa da Cachoeira a regencia do principe real D. Pedro, e uma barca canhoneira luzitana, que occupava o pôrto para impedir o movimento revolucionario, fez fogo de metralha e de bala sobre o povo e a tropa, que desfilavam na praça da villa depois do *Te-Deum* em acção de graças por aquelle fausto acontecimento. Tres dias apenas mediárão entre o insulto e a desaffronta: Mauricio Rebouças alista-se soldado voluntario com outros jovens patriotas, e a 28 de Junho, acompanhando bravos combatentes que vão em ca-

nôas abordar a canhoneira luzitana, toma parte em uma peleja travada nos horrores da noite: vivo é o fogo e desesperada a luta, que acaba emfim com a rendição da canhoneira, ficando prisioneiro seu commandante e quantos da guarnição sobrevivêrão ao combate.

E aqui, incidentalmente embora, é cabido o pagamento de um outro tributo sagrado: entre os jovens voluntarios companheiros de Mauricio Rebouças contárão-se os denodados irmãos Galvão, um dos quaes, José da Rocha Galvão quarenta e quatro annos depois, velho herôe como fôra mancebo herôe, em 1866 deu a vida pela gloria e honra da patria em outra guerra tambem santa, na batalha de Tuyuty, a 24 de Maio

A peleja não tinha extenuado as forças de Mauricio Rebouças: á meia-noite recebe da junta provisoria e de defesa, de que era secretario seu benemerito irmão, ordem de ir em commissão á villa de Maragogipe para providenciar ahi a acclamação que na Cachoeira fôra celebrada no dia 25: O patriotismo tem velocidade electrica: no dia seguinte o ardente emissario trazia de volta a acta do pronunciamento de Maragogipe.

Em breve nova e mais ousada empreza lhe é incumbida pela junta; cumpre-lhe ir arrecadar na ilha adjacente á Barra Falsa grande numero de barris de polvora ingleza alli guardados, e, commandando uma atrevida flotilha de canôas, realiza o empenho através do fogo de canhoneiras luzitanas que cruzavão entre as ilhas de Itaparica, do Medo e da Barra de Paraguassú.

Mauricio Rebouças cooperou ainda na organisação da companhia de voluntarios patriotas denominada *Bellona*, e d'ella fez parte como praça de simples soldado; exerceu na

villa da Cachoeira, séde do governo da provincia no reconcavo, o lugar de escrivão do commissariado de boca até Maio de 1823, passando para o exercito, onde desempenhou a mesma commissão até o fim da guerra.

Com o triumpho da patria arrefeceu o ardor bellicoso de Mauricio Rebouças: não pedio nem teve premio, nem pensou havel-o merecido: comprehendeu que tinha cumprido um dever e que estava assás premiado com a independencia da terra do seu berço; despio a farda e entregou sua bella espingarda de voluntario.

Em 1824 entrou no concurso de um dos officios de escrivão do judicial da Bahia, e foi provido com precedencia aos outros concurrentes; sendo-lhe, porém, embargada a carta de provimento no transito da chancellaria, ficou ella sem effeito, restituindo-se ao officio o precedente serventuario.

Esta contrariedade veio abrir nova carreira a Mauricio Rebouças, que resolveu ir á França e ahi formar-se em medicina: não lhe sobravão os meios para tão grande empenho, mas acudio em seu auxilio o amor fraternal: difficuldades de outro genero contrariavão ainda o intento de Mauricio Rebouças; sua educação litteraria fôra interrompida e ficára limitada ao conhecimento da lingua latina e ao da franceza, no que pudéra dar-lhe o estudo particular sem direcção de professor: que é, porém, impossivel ao trabalho e á energia da vontade?... em poucos annos elle conquistou em Paris a carta de bacharel em letras, de bacharel em sciencias e de doutor em medicina, e em 1832 quando se promulgou a lei creadora das escolas de medicina no Brazil, entrou em concurso e obteve a cadeira de botanica e de elementos de zoologia da escola fundada na capital da sua

provincia, e a exerceu por mais de cinco lustros, dando exemplo de rara assiduidade, pois que sómente deixou de leccionar nos dias em que a morte dos seus mais proximos parentes o encerrou anojado.

Em 1846 foi agraciado por S. M. o Imperador com o habito de cavalleiro da Ordem do Cruzeiro, em attenção aos serviços que prestára á causa da independencia e do Imperio em 1822 e 1823. Annos depois recebeu o titulo de conselheiro, que lhe competia conforme a lei.

No exercicio da clinica medica prestou serviços reaes á humanidade: a medicina era para elle um sacerdocio, a caridade estava sempre acima do interesse material: durante as epidemias da febre amarella e da cholera-morbus desempenhou gratuitamente commissões recommendadas pelo governo da sua provincia e pelo proprio coração.

Sabia o segredo de descansar trabalhando; em suas horas de recolhimento, escrevia: além da sua these, que traduzio em portuguez e publicou na Bahia, — *Sobre a instituição dos cemiterios extra-muros*, — deixou uma obra impressa em 1859 com o titulo de — *Educação domestica e publica, tratando do desenvolvimento organico desde a gestação até a emancipação civil e politica*; — havia já escripto em 1833 um trabalho sobre a probabilidade de transmittir-se ao Brazil a cholera-morbus vinda da Europa através do Atlantico; em 1860 emfim dotou a sua provincia com um curioso — *Estudo dos meios mais consentaneos a prevenir nos sertões da Bahia o flagello das seccas, e por causa d'ellas a repetição dos estragos que os devastavão.*

Depois de tantos serviços, e quando na velhice devia esperar consolações suaves no seio da familia amada, que lhe offerecia o thesouro de uma esposa e de quatros filhas, vie-

rão ingratidões de homens, acerbos desgostos da vida, annuviar o horizonte de seus ultimos annos: sua energia estava gasta, o seu espirito não póde reagir, e resentio-se dos profundos golpes do infortunio: alienações mentaes inutilisárão o homem de tempera de ferro, e por isso foi jubilado o conselheiro dr. Manoel Mauricio Rebouças.

A cruel enfermidade parecia entretanto respeitar a intelligencia do nosso illustre consocio em relação á sciencia por elle professada: porque Mauricio Rebouças escreveu ainda no meio de seus padecimentos uma volumosa obra, que, confiada ao exame e á apreciação do muito distincto dr. Francisco de Paula Candido, seu companheiro de estudos em Paris e constante amigo no Brazil, mereceu que tão autorisado e competente juiz declarasse que a lêra com a mais viva satisfação por não encontrar n'ella razões para suspeitar a alienação mental do seu auctor. Infelizmente perdeu-se essa obra de longo folego, que ficára em poder d'aquelle tão illustrado brazileiro fallecido em Paris em 1865.

O conselheiro dr. Manoel Mauricio Rebouças falleceu na cidade de S. Salvador da Bahia em 19 de Maio de 1866.

26 DE JUNHO

ANTONIO THOMAZ DE GODOY

Natural da provincia de Minas-Geraes, Antonio Thomaz de Godoy nasceu a 8 de Dezembro de 1872 no antigo arraial do Tijuco, actual cidade da Diamantina, sendo filho legitimo de Antonio Thomaz de Godoy, e de D. Francisca Gomes de Oliveira.

Aos seis annos de idade perdeu seu pae; mas a tutella desvelada de seu tio Sebastião Felix de Godoy poupou-o ás provações crueis e perigosas por que de ordinario passa a orphandade.

Fez os seus estudos de primeiras letras e de latim nesse mesmo arraial onde nascêra: o seu talento demonstrou-se desde logo; o paiz devia aproveital-o, e o joven Godoy foi mandado aos dezeseis annos para S. Paulo, em cuja acade-

mia se matriculou depois de completar os seus preparatorios.

O Brazil acabava de sahir de sua gloriosa e proficua revolução: a independencia fôra proclamada, a constituição jurada; a patria chamava por seus filhos; já não havia emprego nem posição que não pudesse ser alcançada pela virtude e pela sabedoria: o enthusiasmo accendia o genio; e á semelhança do extenso valle do Egypto, onde depois de passar a inundação do Nilo rebenta a vegetação vigorosa e potente, no Brazil após o abalo immenso de uma revolução prodigiosa, os grandes talentos surgião como por encanto, e nas cabeças louras de jovens enthusiastas e estudiosos preparavão-se, como dissemos, os futuros estadistas do paiz.

A prova de que Antonio Thomaz de Godoy não era um homem mediocre; é que elle não passou desapercebido no meio dessa mocidade esperançosa e ardente.

Em 1834 conquistou o honroso diploma que anhelava, e voltando logo para o seu torrão natal, ahi se estabeleceu como advogado; mas a sua vocação e o seu genio o chamavão a seguir a nobre carreira da magistratura: ardia por desempenhar esse grande papel de magistrado, em que o homem se transforma em sentinella da lei, em guarda dos direitos de todos, em escudo da sociedade, em garantia da justiça, em defensor da vida e da propriedade, vingador da innocencia, e mantenedor da ordem.

Ambição tão justa e louvavel foi cedo satisfeita. Em 1837 o dr. Antonio Thomaz de Godoy foi nomeado, na fórma da legislação provincial então existente, juiz de direito substituto da comarca de Jequitinhonha, e a 19 de Junho de 1839 entrou no exercicio desse lugar, servindo-o interina-

mente até o dia 21 de Janeiro de 1841, em que por decreto imperial teve a nomeação de juiz de direito effectivo.

A época era tormentosa: em todo o Brazil, e muito notavelmente na provincia de Minas-Geraes, a luta politica mostrava-se violenta e intolerante; não havia indifferentes; cada cidadão achava-se alistado em um dos dous partidos que dividião o paiz em dous campos. Antonio Thomaz de Godoy foi, desde que pôde ter uma opinião e manifestal-a, membro decidido e influente do partido liberal; de tal modo porém se houve o magistrado no desempenho do seu dever, que amigos e adversarios applaudirão o juiz integro que com imparcialidade nunca desmentida soube repartir a justiça, e não dar jámais quartel ao crime.

O homem era do seu partido, o juiz de toda a sociedade; tinha nos olhos a venda, e na dextra a balança de Astréa.

Entretanto a politica intolerante traz nos olhos tambem uma venda; mas essa serve sómente para não deixar vêr o merecimento do adversario. A 3 de Novembro de 1841 o juiz de direito de Jequitinhonha foi removido para o Baixo-Amazonas.

Tendo de tomar assento na assembléa provincial de Minas em Abril de 1842, o dr. Antonio Thomaz de Godoy mandou effectuar a posse do seu novo lugar por um procurador, e reunida aquella assembléa foi elle unanimemente eleito seu presidente: esta eleição foi ao mesmo tempo um voto de gratidão e um protesto de partido. A assembléa provincial teve de ser adiada no dia 9 de Maio.

O dr. Antonio Thomaz de Godoy envolveu-se na rebellião de Minas, e consequentemente foi preso a 26 de Junho de 1842. Essa culpa em que tantos brasileiros incorrêrão,

desde muito que está lavada pela amnistia concedida pelo Imperador.

Quando a 10 de Julho de 1843 as portas da prisão forão abertas a Antonio Thomaz de Godoy, já tinha sido a 10 de Maio do mesmo anno declarado em abandono o seu lugar de juiz de direito do Baixo-Amazonas, por elle não se ter lá apresentado; voltou pois o dr. Godoy á sua banca de advogado, e extremou-se em empregar todos os seus esforços para minorar os soffrimentos dos seus correligionarios politicos: amigo seguro, a sua pedra de toque foi a adversidade.

Mas brilhou o dia 2 de Fevereiro: a amnistia de 1844 apagou as culpas de 1842: a humanidade e o patriotismo saudárão agradecidos o monarcha illustrado que se levantou acima dos partidos.

A comarca de Jequitinhonha foi restituida ao dr. Antonio Thomaz de Godoy por decreto de 20 de Junho de 1844, sendo della removido a 26 de Outubro seguinte, não a pedido seu, mas por utilidade publica para a comarca do Serro.

Como deputado da assembléa geral pela provincia de Minas teve assento na camara desde 1845 até 1848, e se não conquistou fóros de orador, distinguio-se nos trabalhos de commissões importantes. Em 1849 mereceu ser condecorado por S. M. o Imperador.

Removido da comarca do Serro para a provincia do Espirito Santo, ahi exerceu, desde o anno de 1850 até 1854, cumulativamente, os cargos de juiz de direito e de chefe de policia, e de 1854 a 1856, o de chefe de policia sómente: o nome, a reputação que deixou nessa provincia, assignalão o seu alto merecimento; retirou-se coberto de bençãos,

quando por decreto de 8 de Março de 1856, foi chamado a exercer funcções identicas no Rio-Grande do Sul.

Tocando de passagem na capital do Imperio, ao dirigir-se para aquella provincia, o governo de Sua Magestade o removeu para o lugar de chefe de policia da côrte. Duas considerações demonstrão o alcance desta nomeação: o gabinete que encarregára o dr. Antonio Thomaz de Godoy de tão honrosa e transcendente commissão, tinha por presidente o marquez de Paraná, um dos capitães mais extremados do partido que o dr. Godoy combatêra, e a época era a da inauguração do novo systema eleitoral, e da liberdade do voto.

Como desempenhou elle a tarefa de que fôra incumbido?.. o Brazil inteiro o sabe: virão-o todos velando pela execução fiel e religiosa do mais generoso pensamento afastar dos comicios a força publica e os agentes policiaes, e cumprindo o preceito da abstenção do governo na luta eleitoral, cruzar os braços diante das urnas, e deixar ao povo e só ao povo a escolha daquelles que devião eleger os seus representantes.

E' facto digno de registrar-se, nesses dias de ardor e de combate constitucional, em que a policia e a força publica não se envolverão na contenda, a contenda não foi além dos limites da lei: o povo mostrou que era digno da liberdade que fruia, e a palma da victoria pertenceu não sómente aos candidatos que vencerão, mas ainda á politica e ao magestoso pensamento, que fizéra da lei uma realidade.

Tendo pedido e obtido demissão do cargo de chefe de policia da côrte a 27 de Março de 1857, foi o desembargador Godoy nomeado por decreto de 30 do mesmo mez juiz especial da 2ª vára do commercio desta capital. Os

seus comprovincianos derão-lhe ainda uma prova não equivoca da alta consideração em que o tinhão, incluindo o seu nome na lista sextupla de senadores que em 1857 foi offerecida á escolha de S. M. o Imperador.

O dr. Antonio Thomaz de Godoy falleceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 2 de Julho de 1858 depois de cruel e longa enfermidade.

Intelligencia esclarecida, coração generoso, alma candida, firmeza de principios politicos, integridade de magistrado; honradez e lealdade forão os dotes desse illustre cidadão.

27 DE JUNHO

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA

CONDE DE S. SALVADOR

Filho legitimo de Antonio Joaquim da Silveira e de D. Maria Rosa da Conceição nasceu á 11 de Abril de 1807 na freguezia de Santa Rita da cidade do Rio de Janeiro Manoel Joaquim da Silveira, que pobre de fortuna, e rico de intelligencia foi recebido em annos juvenis no palacio da Conceição, como famulo do bispo, e ali teve na camara ecclesiastica modestissimo emprego, que lhe facilitou a vida e o estudo.

No fim de poucos annos o joven exulta, tomando ordens sacras; brilha enthesourando sciencia, cultivando evangelicamente a caridade, embora seja ainda muito pobre, e

dando exemplo de singulares virtudes. No seminario episcopal de S. José ensina com abalisada sciencia a theologia, e nomeado depois reitor, reforma o seminario com proveito dos estudos, e da administração economica que prospera se torna.

Conego e secretario do cabido, e depois inspector da capella imperial, regenera esta, adorna-a, alinda-a, e consegue do governo o augmento justissimo de congruas do cabido.

Vae á Napoles na esquadra que devia trazer para o Brazil a virtuosa princeza, augusta imperatriz, de quem devia ser e foi o digno capellão.

De Napoles, com a permissão da imperatriz, dirige-se á Roma, onde é recebido e honrado pelo Santo Padre, e, de volta á patria, dá ao prélo curioso livro em que perpetúa as amenas e sabias impressões, e estudos dessa viagem por todos os titulos memoravel.

Em 1852 o conego Silveira achou-se elevado á principe da igreja, como bispo do Maranhão. Chegáia-lhe a mitra sem que elle tivesse pedido e nem ao menos desejado; recebeu a noticia da sua grandeza, dizendo humildemente: « seja feita a vontade de Deos. »

A diocese do Maranhão experimentou a doce e santa influencia das virtudes e da sabedoria do seu bispo, e deste se despedio chorando, quando elle obediente e sempre humilde teve de deixal-a para assumir o arcebispado da Bahia.

O bispo do Maranhão D. Manoel Joaquim da Silveira recebera nova e grandiosa distincção sendo o preferido para succeder no arcebispado á um homem monumento, á D. Romualdo, o marquez da Santa Cruz.

Sabio por sabio, D. Manoel Joaquim da Silveira não

podia deslumbrar a memoria de D. Romualdo; poude porém mostrar-se digno do antecessor que o sujeitava á comparação obrigada, e como que ameaçadora de amesquinhamento do successor de tão fulgente primaz e metropolitano do Brazil.

O dia 27 *de Junho* de 1861, em que D. Manoel Joaquim da Silveira tomou posse do arcebispado da Bahia, foi o de sua mais alta grandeza na terra, e nelle fica inscripto o seu venerando nome.

O Imperador que já o tinha agraciado com a commenda da Ordem de Christo, e nomeado Official da Imperial Ordem do Cruzeiro, conferio-lhe o titulo de conde S. Salvador.

Exemplar por suas virtudes, e pela sua caridade o conde de S. Salvador ainda pela sua sabedoria é verdadeira gloria do clero brazileiro.

No anno de 1874 o arcebispo D. Manoel Joaquim da Silveira, conde de S. Salvador rendeu a alma á Deus na cidade da Bahia.

28 DE JUNHO

JOSÉ ALVES MACIEL

Natural da então capitania de Minas-Geraes, onde nasceu, em Villa-Rica, no anno de 1751, e filho legitimo do capitão-mór José Alves Maciel e de D. Juliana Francisca de Oliveira, aquelle que na pia baptismal recebêra o primeiro nome e logo tambem os de familia de seu pae teve rico e auspicioso berço ; mas depois por amor da patria bem cruel destino.

Começou seus estudos no Brazil e foi completal-os na Europa. Formou-se em sciencias naturaes na universidade de Coimbra, e é muito de presumir que fosse um dos dose estudantes brazileiros que antes de 1786 se comprometterão em conferencia patriotica á empenhar-se pelo conseguimento da regeneração politica do Brazil, colonia de Portugal.

A gloriosa independencia dos Estados-Unidos Norte-Americanos acendia ardentes aspirações de liberdade nos animos generosos da juventude esclarecida brazileira, e de todos os patriotas.

O dr. José Alves Maciel, deixando Portugal, visitou a Inglaterra, onde se demorou anno e meio, estudando a industria manufactureira e aperfeiçoando-se em chimica com a intenção de servir ao progresso industrial de sua patria.

Exaltado, possuindo grande cabedal de instrucção, com o espirito ardendo em idéas liberaes de democracia pura, filiado na franc-maçonaria, o dr. José Alves Maciel desembarcou em 1788 na cidade do Rio de Janeiro, onde já encontrou, quem com elle ás occultas fraternisasse nos mesmos principios, e por desafortunado caso o alferes Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes, á quem facilmente electrisou com as suas justas, mas calorosas e arrebatadas apreciações das opulencias naturaes do Brazil.

Chegando á Minas-Geraes tudo concorreu para que o dr. Maciel enthusiasmado se lançasse na conjuração que se tramava ali para a independencia e para a republica: tudo, porque a conjuração sorria a todas as suas idéas; porque entrando na conjuração desempenhava compromisso de estudante e dever de patriota; e porque emfim o chefe da conjuração era seu cunhado Francisco de Paula Freire de Andrade.

O dr. Maciel não foi aliciado, entrou com ardor na conjuração, e excitou-a.

Sobreveio a denuncia ; elle foi preso á 28 de Junho de 1789, e como os outros conspiradores processado,

condemnado a morte, e, por commutação desta pena, sahio em degredo por dez annos para Angola.

Sua prisão e sua desgraça tinhão levado seu velho e amoroso pae á sepultura.

Essa morte apressada pelo seu infortunio, as saudades da patria, o pão do desterro que é sempre amargo, as desillusões, tudo isso que produz em summa dôr profunda, abreviárão a existencia do patriota exilado.

Empregava o governo o dr. José Alves Maciel em levantar em Angola uma fabrica de ferro. Fabrica de ferro para que fim ?.... para o bem, para a liberdade, para a independencia do Brazil não servia.

O desterrado obedeceu ; mas poueo sobreviveu á fundição, e sorrio á morte, como se saudasse á liberdade.

29 DE JUNHO

LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ

Filho legitimo de João Pedreira do Couto, e de D. Maria Ferraz da Motta, neto pela parte paterna de Luiz Pedreira Lapa e de D. Anna Maria do Espirito Santo, e pela materna de Manoel Ferraz da Motta, e de D. Ignacia Maria do Espirito Santo, todos abastados fazendeiros em Minas de Goyaz, nasceu Luiz Pedreira do Couto Ferraz á 23 de Junho de 1791.

Tendo feito no Rio de Janeiro os seus estudos de humanidades, partio para Portugal e na Universidade de Coimbra tomou o gráo de bacharel em direito á 11 de Junho de 1810 e leu no Dezembargo do Paço em 17 de Outubro de 1811, tendo cursado as aulas da respectiva faculdade com tanto proveito, como estimada reputação.

Sendo ainda estudante da Universidade, servio sob o

commando de José Bonifacio de Andrada e Silva na guerra contra os francezes invasores de Portugal.

Voltando para o seio da patria, entrou na carreira da magistratura, sendo em 1810 nomeado juiz de fóra das villas de Santo Antonio de Sá e Magé.

Tão modesto, como esclarecido, tão brando de coração, como forte de espirito, foi naquellas villas magistrado de tanta probidade, e de rectidão tão escrupulosa, e ao mesmo tempo de animo tão conciliador, que no fim do seu triennio os povos de Santo Antonio de Sá e de Magé representárão ao principe regente D. João, pedindo a reconducção do seu amado juiz de fóra, sendo esta de facto concedida com predicamento.

Deixou nas duas villas nome abençoado, que ainda hoje lembrão os filhos daquelles que experimentárão no seu tempo a justiça de Luiz Pedreira, contra quem nunca se levantára a mais leve queixa.

Juiz de fóra modelo, que cortava demandas e terminava pleitos, conseguindo conciliações que tornavão em amigas as partes contrarias, severo zelador dos orphãos, lavrando sempre sentenças, á que respeitosos se curvavão os proprios que erão por ellas desattendidos em suas pretenções, energico defensor da sociedade á prevenir, ou á castigar os crimes contra a segurança pessoal e de propriedade, Luiz Pedreira do Couto Ferraz foi nas duas villas o mais liberal, o mais popular, o mais justo e louvado juiz daquelle tempo de absolutismo.

Visitando D. João VI a villa de Santo Antonio de Sá, ficou tão satisfeito do credito que gozava o juiz de fóra dr. Luiz Pedreira, aliás ainda tão joven, que de moto proprio conferio-lhe o habito de Christo, e o fôro grande

de fidalgo cavalleiro, graças que naquelle tempo valião na estima e ambição dos homens o que hoje não valem outras de muito mais subido gráo.

De juiz de fóra de Santo Antonio de Sá e Magé passou o dr. Luiz Pedreira. a juiz do crime dos bairros de Santa Rita e S. José e superintendente da decima urbana, da cidade do Rio de Janeiro, sendo um dos poucos juizes que ao terminar o seu triennio, estava completamente quite com o Real Erario, apezar de um grande desfalque soffrido em seus cabedaes, em consequencia de faltas, que teve de pagar, commettidas durante sua ausencia da côrte, em commissão á cidade de Campos para applacar uma revolta alli occorrida. Em Campos prestou relevantissimos serviços e em poucos dias deixou tudo pacificado por meios brandos, captando a estima de todos os campistas, e deixando amigos leaes e dedicados até á sua morte.

Terminada a commissão teve honras de dezembargador e pouco depois foi despachado para a Relação da Bahia com assento e exercicio na casa da Supplicação, onde passou a ser dezembargador ordinario e depois aggravista.

Servio, por vezes, de ajudante do intendente geral da policia, e todas as varas civeis e crimes no Rio de Janeiro, havendo occasião, em que por impedimento de outros juizes quasi todas se reunirão em suas mãos.

Tinha apenas quarenta annos, quando falleceu, e se mais alguns mezes vivesse, teria tomado assento no Supremo Tribunal de Justiça, por que era o aggravista mais antigo.

Em sua carreira de magistrado que terminou, quando morreu em 1831, Luiz Pedreira foi sempre o mesmo homem, e o mesmo juiz, o exemplo da intelligencia illustrada pelo estudo, typo de probidade que nunca vacillou, e de severa

rectidão, que ao seu juizo e ao seu voto dava o prestigio da luz da consciencia, e da verdade da lei.

Em 1823 a reputação bem merecida que gozava, a estima profunda de que era objecto pelas suas virtudes de homem particular, pelo bello renome de magistrado integerrimo e honradissimo, e o conhecimento das luzes de sua intelligencia levárão os bahianos á dar-lhe expontaneos votos para deputado á constituinte brazileira, na qual tomou assento Luiz Pedreira, como supplente, desde 6 de Agosto desse mesmo anno.

O mandato era tão exigente e magestoso, que elle o recebeu obediente á voz da patria.

Em 1826 a provincia do Rio de Janeiro tambem o elegeu deputado á primeira legislatura ordinaria do imperio.

Na constituinte como na legislatura de 1826 á 1829 Luiz Pedreira do Couto Ferraz votou sempre com espirito moderado, com as tendencias do seu caracter conciliador, com aspirações liberaes; mas sempre dirigido pelos principios conservadores, e de respeito a autoridade legal, cuja escola ainda não organisada regularmente em partido, elle parecia adevinhar, servindo-a, conforme sua educação, e suas convicções.

Não foi orador, não quiz pretender os louros da tribuna parlamentar: ninguem póde dizer, o que elle seria, se aspirasse triumphos oratorios na camara, ou influencia politica nos negocios do Estado.

Luiz Pedreira sentou-se e votou no parlamento brazileiro por obediencia ao voto não pedido, nem desejado com que o honrárão seus concidadãos.

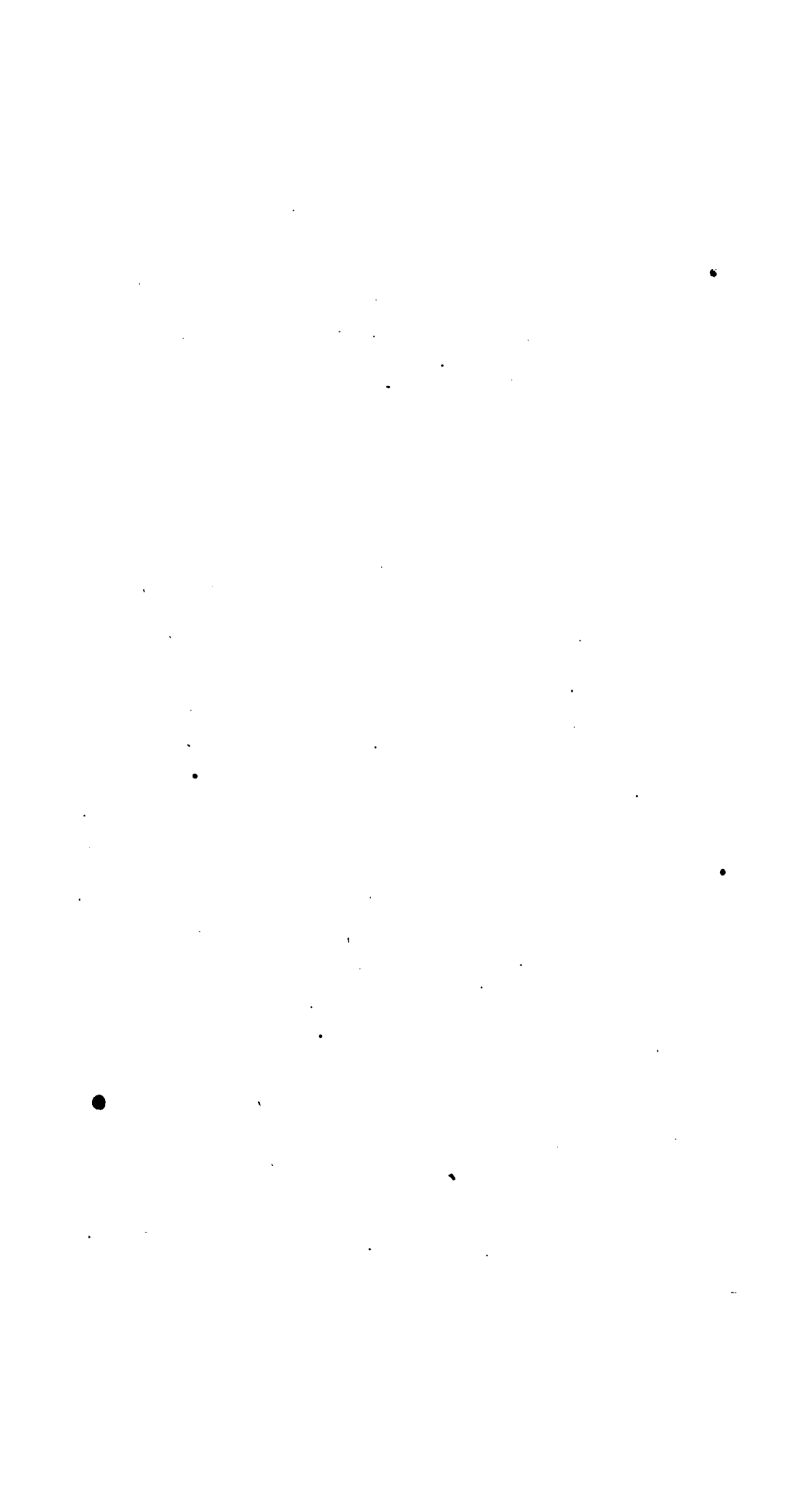
Mas o seu lugar não era nem na constituinte, nem na camara dos deputados: Luiz Pedreira era exclusivamente ma-

gistrado, o homem da lei: o juiz escrupuloso e severo achava-se fóra do seu elemento nas lutas politicas, em que o interesse dos partidos muitas vezes suffoca, sacrifica, ou põe de lado as noções mais positivas do direito.

Luiz Pedreira não pretendeu ser, nem foi reeleito deputado á segunda legislatura.

Inteiramente dedicado aos deveres do seu sacerdocio social, continuava á resplender como juiz honorificado pela confiança geral que bem merecêra pela sua esclarecida justiça, e fama de probidade, e de consciencia pura, quando a morte veio cerrar-lhe para sempre os olhos á 29 de Junho de 1831 na cidade do Rio de Janeiro.

Luiz Pedreira do Couto Ferraz desceu á sepultura tendo por mortalha a sua tóga de magistrado bella, pura, e lisa; pois que não levava nem a mais leve nodoa, nem o signal da mais ligeira compressão, que a deixasse em algum ponto amarrotada.

Magistrado exemplar, é de dever honrar-lhe e perpetuar-lhe a memoria.

30 DE JUNHO

FREI CUSTODIO ALVES SERRÃO

Na villa depois cidade de Alcantara, provincia do Maranhão, nasceu em 1799 Custodio Alves Serrão, filho legitimo de José Custodio Alves Serrão e de D. Joanna Francisca da Costa Leite, e porque tivesse muitos irmãos e pouca fortuna no lar paterno, ao sahir das faxas foi adoptado por seus avós maternos Christovão da Costa Leite e D. Maria Thereza, achando mãe estremecida na filha destes e sua madrinha D. Francisca Romana da Costa Leite.

Aos doze annos de idade, tendo já os primeiros rudimentos de latinidade seus avós o entregárão em Alcantara como pupillo aos religiosos de Nossa Senhora do Carmo com os quaes apenas se adiantou no latim. Aos tres lustros, apezar de confessada negação para o claustro, e só por obediencia á familia, professou.

No convento dos Carmelitas da cidade de S. Luiz do Maranhão frei Custodio tornou-se latinista notavel, estudou sem mestre as linguas franceza e italiana e aos dezoito annos tinha lido quantos livros formavão a modestissima bibliotheca daquelles religiosos. Os frades ufanozos daquelle joven professo tão intelligente e estudioso offerecerão-lhe transporte e alimentação á custa do convento para em Coimbra seguir o curso de estudos superiores: a familia conveio agradecida em fazer todas as outras despezas necessarias e frei Custodio e um companheiro de igual destino chegárão em 1818 á Lisboa, onde não se poderão lisonjear do modo porque os recebeu o provincial da sua Ordem.

Recolhido ao convento collegial de Coimbra frei Custodio feitos os seus exames de portuguez e latim, matriculou-se no collegio das artes, dependencia da universidade, e no fim de poucos mezes foi approvado nos preparatorios de philosophia racional e grego.

Em 1819 começou porfiada campanha : as autoridades do convento collegial impuzérão o curso das sciencias theologicas á frei Custodio; elle porém frade professo, que não tomára, nem tomou ordem alguma, nem a de prima tonsura, elle em quem já fulgia o espirito de independencia, que d'ahi em diante fortemente o caracterisou, resistio, quiz e seguio o curso de sciencias naturaes.

Quanto se póde imaginar em recursos de má vontade e de oppressão foi empregado por aquellas autoridades contra frei Custodio, que para ellas escandaloso se tornou, mostrando-se apologista da revolução de 1820: no anno seguinte, sob pretexto da falta da remessa da pensão á que se obrigára a familia do professo brazileiro, falta só temporaria e explicavel pelos movimentos politicos que occorrião

no Brazil prestes á declarar-se independente, frei Custodio foi até privado da alimentação á meza dos Carmelitas de Coimbra.

Embora! o illustre brazileiro approvado plenamente no primeiro, segundo, quarto e quinto annos, e premiado no terceiro, completou o curso, e tomou o grão de bacharel formado em 1823.

Com razão desligado dos Carmelitas em Portugal, e felizmente auxiliado em sua critica situação por um seu parente e compatriota, deixou com elle Lisboa e vierão ambos chegar á 30 de Junho de 1825 ao Rio de Janeiro, onde recebeu no *Convento do Carmo agazalho fraternal*.

No anno seguinte foi nomeado lente de zoologia e botanica da imperial academia militar, e em 1828 director do museu nacional, resignando por isso a commissão de redactor de uma parte do *Diario da Camara dos Deputados*, tarefa que desde 1826 desempenhava com applauso geral.

Em 1833, reformada a Academia que passou a denominar-se Escola Militar, foi frei Custodio encarregado da cadeira de chimica e mineralogia:

Em 1835, indo com licença ao Maranhão, visitar sua mãe adoptiva, elle explorou em Sergipe as serras de Itabaiana afamadas por salitrosas e auriferas, e nas Alagôas a formação bituminosa das praias de Camaragibe, remettendo amostras para o Rio de Janeiro.

Em 1840 frei Custodio obteve o breve de sua secularisação perpetua.

Em 1842 com seus esforços e conselhos concorreu muito para a reforma da administração scientifica do museu nacional, e das quatro secções em que este foi subdividido, coube ao sabio director a de mineralogia, geologia, e scien-

cias physicas, e interinamente a de numismatica, artes liberaes, archeologia, usos e costumes das nações modernas.

No anno de 1847 obteve a sua jubilação na escola militar e a demissão de director do muzeu nacional.

Em 1859 á empenho do governo aceitou o cargo de director do Jardim Botanico da Lagôa do Rodrigo de Freitas que só por dous annos occupou, sem que pudesse realisar os planos de reforma, que mais de dez annos antes propuzéra em desempenho de commissão para que fôra nomeado.

Além destes serviços frei Custodio foi aproveitado pelo governo em importantes tarefas scientificas, avultando a que satisfez como membro do conselho de melhoramentos da casa da moeda.

Retirando-se da direcção do muzeu, elle offertára para esta instituição toda a sua preciosa bibliotheca.

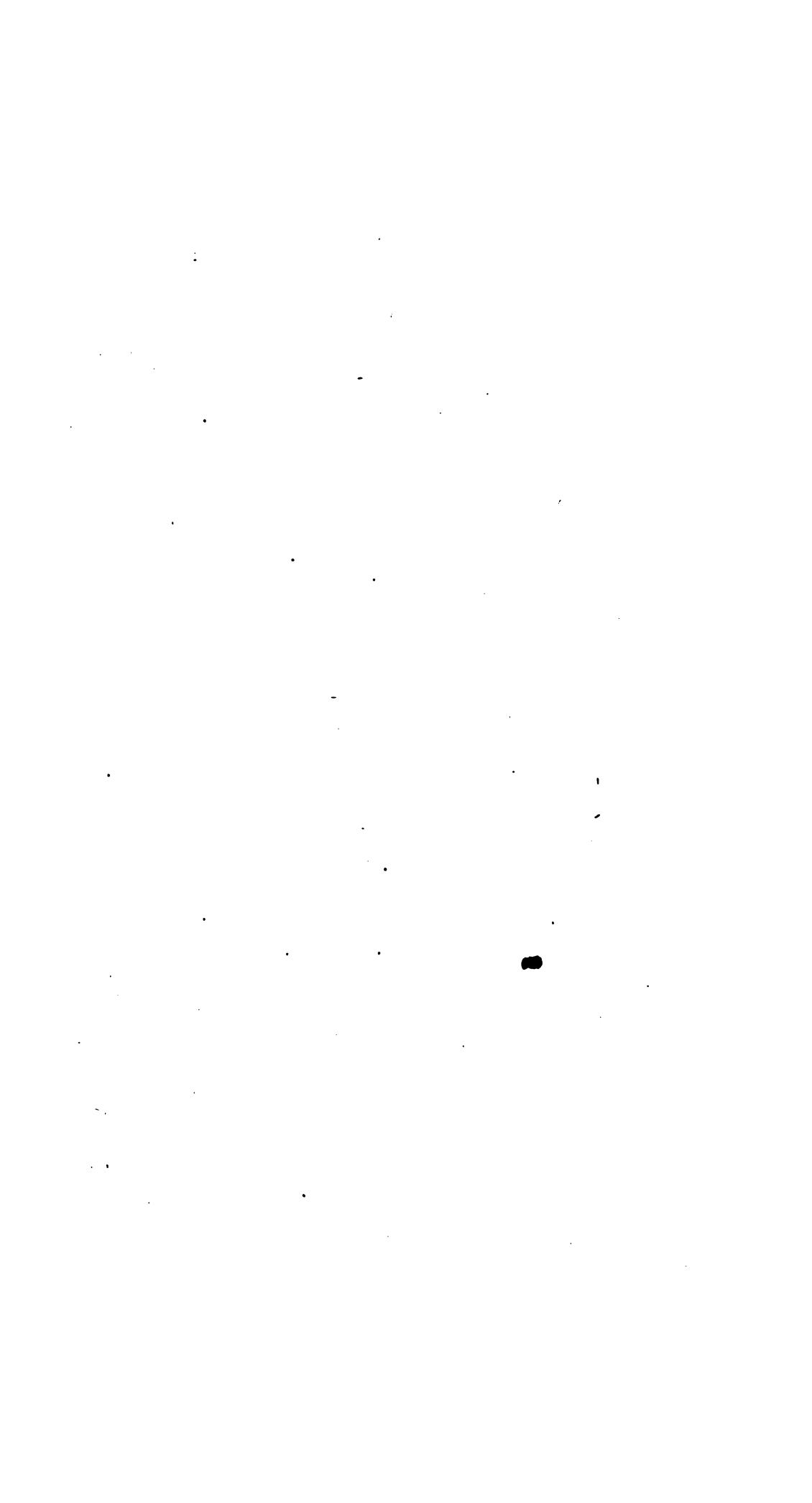
Frei Custodio foi membro instituidor da Sociedade de Melhoramentos da Instrucção Elementar, honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, presidente honorario da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, membro do conselho fiscal do Instituto Fluminense de Agricultura. O imperador o agraciou com a commenda da Ordem de Christo; elle porém, agradecendo muito a distincção, deixou de tirar o titulo, dizendo que *essa honra não se conformava com a sua humilde posição.*

De 1861 em diante viveu retirado em pitoresco *sitio* que possuia na Gavêa, onde venerado pelos amigos, pelos homens illustrados, pelo povo e pelos pobres, foi quasi feliz até que sobreveio a cegueira que o matou antes de sua morte.

Foi por todos os seus contemporaneos considerado— *sabio*.

Em politica professou até a sua morte as idéas liberaes, servio á ellas nos comicios eleitoraes, e nos conselhos; nunca porém consentio que o elevassem á posição alguma.

Foi honrado, leal, e de caracter independente de facilimo accesso, e amabilissimo trato.

Frei Custodio Alves Serrão falleceu *á* 10 *de Março* de 1873.

1 DE JULHO

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS

Vastissima intelligencia, grande poeta, padre virtuoso e sabio, admiravel orador sagrado, Antonio Pereira de Souza Caldas, filho legitimo do negociante portuguez Luiz Pereira de Souza e de D. Anna Maria de Soúza, honestissima açoriana, vio a luz na cidade do Rio de Janeiro á 24 de Novembro de 1762.

De compleição fraca e doentia foi aos oito annos de idade mandado para Lisboa na esperança de que lhe aproveitasse o clima temperado, e sob as vistas cuidadosas de parentes de seu pae começou á estudar, e aos deseseis annos partio para Coimbra afim de seguir na universidade o curso de direito.

Sempre debil, e de saude melindrosa, mas de vivissima

imaginação e de profundo estudo, Caldas, sem o pensar, nem querer, celebrisou-se logo na universidade : nas aulas primava como estudante, e fóra das aulas em inspirações sorprendentes escrevia a ode perpetuada—*O Homem Selvagem*—*as Noites Philosophicas* dedicadas as *Aves* que Thomaz Gray e Delille quererião ter escripto, a cantata de *Pygmalião*, que é um enlevo indisivel de suavidade e belleza de poesia, e outros cantos que deverião ser para elle titulos de protecção, e fontes de incentivos; mas que forão sómente motivos de inqualificavel perseguição.

Aos olhos do mal chamado Santo Officio aquella maravilhosa intelligencia, aquelle estro, aquelle prodigioso talento poetico tornárão suspeito o inspirado, e Caldas, o estudante já meio-sabio por estudos extraordinarios para sua idade, foi preso, mandado julgar pela Inquisição, e por esta, *em piedosa attenção á sua juventude* condemnado á seis mezes de exercicios na congregação dos padres cathechistas de Rilhafoles, aos quaes talvez elle pudesse ensinar á comprehender bem a lei santissima de que erão ministros.

Modesto, paciente, illustrado, radiante de intelligencia, os padres de Rilhafoles dignos de louvor por isso, pedirão e obtiverão o perdão da innocente victima, e Caldas continuou seus estudos, recebeu os gráos academicos, exerceu a advocacia e não aceitou despacho offerecido de juiz de fóra para uma das villas do Brazil : melancolico e vivendo em retiro, recebeu doloroso golpe na noticia da morte de seu pae, e afflicto, e á desejar e á procurar consclações na observação, no estudo, e nas impressões variadas de illustrado viajante, deixou Portugal, visitou primeiro a França, a amada da leitura dos livros em que principiára á dilatar o horisonte de suas idéas, depois outros paizes, depois a Italia, cujo

passado rememorou, como poeta, e como illustre antiquario nos tumulos dos heróes e dos poetas, e nos monumentos da grandeza humana, e depois e emfim na mesma Italia Roma, a cidade da gloria idolatra, e do throno do catholicismo.

Em Roma Pio VI estimou-o, os sabios mais venerados o distinguirão, a fé catholica que o Santo Officio não pudera nem devia inflammar em sua alma; porque a Inquisição era a calumniadora da santidade da lei de Jezus, em Roma a fé catholica toda suave, e angelicamente inspirada attrahio, conquistou, absorveu o espirito e o coração de Caldas, que deixou pelo Evangelho, o codigo de Jesus, a lei mudavel, o livro do codigo dos homens, tomou ordens, e fez-se ministro do Senhor.

Voltando padre á Lisboa desprezou a abbadia de Lobrigos, não quiz aceitar a mitra episcopal do Rio de Janeiro, preferio ser padre, simples padre, explicador e pregador do Evangelho, e em Portugal durante quatro annos na igreja do Coração de Jesus, e na de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, que escolhêra para suas predicas, sua eloquencia admiravel pela simplicidade, pelo encanto da convicção, e pela doçura das lições attrahio e dominou multidão de ouvintes, que acudião á receber transportados a palavra e o ensino daquelle apostolo que em vez de aterra-lo com as ameaças dos martyrios do purgatorio, e do fogo interminavel do inferno, os consolava e animava com a segurança da infinita mizericordia de Deus, e dos gozos do céo ainda para os maiores peccadores voltados á graça divina pela regeneração do arrependimento, esse outro baptismo, que lava as culpas do homem até na extrema hora, ou no momento da morte.

Em 1808 voltou o padre Caldas para o Brazil, e che-

gando ao Rio de Janeiro á todos maravilhou pelas suas virtudes e sabedoria.

O padre não deixára de ser poeta; mas trocára a lyra profana pela harpa religiosa.

Na cidade do seu berço preferio para suas predicas a igreja de Santa Rita, em cuja pia recebêra o baptismo e em todos os domingos numeroso concurso de povo pendia dos labios do grande orador que ensinava e explicava as doutrinas da Igreja com profunda sciencia; mas de modo que illuminava os espiritos mais rudes e aditava todos os corações.

O padre Caldas quasi sempre improvisava no pulpito, e deixou fama, que teria por certo fundamento bem documentado, se escrevesse suas praticas. Testemunhas de ouvido fallavão com enthusiasmo de sua eloquencia simples; mas arrebatadora. Contavão muitos e todos accordes que, por exemplo, á 1 de Julho de 1809, tomando elle por assumpto do seu discurso o mandamento de Deus—*honrarás á teu pae e tua mãe*—produzira tal effeito, que ao terminar a pratica, estavão os seus ouvintes á chorar enternecidos.

Muito modesto, o padre Caldas furtava-se aos triumphos ruidosos, e limitava-se a exercer os seus deveres de sacerdote na igreja de Santa Rita com desinterresse exemplar, e em quasi todos os casos gratuitamente, sendo além disso caridoso e esmoler quanto lhe era possivel.

Pouco ou nada despendia comsigo: morava em companhia de sua mãe, que era de fortuna abastada: cuidava-lhe da roupa uma velha antiga escrava, que tinha sido sua ama sêca: a excellente mãe, conhecendo que por seu desinteresse, e apuro de sentimento religioso o filho nunca se

achava indinheirado, mandava pela velha creada por-lhe no bolso uma moeda de prata de tres patacas antes que elle sahisse para dizer missa; notando porém que o padre voltava sempre sem a moeda, um dia, simulando esquecimento, deixou-o sahir sem aquelle recurso.

O padre Caldas não deu pela falta; foi para a igreja, e acabada a missa, procurou debalde a moeda, e perturbou-se vendo á porta da sachristia os pobres que o esperavão: então curvou-se, tirou dos sapatos as fivellas de ouro, e entregando-as aos pobres, disse-lhes: — vendão as fivellas, e repartão entre si o producto.

Este facto é positivo, e prova até que ponto levava o sabio padre a virtude da caridade.

No fervor do seu apostolado o padre Antonio Pereira de Souza Caldas falleceu á 2 de Março de 1814.

O padre Caldas cultivou quasi todos os generos de litteratura, foi escriptor e poeta, sendo estudante, sendo advogado, e emfim sendo ministro do altar: variárão muito por isso o caracter e o genero de suas obras: compoz cantatas, odes, poesias eroticas, tragedias, obras de critica e de philosophia, sermões, poesias sagradas, e quasi tudo isso se perdeu; porque em seus escrupulos religiosos o autor lançou ao fogo grande numero desses trabalhos, e muitos outros, e copia de sermões cahirão em mãos de quem não os soube apreciar.

2 DE JULHO

FREI MANOEL DE SANTA MARIA ITAPARICA

Ignora-se a data do nascimento, e a filiação deste distincto brazileiro, cujo berço foi a ilha de Itaparica que jaz fronteira á cidade da Bahia. Deve-se julgal-o nascido no anno de 1704; pois que na idade de dezesseis annos professou no convento de Paraguassú á 2 *de Julho de* 1720.

Frei Manoel de Santa Maria Itaparica gozou fama de orador sagrado muito notavel, e de esclarecido cultor das muzas.

Delle ficou, como poeta, o poema *Eustachidos* impresso em um livro em 4° de 128 paginas, e hoje rarissimo: *Um epigramma latino á morte do Rei Fidelissimo*; uma *Canção funebre ao mesmo assumpto* e tres sonetos, composições conservadas na relação panegyrica das exequias que a Bahia celebrou pela morte de D. João V.

Mas deve-se ter por certo que muito mais fecundo

fosse em producções poeticas ; pois que Jaboatão fallando de frei Manoel de Santa Maria Itaparica, diz : « Foi destro cultor das flôres do Parnaso, e dos fructos do seu trabalho se podião ter colhido *alguns volumes*, se assim como se espalhão por mãos particulares, se ajuntassem em um corpo. »

A obra que realmente recommenda o nome do poeta itaparicano é aquelle já mencionado poema que tem o longo titulo de máo gosto ; mas de extensão em que delinquião muitos escriptores daquelles tempos: « *Eustachidos. Poema sacro e tragicomico em que se contem a vida de Santo Eustachio martyr, chamado antes Placido e de sua mulher e filhos. Por um anonymo, natural da ilha de Itaparica*; *da Bahia : Dado á luz por um devoto do Santo.*

Balthazar da Silva Lisboa no seu manuscripto *Apontamentos biographicos sobre a vida de varios brazileiros illustres* affirma que vira o original desse poema, e que este fôra impresso em Lisboa.

Eustachidos consta de seis cantos : no 5° em ligeiros traços que apenas lhe custão dez oitavas vê n'um sonho e, se não descreve, assignala a terra do Brazil antes de descoberta, e que

De um rei grande hade ser avassallado.

No mesmo livro e depois do poema aprecia-se a *Descripção da ilha de Itaparica.*

Ao seu merecimento como poeta reunio pois frei Manoel de Santa Maria Itaparica o amor da patria que lhe inspirou aquellas oitavas, e a descripção da pitoresca e mais tarde gloriosa ilha, onde nascêra.

Ignora-se a data do fallecimento do illustre itaparicano.

3 DE JULHO

D. JOANNA DE GUSMÃO

Em 1688 nasceu na antiga villa muito depois cidade de Santos, na provincia de S. Paulo, D. Joanna de Gusmão, oriunda da familia, de que tinhão já sahido Alexandre de Gusmão, o diplomata abalisado, e Bartholomeu de Gusmão o aeronauta.

Educada com os preceitos e com o exemplo do amor de Deus e da piedade essa virtuosa e humilde senhora, chegando á juventude foi despozada por estimado e rico fazendeiro, e vivião ambos na mais feliz união e venerados por quantos os conhecião, e ainda mais pelos pobres, de quem erão caridosos protectores, quando Joanna de Gusmão atormentada por dolorosa e longa enfermidade foi por seu esposo conduzida á *Fonte Santa*, cujas aguas erão reputadas milagrosas.

A *Fonte Santa* ou do *Senhor* era um remanso das aguas do rio Iguape em recanto de pouco fundo.

Rezão lendas tradiccionaes que lhe vierão tal nome, e taes virtudes por terem ahi lavado a imagem do Senhor (que se venera na ermida de Nossa Senhora das Neves) a qual encontrada na praia do *Una* junto ao rio chamado *Piassuna*, fôra lançada naquelle remanso do Iguape afim de a purificarem da vegetação marinha que recebêra.

Joanna de Gusmão restabeleceu-se, e indo com seu esposo á igreja de Nossa Senhora das Neves agradecer á Deus o beneficio recebido, e adoral-o na sagrada imagem, que fôra encontrada na praia deserta, depois de suas orações, virão pendente em uma das paredes e lerão a curiosa relação, que foi conservada pelo padre Christovão da Costa de Oliveira e que é hoje muito conhecida.

Tão impressionados ficarão os dous amantes e piedosos consortes, que ante á imagem santa fizerão ambos voto de não passar á segundas nupcias; mas de peregrinar pela terra com religioso sentimento aquelle que sobrevivesse ao outro.

Quem sobreviveu foi Joanna de Gusmão.

Pago o tributo das lagrimas ao esposo querido e morto, a nobre viuva, cumprindo o seu voto, tomou pesado habito negro de buril; poz ao pescoço e sobre o habito a imagem do *Menino Deus*, e em nome delle sahio *peregrina*, pedindo esmolas.

Só e caminhando sempre a pé, tomou a direcção do Sul, atravessou lugares desertos exposta aos selvagens, e ás feras, venceu asperos caminhos e penetrou emfim no territorio da actual provincia de Santa Catharina, e foi peregrinando ainda até que tomou a freguezia da Lagôa por ponto de li-

geiro descanso e de partida para suas successivas e constantes peregrinações.

Por toda parte achava guarida, esmola e veneração: todos a chamavão a *Mulher Santa*.

A escolha da freguezia da Lagoa para habitação predilecta era inspirada pelo ardente desejo de fundar ahi uma capella, para o que obteve licença do bispo competente, o do Rio de Janeiro; mas ou por conselhos, ou por expontaneo impulso, foi realisar sua idéa na ilha de Santa Catharina, e na povoação de Nossa Senhora do Desterro, depois cidade e capital da provincia.

Da liberalidade de André Vieira da Rosa teve a *Mulher Santa* á 19 de Março de 1762 escriptura de doação de dez braças em quadro de terreno para edificar a capella do *Menino Deus*, e pouco depois fez começar as obras com o fructo das esmolas que recolhera.

Era pouco; mas a *Mulher Santa* sempre a peregrinar á pé e em longas viagens trazia de continuo recursos para as obras que vio terminadas em dous annos.

Em 1765 instituio-se a irmandade dos Passos, Joanna entrou para ella, e á 3 *de Julho de* 1767 obteve provisão para erigir na igreja do *Menino Deus* a capella do Senhor dos Passos.

O culto, os paramentos para os sacerdotes, augmento piedosamente planejado da casa que construira contigua á igreja, exigião novas despezas: a peregrina seguio para a cidade do Rio de Janeiro, onde de 1773 á 1774 dia por dia bateu ás portas dos fieis pedindo esmola para a igreja do *Menino Deus*.

De volta á Santa Catharina a *Mulher Santa*, não continuou á peregrinar. Octogenaria, abatida pelos annos e

por enfermidades causadas pelo excesso de suas viagens á pé, e por privações e penitencias que se impunha, não poude mais caminhar como d'antes; mas desde então seu espirito peregrinou santamente pelas almas e pelos corações das filhas dos pobres.

A irmã dos dous illustrados e celebres *Gusmão*, não era instruida; mas era sabia. Abrio a casa contigua á igreja do *Menino Deus ás meninas pobres*: ensinou a ler, a escrever e as quatro especies de arithmetica, em que se resumia toda a sua educação litteraria; mas ensinou a amar á Deus, e ao proximo, ensinou o dever do trabalho, o encanto das virtudes, a magestade feminil da modestia e da castidade, em que se realçava a sua sabedoria. Os ricos não puderão invejar os pobres; porque suas filhas forão recebidas pela grande mestra e directora com o seio aberto de caridosa mãe.

Mas a *Mulher Santa* chegára aos noventa e dous annos: trabalhára muito, era victima de horriveis dôres, de padecimentos crueis, precisava, devia descansar.

Do alto do céo o *Menino Deus* sorrio-lhe, e chamou-a á 15 *de Novembro de* 1780.

Joanna de Gusmão falleceu nesse dia.

4 DE JULHO

FRANCISCO AGOSTINHO GOMES

Natural da cidade da Bahia, onde nasceu a 4 de Julho de 1769, Francisco Agostinho Gomes foi alli esmeradamente educado por seus paes que possuião grande fortuna.

Destinado á vida ecclesiastica, chegou á tomar ordens de diacono; mas reconhecendo-se sem vocação para o sacerdocio, não recebeu o complemento delle, e dedicou-se á estudos de lettras e sciencias em seu gabinete.

Herdeiro do rico estabelecimento commercial de seu pae; sem pratica porém do commercio, e mal dirigido neste, experimentou grandes prejuizos e desgostos provenientes de compromissos tomados.

Suspeito de idéas politicas contrarias ao systema de governo da metropole, Francisco Agostinho partio para Por-

tugal em 1797 ou 1798, demorou-se alli por algum tempo que aproveitou, estudando as instituições politicas, e desenvolvendo seus conhecimentos litterarios e scientificos, e depois de completamente reconhecida pelo governo a sua innocencia, recolheu-se á Bahia.

Em 1821 sua provincia o elegeu um dos seus deputados ao congresso constituinte da monarchia portugueza, e naquella assembléa bem que não brilhasse na tribuna, trabalhou activamente em diversas commissões, e conquistou respeito e consideração das maiores illustrações do congresso.

Fiel á causa de sua patria, e proclamada a independencia do Brazil, Francisco Agostinho foi um dos deputados brazileiros signatarios dos famosos protestos, em que declarárão nullos os seus poderes, e por conseguinte a sua incompetencia para assignar a constituição portugueza.

Agostinho Gomes não tardou em retirar-se para a Bahia, que em 1823 o elegeu deputado á constituinte brazileira, e depois á primeira legislatura ordinaria; mas abatido e quasi sempre enfermo, não sahia mais da cidade S. Salvador, onde falleceu á 19 de Fevereiro de 1842.

Francisco Agostinho Gomes era versado nos classicos latinos e portuguezes, e escrevia com elegancia e pureza; as linguas franceza, ingleza e italiana lhe erão familiares: como simples curioso fez consideraveis estudos de botanica e mineralogia, e reunio collecções curiosas; em economia politica mostrou-se muito sabido.

Enriqueceu o Jardim Real de Lisboa com avultado numero de vegetaes do Brazil classificados conforme o systema de Linneo, e acompanhados de interessantes observações.

Em 1836, discutindo-se na camara dos deputados o tra-

tado de commercio entre o Brazil e Portugal, publicou o illustrado bahiano a *Memoria Apologetica*, na qual patenteou seu notavel saber em economia politica.

O progresso moral e material do Brazil deverão-lhe bons serviços.

Francisco Agostinho mandou educar na Europa alguns jovens compatriotas desfavorecidos da fortuna; concorreu para a fundação da bibliotheca publica da Bahia, e fez-lhe doação de obras preciosas, e algumas raras; adiantou quantias para a introducção e propagação de plantas exoticas; tomou parte na criação de uma companhia para fundição do cobre e ferro descobertos na Bahia; introduzio machinas e instrumentos agricolas que á sua custa mandou vir da Inglaterra.

De seu nome fizerão honrosa menção viajantes que de perto o tratárão, como o principe Neuwied, e Thomaz Lindley.

Demasiado timido e modesto Francisco Agostinho Gomes apenas deu ao prélo a *Memoria Apologética*, e alguns artigos no *Jornal da Sociedade de Agricultura, Commercio e Industria da Bahia*.

Elle foi cavalleiro da Ordem de Christo, membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, um dos Estudiosos da Natureza de Edimburgo, e de outras sociedades litterarias.

5 DE JULHO

NICOLÁO RODRIGUES DOS SANTOS FRANÇA E LEITE

A' 5 de Julho de 1867 na cidade do Rio de Janeiro modestissimo, pobre cortejo funebre acompanhou até o cemiterio o cadaver de Nicoláo Rodrigues dos Santos França e Leite.

Era como um desconhecido que a morte levava, como o rio leva a folha murcha, ou o galho secco da arvore levantada á sua margem.

Nicoláo Rodrigues dos Santos França e Leite, filho legitimo do capitão João Rodrigues dos Santos França e Leite e de D. Izabel Maria e Leite, nasceu na provincia da Parahyba do Norte, e formou-se em direito na Academia de Olinda.

Rico de intelligencia, advogado de reputação, tendo for-

tuna herdada, que o mais honesto e dedicado trabalho augmentava, homem honrado e probo, zelava a independencia de suas idéas, algumas das quaes se afiguravão ou erão anachronicas, ou como dizião alguns dos seus amigos eivadas de excentricidade.

O dr. França e Leite nunca admittio tutella de pensamento e de opinião : viveu errando, e acertando por sua propria conta e risco.

De 1841 á 1849 França e Leite, liberal enthusiasta, salva a independencia de alguns de seus principios, que chegavão até á adhesão mais decidida aos antigos privilegios da primogenitura, fonte de opulencias, foi nos comicios eleitoraes, como sub-chefe de partido, na camara temporaria, como deputado, e nas lides da imprensa campeão desinteressado, amplamente gastador de suas rendas, orador de merecimento e patriota de coração.

Em 1842, dissolvida a camara, declaradas as revoltas liberaes de S. Paulo e Minas, suspensas as garantias, França e Leite foi um dos seis illustres cidadãos deportados para Portugal ; voltando porém á patria, passou em breve do desterro findo para os bancos da camara dos deputados em 1845 por eleição da sua provincia.

Em 1848 cahio com o seu partido ; mas na quéda ainda mais se estreitou com elle : nunca houve lealdade mais pura.

Proprietario da casa e chacara da *Floresta* na rua d'Ajuda, a historica e celebre *Floresta*, onde, além de outras combinações politicas, se preparára o plano, aliás burlado, do golpe de Estado de 23 de Julho de 1832, França e Leite ali recebeu o povo, e presidio reuniões publicas, animando o partido para disputar a eleição de 1853.

Sempre liberal, mas desgostoso da politica activa, occupou-se de melhoramentos materiaes, em que calculava proveito proprio; mas tambem grande utilidade publica : occupou-se muito de colonisação, perdeu parte de sua fortuna em tentativas infelizes, e na colonia que com enorme labor e avultada despeza fundára na provincia do Espirito Santo, experimentou consideraveis prejuizos, e peior que isso, teve de chorar a morte de um filho assassinado pelos indios.

Em 1857 o dr. Nicoláo Rodrigues dos Santos França e Leite accommettido de congestão cerebral soffreu longos mezes em tormentoso leito as consequencias desse ataque, e morreu emfim quasi ignorado no seio de sua familia.

O amor filial salvou do olvido, e deu ao prelo em um volume de 294 paginas em 8° o importante trabalho que o illustre brazileiro dr. França e Leite deixára escripto sob o titulo *Considerações Politicas sobre a Constituição do Imperio do Brazil.*

6 DE JULHO

JOSÉ LUIZ FRANCA

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu no seculo decimo oitavo, José Luiz Franca preparou-se na patria para seguir o curso de estudos superiores, e formou-se em direito na universidade de Coimbra, e della sahio com reputação de estudante muito distincto e de grave caracter.

Seguindo a carreira da magistratura adquirio nomeada de jurisconsulto esclarecido e de juiz integerrimo.

O governo da rainha D. Maria I confiou-lhe delicadissima tarefa, nomeando-o para fazer o interrogatorio ao marquez de Pombal no processo instaurado contra esse ex-ministro, celebre e grande estadista, que mereceu o nome de Richelieu portuguez.

José Luiz Franca servio então na casa da Supplicação de

Lisboa, e no desempenho daquelle arduo e espinhoso dever soube honrar seu nome estimado pela sua integridade, e sabedoria.

Nomeado depois chanceller da Relação do Rio de Janeiro, servio nesta capital no tempo do illustre vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, do qual gozou a maior confiança, e a mais elevada consideração.

Chegando ao Rio de Janeiro chanceller para succede-lo, e nomeação para ir servir no Tribunal do Conselho da Fazenda de Lisboa, José Luiz Franca seguio em anno posterior á 1790, ou nesse para a metropole; chegado porém á ella falleceu no mesmo anno victima de febre catharral maligna.

Sendo chanceller no Rio de Janeiro, José Luiz Franca escreveu por ordem alphabetica a Relação de toda a legislação financeira observada e vigente nesta capital do vice-reinado com esclarecimentos e observações importantes e luminosas.

Devia necessariamente ser homem de profundos conhecimentos, e merito superior José Luiz Franca que, sendo brazileiro, e sem nome de familia apadrinhado pelo prestigio aristocratico de parentes notaveis no reino, poude subir tanto na carreira da magistratura.

E' verdade que elle começou á subir no tempo do marquez de Pombal que foi amigo e protector de brazileiros.

Mas o marquez de Pombal só protegeu e adiantou brazileiros distinctos por intelligencia e reconhecido merecimento.

Em falta de datas positivas vae o nome deste distincto brazileiro registrado no dia 6 de Julho.

7 DE JULHO

BARTHOLOMEU BUENO DA SILVA

O ANHANGUERA

No ultimo quartel do seculo decimo-setimo começou o periodo das admiraveis e romanescas proezas e conquistas dos sertanejos paulistas.

Raça indomita, terrivel, capaz dos mais temerarios arrojos, raça dos mamelucos provindos do cruzamento, da união de portuguezes com as indias, que João Ramalho muito fomentára, os sertanejos paulistas até então mal e sinistramente empregavão sua bravura, sua audacia, seu ardimento bellicoso para em entradas assombrosas pelos sertões atacarem as cabildas de gentio, aprisionando quantos indios podião para vendêl-os em mercado de escravos.

Mas no ultimo quartel do seculo já marcado o ouro e as esmeraldas que elles principiárão á descobrir além da serrania e para o occidente, forão progressiva e rapidamente mudando o empenho de suas homericas entradas pelos sertões.

Em 1647 o sertanejo Manoel Corrêa sahira com uma bandeira no encalço de indios, chegára ás terras de Goyaz, e de lá trouxera dez oitavas de ouro, que elle deu para um diadema que coroou a sagrada imagem de Nossa Senhora da Penha de Sorocaba. Em roteiro achado depois de sua morte, dizia elle ter *apanhado aquelle ouro com um prato de estanho* no rio dos *Aracys* ou *Araes* que encontrára depois de ter atravessado outro muito mais caudaloso.

Em 1682 Bartholomeu Bueno da Silva já á sonhar com ouro e esmeraldas, organisa uma *bandeira;* leva nella seu filho do mesmo nome, e que tendo doze annos de idade, não pôde demorar seu tirocinio de sertanejo: avança pelo interior, procurando seguir a direcção tomada por Corrêa; transpõe serras, atravessa rios, e chega emfim até o *Vermelho* nas visinhanças do sitio, onde mais tarde se fundou *Villa Boa* (depois cidade de *Goyaz*): ali vê indios *goyazes* trazendo enfeites de folhetas de ouro: elle tem ao perto cabildas de indios que esmagados em combate lhe darião muitas dezenas de prisioneiros: a ambição do ouro domina em Bueno a ambição de escravos: á 7 de Julho o chefe sertanejo procura, falla, lisonjea aos *goyazes*, e pede-lhes que o levem ao lugar, onde elles sabem que se encontra o metal precioso: os selvagens negão-se á satisfazêl-o, e Bueno triumpha de si mesmo, concentrando seu resentimento, e sua raiva de imponente e soberbo forasteiro.

Elle tinha o valor de Achilles, e a astucia de Ulysses: reune á convite amigo muitos indios goyazes, manda vir um barril de aguardente, que se despeja tanto quanto é preciso em fundo prato, chega á aguardente uma flamma, o liquido arde brilhando em fogo... e o sertanejo exclama terrivel e ameaçador:

— Eu farei assim arder em chammas todos os vossos rios, se não me mostrardes onde existe e se acha o vosso ouro!...

Os pobres indios bradão espavoridos:

— Anhanguera!...

Anhanguera significa em sua lingua—feiticeiro—genio do mal.

Aterrados e submissos os mizeros *goyazes* levárão *Anhanguera* á lugar, onde elle recolheu quasi sem trabalho boa carga de ouro.

Infelizmente Bueno da Silva nodoou a gloria de sua heroica bandeira, e a inspiração do seu romanesco ardil, acabando por mostrar-se digno do pseudonymo *Anhanguera*, o genio do mal. Effectuada sua pingue colheita de ouro, Bueno da Silva nas vesperas de sua retirada cahio de subito e impetuoso sobre os *goyazes* e fez presa de numerosos prisioneiros destinados á escravidão.

O nome do *Anhanguera* ficou em horror nos sertões de Goyaz.

E' preciso julgar os homens conforme as idéas, os costumes, e a influencia da civilisação da sua época.

Bueno da Silva o *Anhanguera* seria perverso algoz em nosso tempo de hoje, que aliás ainda vê homens, que ouzão applaudir a escravidão dos indios, e que ultrajão todos os principios de humanidade, de religião, de amor

do proximo e de Deus, innocentando e aconselhando a perseguição inepta, e o malvado exterminio dos selvagens.

Mas no seculo decimo setimo Bueno da Silva fez em Goyaz o que faria outro chefe sertanejo igual á elle em ousadia e bravura. Ninguem deixou de invejal-o pelos escravos, que conquistára.

E o nome de *Anhanguera*, como titulo de heróe ficou gravado na historia da patria.

Perdoe a nova civilisação a cruel violencia de Bueno da Silva, educado e costumeiro sertanejo caçador de escravos indios, e honre-se a memoria do romanesco *Anhanguera*, que se fez acreditar capaz de pôr fogo e consummir em flammas os rios de Goyaz.

Anhanguera é um dos mais bellos episodios da immensa epopéa dos sertanejos paulistas.

8 DE JULHO

JOSÉ JOAQUIM MACHADO DE OLIVEIRA

Filho legitimo do tenente-coronel Francisco José Machado de Vasconcellos e de D. Anna Esmeria da Silva, José Joaquim Machado de Oliveira nasceu na cidade de S. Paulo a 8 de Julho de 1790: pelo lado paterno pertencia a uma das mais distinctas familias da sua provincia; pelo materno provinha de um dos ascendentes do celebre economista francez João Baptista Say, que, deixando a Europa, se estabelecêra em S. Paulo: era primo irmão do cirurgião-mór Francisco Alvares Machado de Vasconcellos, famoso na sciencia como operador oculista, famoso no parlamento como orador inspirado, e o mais feliz vibrador dos raios subtis do epigramma e da ironia.

Machado de Oliveira assentou praça ainda dormindo no

berço, a 10 de Fevereiro de 1792, com anno e meio de idade: foi reconhecido cadete a 5 de Dezembro de 1807: em 1809 teve promoção de alferes, dous annos depois a de tenente; capitão graduado a 13 de Maio de 1813, passou a effectivo em 29 de Novembro de 1817; major graduado em Dezembro do anno seguinte, effectivo a 1 de Março de 1820, recebeu a graduação de tenente-coronel a 12 de Junho de 1826, e a effectividade a 12 de Outubro de 1827: em 1818 passára do 2º batalhão da legião de S. Paulo a que pertencia, para o estado-maior do exercito, servindo de inspector do trem militar da provincia do Rio-Grande do Sul; a 18 de Agosto de 1820 foi nomeado ajudante de ordens do governo da mesma provincia; a 12 de Junho de 1826 secretario militar; a 12 de Outubro de 1827 secretario do exercito do sul.

Não se poupão datas quando ha nellas eloquencia brilhante: esqueção-se as primeiras, que marcão apenas a praça no berço, a entrada no serviço e o primeiro posto no fulgor da juventude: comparem-se as outras com a historia patria, e nellas se verão tambem as guerras, as campanhas do sul até a paz de 1828: eis o elogio nas datas, eis as datas symbolisando nobres feitos, marcando a conquista de postos e de dragonas, postos e dragonas, realçando a dedicação do soldado benemerito, e a gratidão do Estado aos serviços do bravo.

As pelejas e batalhas de S. Borja e dos Passos do Uruguay, de Arapehy e de Catalão, de Taquarembó e do Passo do Rosario, e os combates de Ibicuhy e de Iapejá e de Itacorohy virão a intrepidez, a intelligencia, o zêlo do illustre Machado de Oliveira, que nesses terriveis jogos marciaes, em que os valentes parão as vidas em honra

da patria, commandou por vezes ora a infantaria, ora a artilheria.

Para a gloria de um cidadão bastão já estes louros de soldado; mas o distincto paulista ainda lavrou em dous campos com proveito immenso da patria: no campo da vida civica, no campo da vida litteraria.

A' fonte limpida e rica de continuo se pede agua; ao patriotismo esclarecido e puro o Estado pede de continuo tributos.

José Joaquim Machado de Oliveira foi na época da regeneração politica do Brazil nomeado membro do governo provisorio e logo depois do primeiro conselho provincial do Rio-Grande do Sul: foi commandante das armas em Sergipe em 1830; foi presidente da provincia do Pará em 1832, das Alagôas em 1834, de Santa Catharina em 1837, do Espirito-Santo em 1840. Foi eleito deputado da assembléa geral pelo Rio-Grande do Sul na primeira legislatura, pela provincia do seu berço na oitava, membro da assembléa provincial de Santa Catharina uma vez, da de S. Paulo duas vezes.

Nas lutas politicas, nos certamens constitucionaes, no movimento ardente, na acção do grande theatro, como no esquivo retiro da fadiga ou das illusões, foi sempre liberal, e deixou no mundo immenso das côres cambiantes o exemplo da firmeza inabalavel na religião dos principios, da constancia energica que póde quebrar, mas não torce, d'aquelles velhos paulistas que se chamárão Feijó e Andradas, Paula e Souza e Alvares Machado.

No primeiro reinado a opinião politica de José Joaquim Machado de Oliveira provou-se em solemne e arriscado pleito, como o ouro que se prova no fogo. Na camara tem-

poraria, de que elle era membro, discutio-se a accusação do ministro da guerra Joaquim de Oliveira Alvares, que além de ministro era general: officiaes do exercito, enchendo as galerias do parlamento, ameaçavão os eleitos do povo, ousando até interromper com insultuosa grita o velho dr. França, o impavido philosopho: soou a hora da votação, que foi nominal, e Machado de Oliveira, liberal, arrostou as ameaças que tentavão coagir, deputado não se lembrou de que era soldado, votou pela accusação do ministro da guerra.

A capacidade e esclarecida intelligencia de tão prestante cidadão forão ainda reconhecidas pelo governo imperial, quando o escolheu para desempenhar importantissimas tarefas, embora na serie successiva das nomeações umas fossem impedindo o desempenho de outras.

A 20 de Abril de 1843 foi Machado de Oliveira nomeado encarregado de negocios e consul geral do Brazil junto ás republicas do Perú e Bolivia; a 16 de Junho de 1844 recebeu a incumbencia de compilar um mappa hydrographico dos rios Paraguay e Paraná; a 24 de Julho do mesmo anno cumprio-lhe ir por ordem do governo examinar a fabrica de ferro de Ipanema, devendo escrever uma memoria sobre o seu estado e necessarios melhoramentos; a 14 de Março de 1846 foi nomeado director geral dos indios da provincia de S. Paulo; a 21 de Fevereiro de 1856, delegado do director geral das terras publicas na mesma provincia.

O peso dos annos e a fadiga de incessantes trabalhos levarão Machado de Oliveira a aproveitar-se da reforma no posto de coronel, que obteve pela carta patente de 23 de Fevereiro de 1844, por contar mais de trinta e cinco annos de serviço, para retirar-se ao seio amigo e suave da terra

natal; mas alli o dedicado brazileiro não soube furtar-se ao dever do civismo.

Em S. Paulo servio como presidente da commissão inspectora da casa de correcção da capital, como 1° substituto do delegado de policia e como presidente da camara municipal da mesma cidade em um quatriennio. Depois de commandar as armas e de dirigir a alta administração de provincias, depois de occupar uma cadeira na camara temporaria em tres legislaturas, José Joaquim Machado de Oliveira vai nobremente pedir o voto do povo nos comicios municipaes, e aceita um lugar de substituto de delegado de policia; não louveis a sua modestia, admirai a sua grandeza: elle não desceu, subio: a charrua de Cincinato era mais alta que a dictadura; mas o civismo que não mede os gráos dos cargos publicos, e que exerce os mais modestos depois de haver exercido alguns dos mais consideraveis, é mais alto do que a charrua de Cincinato.

Agora o soldado e o cidadão, o homem da guerra e da politica vai mostrar-se sob outro aspecto. A barraca do guerreiro tinha sido gabinete de estudo; as lutas dos partidos não absorverão exclusivos no abysmo das paixões a intelligencia e o zelo do benemerito Machado de Oliveira: era paladim de um partido politico sómente porque amava a patria; e onde havia campo que o amor da patria podia arar, o illustrado paulista se mostrava lavrador incansavel. A historia e a geographia do Brazil forão por isso os seus estudos de predilecção.

A' 10 de Agosto de 1838 duas vozes generosas e patrioticas, a do conego Januario da Cunha Barbosa e a do marechal Raymundo José da Cunha Mattos propuzerão na sociedade Auxiliadora da Industria National a fundação do Insti-

tuto Historico e Geographico do Brazil; e no empenho de levantar-se o templo consagrado á historia patria, um dos mais activos e laboriosos operarios foi José Joaquim Machado de Oliveira.

Os fundadores de uma grande instituição são como os patriarchas de um povo: José Joaquim Machado de Oliveira foi mais que socio honorario, foi socio fundador, um dos paes do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Desde 1838, desde o berço do Instituto Historico e Geographico do Brazil até muito recente data, o velho socio fundador encheu os archivos e a *Revista Trimensal* dessa associação com estudos, memorias, trabalhos sobre pontos obscuros da nossa antiga e moderna historia: e tantos forão que seria muito longo ennumera-l-os: quasi todos se achão impressos naquella *Revista*.

Além dos fructos preciosos de suas lucubrações, tributados por seu amor paternal ao Instituto Historico e Geographico do Brazil, José Joaquim Machado de Oliveira escreveu um excellente livro da geographia da sua muito amada provincia, e deixou rico thesouro de manuscriptos e documentos relativos á historia patria.

Socio effectivo e depois honorario da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, Machado de Oliveira foi tambem fundador e presidente da sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes da provincia de S. Paulo.

A amplidão do seu peito mal chegava para as condecorações que attestavão o seu merecimento; porque, além do habito da imperial ordem da Rosa e da commenda da de S. Bento de Aviz, nelle fulguravão todas as medalhas das campanhas que fizera.

Por decreto do 1° de Outubro de 1835 foi-lhe concedida

a pensão annual de 120$, approvada pela resolução de 31 de Outubro de 1837, que elle, apezar de pobre, cedeu para as urgencias do Estado, quando em 1863 a prepotencia britanica alvoroçou o patriotismo dos brazileiros.

No dia 16 de Agosto de 1867 falleceu na capital da provincia de S. Paulo o varão illustre José Joaquim Machado de Oliveira, que teve sepultura onde tivera o berço: contava setenta e sete annos de idade e perto de sessenta de serviços á patria.

9 DE JULHO

JOÃO PEREIRA DARRIGUE FARO

VISCONDE DO RIO BONITO

A' 9 de Julho de 1803 nasceu no Rio de Janeiro João Pereira Darrigue Faro, filho legitimo de Joaquim José Pereira de Faro e de D. Anna Rita de Faro.

Destinando-se ao commercio, que era a profissão de seu pae, seguio o curso da aula do commercio, e no primeiro Banco do Brazil servio com o maior zelo e aptidão logo experimentada.

Quando na epocha da independencia D. Pedro I, querendo cercar-se dos filhos das principaes e mais ricas familias, creou a *guarda de honra*, João Faro entrou para ella, e foi promovido desde o posto de alferes até o de major, e

commandou o piquete que em 1826 acompanhou o imperador á Bahia.

Joaquim Faro, seu pae, era natural de Portugal, e no Rio de Janeiro adquirio no commercio e na lavoura consideravel fortuna : em 1822 adoptou a causa da independencia do Brazil, e foi cidadão dedicado á sua nova patria: nos ultimos annos do reinado de D. Pedro I, quando se inflammaram os odios internacionaes, e o partido liberal fez mais energica opposição ao governo do imperador, elle aconselhou á seus filhos, que sem exaltação, mas com franqueza e animo decidido se mostrassem liberaes, e brazileiros zelosos dos brios nacionaes.

João Faro ostentou-se digno dos nobres sentimentos de seu pae, á quem vio com ufania em 1833 incluido em lista triplice para senador ao lado do padre Diogo Antonio Feijó, e de Antonio José do Amaral por eleição da provincia do Rio de Janeiro.

Ligado logo depois de 7 de Abril de 1831 ao partido liberal moderado, João Faro prestou relevantes serviços á ordem publica, commandando na guarda nacional da cidade do Rio de Janeiro o batalhão de Santa Rita, sendo depois chefe de legião, e preenchendo por vezes mais tarde as funcções de commandante superior.

Quando em 1836 o partido liberal se franccionna, e Bernardo Pereira de Vasconcellos levantou com habilidade magistral o partido conservador, João Faro á principio desgostoso do antagonismo em que via seus antigos amigos politicos tão unidos de 1831 á 1835, acabou finalmente por inclinar-se para a nova bandeira hasteada ; mas com tolerancia, moderação e espirito de justiça, de que sempre deu provas até sua morte.

Em 1842 por exemplo, vencida a revolta liberal de S. Paulo, chegarão presos ao Rio de Janeiro os senadores Feijó e Vergueiro, como chefes rebeldes, e, é justissimo lembral-o, os primeiros amigos que se apresentarão no navio, offerecendo todos os seus serviços aos dous benemeritos cidadãos, então perseguidos, forão dous conservadores, o venerando Sr. commendador Ayrosa, actual barão de Sapucaia, e João Faro.

Os serviços deste amabilissimo e prestante cidadão multiplicarão-se em horisontes diversos, nos quaes se considerava por vezes simultaneos e sempre unificados pelo patriotismo.

Negociante rico, muito intelligente, de probidade immaculada, de gravidade reconhecida, o governo o chamou para a commissão mixta brazileira e portugueza, para a distribuição das acções da estrada de ferro de Pedro II, para primeiro vice-presidente do novo Banco do Brazil, para primeiro vice-presidente do tribunal do commercio, e para outras commissões.

Homem de progresso, e de caridade agora aceita a direcção dos theatros, e em longos annos na Santa Casa de Misericordia, no hospicio de Pedro II, de que foi escrivão, no Asylo de Santa Leopoldina, em Nictheroy, do qual foi provedor, sua dedicação, seu genio beneficente laborão activos e sem fadiga.

Agricultor, proprietario de fazendas de café no municipio de Vassouras, da provincia do Rio de Janeiro, introduz melhoramentos agricolas, é como pae para os seus escravos, e concorre notavelmente para a abertura de estradas, das quaes a principal e na verdade a primeira e mais importante, antes das vias ferreas, foi a que se chamou do *Presidente Pedreira*, e que honrou merecidamente o nome do presidente da pro-

vincia que sanccionou e accelerou a execução do respectivo projecto, o Sr. dr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, actual visconde do Bom Retiro, senador do imperio, e conselheiro de Estado.

O voto popular tambem não deixava em descanso, João Faro, honrando-lhe o nome: elle foi quasi sempre eleitor, pertenceu ao senado da camara municipal da cidade do Rio de Janeiro, teve em diversos legislaturas assento na assembléa provincial do Rio de Janeiro, e em eleição de outra natureza mereceu a de deputado do tribunal do commercio, e a de membro da directoria do Banco do Brazil.

Desde 1850 exerceu por quatro vezes o cargo de vice-presidente da provincia do Rio de Janeiro com tanta aptidão e bom senso, que não soffreu opposição, nem excitou queixas do partido liberal então excluido de todas as posições officiaes. Fora da administração da provincia, esta em eleição senatorial deu-lhe o primeiro lugar na lista triplice, da qual foi escolhido senador Euzebio de Queiroz, o mais prestigioso chefe do partido conservador nesse tempo.

O primeiro Imperador condecorou João Faro com o habito da Imperial Ordem do Cruzeiro, com o habito e depois com a commenda da Ordem de Christo, e em 1830 com a da Imperial da Rosa.

O segundo Imperador, o Sr. dr. D. Pedro II nomeou-o veador de S. M. a Imperatriz, conferio-lhe o titulo de barão do Rio Bonito, com o qual Joaquim Faro fallecera, e depois o elevou á visconde do mesmo titulo.

O visconde do Rio Bonito, varão ainda mais rico de virtudes do que de fortuna que aliás lhe sobrava, falleceu á 11 de Novembro de 1856, com cincoenta e tres annos de idade.

10 DE JULHO

DIOGO DUARTE SILVA

Filho legitimo de Diogo Romualdo da Silva e de D. Anna Victoria da Silva, nasceu em Setubal, no reino de Portugal aos 10 de Julho de 1774 Diogo Duarte Silva, que veio á ser benemerito brazileiro.

A fortuna preparava á elle uma segunda patria, e ao Brazil um filho mais entre os seus filhos illustres: deixando ainda muito moço a terra natal, Duarte Silva achava-se na provincia de Santa Catharina exercendo o lugar de deputado da junta de fazenda, quando o grito enthusiastico da independencia chamou os brazileiros ao campo da honra.

Diogo Duarte Silva não hesitou: a causa do Brazil era a do seu coração, e nobre, santa, enthusiastica, despertava todas as sympathias, e accendia o valor e a

dedicação em todas as almas generosas: Duarte Silva foi um dos mais decididos propugnadores da independencia na provincia de Santa Catharina, que reconhecendo o direito do benemerito, e apreciando seus talentos e virtudes, o escolheu bem depressa para represental-a na constituinte brazileira.

Sentado entre aquelles que devião ser architectos do grande monumento politico, Diogo Duarte Silva foi um dos primeiros que comprehenderão o segredo benefico da harmonia dos elementos monarchico e popular, que é o seguro fundamento do nosso systema de governo: e moderado e prudente, não se deixando jámais arrastar pelo capricho dos partidos, nem transviar-se impellido pelas paixões politicas, resistio ás tempestades de 1823, e ficou incolume escudado pela consciencia.

A sua provincia de novo o mandou ao parlamento na primeira legislatura, e desde então a camara temporaria o contou sempre entre os seus mais laboriosos membros, até o anno de 1837

Diogo Duarte Silva não conquistou jámais a palma nem ornou sua fronte com os louros do tribuno exagerado, que se arroja vehemente aos combates da palavra, e brilha ovante no meio das flammas das paixões que accendêra; não: foi mais suave e benigna a sua missão: era nas discussões intrincadas e profundas de economia e finanças, que o seu raciocinio seguro e meditado vinha pesar sobre o espirito dos seus collegas legisladores; era nos arduos trabalhos das commissões de fazenda que a precisão de seus calculos e a luz de sua intelligencia resumião os debates, esclarecião os pontos duvidosos, e ensinavão o caminho da verdade.

O seu merecimento tambem nunca foi desconhecido, e tanto respeito merecia de seus concidadãos, de tanta estima gozava na provincia que adoptára, que por duas vezes o seu nome achou-se inscripto em listas triplices offerecidas á corôa para a escolha de senadores.

Retirado da vida parlamentar e politica desde 1837, consagrou-se todo d'ahi por diante aos empregos administrativos, que foi chamado a exercer, e aos trabalhos financeiros e economicos que erão de sua exclusiva predilecção.

Servio, já ficou dito, como deputado da junta de fazenda da provincia de Santa Catharina desde o começo desta instituição, até que pelo governo do primeiro Imperador foi nomeado secretario da presidencia da mesma provincia : no fim de cinco annos, em que deu provas do mais acrisolado zelo, pedio demissão desse emprego para tornar áquelle que deixára.

Extinctas as juntas de fazenda e creadas as thezourarias; passou Diogo Duarte Silva a occupar o lugar de inspector da thezouraria de Santa Catharina, sendo elevado em 1834 a inspector geral do thezouro publico, cargo que desempenhou com a maior intelligencia e dedicação.

Em 1837 abandonou a carreira de empregado publico. não porque a idade lhe houvesse extincto o vigor, não porque procurasse no ocio o descanso de tão longos labores ; mas unicamente porque tomou á peito o desempenho de outra missão, que sobretudo se ligava em mais intimas relações com os seus estudos predilectos.

O Banco Commercial acabava de organisar-se, e Diogo Duarte Silva aceitou a nomeação de secretario d'esse

importante estabelecimento de credito, e tal aptidão mostrou, tão longa foi a serie de relevantes serviços que soube prestar, que na organisação do Banco do Brazil mereceu ser incluido no numero dos seus directores pelo voto expontaneo da mais brithante e esclarecida maioria.

Diogo Duarte Silva exerceu este ultimo cargo até a sua morte, tendo sido sempre considerado com distincção pelo corpo do commercio, que n'elle depositava a mais plena confiança.

Honrado com a carta de conselho por S. M. o Imperador, pelo povo com a expressão fiel e repetida das urnas eleitoraes, pelos ministros com o reconhecimento da solicitude com que servio nos seus diversos empregos, e por todos os homens honestos com o justo apreço de suas virtudes, e com a estima a que tinha incontestavel direito, desceu Diogo Duarte Silva á sepultura no dia 24 de Maio de 1857, deixando por herança á sua numerosa familia uma reputação illibada e um nome sem mancha.

11 DE JULHO

DOMINGOS RAMOS

Filho legitimo de Manoel Ramos Parentes e de Andreza Cazada, e natural da cidade da Bahia, onde nasceu á 27 de Abril de 1653, Domingos Ramos entrou para a companhia de Jezus á 30 de Julho de 1666 aos treze annos e trez mezes de idade.

Estudou no collegio dos Jezuitas as letras e sciencias que nelle se ensinavão, admirando aos mestres pela sua facil comprehenção, e intelligencia brilhante: ensinou no mesmo collegio humanidades, philosophia, e theologia por espaço de doze annos.

Eleito procurador geral da sua provincia na côrte de Roma, partio em 1694 para a cidade eterna, e ali gozou a maior confiança do seu Geral, Tyrso, e mereceu a reputação de grande theologo, e de litterato profundo.

Voltando á patria, leu theologia e foi nomeado decano dos estudos geraes do collegio.

Já bastante velho ainda era astro fulgente no magisterio e no pulpito.

Falleceu á 11 de Julho de 1728.

Deixou impressos dous sermões, e em manuscripto que se perdeu uma obra que intitulara —*Curso de Philosophia* — segundo informa Balthazar da Silva Lisboa.

12 DE JULHO

FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO

Entre os jovens de intelligencia notavel, esperanças grandiosas, auroras resplendentes de sabedoria em proximo futuro, precocemente arrancados do coração da patria pela morte, brilha aquelle que se chamou Francisco Bernardino Ribeiro.

Filho legitimo de Francisco das Chagas Ribeiro e de D. Bernardina Rosa Ribeiro nasceu elle á 12 de Julho de 1814 na cidade do Rio de Janeiro.

Foi prodigioso pelo seu talento: em dous annos aprendeu o latim com o severo e exigente professor o celebre padre Agostinho. Nas aulas de philosophia e rhetoria excedeu aos condiscipulos mais apreciados : na ultima aos quartoze annos de idade recitou discurso de sua composição sobre Luiz XIV electrisando seu mestre.

Em 1830 foi matricular-se no curso juridico de S. Paulo, e ali em todos os annos lectivos primou pelos dotes extraordinarios de seu espirito: estudava freneticamente, e apenas lhe notavão a ambição conquistadora com que se lançava á multiplos empenhos que abrangiao diversidades de materias.

Collegas e lentes o chamarão o—*mestrinho*—e o Sr. Magalhães, actual vissonde de Araguaya, o poeta dos—Tamoyos—disse delle: « *o mestrinho tornou-se mestre, quando só contava vinte e um annos.* »

Com effeito aos vinte e um annos obteve, ou melhor, tomou o gráo de doutor, oppoz-se á uma cadeira de lente substituto da faculdade de direito de S. Paulo, não teve competidor á arcar com elle, e á 11 de Janeiro de 1836 foi nomeado lente.

Deixára nos bancos da academia, como estudante, reputação enthusiasmadora. No seu segundo anno, em 1831 depois de 7 de Abril, publicára e redigira brilhante e patrioticamente a *Voz Paulistana*. Delle disse o conego Januario da Cunha Barbosa, apreciando seus escriptos:—« a sua tolerancia era exemplar e tal a sua moralidade que nunca de seus labios partio um nome de que a decencia se offendesse. »

No seu quinto anno academico encarregou-se da redacção do periodico *Novo Pharol Paulistano* e fundou a sociedade litteraria *Philomatica*, e ao mesmo tempo que se fazia distinguir nas aulas, exercia magisterio particular, advogava eloquentemente no jury, dirigia associações litterarias academicas, e ainda achava tempo para absorver-se na leitura dos grandes poetas, e no cultivo da poesia, da qual deixou ligeiros; mas bellos testemunhos de sua imaginação brilhante, e de seu genio lucifero.

Com antecedentes tão esplendidos, com reputação já tão firmada subio á lente da escola de que era filho para logo deixal-a envolta em crepe pela sua morte precoce.

Esse joven de immenso futuro pagou o phrenesi do estudo, a ambição de saber, o trabalho quasi sem descanso, o deslumbramento da gloria com os martyrios da phtysica, que o levarão á agonia e ao passamento á 16 de Junho de 1837, semanas antes de completar trinta e tres annos.

Vozes as mais eloquentes lamentarão a morte desse *genio* que se apagára ao mais bello arrebol da vida.

Entre muitos autorisados e dignos representantes da litteratura patria que honrarão a memoria desse joven de maravilhosa intelligencia, sem duvida excedeu-se pela inspiração, pelo sentimento, pela belleza impericivel da mais commovente *nenia* o Sr. dr. Firmino Rodrigues Silva, actual senador do imperio.

E' aquella *nenia* que começa assim :

« Nictheroy ! Nictheroy !... que é do sorriso
« Que teus labios outr'ora enfeitiçava ?...
« Cor de jambo não são mais tuas faces, nem teus olhos
« Lampejão de alegria...

E que depois exclama :

« Marchai avante, prole de esperança !..,
. . . . « . . . . . .
« Mas que é delle ?... não vae na vossa frente,
« Oh !... que é feito do rei da mocidade ?...

13 DE JULHO

JOSÉ DE PAIVA MAGALHÃES CALVET

Filho legitimo de João Antonio Calvet e de D. Rita Maria de Magalhães nasceu José de Paiva Magalhães Calvet á 19 de Março de 1808 na cidade de Porto Alegre, capital da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, e feitos nella seus primeiros estudos veio completar os de humanidades no Rio de Janeiro e á 20 de Outubro de 1827 assentou praça de aspirante a guarda marinha e seguio e concluio com distincção o curso da respectiva escola.

Em 1831 pedio e obteve baixa: era de compleição fraca, e de saude muito delicada: nas aulas sua intelligencia fulgia, no mar faltava à seu corpo a robustez indispensavel.

Seguio para sua provincia, e ali alcansou por concurso a cadeira publica de geometria, e exerceu em Porto Alegre

todos os cargos de eleição popular. Como presidente da camara municipal substituio por vezes o juiz de direito: prestou-se á servir o cargo de promotor da guarda nacional, e por vezes o de procurador fiscal da fazenda provincial.

Na primeira legislatura da assembléa de sua provincia mereceu ser eleito, e deu logo provas de sua esclarecida intelligencia, e de grande capacidade administrativa.

Mas rebentou de subito a tremenda rebellião que havia de arder por nove annos nos campos do Rio Grande do Sul.

Magalhães Calvet era e foi sempre liberal estrenuo e inabalavel: ou suspeito, ou realmente favoravel ao movimento revoltoso, foi preso e mandado para o Rio de Janeiro, onde em breve e sem duvida por falta de provas de culpabilidade, vio-se solto e livre; mas privado de recursos, pobre, e com familia á sustentar.

Esposo modelo, pae estremecido, em vez de lamentar-se, trabalhou animado e activo: instruido e pratico fez-se advogado e na banca mais honrada soube ganhar pão e credito bem firmado.

Mas a advocacia era apenas obrigado recurso.

O ministerio da maioridade apreciou-o devidamente: Antonio Carlos de Andrada Machado, ministro do imperio o nomeou official da respectiva secretaria, e mais tarde outro ministro e summidade do partido liberal, Alves Branco (depois visconde de Caravellas) o elevou á official maior da mesma secretaria.

Magalhães Calvet revelou então os maiores dotes de habilissimo chefe administrativo, e tres annos antes de sua morte plannejava para offerecer ao ministro transcendente reforma da secretaria, e pensava em chamar para ella

Gonçalves Dias, e outros litteratos á quem tratava de attrahir com a mais encantadora amizade, chegando á pedir, e á receber delles alguns pequenos trabalhos em patriotico-interesseira alliciação, que não teve resultado.

Em 1853 Magalhães Calvet vio-se exposto á prova mais grave e difficil: sua provincia deu-lhe uma cadeira na camara temporaria: liberal elle não podia apoiar o gabinete conservador; era porém official maior da secretaria do imperio, emprego que dependia e devia depender da mais plena confiança do ministro.

De um lado estava a lealdade do homem politico, do outro o pão da familia:

Calvet pobre, e esposo, e pae nem por isso exitou, obedeceu ao voto de sua provincia, foi sentar-se na camara, pedio a palavra, e declarou-se em opposição ao ministerio.

O ministro do imperio era então o marquez de Mont' Alegre.

Terminado o discurso de Magalhães Calvet um deputado da maioria perguntou menos dignamente áquelle ministro:

— Que pensa V. Ex. do official maior da sua secretaria?....

O marquez de Mont'Alegre respondeu promptamente:

— Penso e sei que elle é deputado liberal e da opposição aqui, e modelo de lealdade na secretaria de que é e continuará á ser official maior.

Magalhães Calvet e o marquez de Mont'Alegre erão dignos de se comprehenderem e se comprehendião. Este facto honra a memoria de ambos.

José de Paiva Magalhães Calvet morreu á 13 de Julho do mesmo anno de 1853, deixando em orphandade e pobreza os filhos que felizmente achárão protector e pae desvela-

dissimo e virtuoso em seu tio, homem de santo coração, o Sr. João Antonio de Magalhães Calvet.

Na vida publica firmeza em seus principios politicos, e lealdade e honra, que não podem ser excedidas, na vida particular amenidade, e virtudes, amor dos parentes, e encanto dos amigos, tal foi José de Paiva Magalhães Calvet.

14 DE JULHO

FREI JOSÉ PEREIRA DE SANT'ANNA

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu no anno de 1696 José Pereira de sobrenome Bacon até abraçar a religião do Carmello, foi filho legitimo de Simão Pereira de Sá e Salinas e de Anna Bacon de ascendencia franceza.

Estudando no Rio de Janeiro, José Pereira Bacon revelou desde logo maravilhoso talento: tinha memoria admiravel, e primou tanto nas letras, como na musica: compunha bellos versos tanto em portuguez como em latim, e musicas sacras que se executavão nas festividades das igrejas e de oratorios particulares da cidade.

A' 13 de Julho de 1715 retirou-se elle para a clausura do Carmello e professou á 14 do mesmo mez do

anno seguinte, tendo trocado o nome de Bacon pelo de Sant'Anna.

Com licença do provincial alcançada por seu pae que se desvanecia de tal filho, frei José Pereira de Sant'Anna seguio para Portugal, e na universidade de Coimbra doutorou-se em theologia em 17 de Maio de 1725, e voltando para o convento patrio, nelle ensinou á seus irmãos philosophia, theologia, e moral, e foi o primeiro que no Brazil explicou as doutrinas do seu mestre João Bacon.

Tendo-se jubilado, voltou á Portugal, foi por determinação regia encorporado áquella provincia do Carmello, servio como substituto de philosophia na universidade de Coimbra, e encarregou-se de escrever a historia da Ordem Carmelitana.

Foi nomeado Qualificador do Sancto Officio, chronista da provincia em 1740, presidente do capitulo em Lisbôa em 1749, tendo tido por patente de 28 de Março de 1744 os privilegios de provincial.

Foi confessor da princeza depois rainha D. Maria I e das infantas suas irmãs.

Falleceu á 31 de Janeiro de 1759 no paço de Salvaterra.

Escreveu as seguintes obras:

Os dous Atlantes da Ethiopia, Santo Elesbão imperador XLVII da Abyssinia, advogado dos perigos do mar, e Santa Ifigenia, princeza da Nubia, advogada dos incendios dos edificios—2 tomos.

Vida da insigne mestra do espirito, a virtuosa madre Maria Perpetua da Luz, religiosa carmelita do convento de Beja.

Chronica dos Carmelitas da antiga e regular observancia nestes reinos de Portugal, Algarve e seus dominios — 2 *tomos.*

Desta ultima obra perderão-se os tomos III e IV no incendio do convento do Carmo por occasião do terremoto de 1755.

15 DE JULHO

ANTONIO DE MORAES SILVA

Natural da cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu entre os annos de 1750 e 1760 Antonio de Moraes Silva estudou alguns preparatorios na mesma cidade, e passou logo depois á Coimbra, em cuja universidade tomou o gráo de bacharel formado em leis.

Informa o Sr. Varnhgen (actual visconde de Porto Seguro) na biographia deste illustre brazileiro, que Antonio de Moraes Silva apresentára-se na universidade, pronunciando e fallando muito incorrectamente o portuguez, e tantas zombarias soffrera por isso dos collegas que protestára vingar-se delles do modo o mais digno e terminante; que desde então se dera ao mais aturado e severo estado dos classicos portuguezes, tornando-se em breve tão notavel conhecedor e ma-

nejador da lingoa que se divertia á dar quináos e lições aos que delle tinhão zombado, e tambem á apontar os erros dos proprios mestres eivados da mania dos gallicismos.

Bacharel formado, seguio Moraes para Londres, e o mesmo biographo citado diz que ignora como e porque motivo.

Em seus manuscriptos doados ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro ao lembrar « *Distinctos e Literatos cidadãos do Rio de Janeiro,* » Balthazar da Silva Lisboa em ligeirissima menção que faz de Antonio Moraes Silva, informa que elle *para evitar a perseguição do Tribunal do Santo officio fugira para França.*

Se isto é exacto, Moraes não se demorou muito em França, como aliás erradamente o diz B. da Silva Lisboa; porque em Londres foi que residio por algum tempo, merecendo a protecção do visconde de Balsemão: ali familiarisou-se com a lingoa ingleza, da qual traduzio a *Historia de Portugal* publicada em Lisboa em 1788.

Moraes traduzio do francez então ou mais tarde as—*Recreações do homem sensivel* de Arnaud, e nesta, como naquella traducção provou seus profundos conhecimentos da lingoa vernacula.

Mas no anno de 1789 a officina de Simão Thaddeo Ferreira em Lisboa publicou a primeira edição do *Diccionario da Lingua Portugueza* de Antonio de Moraes Silva que levantou nessa obra o monumento de sua gloria.

Durante quasi um seculo lexicographo portuguez poude disputar-lhe a palma, embora tivesse senões o seu Diccionario.

Antonio de Moraes Silva apparece depois na carreira da magistratura despachado para o Brazil, e nella *servio, dizem,* (assim escreveu o illustrado Sr. Innocencio Francisco

da Silva no seu precioso Diccionario Bibliographico Portuguez) *a cargo do desembargador na Relação da Bahia,* quando por motivo de desgosto que teve com o chanceller, resignou o lugar e retirou-se para Pernambuco. Balthazar da Silva Lisboa no seu artigo manuscripto já citado diz que elle era na Bahia *juiz de fóra,* e não quiz continuar na magistratura.

O certo é que Moraes retirou-se para Pernambuco, adquirio propriedades, teve um *engenho* (fabrica) de assucar, foi coronel de milicias de Moribeca, e o governo lhe deu a patente de capitão-mór do Recife.

No seu *Engenho Novo de Moribeca* acabou de compor aos 15 de Julho de 1802 (data bem averiguada em tão longa e illustre vida) o seu *Epitome da grammatica da lingua portugueza* publicada pela primeira vez em Lisboa na officina de Thaddeo no anno de 1806.

O grande lexicographo já sexagenario e em seu doce retiro do *Engenho Novo da Moribeca* foi sorprehendido á 7 de Março de 1817 pela nomeação de membro do conselho do governo republicano organisado pelos chefes da revolução prorompida e victoriosa nesse dia.

O velho Antonio de Moraes Silva mostrou-se em Olinda sómente para agradecer ; mas não aceitar esse testemunho de consideração e de estima publica. Completamente estranho ao movimento revolucionario apenas lamentou em seu respeitado retiro os horriveis excessos do governador Luiz do Rego, e da alçada ainda mais cruel na reacção violentissima e barbara da autoridade legal triumphante e esmagadora.

Antonio de Moraes Silva, o lexicographo portuguez, falleceu no seu *Engenho Novo de Moribeca,* quasi tão só, e

tão ignorado, tão desapercebidamente que nem se sabe ao certo a data do seu passamento.

Foi homem distincto, imminente na primeira fila dos representantes da civilisação do seu tempo no mundo portuguez, ninguem póde ainda hoje negar-lhe a merecida gloria de primeiro lexicographo da lingua portugueza.

José Bonifacio escreveu em uma de suas melhores odes :

« Arrazam-se pyramidas soberbas,
« Soterram-se obelyscos,
« Resta uma Illiada, e uma Eneida resta.

Para a memoria esclarecida do illustre brazileiro Antonio de Moraes Silva basta o seu *Diccionario da Lingua Portugueza*.

16 DE JULHO

JOSÉ DA SILVA LISBOA

VISCONDE DE CAYRU'

Filho de Henrique da Silva Lisboa, portuguez, architecto de profissão e de D. Helena Nunes de Jesus, natural da Bahia, José da Silva Lisboa nasceu na cidade de S. Salvador da Bahia á 16 de Julho de 1756.

Com ardente amor ás lettras aos oito annos de idade começou o estudo de latim, e depois cursou a aula de philosophia racional e moral no convento dos carmelitas, e ao mesmo tempo aprendeu musica e á tocar piano: partio para Lisboa, completou os estudos de preparatorios e seguio em 1774 para a universidade de Coimbra na qual se matriculou.

Querendo melhor e profundamente conhecer as sagradas lettras lestudou com tanto ardor o grego e o hebraico que no anno de 1778 em resultado de concurso publico em que entrou, foi nomeado por carta academica substituto das cadeiras daquellas linguas. Em 1778 tomou o gráo de bacharel formado em direito canonico e em philosophia.

Tendo de voltar para sua patria, obteve, em resolução de consulta da real meza censoria, ser provido na cadeira de philosophia racional e moral da cidade da Bahia, onde creou tambem a cadeira da lingua grega que ensinou por cinco annos com o titulo de substituto até chegar o professor proprietario.

Tendo ensinado durante vinte annos, tornou á Lisboa, foi jubilado e o principe regente, depois rei D. João VI o nomeou deputado e secretario da meza da inspecção da cidade da Bahia, emprego em que Silva Lisboa prestou importantes serviços á agricultura e ao commercio da então capitania.

Em 1801 encetou a serie numerosa e brilhante de suas obras, publicando em Lisboa os seus *Principios de direito mercantil* em oito tratados elementares, livro que teve reimpressão na mesma cidade, e uma em Londres.

Enthusiasmado pela celebrada obra de Adam Smith escreveu e publicou em Lisboa no anno de 1804 os *Principios de economia politica* recebidos com geral applauso.

Já tinha firmado a sua reputação de abalisado litterato, jurisconsulto, e economista-politico quando ao arribar á Bahia o navio em que vinha para o Brazil o regente D. João, aproveitou-se José da Silva Lisboa das

relações que com D. Fernando José de Portugal, depois conde de Aguiar, entretinha para propor e aconselhar a abertura dos portos do Brazil ao commercio de todas as nações, medida transcendente, que foi logo realisada pelo Decreto de 24 de Janeiro de 1808.

Acompanhando o principe regente ao Rio de Janeiro e nomeado professor de economia politica, Silva Lisboa, defendendo energicamente aquella providencia contra a qual se empenhavão muitos negociantes portuguezes, deu ao prelo no mesmo anno e naquella cidade as suas *Observações sobre o commercio franco, Parte I e II*, nas quaes confundio os apologistas do monopolio colonial.

Creado o tribunal da junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação do Brazil, teve Silva Lisboa a nomeação de deputado, sendo incumbido das mais difficeis commissões, como, entre outras, a de organisar o regimento para os consules, e um projecto de codigo de commercio, trabalho (este ultimo) que muito adiantou; mas não concluio.

Em 1821 foi nomeado inspector dos estabelecimentos litterarios: no mesmo e no fervor das repercussões da revolução portugueza de 1820 escreveu o *Conciliador do Reino Unido*, periodico que pregava a concordia e harmonia do Brazil e Portugal; mas desde o pronunciamento do principe D. Pedro á 9 de Janeiro, o dia do *Fico*, Silva Lisboa trabalhou pela causa da independencia da patria, e entre outros escriptos, publicou as suas *Reclamações* que produzirão o maior effeito.

Proclamada a independencia do Brazil, José da Silva Lisboa foi pela sua provincia eleito deputado da constituinte, e nessa augusta assembléa distinguio-se por

sua sabedoria, e vastissimos conhecimentos, sendo certo que desde logo e com a franqueza de suas idéas politicas desagradou aos liberaes mais adiantados.

Senador do imperio desde 1826, foi sempre fiel aos seus principios monarchicos, e dedicado á D. Pedro I: o partido liberal o teve em conta de absolutista, e hostilisou-o fortemente.

De 1831 em diante o visconde de Cayrú firme no seu posto, sustentou sempre suas antigas doutrinas, fez por vezes no senado censuras ao governo das regencias, e no *Diario do Rio de Janeiro* escreveu artigos de opposição durante algum tempo e foi tido em conta de campeão do partido restaurador.

Aos setenta e nove annos de idade ainda robusto, e na pleuitude de sua extraordinaria intelligencia, e maravilhosa memoria, falleceu á 20 de Agosto de 1835.

José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú, commendador da Ordem de Christo, e official do Cruzeiro, desembargador aposentado no supremo tribunal de justiça, e senador do imperio, o mais sabio, e um dos mais energicos sustentadores do primeiro reinado, nunca foi ministro, e nem membro do conselho de estado !..

Honrarão-se de inscrever o seu nome illustre no quadro de seus membros as Sociedades da Industria Nacional do Rio de Janeiro, da Agricultura da Bahia, a Philosophica de Philadelphia, a de Agricultura de Munich, a da Propagação das Sciencias Industriaes, e do Instituto Historico da França, e do Instituto Real para propagação das Sciencias naturaes de Napoles.

Foi um sabio: a Allemanha, a França, a Inglaterra

se desvanecerião de contal-o entre os seus grandes homens de sciencia.

Na patria o visconde de Cayrú era venerado como eximio publicista, e como varão de profundos e vastos conhecimentos ; nas lides politicas porém o visconde de Cayrú teve fama de adverso aos principios liberaes, e todavia foi em seus escriptos de economista-politico o brazileiro talvez mais liberal de seu tempo.

Morreu pobre.

Morto, honrárão-lhe a memoria.

Por Decreto de 9 de Maio de 1838 o governo do regente concedeu ás suas tres filhas a pensão annual de um conto e quinhentos mil réis, e melhor do que isso, o Decreto contem justissima lembrança dos relevantes serviços, e da gloria nacional resplendente no nome de varão tão illustre.

E a assembléa provincial da Bahia por muito louvavel resolução, sanccionada pelo presidente da provincia, mandou collocar na bibliotheca publica da Bahia o retrato do visconde de Cayrú até que ali se erigisse o seu busto.

Mas a memoria do visconde de Cayrú ficou ainda mais indelevelmente perpetuada no monumento que á si proprio levantou em numerosas obras cujos titulos bastarião para encher algumas paginas. Além de tantas que publicou sobre economia politica, historia, etc., deixou entre os seus manuscriptos um poema á *Economia Politica*, que infelizmente se perdeu.

17 DE JULHO

FRANCISCO VELHO

A origem das *regatas* no Brazil remonta ao anno de 1566 e prende-se á historia da conquista do Rio de Janeiro occupado pelos francezes, e da fundação do cidade de S. Sebastião pelos portuguezes.

Tradição romanesca e interessante, como aquella de que se originárão as famosas regatas de Veneza, a que pertence ao Brazil é um episodio da guerra de 1566 á 1567 ornado pelos chronistas do tempo, os padres jezuitas, com o maravilhoso, e com a intervenção milagrosa do santo martyr, orago da cidade ainda apenas nascente.

Uma expedição de francezes calvinistas viéra estabelecer-se no Rio de Janeiro em 1555 dirigida por Nicoláo Durand Villegaignon, que aliás a deixou em 1558. Com a alliança e dedicado apoio dos indios tamoyos, os francezes

batidos e postos em fuga pelo governador geral Mem de Sá em 1560, voltárão quasi logo ás suas posições e de novo se fortificárão nellas.

Mandado pelo governo da metropole veio depois Estacio de Sá para expulsar de uma vez a colonia intrusa e inimiga, e fundar cidade e capitania no Rio de Janeiro

Estacio de Sá com os fracos recursos trazidos de Portugal, e com os que recebeu de seu tio Mem de Sá, e outros que fôra buscar em S. Vicente, entrou a barra no Rio de Janeiro no primeiro mez de 1566, e desembarcou e lançou os primeiros fundamentos da cidade no sitio que demora entre o Pão d'Assucar, e o morro de S. João.

A cidade foi chamada de S. Sebastião.

Todo o anno de 1566 foi de estereis combates.

Mas a 17 de Julho deu-se o bellico episodio que foi origem das regatas do Brazil, e que faz lembrar o nome de *Francisco Velho,* aliás deixado em tudo mais obscuro nas chronicas desse tempo.

Com astucioso plano francezes e principalmente tamoyos embarcárão-se bem armados em cento e oitenta canôas (contou-as ou assim diz o padre Simão de Vasconcellos) e forão postar-se ás escondidas no *resaco detrás de uma pónta que fazia o mar;* (provavelmente para o lado da Copacabana) e mandárão pequeno numero dessas canôas mostrar-se aos portuguezes para provoca-los á persegui-las.

Francisco Velho que era *mordomo do martyr S. Sebastião* acabava de embarcar tambem em canôa *em busca de madeira para uma capella do Santo,* e não recuando ante o numero da traiçoeira avançada do inimigo, travou com ella peleja desigual.

Estacio de Sá, vendo Francisco Velho cercado e como

que só tratando de honrar a bravura portugueza e de vender cára a vida, metteu-se com alguma gente em quatro canôas, unicas que achou á mão, e foi soccorre-lo; mas logo impetuoso mudou o soccorro em perseguição, seguindo as dos francezes e tamoyos; apenas porém *dobrada a ponta*, lançarão-se contra elle, e Francisco Velho *as cento e oitenta*, isto é, trinta e seis canôas inimigas contra cada uma das cinco dos portuguezes.

A resistencia parecia impossivel; prolongava-se porém milagrosamente; porque, diz o padre Anchieta firmado em ulterior declaração e testemunho dos tamoyos, *andava um soldado muito gentilhomem armado e saltando de canôa e canôa* á combater invencivel, e invulneravel á favor dos portuguezes, e que esse maravilhoso guerreiro que aliás estes não virão *espantára os indios e os fizéra fugir*.

Os portuguezes baterão-se heroicamente. *Francisco Velho* bradava incessante — «victoria por S. Sebastião!...» e o seu brado repetido pelos companheiros e por Estacio de Sá animava e reanimava os hercules de S. Sebastião.

Na furia da maior peleja a polvora de uma das canôas portuguezas fez explosão, e ao estampido e ao incendio os tamoyos fugirão, remando aterrados, e os francezes que sem elles pouco podião esperar, tambem se puzerão em retirada.

Estacio de Sá, levando em triumpho o bravo *Francisco Velho*, que ousára encetar tão arriscada e audaciosamente aquelle combate, e que nos trances da mais desesperada resistencia, electrisára á todos os combatentes portuguezes com o grito enthusiastico «victoria por S. Sebastião!» apenas desembarcou em seu fortalecido povoado, dirigio-se com Francisco Velho e os companheiros de peleja á modesta igreja que já tinha feito construir, embora rudemente, e com

elles rendeu graças á Deus, e venerou a imagem do santo martyr, orago da cidade.

Francisco Velho, *o mordomo de S. Sebastião,* todo possuido de sua devoção, exultou pouco depois, ouvindo as declarações, e a relevada convicção do virtuoso José de Anchieta.

Ninguem mais poz em duvida então o facto da intervenção milagrosa do santo martyr. Invisivel aos portuguezes S. Sebastião, *o soldado gentilhomem,* tinha combatido com elles, por elles, e á elles dado victoria impossivel sem o favor de Deus.

Francisco Velho o inspirado da primeira canôa portugueza, o devoto mordomo de S. Sebastião, foi objecto de louvores e de applausos, e talvez por sua iniciativa, ou com certeza animada pelo seu concurso, instituio-se então no Rio de Janeiro a —*festa das canôas,* (*origem das regatas do Brazil*) celebrada no dia 20 de Janeiro (o de S. Sebastião) em que além da solemnidade religiosa, havia o interessante espectaculo das justas, ou dos pareos das canôas.

Poeticas, embora inverosimeis, salvo sempre o poder miraculoso de Deus, de que ninguem póde duvidar; mas que a nenhum homem é dado assegurar por autoridade propria, romanescas, enfeitadas com o maravilhoso, que encanta a imaginação, as tradições antigas e dos tempos primitivos são gallas, thesouros ornamentaes, flôres preciosas da infancia dos povos, e do berço das nações: é de dever como que egoista, de gozo suave acceita-las sem averigua-las.

18 DE JULHO

JOÃO ANTONIO GONÇALVES DA SILVA

Nascido na cidade do Rio de Janeiro á 26 de Fevereiro de 1828, e filho legitimo de pae e mãe portuguezes, João Antonio Gonçalves, risonha e brilhante esperança morta em flôr, foi um dos alumnos mais antigos do Imperial Collegio de Pedro II, do qual sahio com o gráo de bacharel e coroado de premios em 1845.

Matriculado logo depois na Escola Militar, teve de abandonal-a por motivos estranhos á sua vontade, e ao seu procedimento academico.

Precisava trabalhar, dedicou-se ao magisterio, e com o maior credito leccionou logo *diversas materias* no collegio *Marinho* então famoso.

Em 1858, no dia do seu anniversario natalicio, á 26 de Fevereiro foi pelo governo imperial nomeado professor de

Historia e Geographia Antiga do Imperial Collegio de Pedro I ;I á 12 de Março de 1859 professor de francez da Escola de Marinha, e logo depois de francez e latim da Escola Central.

Era exercendo o magisterio o homem mais grave, e as vezes severo; mas fóra da cadeira e na sociedade dos amigos o companheiro mais brincão, e radiante de espirito travesso e festivo : onde elle estava, reinava a alegria.

Amante apaixonado do theatro dramatico, elle foi o ensaiador e a intelligencia directora da companhia da *Opera Nacional,* instituição bellissima, que morreu apenas nascente.

João Antonio Gonçalves capaz de ensinar quantas materias estudára, professor habilissimo, com a mais feliz disposição para o magisterio, enthusiasta de sua nobre profissão, rico de futuro, e ainda mais de esperanças, homem de grande merecimento e do maior prestimo, falleceu á 18 de Julho de 1861 com trinta e tres annos de idade.

O collegio de Pedro II cobrio-se de luto.

O Brazil perdeu em João Antonio Gonçalves da Silva um filho illustre, um modelo de eximio professor de instrucção secundaria, uma bella intelligencia e um grande coração.

19 DE JULHO

FRANCISCO DOS SANTOS XAVIER

Filho legitimo de Virissimo dos Santos e de D. Ignacia de de Aráo, nasceu Francisco dos Santos Xavier na cidade do Rio de Janeiro no anno de 1739.

Destinado á carreira militar, assentou praça de soldado na cidade de seu berço a 12 de Setembro de 1752 e logo foi mandado para a ilha de Santa Catharina, onde se conservou em serviço activo trinta e dous annos e alguns mezes: desempenhou commissões importantes, e entre outras a de examinar a possibilidade da communicação da villa da Laguna com o rio Tramandahy, rompendo-se as lagoas, trabalho que lhe custou o caminhar á pé mais de cincoenta legoas atravez de pantanos, rios, e desertos, conseguindo apresentar á 17 de Fevereiro de 1765 interessante roteiro, em que abundou em informações de todo o terreno.

Em 1787 veio com licença para o Rio de Jaueiro, onde chegou á 19 de Julho e ficou até sua morte: foi incumbido de diversas commissões de administração militar e commandou por alguns annos a fortaleza da Conceição, e sendo ainda governador dessa fortaleza, e tendo chegado ao posto de tenente-coronel, falleceu á 5 de Junho de 1801 na mesma cidade, onde nascêra.

Mas o que deu nomeada á este brazileiro não foi o seu prestimo aliás incontestavel, embora modesto no serviço militar; mas a rara habilidade em trabalhos de arte, dos quaes lhe proveio a boa alcunha de—*Xavier das Conchas*, pela qual era geralmente conhecido.

Tendo vivido tão longos annos em Santa Catharina, ali aprendêra, e tocára á perfeição executando delicadissimas obras de ornato feitas de conchas, pennas, e escamas.

O *Xavier das Conchas* chegára opportunamente á cidade do Rio de Janeiro em 1789; pois que logo por portaria de 18 de Outubro desse anno o vice-rei Luiz de Vasconcellos o encarregou de trabalhos de arte no *Passeio Publico* que então mandára executar.

Ao Xavier das Conchas deverão-se os dous pavilhões, que se levantavão nas extremidades do bello terraço daquelle Jardim, pavilhões que desde muitos annos desapparecêrão, e que no entanto erão por todos admirados pelos baixos-relevos de passaros do Brazil em um, e de peixes no outro, além de numerosos e bem dispostos quadros e ornamentos de pennas naquelle, e de conchas e escamas neste.

Xavier das Conchas por gosto e sem interesse deixou diversos e lindissimos trabalhos do mesmo genero, que fazia para obsequiar amigos seus.

20 DE JULHO

MANOEL ALVES BRANCO

VISCONDE DE CARAVELLAS

Manoel Alves Branco, filho do negociante João Alves Branco e de D. Anna Joaquina de S. Silvestre nasceu na cidade da Bahia, onde recebeu a instrucção primaria e estudou latim, francez, logica e rhetorica.

Na universidade de Coimbra para a qual partio em 1815 frequentou o curso completo de sciencias naturaes, por tres annos o accessorio de sciencias mathematicas, do qual apenas deixou de estudar o quarto anno, cujo objecto era a astronomia, e matriculou-se depois no curso de direito, no qual formou-se em 1823.

Essa intelligencia previlegiada, que ousava emprehender

e effectuava tantas conquistas no campo da sciencia, fulgia ainda com a luz brilhante da poesia, e no cultivo das lettras teve por companheiros e amigos Garret, Odorico Mendes, e Araujo Vianna depois marquez de Sapucahy.

Alves Branco voltou para a Bahia em 1824: entrou para a magistratura, sendo despachado juiz de fóra da villa mais tarde cidade de Santo Amaro, donde no fim de pouco mais de um anno passou á juiz de fóra da cidade do Rio de Janeiro.

Na segunda legislatura foi eleito deputado pela sua provincia, e, tomando assento na camara em 1830, entrou nas fileiras do partido liberal e logo se destinguio como eloquente e notavel orador, e como estadista e pensador profundo.

Nesse mesmo anno foi encarregado pela camara de confeccionar o codigo do processo criminal.

Na sessão de 1831 apresentou projectos sobre o poder judiciario e o systema eleitoral, incluindo neste a idéa das incompatibilidades dos juizes e de outros empregados, e com o seu collega o dr. Ferreira França assignou outro, propondo liberdade completa de consciencia e federação monarchica. Estes projectos forão adiados menos o ultimo que a camara regeitou.

Em 1832 Alves Branco, nomeado contador geral do thezouro nacional, trabalhou activa e zelosamente, devendo-se-lhe importantes regulamentos de contabilidade, e as primeiras instrucções para a escripturação por partidas dobradas.

Em 1835 deixou aquelle emprego, sendo chamado ao ministerio, no qual teve as pastas dos negocios da justiça

e dos estrangeiros, e assignou ajustes com mr. Fox para reforçar os meios de repressão do trafico de escravos, que a camara não approvou : desgostoso por isso e em desintelligencia com o regente Feijó, pedio e teve a sua demissão de ministro.

Em Julho de 1837 o mesmo regente o escolheu senador em lista triplice offerecida pela provincia da Bahia.

Chamado de novo ao ministerio, acceitou as pastas da fazenda e do imperio; mas logo em Setembro Feijó se decidio á resignar a regencia e instou com o illustre estadista para ficar, como ministro do imperio, regente interino; mas Alves Branco recusou, e deixou o governo á 18 de Setembro daquelle mesmo anno.

Em 1840 voltou ao poder e foi ministro da fazenda por nomeação do regente Araujo Lima, depois marquez de Olinda ; mas em Maio pedio sua demissão.

A' 23 de Julho seguinte foi declarada a maioridade do imperador o senhor D. Pedro II, e em Março do anno de 1841 os conservadores que tinhão cahido do governo, subindo outra vez á elle no fim de oito mezes, fizerão approvar pelas camaras as reformas do codigo do processo criminal que promulgadas se tornarão em lei desde 3 de Dezembro. A camara da nova legislatura foi dissolvida antes de installada em 1842 : o partido liberal tomou as armas e declarou-se em revolta nas provincias de S. Paulo e Minas Geraes, foi em breve derrotado e vencido pelas tropas legaes, e entre outros distinctos cidadãos, dous senadores, o ex-regente Feijó e Vergueiro que tambem fôra membro da regencia interina do imperio em 1831, compromettidos, presos, e accusados devião ter o seu julgamento no senado.

Alves Branco tinha cambatido energica, e eloquentemente as reformas do codigo ; fôra porém alheio ás revoltas.

Os dous velhos senadores accusados, antigos benemeritos e glorias da patria apresentarão-se na camara de que erão membros : faltava lei que regulasse precisamente o processo e julgamento, e os senadores liberaes, escudando Feijó e Vergueiro, firmarão-se nessa questão previa.

Houve luta de Alcides ; de um lado Vasconcellos, e Honorio, depois marquez de Paraná ; do outro Alves Branco e Paula e Souza ; e nunca Alves Branco foi mais esplendido, e profundo orador.

Em 1844 o grande estadista liberal aceitou a pasta da fazenda no gabinete do visconde de Macahé. O decreto da amnistia aos compromettidos nas revoltas de S. Paulo e Minas, e a feliz terminação da antiga e tremenda rebellião da provincia do Rio-Grande do Sul, além de outros serviços, honrão a memoria desse ministerio.

Voltando ao governo em 1847, foi nesse anno promulgado o decreto de 20 de Julho, que creou um presidente do conselho de ministros, e com a mesma data outro decreto nomeou para este cargo a Manoel Alves Branco.

Alves Branco foi desde 1844 considerado e reconhecido como um dos mais illustres e venerandos chefes do partido liberal. Em Maio de 1846 demittio-se com o ministerio do visconde de Macahé, e no mesmo mez do anno seguinte uma e ultima vez chamado aos conselhos da corôa organisou e presidio gabinete de que foi ministro do imperio e da fazenda até principios de 1849.

Alves Branco era conselheiro de estado ordinario desde 1842, e apenas official da Imperial Ordem da Rosa, quando

o Imperador o Senhor D. Pedro II á 2 de Dezembro de 1854 o agraciou com o titulo de visconde de Caravellas.

Como homem politico e estadista pouco fez, porque pouco poude fazer combatido até 1840 por adversarios em maioria, e esterilisado de 1844 em diante pela indisciplina e pelas dissidencias do partido liberal.

Como administrador, de cada vez que foi ministro introduzio reformas economicas e fiscaes, creou melhoramentos, regulou serviços no thesouro, nas alfandegas, onde quer que chegava a sua alçada, as quaes ainda hoje ou se aproveitão, ou abonão sua alta capacidade.

No parlamento conquistou a reputação de orador de primeira ordem, desde o dia em que se revelou na tribuna: reunia todos os dotes e condições exigiveis para ser primoroso *leader*, profunda sciencia, palavra facilima, voz sonora e grave, argumentação cerrada, eloquencia arrebatadora, linguagem precisa e pura, e convicção evidente dos principios que sustentava. Na tribuna era Hercules; pouco ou raro se medio com oradores menos abalisados: seu antagonista de escolha, e que tambem o escolhia era o famoso e grande Bernardo Pereira de Vasconcellos: tinhão sido contemporaneos e amigos em Coimbra, atuarão-se até que os separou a morte; Vasconcellos o chamava—Manoel; elle tratava Vasconcellos chamando-o tambem simplesmente—Bernardo. Esses dous gigantes passarão annos á bater-se desapiedadamente no senado, e o visconde de Caravellas nunca recuou vencido diante daquelle admiravel estadista, e orador de recursos sempre inexgotaveis.

O visconde de Caravellas foi incontestavelmente um dos primeiros estadistas e illustradissimos varões que floresceräo no Brazil de 1824 á 1855.

A' par de sua sabedoria, de sua eloquencia, de sua grande pratica administrativa, á par do grandiosa intelligencia resplendião nelle a pureza dos costumes, e integridade, honra, desinteresse inexcedivel, probidade, e doçura de caracter, modestia, e raras virtudes.

Manoel Alves Branco, visconde de Caravellas, senador do imperio, conselheiro de estado, por cinco vezes ministro de estado, falleceu em grande pobreza na cidade de Nictheroy á 13 de Julho de 1855.

Falleceu tendo chegado á experimentar penuria em seus ultimos dias. Um velho rico que tambem á esse tempo esperava a morte em leito afflictivo, e annunciador de proxima agonia, repartio sua severa dieta com o illustre e benemerito visconde, e diariamente mandāva-lhe o extremo recurso alimenticio, metade do seu caldo.

Assim morreu o patriota, o benemerito, o sabio e grande visconde de Caravellas.

21 DE JULHO

GONÇALO RAVASCO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

Filho de Bernardo Vieira Ravasco, sobrinho do padre Antonio Vieira Gonçalo Ravasco, Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque de quem os ultimos sobrenomes indicão mãe de nobre familia pernambucana, nasceu na Bahia em 1639 com a nobreza do talento e da benemerencia do pae, e do genio do tio.

Ainda assim ignora-se o dia do seu nascimento e o de sua morte no anno de 1725, e nem ha data precisa, nem lembrança averiguada de seus serviços e de seus feitos.

Seu nome fica escripto sob a data de 21 de Julho de 1627, em que sepulto seu pae, elle lhe succedeu no cargo de secretario do Estado do Brazil, e na alcaidaria-mór de Cabo-Frio, na commenda de Christo, e no titulo e honras de fidalgo da casa real.

Tão enobrecido e grande na terra, ficaria em completa obscuridade, se o cultivo das lettras não viesse acudil-o, modestamente embora.

Gonçalo Ravasco distinguio-se no seu tempo como poeta, mas educado as vezes sob a direcção e sempre sob a influencia de seu tio, conteve as expansões da sua musa, ou não deixou correrem mundo suas composições poeticas de inspirações menos religiosas. Escreveu com applauso *autos sacramentaes*, obras *dramatico-piedosas*, que tinhão então súa voga, e na verdade podião aproveitar á civilisação, adoçando os costum es, e influindo pelas lições, pelas maximas, e pelos exemplos das virtudes catholicas.

Essas composições não tiverão, nem fizerão escolas litterarias ; mas desde o meiado do seculo decimo sexto forão empregadas no Brazil pelos jezuitas em rude exposição dos costumes immoraes dos colonos, e em exemplificação de preceitos religiosos e evangelicos.

No seu tempo Gonçalo Ravasco ao menos corrigio a rudeza daquelles *autos*, escrevendo os seus em versos suaves, com arte muito mais habil, e com proveito muito maior.

22 DE JULHO

JOSÉ BENTO LEITE FERREIRA DE MELLO

O partido liberal vencedor á 7 de Abril de 1831 pela abdicação do imperador D. Pedro I, por isso mesmo que não abusou da victoria, e com os maiores esforços conseguio debellar facções e manter o systema monarchico constitucional e a integridade do imperio, teve de soffrer a defecção dos *exaltados*, alguns dos quaes ligarão-se aos amigos e partidarios do primeiro reinado.

Na propria provincia de Minas Geraes appareceu a dissidencia e na noite de 22 de Março de 1833 rompeu na cidade do Ouro Preto ephemera sedição militar, á que se unirão alguns paisanos: o presidente da provincia Manoel Ignacio de Mello e Souza, depois barão do Pontal, foi deposto, e á 23 de Março pela madrugada sahirão levados por escolta que os devia conduzir para fóra da provincia o vice-

presidente Bernardo Pereira de Vasconcellos, e o padre José Bento Leite Ferreira de Mello que tinhão sido presos pelos sediciosos. Na então villa de Queluz o povo soltou os dous illustres mineiros.

Esta prisão em companhia de Vasconcellos indica a importancia politica de que já gozava o padre José Bento.

Filho legitimo do sargento-mór José Joaquim Leite Ferreira de Mello e de D. Escolastica Bernardina de Mello, José Bento nasceu na então villa hoje cidade da Campanha, provincia de Minas Geraes aos 6 de Janeiro de 1785.

Fez os seus estudos em S. Paulo, residindo com o bispo D. Matheus, e tomou ordens sacras.

Em 1810 creada a freguezia de Pouso Alegre, apresentou-se em concurso, foi apresentado e collado, e logo depois recebeu a nomeação de vigario da vara da comarca ecclesiastica, ministerio que exerceu até o seu fallecimento.

O governo imperial o nomeou (muito mais tarde) conego honorario da Sé de S. Paulo e cavalleiro e commendador da Ordem de Christo.

Pouso Alegre deveu ao vigario José Bento o plano da futura cidade, alinhamento de suas ruas e praças e o seu nascente florescimento.

Homem activissimo, obsequiador e prestimoso estendeu sua influencia á grande parte da provincia.

Em 1821 pronunciou-se pelas idéas liberaes, foi eleitor e membro da junta eleitoral da provincia, e no Ouro Preto distinguio-se tanto na eleição de deputados á constituinte de Lisboa que o nomeárão membro do governo provisorio.

Fez parte do primeiro conselho da provincia de Minas a qual em 1825 o elegeu deputado á primeira legislatura brazileira, e depois á segunda e á terceira e emfim saudou-o

escolhido senador do imperio em 1834 em lista triplice que apresentou á regencia permanente.

O padre José Bento já tinha figurado na imprensa, publicando em Pouso Alegre o *Pregoeiro Constitucional*, e depois o *Recopilador Mineiro* impressos em typographia que fundára.

Na camara dos deputados e de 1834 em diante no senado foi sempre propugnador das idéas liberaes.

Em 1831 fundou em Pouso Alegre a Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional pelo molde, mas sem a importancia da que havia na capital do imperio.

Durante a regencia do padre Diogo Antonio Feijó, José Bento contou-se entre os principaes sustentadores do governo.

Em 1840 foi um dos seis senadores signatarios do projecto apresentado á 13 de Maio para a declaração da maioridade do imperador e á 22 de Julho tribuno ardente que de uma das janellas do senado fallou ao povo, exaltando-o e concitando-o para o triumpho da mesma idéa.

Em 1842 entrou na conspiração das revoltas liberaes de S. Paulo e Minas Geraes: reunio por vezes em sua casa no Rio de Janeiro o club dos conspiradores, e teve por castigo ver a derrota dos revoltosos, os Andradas, Feijó, Theophilo Ottoni, Mello Franco, Marinho, Raphael Thobias, Meirelles e outros que ainda vivem, soffrendo o rigor da adversidade que elle não partilhou.

Em 1843, fallando no senado, deixou claramente confessa a parte que tivera naquelles movimentos illegaes do seu partido.

Retirando-se no fim da sessão legislativa para sua provincia, respirava tranquillo em Pouso Alegre, quando á 8 de Fevereiro de 1844, indo ás quatro horas da tarde para

sua fazenda situada á menos de uma milha da cidade, acabou barbaramente assassinado por quatro perversos, de um dos quaes elle era padrinho!... braços malvados que a inimisade armára.

A cidade de Pouso Alegre e a provincia de Minas Geraes chorárão consternadas a illustre victima, cuja morte cobrio de luto o partido liberal de todo o imperio.

José Bento Leite Ferreira de Mello era homem de instrucção limitada, e nas camaras temporaria e vitalicia nunca se distinguio como orador de merecimento: fallava com simplicidade, franqueza, coragem e ardor; mas nem tinha a eloquencia que arrebata, nem a logica habil que convence.

E todavia era no parlamento uma das forças mais potentes do seu partido!...

Activissimo e infatigavel, homem de vontade, de energia, e de acção, adoptado um plano, resolvida uma idéa, José Bento era a flamma que ia animar os timoratos, era o ardente exigidor do concurso de cada um, corria aos oradores, e marcava-lhes o seu lugar, e a sua hora na tribuna, ia á casa do *leader* liberal que se recolhêra doente, e dizia-lhe: «amanhã ha de estar bom e fallar!... »

José Bento Leite Ferreira de Mello foi principalmente nos ultimos dez annos da sua vida não a intelligencia grande; mas a alma grande do partido liberal do Brazil.

23 DE JULHO

ESTEVÃO RIBEIRO DE REZENDE

MARQUEZ DE VALENÇA

No arraial dos Prados, comarca do Rio das Mortes, provincia de Minas Geraes nasceu a 20 de Julho de 1777 Estevão Ribeiro de Rezende, filho legitimo do coronel Severino Ribeiro e de D. Josepha Maria de Rezende.

Recebeu de seus paes esmerada educação, e tendo em Minas Geraes estudado com distincção latim, francez, italiano, rhetorica e philosophia, seguio para Portugal e na universidade de Coimbra formou-se em direito.

Aceito logo para a leitura do desembargo do Paço, adiou-a para cumprir o mais triste, porém piedoso devêr: chegando-lhe a noticia da morte de seu pae, veio immediamente á patria bejar a mão de sua mãe, e apresentar-se á ella doutorado.

De volta á Portugal fez sua leitura no desembargo do Paço e foi immediatamente nomeado á 21 de Junho de 1806 juiz de fóra de Palmella pelo principe regente depois rei D. João VI, do qual já antes recebêra o habito da Ordem de Christo com uma tença e a propriedade do officio de tabelião do publico, judicial e notas da villa de S. João d'El-Rei em attenção aos serviços de seu pae, e ás suas proprias qualidades.

Quando em 1807 a familia real portugueza embarcou para o Brazil, quiz Rezende acompanhal-a á sua patria ; desistio porém desse empenho ; porque julgou-se conveniente sua presença em Palmella, onde com effeito prestou grandes serviços no principio da invasão franceza, representando e protestando com o seu caracter official, e com energia e coragem civicas contra os abusos das tropas ali estacionadas ; mas por fim não podendo resistir ás imposições dos chefes francezes lançadas sobre o povo, retirou-se para Lisboa, tendo antes em companhia de um vereador occultado em um altar os dinheiros publicos que estavão sob a sua guarda.

Recebida a necessaria licença, voltou para o Brazil, e chegado ao Rio de Janeiro o principe regente depois D. João VI o nomeou á 13 de Maio de 1810 juiz de fóra da cidade de S. Paulo, lugar que lhe coube crear ali.

A 17 de Dezembro de 1813 deixou elle o juizado de S. Paulo, passando á fiscal dos diamantes, e á 13 de Setembro do anno seguinte á desembargador da relação da Bahia. Em 1817 foi ajudante do intendente geral da policia, e á 12 de Outubro de 1818 subio a desembargador da casa de Supplicação.

Em 1821 exercia o cargo de superintendente geral dos contrabandos.

Começou nesse anno á pronunciar-se a idéa da independencia do Brazil, que ainda mais provocada pelas medidas violentas das côrtes portuguezas contra o reino-unido americano, acabou por ser abraçada pelo principe regente D. Pedro, depois imperador do Brazil.

Estevão Ribeiro de Rezende nomeado procurador da provincia de Minas Geraes junto ao principe-regente, mostrou-se tão esclarecido e dedicado, que D. Pedro em Março de 1822, tendo de partir em viagem á Minas para congrassar os patriotas e dissipar dissidencias que ali havia, nomeou-o secretario de estado e encarregado de todas as pastas, fazendo-se acompanhar por elle.

Proclamada a independencia, Ribeiro de Rezende foi eleito pela sua provincia natal deputado á constituinte brazileira, e dissolvida esta assembléa, prestou á ordem serviços importantes, como intendente geral da policia.

A dissolução da constituinte puzera em resentimento e em desconfiança o partido liberal que não só se distanciou do imperador D. Pedro I, como teve em conta de reaccionarios aquelles que o servirão nesse golpe de Estado, e d'ahi em diante.

Estevão de Rezende entrou no numero dos suspeitos ao partido liberal e tanto mais que á 14 de Outubro de 1824 entrou para o ministerio com a pasta do imperio que conservou até Novembro do anno seguinte, recebendo elogios e agradecimentos no Decreto de sua demissão. A 1 de Dezembro de 1824 teve a nomeação de desembargador honorario do paço, e á 15 de Outubro de 1825 foi agraciado com o titulo de barão de Valença com grandeza.

Convocada a assembléa geral legislativa em primeira legislatura o barão de Valença achou-se eleito deputado por Minas Geraes e incluido em listas para senador offerecidas pela mesma provincia e pela de S. Paulo, e o imperador o escolheu na lista da primeira á 19 de Abril de 1826.

A' 12 de Outubro desse anno passou á desembargador effectivo do paço e á pedido seu se aposentou: a 30 ainda do mesmo mez e anno foi elevado de barão á conde de Valença.

Tantas honras e despachos successivos, se por um lado erão evidentes demonstrações do seu saber, e do seu merecimento, por outro aggravavão a opposição que lhe fazia o partido liberal.

De Maio á Novembro de 1827 ministro pela segunda vez tomou a pasta da justiça, e tres dias antes de deixar o poder, teve a nomeação de conselheiro de estado honorario.

A abdicação do imperador D. Pedro I não alterou as idéas politicas do conde de Valença: no senado distinguio-se entre os mais illustres e dedicados amigos do ex-imperador que se levantárão como forte barreira aos excessos do partido liberal dominante. A opposição dos *velhos titulares*, como se dizia, não os absolveu dos graves erros do primeiro reinado, erros de que elles são tambem responsaveis na historia; foi porém utilissima, porque havia mais que nunca necessidade de contrapeso opposto ao partido que era governo, e que ás vezes á pezar seu, e ás vezes imprudente e arrastado pelos acontecimentos e pelas paixões politicas se lançava em exagerações, e em projectos arriscados, ou violentos.

O conde de Valença aos sessenta e tres annos ainda entrou em rigida campanha parlamentar, pertencendo em

1840 ao numero dos propugnadores da maioridade do imperador, o senhor D. Pedro II.

Depois de 23 *de Julho* o velho monarchista foi menos activo nos trabalhos do senado.

Em 1848 foi elevado de conde á marquez de Valença. Além do seu titulo elle tinha sido agraciado com a dignitaria honoraria da Imperial Ordem do Cruzeiro, com a grã cruz da ordem de Christo, e era fidalgo cavalleiro da casa imperial.

Sua illustração e seu notavel merecimento lhe derão os diplomas de socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, de socio effectivo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e da de Instrucção Elementar e de membro da Sociedede de Agricultura do Reino da Suecia.

O marquez de Valença falleceu á 8 de Setembro de 1856 aos setenta e nove annos de idade.

24 DE JULHO

FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO

Filho de pobres lavradores da freguezia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, municipio da Côrte do Rio de Janeiro, nasceu ahi Francisco Freire Allemão á 24 de Julho de 1797: seus paes João Freire Allemão e D. Feliciana Angelica do Espirito Santo, ambos fluminenses, moravão em terras da fazenda da Mendonha, cujo proprietario, o padre Francisco Couto da Fonseca foi padrinho do menino sem fortuna, tomou-o, deu-lhe em sua casa a instrucção primaria e não mais porque em 1810 morreu.

D. Feliciana recebe o filho sem padrinho; mas em breve teme-se do *recrutamento forçado*; acode-lhe o vigario da parochia que faz de Francisco Freire sachristão

da matriz, e admirando-lhe a intelligencia, começa á ensinar-lhe o latim, cujo estudo o manda completar na fazenda da *Mendonha* com o professor do filho do novo proprietario.

O condiscipulo de Francisco Freire toma depois ordens sacras, e sendo substituto da cadeira de latim no seminario de S. José, consegue que o bispo D. José Caetano receba na mesma casa em Março de 1817 o pobre filho da *Mendonha*.

Francisco Freire vinga-se do tempo perdido: em cinco annos completa todo o curso do seminario, aprende o grego e começava o estudo do hebraico com o sabio frei Custodio Alves Serrão, quando em 1821, não querendo ser padre, vê-se obrigado á deixar o seminario.

Então entrega-se ao magisterio particular e em 1822 matricula-se na academia medico-cirurgica, em 1823 obtem do ministro José Bonifacio de Andrada diminuta pensão, prestando-se á servir como cirurgião militar, é infallivel na academia, trabalha no hospital militar, ensina para ter meios e recursos, e ainda aperfeiçoa-se na lingua franceza, aprende a ingleza, segue o curso de physica na Academia Militar, e no fim dos seis annos da lei se honra com o diploma de cirurgião formado.

Seu irmão Antonio Freire Allemão, seu cunhado Francisco Barros e alguns amigos o auxilião: elle parte para a França, estuda em Paris, e volta com o titulo de doutor em medicina, e com profundo thesouro de sciencia.

Em 1833, quando se organisa a nova Escola de Medicina do Rio de Janeiro o dr. Freire Allemão entra em concurso e ganha a cadeira de botanica e zoologia.

Em 1841 foi nomeado medico da Imperial Camara,

sendo depois escolhido para ir na divisão naval mandada a Napoles para transportar para o Brazil a augusta princeza, que é do Brazil virtuosa e amada Imperatriz, e em cuja comitiva o dr. Freire Allemão devia desempenhar os deveres de sua profissão.

Em Napoles foi apreciado pelos sabios.

Em 1853 o dr. Freire Allemão pedio e obteve a sua jubilação na escola de medicina e retirou-se para o pequeno e querido sitio que conservava na *Mendonha* ; mas em 1858 cedeu ás honorificadoras instancias do Imperador o senhor D. Pedro II, que muito o estimava e destinguia, e prestou-se á leccionar botanica na Escola Central.

Em 1859 nomeado presidente da commissão scientifica mandada ás provincias do norte do imperio, parte, trabalha consciencioso até que em 1861 o governo dá por finda aquella commissão. De volta ao Rio de Janeiro o dr. Freire Allemão enceta a publicação dos trabalhos e conquistas scientificas realisadas no desempenho da especial tarefa que lhe coubera naquella seria expedição civilisadora; mas em 1863 morre-lhe o sobrinho e seu ajudante Manoel Freire Allemão, seu amigo, e esperançoso herdeiro e continuador de sua gloria de sabio botanico.

Desde então elle cae em melancolia e abatimento: viveu ainda dez annos ; mas em dez annos tres ataques cerebraes que o accommettêrão em periodos diversos o prostrão, tirão-lhe a memoria, o vão matando aos poucos, até que elle exhala o ultimo suspiro á 11 de Novembro de 1874.

O dr. Francisco Freire Allemão teve o titulo de conselho, a venera da ordem de Christo, a commenda da Imperial da Rosa, o habito de cavalleiro da ordem de Francisco I

de Napoles, foi membro honorario da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, da Sociedade da Industria Nacional, do Instituto de Encorajamento de Napoles, da Academia das Sciencias da mesma cidade, da Real Sociedade Botanica de Ratisbona, presidente da Sociedade Vellosiana do Rio de Janeiro e membro de outras sociedades scientificas nacionaes e estrangeiras.

Em diversas *Revistas* scientificas e litterarias elle publicou trabalhos importantes, descripções de vegetaes, que foi o primeiro á classificar, e de que fez registro em portuguez e em latim.

Legou á patria cabedal precioso na publicação aliás infelizmente interrompida de suas conquistas botanicas na commissão scientifica de que foi encarregado.

E com certeza, pois que ha disso authorisadas informações, deixou volumesos manuscriptos, riqueza immensa de trabalhos botanicos, para cuja publicação lhe faltárão recursos, e tempo.

Nasceu pobre, viveu pobre, e pobre morreu, trabalhando incessante, em quanto os ataques cerebraes não vierão inutilisal-o.

De sua vida de setenta e sete annos passou boa parte em explorações nas florestas.

Está enterrado no cemiterio da freguezia de Campo Grande, e em cova, que para seu cadaver abrirão á sombra de duas arvores irmãs delle; mas muito mais velhas que elle.

25 DE JULHO

JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA

O sceptro do jornalismo politico do Brazil passou das mãos de Evaristo Ferreira da Veiga para as de Justiniano José da Rocha, que o conservou por longos annos desde 1836. Evaristo foi o primeiro mestre, teve por si a gloria da prioridade, a flamma do patriotismo, e do talento, o dom precioso do bom senso, e o grande merecimento da censura sem fel, e da polemica energica; mas decente: Rocha o excedeu em illustração, e em maxima habilidade de escriptor *estrategista* nos combates da imprensa: lutou com adversarios de primeira ordem (e alguns ainda florescem em altas posições); desses um o sobrepujou pela primorosa elegancia da fórma; outro o igualava na força da logica; aquelle em arroubos de enthusiasmo e em vigoroso ataque de abalisado esgrimidor, todos habeis e illustrados como elle, cada qual

porém ou por desgosto, ou por fadiga retirando-se da imprensa no fim de mais ou menos tempo, e deixando no campo, firme mantenedor, Justiniano Rocha á quebrar lanças com outros e novos paladinos.

Esse homem, Justiniano José da Rocha nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 8 de Novembro de 1812, recebeu sua primeira educação litteraria em França, no collegio de Henrique IV, sendo ahi muito distincto estudante; voltou para o Brazil, foi para S. Paulo estudar direito, e na competente academia tomou em 1833 o gráo de bacharel em sciencias juridicas.

Fóra da imprensa a sua vida póde ser em breves palavras resumida:

Em 1838 foi nomeado professor de historia e geographia antiga do Imperial Collegio de Pedro II então fundado: leccionou e pedio sua demissão pouco tempo depois.

No anno de 1841 teve a nomeação de lente de direito militar da Escola Militar do Rio de Janeiro: supprimida essa cadeira em 1845 Rocha voltou á ella em 1850, e incumbido das aulas de latim e francez.

Foi durante alguns annos membro do conselho director de instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte.

Contou-se entre os mais antigos socios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, do qual mais tarde se retirou.

No magisterio, e no conselho superior de instrucção publica foi o que devia ser com a sua bella e illustrada intelligencia.

Exerceu a advocacia na cidade do Rio de Janeiro com a lisongeira esperança que lhe dava a consciencia de seus

conhecimentos juridicos; mas com pouco fructo e fraca concurrencia de clientes.

A' principio essa má fortuna foi explicada pelas difficeis conquistas de advogado novo e muito joven; depois veio explical-a a absorção politica.

Com effeito em 1836 Justiniano Rocha fundou na imprensa os periodicos *Atlante* e *Chronista*, tendo por collaboradores os seus dous intimos amigos e collegas os senhores actuaes conselheiro Jozino do Nascimento Silva, e senador Firmino Rodrigues Silva. O *Chronista* fez viva e brilhante opposição ao governo do regente Diogo Antonio Feijó.

Ligando-se ao partido conservador, do qual se tornou orgão e alma na imprensa, Rocha poz termo á publicação do *Chronista* em 1839, e fundou o *Brazil* á principio publicado tres vezes por semana, e depois diariamente.

Vasconcellos no parlamento, e Rocha na imprensa, ou no seu *Brazil* forão as grandes alavancas do partido conservador.

Em 1840 Rocha combateu no *Brazil* com todo o poder dos seus enexgotaveis recursos a causa da *maioridade do imperador*, e decretada esta, e organisado a 24 de Julho o ministerio chamado da *maioridade*, logo no dia seguinte, 25 de Julho, o periodico *Brazil* publicou o seu primeiro artigo sob a epigraphe: « *Estamos em opposição* » e em opposição Justiniano Rocha hostilisou energica e talentosamente aquelle gabinete, concorrendo muito com a poderosa alavanca de sua penna de escriptor para a queda da situacão liberal, e para a volta do partido conservador ao poder á 27 de Março do anno seguinte.

Ao mesmo tempo que, assim e só, tomava sobre si a tarefa immensa de orgão e campeão reconhecido do partido

conservador na imprensa, em 1839 entrava para a collaboração do *Jornal do Commercio* e em labor diario e infatigavel concorria para a redacção delle, servindo-o dedicadamente desde esse anno até sua morte.

A gazeta *Brazil* terminou sua carreira no anno de 1850; mas logo depois contando demais com o concurso material do seu partido, Rocha fundou o *Correio do Brazil*, diario em grande formato, que naufragou por falta de capital ou renda sufficiente para sustental-o.

Os laços do partido conservador começarão á afrouxar-se depois de iniciada pelo ministerio do marquez de Paraná a politica chamada da *conciliação*. Justiniano Rocha criou com os seus proprios recursos o *Constitucional* que não poude ter longa carreira.

Emfim á 9 de Fevereiro de 1860 elle publicou o primeiro numero do *Regenerador* com a seguinte epigraphe — *Fé em Deus, fé nas instituições, fé no futuro do Brazil*—, e nesta, a ultima de suas gazetas, sustentou com ardor as idéas catholicas, e em politica opinião já modificada.

O partido conservador que tanto devia á Justiniano Rocha, levou-o a camara dos deputados em tres legislaturas eleito pela provincia de Minas-Geraes; mas ao grande paladino da imprensa faltavão dotes para fulgurar na tribuna, á que aliás por vezes subio.

Justiniano José da Rocha não foi sómente na imprensa politica diaria habilissimo doutrinario, e commumnado mestre na polemica: era escriptor fecundissimo, e não escolhia nem hora, nem occasião para lançar no papel e de improviso artigos que parecião filhos de accurada meditação.

Atarefado diariamente com os cuidados das gazetas de sua redacção, occupado com o magisterio, trabalhando na

collaboração do *Jornal do Commercio* esse homem infatigavel deixou publicadas as seguintes obras originaes e traduzidas :

Considerações sobre a justiça criminal no Brazil e especialmente sobre o jury, onde se mostrão os defeitos radicaes dessa tão gabada instituição: 1835.

Compendio de Geographia elementar, offerecido ao governo de S. M. Imperial, e por elle aceito para uso dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II : 1838.

Os assassinos mysteriosos ou a paixão dos diamantes; novella historica : 1839.

A Rosa amarella, novella de Charles Bernard, traduzida: 1839.

As armas e as lettras, novella de Alexandre Lavergni; traduzida : 1840.

A pelle do leão, novella de Charles Bernard; traduzida : 1842.

O conde de Monte Christo por Alexandre Dumas ; traduzido : 1845.

Piquillo Alliaga ou os mouros no reinado de Felippe III, por Eugenio Scribe; traduzido : 1847.

A excepção desta ultima, todas essas traducções sahirão em folhetins do *Jornal do Commercio,* e delles se tirárão edicções.

Justiniano José da Rocha falleceu na cidade do Rio de Janeiro em 1863 deixando sua familia na maior pobreza.

26 DE JULHO

ANTONIO DE SA'

Padre da companhia de Jesus, e pregador de grandiosa fama em seu tempo, nasceu Antonio de Sá no Rio de Janeiro aos 26 de Julho de 1620, e na idade de doze annos entrou para aquella companhia e no respectivo collegio, na mesma cidade do Rio de Janeiro, começou e adiantou sua educação litteraria, e estudos ecclesiasticos, revelando logo admiravel intelligencia, e dotes de orador.

Cedo passou para Portugal, onde sua reputação se firmou e estendeu-se seu renome de pregador.

De Portugal teve de seguir para Roma, e ahi se demorou por alguns annos, desempenhando o cargo de secretario geral dos jezuitas, o que é a prova mais eloquente de seus profundos conhecimentos, e notavel prudencia e habilidade.

Tambem em Roma fulgurou na tribuna sagrada e de volta á Portugal foi nomeado pregador regio, e gozou de grande estima na côrte de Lisboa ; ao ir chegar aos cincoenta annos porém e no meio do seu admirado esplendor, esquivou-se aos applausos, aos louros, e a consideração mais elevada e ostensiva, e tornou para o Brazil, onde se entregou aos trabalhos, e gloriosa tarefa de cathechese do gentio.

Morreu no Rio de Janeiro a 1 de Janeiro de 1678, tendo selputura, onde tivéra berço.

No seu tempo foi chamado o — principe da oratoria ecclesiastica.

O melhor dos juizes, porque foi seu contemporaneo, orador sagrado abalisadissimo, grande escriptor, e varão tão eminente, como zeloso de seu alto merecimento, o padre Antonio Vieira dizia: quando Antonio de Sá está no pulpito, eu ahi não faço falta. »

Ficarão impressos alguns dos sermões de Antonio de Sá que justificão a fama qne exaltou este pregador: a Bibliotheca Fluminense (na cidade do Rio de Janeiro) possue um exemplar dos sermões de Cinza, Quaresma, e Passos.

27 DE JULHO

FRANCISCO DE LIMA E SILVA

Filho legitimo do marechal José Joaquim de Lima e Silva e de D. Joanna Maria da Fonseca Costa nasceu Francisco de Lima e Silva na cidade do Rio de Janeiro em 5 de Julho de 1785, e segundo usos e privilegios das familias militares assentou praça na idade de cinco annos como cadete no regimento de Bragança.

Depois de ir opportunamente subindo aos diversos postos em longos annos de serviço nesse regimento, tomou o seu commando, substituindo á seu pae.

Na época da independencia Francisco de Lima, adoptando com ardor a causa de sua patria, prestou no Rio de Janeiro serviços relevantes, e ganhou geral confiança pela coragem, firmeza e actividade, de que deu provas como soldado.

Em 1824 foi o brigadeiro Francisco de Lima e Silva no-

meado para commandar a brigada expedicionaria contra a revolta pernambucana chamada da—federação do Equador, levando tambem a nomeação de presidente interino da provincia, e da commissão militar creada por carta imperial de 27 de Julho do mesmo anno.

Cambateu a revolta, venceu-a no campo armado com energia e promptidão.

Seguio-se á victoria tarefa mais ardua e escabrosa; mais triste e confrangente; imposta porém pelo dever da obediencia ao governo.

A commissão militar presidida pelo brigadeiro Francisco de Lima era por sua natureza tribunal de sangue, e além de muitas outras sentenças severas, impoz algumas de morte, e fel-as executar; mas fatalmente obrigado á concorrer com o seu voto para o supplicio de chefes revoltosos, influio muito com verdadeiro patriotismo, com magnanimidade e moderação para limitar o mais possivel o numero dos condemnados á morte, e oppoz forte barreira ás crueis exigencias de reacção violenta. Em 1817 Luiz do Rego não soubera poupar victimas e impedir barbaridades, e a toga da alçada foi horrivel.

Em 1824 Francisco de Lima seguio systema diverso.

Documentos officiaes que então forão confidenciaes, e mais tarde puderão ser lidos e apreciados, provão que de Pernambuco um general escrevia ao Imperador D. Pedro I, denunciando o brigadeiro Lima, como ambicioso, patrono dos rebeldes, escogitador de duvidas para não cumprir ordens claras e positivas do governo, etc., e provão ainda mais o procedimento moderado e sabio, e o empenho de poupar sangue, e de estabelecer a concordia por meio de uma poli-

tica magnanima e esclarecida, que realçarão o caracter de Francisco de Lima e Silva.

Em officio dirigido ao governo dizia elle, além de muito mais « os presos que estavão no caso de ser considerados chefes da rebellião, forão já executados ; e outros suspensa a execução de suas sentenças, até á decisão de Sua Magestade Imperial, por haver a mesma commissão julgado melhor demorar a execução e esperar as imperiaes ordens, do que fazer repetir a scena de 1817, que se julgárão depois não serem cabeças individuos que já tinhão sido precipitadamente fuzilados na Bahia e nesta cidade, cujos acontecimentos são aqui mui recordados por estes povos, o que, junto ás mais violencias e despotismos inauditos que então se praticarão, crearão a obstinação que hei encontrado e causarão esta reacção e odio ao governo, suppondo talvez que elles se repetissem. »

No mesmo documento dizia franca e lealmente que « a commissão militar não deve continuar por ser um tribunal de horror : e que, a executar-se á letra a ultima carta imperial, ainda seria preciso condemnar á morte mais de cem pessoas, o que não seria praticavel e nem consentaneo com as pias intenções do Imperador. Pedia para que os compromettidos fossem julgados pelos tribunaes ordinarios, que não são odiosos ; e lastimava a casualidade de ser composta a commissão de quatro portuguezes imprudentes que davão a entender o contrario, espalhando que vierão de proposito ! »

« Aconselhava emfim a eleição dos deputados, uma politica mais branda, medidas prudentes e energicas, e o maior zelo na observação da constituição. »

Este documento basta para o completo elogio do briga-

deiro Francisco de Lima, presidente da provincia e da commissão militar de Pernambuco em 1824.

De volta dessa provincia, e achando-se de semana no paço de S. Christovão, como veador da Imperatriz D. Leopoldina, coube-lhe a honra de apresentar em seus braços á côrte o Senhor D. Pedro II que acabava de nascer a 2 de Dezembro de 1825.

Em 1828 foi governador das armas da provincia de S. Paulo.

Depois de 1829 á 9 de Dezembro de 1830 governador das armas interino da côrte devia seguir de novo para S. Paulo com o mesmo cargo, quando á 13 de Março de 1831 passou a governador das armas effectivo da capital e provincia do Rio de Janeiro.

De 13 de Março á 6 de Abril precipitarão-se os acontecimentos que precederão a abdicação de D. Pedro I. Insultos e provocações de portuguezes, offendendo a nacionalidade brazileira derão força e animação ao partido liberal exaltado que conspirou abertamente contra o Imperador, e os liberaes moderados agitarão-se não menos, exigindo a punição dos estrangeiros ultrajadores dos brios nacionaes.

Accusarão alguns a Francisco de Lima de complice e de auxiliador dissimulado dos liberaes em conspiração. Não ha facto algum que o prove. Francisco de Lima era brazileiro patriota e liberal: ferveu-lhe o sangue, sabendo das provocações e insultos dos portuguezes; desejava no governo do Imperador politica de concessões prudentes; mas francas e decididas ao partido liberal moderado; foi porém soldado leal até o fim, ao menos conforme o testemunho dos factos.

Poderião censural-o por certa inacção e falta de pro-

videncias energicas militares nesse periodo de vinte e cinco dias de commoções e de anciedades; mas a falta de energia, a inacção, o *laisser aller* vinhão de cima, provinhão como que de plano do proprio Imperador.

O ministerio organisado na noite de 5 de Abril compoz-se de estadistas, cujos nomes significavão reacção anti-liberal e anti-revolucionaria, e da noite de 5 até a de 6 de Abril, e ainda em face do pronunciamento do povo e emfim do da tropa esse ministerio não deu providencia alguma, evidentemente porque não lhe foi permittida a acção reactora e forte.

Que poderia pois fazer o governador das armas?...

O general Francisco de Lima durante a tarde e noite de 6 de Abril deu parte por vezes ao Imperador de quanto se passava: á noite foi pessoalmente inteirar a D. Pedro do estado das cousas, e pedir-lhe que cedesse ás exigencias do povo e tropa, chamando de novo ao governo o ministerio que demittira na vespera.

O Imperador confiou ao general que estava resolvido a abdicar a corôa, e então este lhe disse: « Pois bem, senhor; volto para o campo á unir-me com o povo e a tropa, e a collocar-me á frente da revolução; mas juro a Vossa Magestade que ella será no sentido monarchico. » D. Pedro I abraçou o general, e respondeu-lhe: « Sr. Lima, sempre o considerei meu amigo sincero: vá! eu lhe entrego o destino de meus filhos. »

Esta rapida e importante conferencia foi secreta e confidencial: não tem por tanto positivo e incontestavel fundamento para a historia; deveu mesmo ser dissimulada nos primeiros annos de inflammadas paixões politicas; é porém

muito mais que verosimil e se firma em informações da familia e de amigos intimos do general Francisco de Lima.

Realisou-se a abdicação, foi enthusiasticamente proclamado Imperador do Brazil o Senhor D. Pedro II, e Francisco de Lima foi eleito membro da regencia interina, e depois, quando se reunio a assembléa geral legislativa, ainda eleito para a regencia permanente: de seus dous collegas regentes, um, Braulio Muniz, falleceu, o outro, Costa Carvalho (depois visconde e marquez de Monte-Alegre) mais tarde por desgostoso e doente se retirou para S. Paulo, e elle só ficou incansavel e firme no alto posto politico até entregal-o á 12 de Outubro de 1835 ao padre Diogo Antonio Feijó, o primeiro regente eleito conforme o acto addicional promulgado.

De 1831 á 1835 o general Francisco de Lima na regencia do imperio representou o elemento da força legal, e fiel á causa da monarchia constitucional prestou-lhe serviços relevantissimos.

Sahindo da regencia, a provincia do Rio de Janeiro o incluio em lista triplice para senador, e a escolha do regente Feijó deu á Francisco de Lima assento na camara vitalicia.

O corpo legislativo unanimemente votou para o ex-regente uma pensão annual correspondente á metade dos vencimentos que elle recebia na regencia.

Francisco de Lima e Silva não era orador, e sabendo que o não era, nunca subio a tribuna do senado, guardando seus conhecimentos militares, e seus conselhos de politica do bom senso para os trabalhos de commissões.

Generoso, optimo amigo, homem honrado e benificente

elle escondeu na modestia, e no retiro da vida domestica a lembrança de suas grandezas sociaes.

Nos despachos, e graças que houve por occasião de ser sagrado o Imperador, o ex-regente Francisco de Lima foi agraciado com o titulo de barão de Barra Grande ; mas sem honras de grandeza e julgou não dever aceitar o titulo.

Desde alguns annos abatido e doente falleceu no Rio de Janeiro no dia 2 de Dezembro de 1853.

O general Francisco de Lima e Silva, o ex-regente, e senador do imperio morreu pobre, e foi enterrado pela irmandade da Cruz dos Militares.

Elle tinha a gran-cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro e honorifica medalha de ouro militar.

28 DE JULHO

MARIA BARBARA

Lucrecia, a nobre esposa victima da violencia brutal do filho de Tarquinio o soberbo, não tolera a vida com a negrura da ignominia, e mata-se aos olhos do esposo e do pae, denunciado o crime e pedindo vingança. Lucrecia era nobre, educada conforme a sua classe nesse tempo; succumbira por fraqueza material, suicidára-se depois por orgulho e revoltas de pudor e de dignidade, que a historia honorificou, perpetuando reverente sua memoria.

Maria Barbara, natural da capitania do Grão Pará, filha de união de portuguez com india, mameluca portanto, e mameluca obscura, creada em choça humilde, sem apuros de educação, sem posição social, é donzella honesta e pudi-

bunda, aceita por legitimo esposo um soldado humilde, tão pouco no Pará considerado, que nem seu nome escapou ao olvido da indifferença; mas esposa de pobre e desvalido soldado ella o honra com a sua honra, e o enobrece com o esplendor de sua castidade.

E' bella, e sem o querer excita ardores que despreza.

Grandiosa; mas pobre, um dia sahe da cidade de Nossa Senhora de Belém, e perto della, junto á fonte do Marco, é assaltada por apaixonado phrenetico.

Maria Barbara mais forte, mais resplendente heroina, do que a romana Lucrecia, resiste indomavel á violencia, á força superior, e á ameaça de morte. O punhal assassino do homem malvado fere o seu pudico seio em primeiro e calculado leve golpe para explorar a dôr, e o sangue que já corre....

Embora.... Maria Barbara se defende, e grita por soccorro.

E o demonio repete novo golpe, e emfim vinga-se da resistencia heroica, cravando o punhal no coração da esposa martyr de exemplar virtude.

A gloriosa Lucrecia filha do Tibre tem que invejar á obscura mameluca Maria Barbara filha do Amazonas; porque é mais homerico e sublime em esposa casta deixar-se matar para não ser nodoada, do que suicidar-se depois de violentamente nodoada.

E Maria Barbara nem ao menos teve registrado o dia de seu inescedivel heroismo de esposa modelo de fidelidade conjugal e de santo pudor!...

Mameluca, e pobre sua inclyta virtude apenas inspirou um soneto á Tenreiro Aranha e á raras lembranças genero-

sas como a do distincto e patriota Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva no seu mimoso livro « *Brazileiras Celebres*.»

Faltando porém datas positivas da vida, e da heroica morte de Maria Barbara, para que não fique por isso esquecida, caiba-lhe lugar no artigo deste dia 28 de Julho.

29 DE JULHO

CAETANO LOPES FERREIRA

Filho legitimo de José Lopes Ferreira e de Mariana da Silva Barbosa, Caetano Lopes Ferreira nasceu na villa de Santo Antonio de Sá, provincia do Rio de Janeiro, em 29 de Julho de 1721.

Estudou humanidades no collegio dos jezuitas na cidade do Rio de Janeiro, e nelle obteve o gráo de mestre em artes, e muito se applicou ao estudo da theologia.

Reputado em seu tempo latinista notavel, ensinou latim no seminario dos orphãos de S. Joaquim, e depois no seminario episcopal de S. José com muito credito de profundo mestre.

Quando maior gloria já tinha alcançado no magisterio, embarcou para Portugal em 1749, ali tomou ordens de pres-

bitero, e logo de volta á patria, destinguio-se como orador sagrado, e levou por opposição a igreja de S. Caetano de Minas, na qual foi impossado no anno de 1752.

Ignora-se o dia e anno de seu fallecimento.

Por infelicidade perderão-se os seus sermões que passavão por eloquentes e fortes em sciencia theologica, tendo sido impressos na officina de Pedro Ferreira em Lisboa apenas dous de Nossa Senhora da Conceição pregados na manhã e tarde de 8 de Dezembro de 1749 na igreja da Boa Morte do Rio de Janeiro.

30 DE JULHO

JOAQUIM JOSÉ IGNACIO

VISCONDE DE INHAUMA

José Victorino de Barros e D. Maria Izabel de Barros, forão em legitima união os paes de Joaquim José Ignacio que nasceu em Lisboa á 30 de Julho de 1808.

Aos dous annos de idade em 1810 veio para o Brazil com a familia, que em breve se tornou brazileira: no Rio de Janeiro estudou a lingua vernacula, a latina e a franceza, seguio o curso de mathematicas na academia de marinha e á 20 de Novembro de 1822, adoptando a carreira de seu pae, segundo tenente da armada do imperio do Brazil, assentou praça de aspirante a guarda marinha, e teve promoção á 4 de Dezembro do anno seguinte.

De 1824 á 1825 servio com louvor na expedição contra a revolta pernambucana chamada — Federação do Equador.

Na guerra da Cisplatina entrou com galhardia em diversos combates navaes. Distinguio-se notavelmente duas vezes. Sendo já segundo tenente commandou a bateria de Santa Rita na colonia do Sacramento, que cercada por terra e mar se achava em penuria de recursos alimenticios : o joven official, obedecendo á ordem recebida, parte de noite em uma lancha desarmada, passa por entre desenove embarcações inimigas, faz-se ao largo, chega no dia seguinte á esquadra brazileira, e dous dias depois volta com tres navios carregados de munições de todos os generos, zombando do fogo terrivel do inimigo, e é recebido com acclamação da indomita guarnição da praça. Em 1827 na infeliz expedição da Patagonia, a corveta *Duqueza de Goyaz* perdeu-se á entrada da barra : Joaquim José Ignacio foi o ultimo official que abandonou o navio : prisioneiro logo depois e mandado para Buenos-Ayres em um barco que levava oitenta brazileiros, com estes se revoltou na viagem, e tomada a embarcação, e illudidos tres vasos de guerra que a escoltavão, chegou á Montevidéo á 29 de Agosto do mesmo anno.

Em 1831 no Rio de Janeiro e em 1836 no Maranhão prestou relevantes serviços á ordem publica. Em 1838 no bloqueio da cidade da Bahia em revolta deu boa prova de seu ardor commandando o brigue *Constança*, não se conteve ao ver a ousadia de uma barca austriaca, que avançava, entrando no porto, e, tomando a responsabilidade do seu acto, mandou soltar as velas, metteu-se debaixo das baterias da cidade, no meio de chuva de balas afugentou o navio, e voltou para o seu posto ao som de vivas e de ap-

plausos das guarnições de uma corveta ingleza, de um brigue francez, e de uma escuna norte-americana.

Em 1841 sendo inspector dos arsenaes de marinha da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul em tremenda rebellião, á elle muito se deveu o não tomarem os rebeldes a cidade daquelle nome, e trouxe em seus assentamentos a seguinte nota: «poupou grossas sommas de dinheiro aos cofres nacionaes.»

Capitão de fragata desde 15 de Março de 1846 tomou o commando da fragata *Constituição* e no anno seguinte coube-lhe a honra de conduzir SS. MM. Imperiaes á provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul já pacificada.

Em 1847 o ministro Candido Baptista de Oliveira o nomeou membro da commissão por elle prisidida, e que desempenhava o mister de conselho naval.

Commandando as forças navaes em Pernambuco, onde rebentára a *revolta praieira*, no ataque do Recife e terrivel combate de 2 de Fevereiro de 1842, desembarcou á frente de quinhentas praças e contribuio muito para a derrota dos rebeldes.

Capitão de mar e guerra á 14 de Março desse anno, e inspector de marinha da côrte em 1850, ahi até 1854 ultimou a construcção da corveta *Bahiana* e construio a *Imperial Marinheiro*, o brigue *Maranhão*, o brigue escuna *Tonelero* e o vapor *Ypiranga*, além de outras obras que executou.

Em 1852 chefe de divisão, em 1855 encarregado do quartel mestre general da marinha, chefe de esquadra em 1856, membro effectivo do conselho naval em 1858, foi á 2 de Março de 1861 chamado aos conselhos da corôa,

como ministro da marinha e interinamente da agricultura, commercio e obras publicas.

Em 1865 começa a guerra do Paraguay : Joaquim José Ignacio lamentando-se por não achar-se entre os combatentes da patria, lá estava comtudo na pessoa de seu filho, o bravo e heroe Mariz e Barros que morre com animo estupendo.

Mas á 5 de Dezembro de 1866 elle parte nomeado commandante em chefe da esquadra em operações.

A' 15 de Agosto de 1867 bombardea *Curupaity*, destróe estacadas, zomba de torpedos, do fogo vivissimo das baterias da fortaleza, e fórça aquelle temivel passo do rio Paraguay.

A' 17 de Setembro recebe do Imperador o Senhor D. Pedro II o titulo de barão de Inhauma.

A' 19 de Fevereiro de 1868 ordena, assiste, e vê forçada a passagem de *Humaitá*, que se dizia impossivel, e sauda enthusiasmado esse estrondoso feito, gloria imperecivel da marinha brazileira.

Depois de *Humaitá* outros virentes louros, e emfim a formidavel *Angustura*, cujo passo estreito e tortuoso fórça, dirigindo elle o combate horrivel na *Belmonte, navio de madeira*, sobre cujo tombadilho commanda fardado de grande uniforme, e com galhardia tal, que no fim da peleja é comprimentado pelos commandantes de tres canhoneiras estrangeiras testemunhas do arrojadissimo feito.

No fim de tantas victorias o visconde de Inhauma (visconde em premio das glorias de Humaitá) adoece perigosamente, e com licença do governo se retira para o Rio de Janeiro.

Almirante effectivo desde 28 de Janeiro de 1868 o vis-

conde de Inhauma desembarca ou é desembarcado quasi moribundo á 10 de Fevereiro, e á 8 de Março recebe com enlevo catholico todos os soccorros da religião e morre no seio da familia.

Grão-cruz effectivo das ordens imperial da Rosa e de Aviz, commendador da de Christo, grande official da ordem da Legião de Honra da França, cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição de Portugal, conselheiro de guerra, almirante effectivo, com o titulo de conselho e visconde com grandeza, Joaquim José Ignacio foi incontestavelmente benemerito da patria.

Em sua vida deu grandes exemplos de caridade e de beneficencia. Profundamente catholico em provas ferventes do culto externo, á ninguem é licito duvidar de seu espirito e de sua consciencia, que pertencem á Deus.

31 DE JULHO

ANTONIO JOSÉ DO AMARAL

Modesta; porém natural influencia do partido liberal mais adiantado no Brazil durante o primeiro reinado e os primeiros annos da minoridade do imperador o Senhor D. Pedro II, Antonio José do Amaral, filho legitimo de José Francisco do Amaral, nasceu á 13 de Agosto de 1782 na cidade do Rio de Janeiro.

Fez os seus estudos de humanidades no seminario da Lapa do Desterro na capital do Brazil, destinava-se ao sacerdocio, chegou á tomar ordens menores; mudando porém de resolução, foi para Portugal e na universidade de Coimbra formou-se em mathematicas em 1807, tendo merecido nomeada de estudante distincto.

Por Decreto de 8 de Agosto de 1808 teve sua primeira praça como segundo tenente do Real Corpo de Engenheiros

no Rio de Janeiro, e tratando-se então de fundar a academia militar nesta cidade, foi com o capitão Araujo Guimarães, e com o primeiro tenente Saturnino da Costa Pereira (depois senador do Imperio) incumbido de organisar os compendios para o ensino das respectivas materias, vencendo cada um dos tres vinte mil réis mensaes por esse trabalho.

Por Decreto de 11 de Março de 1811 teve a nomeação de lente do primeiro anno da Real Academia Militar, sendo á 19 de Abril promovido á capitão graduado, passando á effectivo em 1819.

Em 1821 esteve como eleitor na Praça do Commercio, fez parte da commissão mandada ao rei D. João VI, e de volta, conservando-se em seu posto, ali estava, quando na lugubre noite de 21 para 22 de Abril a assembléa eleitoral e o povo receberão a descarga e a investida da tropa, vio em torno de si cahirem victimas do inqualificavel attentado e escapou, precipitando-se por uma janella na Praia dos Mineiros.

Em 1822 fez uma viagem á Lisboa com licença do governo e por conselho dos medicos, e de lá em 1824 mandou por procuração jurar a constituição do imperio. D. João VI que o estimava, quiz conserva-lo em Portugal, e sem resentir-se de sua patriotica negativa, disse-lhe, fallando do Brazil, e dos brazileiros: « tenho muitas saudades do Brazil!... e do seu povo, que bom povo!... » e muito commovido accrescentou: « é na verdade excellente povo!... »

De volta á patria foi Antonio José do Amaral eleito pela provincia do Rio de Janeiro deputado á segunda legislatura de 1830 á 1833, sendo um dos mais votados no tempo em que não se pedião votos, e a eleição era expontanea e liberrima.

Em 1831 depois da abdicação de D. Pedro I, e quando a camara dos deputados resolveu, que o tuctor do imperador menor fosse nomeado por ella, Amaral, sabendo que Evaristo Ferreira da Veiga e outros chefes liberaes o querião encarregar da imperial tuctoria, não conveio de modo algum em semelhante idéa, demonstrando a sua inconveniencia em face da saude então vacillante do imperador, e dos seus principios politicos, que podião ser objecto de atrozes suspeitas: um pouco mais tarde foi elle, que modestamente eximindo-se da mais honrosa distincção, lembrou a seu amigo e collega lente da academia militar, o sabio frei Pedro de Santa Marianna para director da educação do imperador menor e de suas augustas irmãs.

Em 1832 á 31 de Julho e depois nos primeiros seguintes dias prestou os maiores serviços á causa da liberdade e da ordem, trabalhando para harmonisar os liberaes moderados em subita dissidencia.

Amaral apoiara com seu conselho e com a segurança do apoio do seu voto o golpe de Estado de 30 de Julho no qual entravão de combinação o governo da regencia e a maioria parlamentar do partido moderado; mas o pronunciamento contrario e energico de Honorio Hermeto (depois marquez de Paraná) na camara fraccionou aquella maioria, e desordenou e destruio a tentativa revolucionaria: surgirão em consequencia resentimentos e quasi antagonismos no seio do partido moderado, e foi o honradissimo e justamente venerado patriota Antonio José do Amaral quem desde 31 de Julho mais fervorosa e dedicadamente se empenhou em restabelecer a harmonia entre Honorio e seus amigos, e Vasconcellos, José Bento Ferreira de Mello, José Custodio Dias e outros, achando bom companheiro conciliador em

Evaristo Ferreira da Veiga, que com elle primava pelo patriotismo, e tambem pelo bom senso.

Não quiz ser deputado reeleito para a terceira legislatura, e conseguio do partido liberal dominante, que o tinha em grande apreço e veneração, que não accumulasse homens parentes na deputação da provincia, declarando que lhe bastava a reeleição de seu genro José Joaquim Vieira Souto, que effectivamente occuppu de novo sua cadeira na camara.

Em 1836 foi jubilado no lugar de lente da academia militar.

A' 21 de Abril de 1840 falleceu no posto de major graduado, promoção unica que teve desde 1819 com todo o seu notavel merecimento, e tendo sido não calculada, nem desejada; mas reconhecida e venerada influencia politica pelo menos de 1831 á 1833, em que os seus conselhos erão quasi obrigadamente exigidos.

Antonio José do Amaral era illustrado e muito modesto: em sua cadeira de lente deixou bem merecida nomeada: na camara dos deputados e na politica militante fez opposição ao governo do primeiro imperador e influio consideravelmente durante os annos já mencionados; mas influio sempre desinteressada e patrioticamente. Era republicano sincero; todavia depois de 7 de Abril de 1831 bem que não tivesse mudado de opinião, ligou-se decididamente aos moderados, deu o seu apoio á monarchia constitucional, e sustentou o imperador *filho do paiz*. Ao actual conselheiro o Sr. José Maria do Amaral, seu illustre filho, então muito joven, já porém eloquente e energico jornalista liberal aconselhou em 1832 *não com autoridade de pae, mas como seu concidadão mais experiente,* (forão palavras delle) que não fallasse então

em republica; porque tentar proclama-la seria acender a guerra civil, e provocar a restauração de D. Pedro I.

Muito affavel no trato social, Antonio José do Amaral foi objecto de grande estima de seus concidadãos pela sua probidade sem jaça, firmeza e independencia de caracter e por sua admirada virtude.

1 DE AGOSTO

JUNIUS DE VILLENEUVE

Natural da França, onde nascera a 27 de Fevereiro de 1804 Junius de Villeneuve recebeu em Paris sua educação litteraria, á que ajuntou o cultivo de algumas bellas artes, especialmente o da musica, da qual foi muito notavel amador.

Era ainda joven, quando veio para o Rio de Janeiro, servio por algum tempo como official de marinha na armada e depois deligente e laborioso começou á preparar sua honrada fortuna.

A 9 de Junho de 1832 comprou Junius de Villeneuve a propriedade do *Jornal do Commercio* á Seignot Plancher que o fundára a 1 de Abril de 1826 com acanhadissimas proporções, impresso em pessimo papel, e á principio ape-

nas limitado á dar mesquinhas noticias do movimento do porto do Rio de Janeiro.

Admira o progressivo augmento que teve esse recurso material tornado em empreza de Seignot Plancher: sem redactores, porque prescindia de redacção, em seu começo publicado periodicamente, dirigido com rudeza e incapacidade, o *Jornal do Commercio*, desenvolvendo pouco a pouco sua exclusiva tarefa de gazeta de noticias commerciaes, e de interesse particular, alheio á marcha politica e administrativa do Estado á tal ponto que nem mesmo dos mais graves acontecimentos politicos dava conta, foi ainda assim ganhando o favor publico e especialmente o da praça commercial do Rio de Janeiro de modo que no fim de seis annos já assegurava ao velho Plancher fortuna sufficiente para contental-o.

Entretanto o *Jornal do Commercio* tinha na capital bom competidor no *Diario do Rio de Janeiro*, fundado antes delle, em geral mais noticioso, dirigido mais intelligentemente; mas ou por erro lamentavel menos occupado do grande commercio, ou deste menos aceito por infelicidade inexplicavel.

O certo é que Plancher vendeu em 1832 a propriedade, e a typographia do *Jornal do Commercio* por 52:664$000.

Junius Villeneuve, tomando por socio secundario Mouginol, comprou pois o *Jornal do Commercio*, que recebeu immediatamente direcção reveladora de intelligencia e de grande tino.

A indifferença egoista, e insensata porquanto se referia ao governo e ás cousas politicas do imperio foi substituida por conceituada parte noticiosa aliás sugeita á calculado systema de completa abstenção de idéas, e de sympathias

partidarias, e ao mesmo tempo o commercio teve mais zeloso e desenvolvido cuidado em diarias noticias, do que mais podia convir-lhe.

Logo no seu noviciado de chefe e director do *Jornal do Commercio* Villeneuve com o bom senso que é raro, tomou á peito não noticiar facto, nem providencia governamental imminente, cuja veracidade não estivesse plenamente averiguada, e foi esse o segredo do grande credito, que robusteceu e exaltou o seu *Jornal do Commercio.*

Em 15 de Julho de 1834 Villeneuve ficou unico proprietario do *Jornal do Commercio,* recebendo Mouginol 25:765$000 pela parte que nelle tinha, bem que conservada ficasse sua firma até 1 de Janeiro de 1836.

Incontestavelmente a primeira gazeta diaria, e dispondo de recursos materiaes para abalançar-se ás maiores despezas exigidas por melhoramentos de avultado custo, tendo nas *publicações á pedido,* e nos annuncios fonte de renda relativamente collossal, e que vae sempre em augmento, o *Jornal do Commercio* tem na sua propria e grandiosa prosperidade o seu mais grave senão, que é, experimentada materialmente insustentavel por muito tempo a concurrencia com elle, esse como privilegio que lhe vem das proporções extraordinarias de sua empreza e de suas rendas, torna desigual e afflictiva para os diarios rivaes a lucta no campo dos melhoramentos e do progresso.

Mas desde então entrára a grande gazeta diaria em sua época de maior prosperidade.

Villeneuve fez avultar o interesse que já inspirava o *Jornal do Commercio,* com a publicação dos debates das camaras legislativas, e organisou com zeloso empenho a redacção da folha, criou nella com o titulo de — *Folhetim* —

a pratica, adoptada depois por todos os diarios, de transcripção de romances traduzidos em geral do francez; melhorou logo consideravelmente a *parte commercial*, que começou á apresentar-se com quadros do movimento da praça e com os primeiros elementos de estatistica do commercio do Rio de Janeiro, engrandeceu a parte noticiosa com o registro dos actos principaes do governo, e dos factos notaveis politicos, e tornou a folha de sua propriedade ainda mais interessante, fazendo-a abundar em noticias dos acontecimentos e da marcha politica das nações da Europa.

Villeneuve e depois delle seus successores na direcção do *Jornal do Commercio* (Mr. Picot felizmente ainda vivo e o commendador Manoel Moreira de Castro já á annos finado, e outros ainda) derão á redacção e collaboração da grande gazeta diaria pennas illustradissimas como as de Justiniano Rocha, dos Srs. Francisco Octaviano (actual conselheiro e senador) Paranhos, mais tarde visconde do Rio Branco, e alguns outros escriptores estimados na patria e fóra della.

O *Jornal do Commercio* mostrou-se e se conserva no apogêo da opulencia, e da influencia devidas em maxima parte ao bom senso, ao tino pratico, e á intelligente direcção de Villeneuve.

Seignot Plancher fôra o fundador material, inconscio, rude, mesquinho, e incalculadamente afortunado do *Jornal do Commercio*, que ninguem toleraria dez annos depois; Villeneuve foi o fundador intellectual, habilissimo do *Jornal do Commercio* que é ainda a primeira gazeta diaria do Brazil.

Depois de firmado o seu credito, e de tornada incontestavel a sua maior circulação, e reconhecidas as proporções de sua influente leitura, o *Jornal do Commercio* teve em seu

favor, e como succursaes, consideraveis favores, preferencias officiaes que lhe derão ainda mais solido fundamento de superioridade sobre quantas emprezas semelhantes surgirão á rivalisar com elle.

O *Jornal do Commercio* desde muito se transferira da sua humilde casa da rua dos Ourives para aquella, onde ainda hoje se acha estabelecido na rua do Ouvidor. Ahi habitava Junius Villeneuve em aposentos que se communicão com as salas da redacção, e em um delles sua esposa deu á luz ao Sr. Julio Constancio de Villeneuve, actual proprietario do *Jornal do Commercio*, e á Edmundo de Villeneuve, o primeiro que é cidadão prestantissimo; mas cujos serviços não podem ser considerados nesta galeria exclusivamente dedicada á brazileiros illustres já finados; o segundo que foi heróe distincto, morrendo com inescedivel bravura no ataque de Malakoff.

Junius de Villeneuve, tendo firmado em bases solidas, e aberto amplos horisontes de prosperidade ao *Jornal do Commercio*, e absolutamente confiado na esclarecida e experimentada capacidade dos directores, que deixou, em 1844 transportou-se para a França, e em Paris occupou-se desveladamente da educação de seus filhos, fallecendo ali á 5 de Agosto de 1863.

Junius de Villeneuve, francez de nascimento; mas cidadão brazileiro, por algum tempo official da marinha do Brazil, e emfim senão o fundador, ao menos, e isso é muito, o civilisador, a alma, que deu alma, a intelligencia que passou sua flamma ao *Jornal do Commercio* foi sem contestação possivel um cooperador notavel na obra do desenvolvimento da civilisação, e portanto benemerito, cuja memoria deve ser perpetuada pela gradidão nacional.

Junius de Villeneuve escreveu a poesia e a musica da opera —*Paraguassú*—, inspiração toda brazileira, que se representou em theatro de Paris no anno de 1855, subindo á scena pela primeira vez a 1 de Agosto. Os annuncios da opera derão segundo lugar ao magistral amador de musica, que cedeu o primeiro á joven auspicioso artista compositor, que muito mais do que elle precisava de applausos e de triumphos, que o recommendassem : infelizmente porém os louros da *Paraguassú* forão em breve seguidos do lucto que cobrio o angustiado pae, ao saber da morte, embora, gloriosa, de seu filho o joven brazileiro Edmundo de Villeneuve que heroico se fez matar; escalando as muralhas de Malakoff no dia da victoriosa e esplendida tomada do maior baluarte de Sebastopol.

2 DE AGOSTO

ANTONIO GONÇALVES DIAS

Na provincia do Maranhão ufana-se a cidade de Caxias de ter sido a 2 de Agosto de 1824 o berço de Antonio Gonçalves Dias; a cidade de S. Luiz se honra de têl-o visto em suas aulas fazendo o curso de humanidades; e em Portugal a universidade de Coimbra não esquecerá jámais a gloria de haver-lhe conferido o titulo de bacharel em direito.

O prestigio de um diploma academico e o thesouro de um talento prodigioso, que parecia sempre uma vocação, qualquer que fosse a sciencia em que se experimentasse, abria-lhe os fascinadores horizontes das riquezas e dos altos gráos sociaes; mas Antonio Gonçalves Dias não fôra creado para fruir os triumphos do calculo; devia ser na terra um apostolo do idealismo: tinha nascido poeta: dir-

se-hia que o anjo das harmonias baixára do céo a procural-o no berço, e que lhe accendêra n'alma a flamma divina, ou n'alma lhe ficára para inspirar-lhe suavissimos cantos. Não se fizera, Deus o creára poeta: o dom da poesia estava em sua natureza como a fragrancia está no calice das flôres; a inspiração rompia do seu espirito, como os raios do dia rompem do seio do sol.

Era uma missão: devia cumpril-a. O inspirado chegou ao Rio de Janeiro em 1846 e logo publicou os seus *Primeiros Cantos* : o grande poeta revelou-se : o seu livro foi uma aurora esplendente : applausos unanimes o saudárão na patria, e além do Atlantico Alexandre Herculano, o vulto immenso da litteratura portugueza, teceu uma corôa ao cysne brazileiro.

Aos *Primeiros* seguirão os *Segundos*, e a estes logo depois os *Ultimos Cantos*: mais dous livros de poesias que bastarião para o orgulho de uma geração. Com elles ou entre elles nascem d'aquelle mesmo engenho fertillissimo *Pattcull*, *Leonor de Mendonça*, *Beatriz Cenci*, e mais tarde *Boabdil*, quatro brilhantes engastados na nascente litteratura dramatica nacional.

Ao mesmo tempo Gonçalves Dias, unindo-se a dous amigos, fundava com elles em 1849 o *Guanabara*, revista litteraria mensal ; no mesmo anno o dr. Joaquim Caetano da Silva, então reitor do imperial collegio de Pedro II, propunha e conseguia a creação de uma cadeira de historia do Brazil provisoriamente desligada da de historia e geographia moderna ; e exultava recebendo n'esse collegio como professor daquella materia, e por elle mesmo indicado o já muito distincto poeta á quem ainda sobravão horas para enriquecer o Instituto Historico Brazileiro com diversas

memorias, cheias de erudição, palpitantes de interesse e reveladoras de profundo estudo das nossas cousas.

Quando no futuro se comparar a transcendencia, a extensão e o numero de tantos trabalhos com o tempo em que Gonçalves Dias os executou, haverá quem o imagine vivendo em labor incessante em algum silencioso retiro, como nas montanhas da Syria aquelle que devia chamar-se a Boca de Ouro, fugindo dos homens e cantando na solidão, como Petrarca na Vauclusa ; e todavia não era assim : Gonçalves Dias cultivava frequente o santo commercio da amizade, aprazia-o passar horas inteiras, que voavão rapidas, entretendo-se com os amigos, ora em graves discussões de pontos litterarios, ora em amena conversação, que elle enchia de encantamento com o atticismo de seu espirito, e com um fogo vivo de innocentes e subtis epigrammas.

Se escreveu, se produzio muito para esplendor das nossas letras, é que não havia para elle nem hora, nem dia que não fossem opportunos : quando começava o labor era um prodigio na rapidez da composição : ás vezes amanhecia escrevendo, outras erguia-se alta noite do leito para ceder ao impeto do estro que o despertava no meio de um sonho: derão-se casos em que uma meditação de philosopho, ou cantos de poesia correrão de sua penna no meio de uma festa e de jubiloso ruido : nada podia então destrahil-o : era Archimedes resolvendo o problema. Não tinha que esperar jámais a inspiração: a inspiração era a odalisca formosa sempre obediente á sua vontade.

Em 1851 Gonçalves Dias partio do Rio de Janeiro incumbido pelo governo de inspeccionar em algumas provincias do norte a instrucção primaria e secundaria, publica e

particular: d'esta interessante commissão deu elle conta em accuradissimos relatorios datados do Maranhão, Pará e Parahyba, em Junho, Agosto e Dezembro do mesmo anno de 1851, e da Bahia em Maio de 1852. Esses documentos, de uma transcendencia incontestavel, e que formavão um grosso volume, devem encontrar-se na secretaria do ministerio do imperio.

De volta da sua viagem ao norte, foi Gançalves Dias nomeado 1° official de uma das secções da secretaria dos negocios estrangeiros; pouco porém, se demorou nesta capital, porque logo em 1852 seguio para a Europa encarregado de colligir em Portugal manuscriptos e documentos relativos á historia do Brazil: muito abundante e preciosa foi a colheita alli realisada: se o desmazelo a perdeu em parte a culpa não foi d'elle.

O inspirado annunciou a sua volta á patria com a remessa dos quatro primeiros cantos do seu primoroso poema *Os Tymbiras*, publicados em Leipzig em 1857, e de uma edição das suas poesias, contendo dezesseis *Novos Cantos* enthesourados em um só volume; no anno seguinte chegou á capital do Imperio, trazendo ainda um outro livro, fructo de suas lucubrações, o — *Diccionario da lingua tupy, chamada geral dos indigenas do Brasil.*

Gonçalves Dias não pôde demorar-se no Rio de Janeiro: membro da commissão scientifica exploradora de algumas provincias do Imperio e encarregado especialmente da parte historica e ethnographica, partio para a provincia do Ceará em Janeiro de 1859: em 1860, emquanto seus companheiros voltavão á capital, adiantou-se elle para o norte, entrou no magestoso Mediterraneo d'agua doce, sobiu-o, aprofundou seus estudos sobre os costumes dos selvagens; accedendo ao

pedido do presidente da provincia do Alto Amazonas, elaborou curioso trabalho sobre a instrucção publica, pelo qual mereceu os mais justos elogios do administrador da provincia; e emfim prestou d'alli mesmo patrioticos serviços para tornar mais esplendida a primeira exposição industrial do Brazil, e veio encontral-a aberta no Rio de Janeiro em Dezembro de 1861.

A presença do inspirado no theatro dos seus mais bellos triumphos veio preannunciar aos seus amigos e admiradores a fatal calamidade de 3 de Novembro. Gonçalves Dias já não era o mesmo: profunda melancolia apagára-lhe a vivacidade do espirito e os risos dos tempos felizes: fallava da morte, como a juventude sonha com a esperança, e a morte estava nelle consumindo, devorando pouco a pouco aquella vida, que era um thesouro do Brazil; sua voz enrouquecêra, cruel enfermidade estava estampada em seu rosto; no inspirado já se advinhava um moribundo. E ainda assim não descansava, o trabalho era o seu linitivo e a sua consolação.

Trabalhou muito esse homem illustre em seu agonisar de tres annos: tudo estava morrendo nelle, menos a intelligencia, que nunca se desalentára, menos o amor da patria, que nunca arrefeceu. A' elle muito deve o *Parnaso Maranhense*, archivo de gloria litteraria para a sua provincia: collaborou em uma collecção de traducções poeticas de escolha esmerada, e muito se empenhou na sua publicação: comprehendeu que era um dever de honra levar ao cabo, antes de descer ao tumulo, a organisação e redacção dos estudos que particularmente lhe competião na commissão scientifica, e esgotou nesse labor immenso as forças que lhe restavão.

Uma viagem á Europa tornára-se o recurso extremo aconselhado pelos medicos ao illustre poeta, que em 1862 seguio para Pernambuco em um dos paquetes do Norte, e dalli para França em um navio mercante: dous mezes depois, e como se Julho de 1862 devesse prophetisar o 3 de Novembro de 1864, chega o annuncio da morte de Gonçalves Dias comprovada com a relação das mais verosimeis circumstancias: a dôr se derrama em toda população: o Instituto Historico e Geographico Brazileiro resolve no dia da infausta noticia suspender os seus trabalhos, em demonstração de saudade e pezar, declarando S. M. o Imperador que era a mais justa homenagem ao talento e recompensa devida aos serviços feitos ao Instituto pelo seu finado consocio: a mocidade academica, os homens de letras, os artistas, a imprensa periodica, manifestão em todo Brazil os sentimentos mais afflictivos pelo fatal acontecimento, e nos templos do Senhor celebrão-se officios pela alma do inspirado.

Mas em breve chega da Europa a feliz nova que desfaz o luto dos corações: ainda era cedo para o trance derradeiro; Gonçalves Dias vivia, e chegára a conceber esperanças do restabelecimento de sua saude; a influencia do clima lhe fôra favoravel nos primeiros mezes; mas logo depois sentio que o mal progredia, e em França, na Allemanha, em Portugal, e outra vez em França, procurou debalde um milagre de sciencia que o salvasse.

Agonisou longe da patria dous annos e alguns mezes, e em todo esse tempo, sem que podessem vencêl-o os martyrios da enfermidade, cumprio a sua missão, escrevendo sempre: pagou o que elle suppunha a sua divida de honra, concluindo a redacção dos seus trabalhos especiaes da

commissão scientifica, traduzio com esmerado zelo a *Noiva de Messina* de Schiller; deu começo e adiantou muito a sua *Historia dos jesuitas da America*, obra que planejára com proporções grandiosas, e para a qual tinha reunido preciosissimos elementos; compôz e polio os dez ultimos cantos do seu poema os *Tymbiras*, e, escrevendo sem cessar e com um ardôr só explicavel em quem via tão proximo o seu fim, anhelava deixar ao Brazil todas as preciosidades do seu engenho maravilhoso. Genio modesto, tentava esgotar uma fonte que Deus creára prodigiosamente perenne!

Gonçalves Dias não tinha fortuna: partindo para Europa em 1862, teve uma licença de seis mezes com os seus ordenados de 1° official da secretaria de estrangeiros, e a gratificação que lhe competia como um dos directores da commissão scientifica; quando o governo não pôde legalmente prorogar aquella licença com ordenado, deu-lhe pela secretaria dos negocios do imperio a mesma commissão que estivera desempenhando em Portugal o illustrado João Francisco Lisboa, que por sua morte a deixára vaga, a mesma commissão de que já uma vez em 1852 fôra Gonçalves Dias encarregado, e que então em 1862 talvez fosse... mas porque não se dirá? foi um glorioso e patriotico pretexto para soccorrer o poeta moribundo, cuja agonia na miseria seria uma nodoa indelevel para o Brazil, como é uma nodoa indelevel para Portugal a mizeria de Camões e a sua morte no leito de um hospital.

Guizot, atacado com leviandade brutal pela tribuna e pela imprensa da opposição por ter dado uma missão na Italia a Theodoro Jouffroy, que começava a

soffrer a molestia pulmonar que o levou á sepultura, respondeu dignamente que a missão era um pretexto, e que os homens que honravão o nome da França devião achar na gratidão da França uma acção animadora da sua força e da sua coragem nas difficuldades da vida. E mais agradecida ainda que a França, mais bella e magestosa nos cultos rendidos ao genio, o governo inglez, sobresaltado pela enfermidade que ameaçava os dias de Walter Scott, sabendo que uma viagem lhe podia ser util, não lhe deu uma missão diplomatica, não procurou um pretexto para soccorrêl-o, pôz um navio do Estado á disposição do illustre romancista.

Mas em 1864, custa dizêl-o, é porém verdade, Gonçalves Dias recebeu do governo do seu paiz a declaração impiedosa que do 1° de Julho em diante cessava a sua commissão litteraria e a gratificação de director de uma das secções da commissão scientifica. Era a mizeria que visitava o poeta moribundo em seu pobre leito na terra estrangeira; era a mizeria que se sentava á cabeceira do agonisante e se mostrava fria, horrivel, ameaçadora aos olhos daquelle que tinha creado para o Brazil tão mimosas e bellas *Marabá* e a *Mãi d'agua, Gulnare e Coema.* Era a mizeria mandada em nome de não sei que lei do Brazil, como se o Brazil podesse ter lei que mandasse matar-lhe a gloria.

Gonçalves Dias achou-se absolutamente sem recursos: o conselheiro Drummond, velho e prestimoso servidor do Estado, e então cégo e pobre, hospedou em França durante um mez, e deu metade do seu pão ao grande poeta, que se resolveu a voltar para o Brazil em companhia do seu amigo e comprovinciano Odorico Mendes.

A noticia da situação tristissima em que se achava Gon-

çalves Dias chegou ao Rio de Janeiro. S. M. o Imperador, que sempre distinguira e estimava muito o illustre poeta, e que o suppunha a coberto de quaesquer privações, mercê de providencias que contava haverem sido tomadas, sentio-se profundamente afflicto, e logo mandou pelo paquete francez do mez de Agosto ordem illimitada para do seu bolsinho lhe serem prestados todos os meios pecuniarios que lhe fossem precisos.

O ministro do imperio tornou de novo effectiva a gratificção do director da secção ethnographica da commissão scientifica; mas Gonçalves Dias já não foi encontrado em França: a morte subita e inesperada de Odorico Mendes tinha acabado de prostral-o; chorando, pedio ao céo dous mezes de vida para vir morrer entre os seus irmãos pela patria, e dar o seu corpo á terra onde havia nascido: embarcou no navio mercante e de vela *Ville de Boulogne,* porque não teve dinheiro para pagar a sua passagem no paquete francez, e veio... veio para não chegar.

Já não tinha voz, nem forças, nem esperança alguma durante a viagem; o seu estado aggravou-se; apezar de tudo, escrevia ainda e muito, até que por fim sua mão tremula não poude mais fazêl-o: foi o ultimo golpe; desfez-se em lagrimas, como *Walter Scott* quando, nas vesperas da agonia, pedindo para escrever, sua filha não conseguio fechar-lhe os dedos que devião suster a penna.

O resto da lugubre historia de Gonçalves Dias é misterio do mar: diz o capitão do barco que dias antes de 3 de Novembro o illustre poeta não se levantava mais, nem tomava alimento algum; e que na hora tremenda do naufragio, indo ao beliche para tratar de salval-o, encontrou-o

morto, e por isso abandonou o cadaver no navio que se abysmava.

Morreu, pois, o dr. Antonio Gonçalves Dias e exhalou o ultimo suspiro no mais completo isolamento, diante das terras do seu berço, que anhelante demandava e sem que lhe fosse dado vêl-as: o corpo que elle queria restituir ao chão da patria, foi presa do mar, e seus numerosos manuscriptos, seus importantes trabalhos, fructo do labor de tres annos, ficárão de todo perdidos. Morreu no mar, como preannunciára a falsa noticia de 1862, e como parece tèr elle proprio e sem o sentir prophetisado nos seguintes versos com que fechou o seu canto—*Adeus aos meus amigos do Maranhão*:

> Tal parte o desterrado: um dia as vagas
> Hão de os seus restos rejeitar na praia
> Donde tão novo se partira e onde
> Procura a cinza fria achar jazigo.

O inspirado chegou ao termo da sua missão; mas deixou em sua passagem um rasto de lùz que nunca se ha de apagar; deixou um nome que é uma gloria do Brazil, deixou-nos livros que hão de atravessar os seculos, e uma influencia real, vivificadora e potente, que dará lustre e espirito verdadeiramente nacional á nossa litteratura.

Antonio Gonçalves Dias não tinha sómente um talento maravilhoso, possuia tambem uma vasta erudição: as linguas latina, italiana, hespanhola, franceza, ingleza e allemã, lhe erão tão familiares como as respectivas litteraturas; seus escriptos, principalmente os ultimos, publicados tanto em verso como em prosa, são modelos de pureza de linguagem e de excellencia de estylo em portuguez: com intelligencia tão desmedida e com instrucção variadissima e solida, mostrou-se notabilidade em todos os generos de tra-

balhos litterarios que sahirão da sua penna, e pelo menos em um não teve quem o igualasse no Brazil e em Portugal.

Estudando e esclarecendo a historia, foi um escriptor grave, simples e profundo: a sua critica apurada e segura se patenteou repetidas vezes nas memorias por elle apresentadas ao nosso Instituto. A sua *Historia dos jesuitas na America* devia ser um monumento.

Nos dramas que compôz, Gonçalves Dias, sem se alistar como cégo partidista nas phalanges da escola romantica, lançou seus vôos arrojados para os horizontes, onde fulge a estrella magestosa de Victor Hugo, marcando muitas vezes a força e independencia de verdadeiro genio em rasgos audazes de originalidade sublime, em felizes e inspirados lances dignos da altivez de Shakspeare. Dos seus quatro dramas, infelizmente nem todos publicados, *Beatriz Censi* afigura-se a joia mais preciosa da sua corôa de dramaturgo.

E', porém, na poesia lyrica que está a suprema manifestação do inspirado. Gonçalves Dias é incontestavelmente o primeiro poeta lyrico da lingua portugueza: é igual em suavidade a Gonzaga, e muito mais original, e muito maior poeta que elle: não cede á Garrett na magia de uma fluencia enlevadora, nem a algum outro dos mais abalisados e famosos n'aquellas divinas delicadezas da poesia, que sómente podem nascer de uma rara e mimosa sensibilidade. Enumerar os seus bellos cantos fôra repetir todo o longo indice dos seus tres livros.

Nos quatro primeiros cantos dos *Tymbiras* a inspiração arrebata, a harmonia dos versos extasia, o vigor do pensamento e o primor dos adornos maravilhão. O congresso

dos chefes indios faz lembrar Homero, e na descripção de uma aurora que rompe, sente-se o frescor das auras matinaes, ouve-se o gorgeio dos passarinhos, e amanhece-se com o poeta em um mundo encantado.

Não cabe aqui estudar a influencia exercida por Gonçalves Dias sobre a litteratura nacional. Seja licito recordar simplesmente que desde 1846, elle foi a columna de fogo que mostrou o caminho da terra da promissão da poesia á nossa mocidade cultivadora das letras. Suas *Poesias Americanas* fundarão com as *Brazilianas*, de Porto Alegre, uma escola cujo caracter é todo nacional.

A provincia do Maranhão justamente ufanosa de filho tão esclarecido fez erigir na sua capital á memoria de Antonio Gonçalves Dias um monumento, que foi solemnemente inaugurado em 1874, e já á esse tempo o Instituto Historico Geographico Brazileiro tinha saudado no salão de suas sessões ordinarias o busto do grande poeta.

3 DE AGOSTO

VASCO FERNANDES COUTINHO

Empenhado em colonisar o Brazil e logo aos primeiros esforços convencido da impossibilidade de consegui-lo com o exclusivo emprego dos recursos do Estado ou da corôa, que não serião bastantes para tão extraordinarias despezas, D. João III explorou a ambição e a vaidade humanas em proveito da colonisação, e dividio o Brazil em capitanias de territorio tão vasto, como o de reinos da Europa, e as doou á fidalgos e varões muito notaveis de Portugal com privilegios e condições de dominio e governo perpetuo e hereditario, e com direitos, isenções de obediencia á autoridade, excepto á pessoal do rei, com tanto poder de independencia apenas suzerana, que era verdadeiro feudalismo plantado no Brazil por colonisar.

Todos os principios do dominio feudal, e das vaidades e

deslumbramentos aristocraticos forão postos em tributo incentivador no systema de colonisação de D. João III em 1534.

Marca esse systema uma época primitiva da historia do Brazil; antes delle tudo é infructifero e quasi sem importancia para o dominio portuguez. A propria expedição de Martin Affonso de Souza de 1531 á 1533 teria sido improficua, e as colonias de S. Vicente e de Piratininga, por esse capitão fundadas, talvez acabarião absorvidas pelo predominio e pela conquista natural dos selvagens, ainda mesmo conservados em lisongeada e dependente amizade, á menos que D. João III não renovasse expedições auxiliadoras, mandando gente, e despendendo sommas avultadas para animar, desenvolver, e garantir a influencia, e a segurança daquelles nucleos coloniaes, aliás dous sómente em ponto quasi isolado neste mundo immenso que se chama — *Brazil.*

A divisão deste dilatado e grandioso paiz em capitanias hereditarias foi de admiravel conselho.

A civilisação embora ainda mesquinha, rude, grosseira, eivada de vicios, repugnante considerada hoje, providencial estudada nas circumstancias daquelle tempo, deu ao Brazil o seu primeiro passo em 1534 e nos seguintes immediatos annos com o systema das capitanias hereditarias e de perspectiva de suzerania feudal.

Os primeiros donatarios, ao menos aquelles cujas capitanias vingárão, devem ser lembrados como iniciadores da colonisação e da conquista do Brazil, porta primitiva por onde entrárão os germens da civilisação.

Um desses donatarios foi Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo portuguez, que servira com distincção nas guerras da India.

Em 1 de Junho de 1535 D. João III passou-lhe carta de doação de cincoenta legoas que começavão ao sul do rio Itabapoana e terminavão na ponta do sul da barra do rio Mucury.

Vasco Fernandes vendeu quanto possuia em Portugal, cedeu ao Estado uma tença que ganhára pelos seus serviços na Asia, recebendo em troco um navio, e diversos generos, contrahio emprestimos, e embarcando com sessenta pessoas mais ou menos, entre as quaes D. Jorge de Menezes, e Simão de Castello Branco, fidalgos degradados, veio chegar á sua capitania, e desembarcou sobre a margem direita de uma enseada á 23 de Maio de 1535, e deu o nome de *Espirito Santo* por ser o dia domingo do Espirito Santo. Essa denominação passou á ser a da capitania.

Vasco Fernandes teve de bater o gentio que por vezes o atacou; mas depois de derrotal-o nas pelejas, o attrahio com o agrado, de modo que a sua nascente colonia começou á prosperar; logo porém começárão á perturbar a ordem com insubordinação e arrogancia os fidalgos desterrados, e outros colonos de ruins costumes, como elles.

Duarte de Lemos que trouxera á Vasco Fernandes alguns auxiliares de S. Vicente, recebeu em doação a ilha que se chamava de Santo Antonio; mas por negar-lhe o donatario o direito de fazer villa na sua ilha, resentio-se e do resentimento passou a antagonismo vehemente : accenderão-se odios, e a colonia entrou em periodo de decadencia, que animou novas hostilidades dos selvagens.

Vasco Fernandes, velho, empobrecido, e aleijado perdeu de todo a força moral, chegando ao extremo de viver da caridade dos colonos seus subordinados.

A 3 de Agosto de 1560, o infeliz donatario renunciou a

sua capitania, da qual foi nomeado capitão-mór Belchior de Azeredo Coutinho.

Vasco Fernandes Coutinho, ex-donatario, e morador indigente e desgraçado da capitania que fundára, nella morreu em tal estado de mizeria que seu cadaver teve por mortalha um lençol dado de esmola.

4 DE AGOSTO

AUGUSTO NETTO DE MENDONÇA

Natural da provincia de Pernambuco onde nasceu á 4 de Agosto de 1834 na freguezia de Santo Antonio da cidade do Recife, Augusto Netto de Mendonça assentou praça de aspirante á guarda marinha, por aviso de 1 de Agosto de 1848.

Seguio com aproveitamento o curso da Escola de Marinha do Rio de Janeiro, e tendo já prestado importante serviço de commissão, destinguio-se muito em 1865 no bombardeio e tomada da praça de Paysandú no Estado Oriental. Em ordem do dia do vice-almirante commandante em chefe das forças navaes do Rio de Janeiro foi elogiado *pelo modo como se conduzio no sitio e tomada da cidade de Paysandú,* e por aviso de 25 de Fevereiro de 1865 foi mandado elogiar *não só pelo valor que mostrou no combate contra a dita*

cidade, como pela energia e perseverança, com que resistio ás ordens com que quizerão arrancar do seu poder os prisioneiros, a quem desarmára, compromettêndo-se á salvar-lhes a vida o que cumprio por honra sua e da bandeira nacional.

Em 1865 depois da victoria de Uruguayana, e da marcha do exercito alliado para Corrientes, ficou Augusto Netto naquelle ponto do Uruguay, commandando uma canhoneira; mas contrariado por achar-se longe do campo da guerra, pedio e obteve tres mezes de licença, e fretando á sua custa um barco, subio o Paraná e apresentou-se ao bravo Sr. visconde de Tamandaré, commandante em chefe das forças navaes, pedindo o seu lugar de honra entre os combatentes.

Commandando a canhoneira *Greenhalgh*, assistio á passagem do exercito para a margem paraguaya do Paraná no dia 16 de Abril de 1866, entrou no combate do dia 17 contra uma bateria inimiga, sendo elogiado em ordem do dia.

Tomou parte nos combates e bombardeamentos de Curuzú e Curupaity.

Distinguio-se em diversas occasiões, commandando o encouraçado *Mariz e Barros*.

Tompson na sua *Historia de la guerra d'el Paraguay*, juiz insuspeito como inimigo que fôra, faz o elogio de Augusto Netto (já então capitão de fragata) e de outro official seu companheiro ambos de *jaleco branco* que no *Mariz e Barros permanecião durante os combates sobre suas casamatas*.

Os officiaes chamados do *jaleco branco* tinhão nomeada entre os paraguayos de Angustura.

A 9 de Dezembro de 1868 foi ordenado um reconheci-

mento daquella terrivel fortaleza, e Augusto Netto de Mendonça no *Mariz e Barros* tomou a dianteira aos outros encouraçados e em frente da primeira bateria de Angustura recebeu uma bala que lhe fracturou o craneo, e o fez cahir morto.

O capitão de fragata Augusto Netto de Mendonça era homem de excellente coração e de caracter o mais generoso; de genio muito alegre ainda no ardor dos combates, em que mostrou sempre tanta bravura como serenidade, conservando sempre a sua caracteristica jovialidade.

No momento em que recebeu a bala e cahio morto, estava sorrindo.

Era enthusiasta da honra e da gloria de sua patria e morreu heroicamente combatendo por ellas.

5 DE AGOSTO

BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

Na villa de Santos, capitania de S. Vicente depois chamada de S. Paulo, o cirurgião-mór do presidio Francisco Lourenço de Gusmão, e sua esposa D. Maria Alvares tivêrão a dita de prole numerosa e illustre.

De seis filhos varões forão jezuitas Simão Alvares e Ignacio Rodrigues, franciscano Patricio de Santa Maria, e desses quatro religiosos nenhum obscuro: além delles Bartholomeu Lourenço de Gusmão, á quem chamarão o *voador* e Alexandre de Gusmão, escrivão da puridade d'El-Rei D. João V, ambos celebres, e glorias de sua patria. De seis filhas, todas exemplos de piedade e dos mais puros costumes duas professárão no convento de Santa Clara de Santarém, e quatro forão honestissimas esposas, sendo uma dellas a que mereceu ser designada pelo povo com o nome de — *mulher santa*, de quem se trata em outro artigo.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão nasceu em 1685, estudou em Santos com os jezuitas, e aos quinze annos seguio para Coimbra, em cuja universidade tomou o gráo de licenciado em canones, e adoptando o estado ecclesiastico, disse a sua primeira missa, logo ao sahir da universidade.

Começou á fazer-se distincto, como orador sagrado, ganhando grande nomeada pela sua eloquencia, elevação de idéas, e dicção castigada. Dedicou-se muito ao estudo das sciencias physicas, de que se tornou famosamente conhecedor.

A rainha de Hespanha, D. Izabel de Brunswick Blankenburgo depois de apreciar devidamente a profunda illustração de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que fizera uma viagem á Hespanha, o recommendou á D. João V, o qual o nomeou capellão fidalgo de sua real casa, e deu-lhe provas de estima.

De suas experiencias physicas concluio Bartholomeu Lourenço a possibilidade da navegação aerea, e tanto imaginou, combinou, e inventou, que pareceu-lhe ter acertado com uma machina, que o faria voar pelo espaço, como os passaros, e disso fallou á D. João V, que enthusiasmado fez á sua custa as despezas necessarias para a construcção da machina, e não só concedeu ao illustre Gusmão o requerido privilegio exclusivo do seu invento com aggravação de penas para os contraventores, e especificação de premios para o inventor, como pelo alvará de 12 de Abril de 1709 deu-lhe uma conezia, e o nomeou lente de prima de mathematica da universidade de Coimbra com o ordenado de seis centos mil réis, creado de novo em vida só delle.

Effectuou-se [illegible] ensaio da machina á 5 de Agosto de 1709 [illegible] em Lisboa diante do rei, *de* no paleo da casa da India [illegible]

muita fidalguia e gente. Bartholomeu Lourenço subio na sua machina até a altura da sala das embaixadas tão suavemente, como logo depois desceu.

A prompta descida foi explicada por falharem os alimentos para demorar-se no ar, segundo uns, ou por estragos da machina, que roçára por uma cimalha, conforme outros.

Entretanto a ascenção aerostatica se realisára.

A admiração foi geral, os applausos forão unanimes. Os poetas do tempo multiplicárão sonetos, decimas, composições poeticas em honra de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, á quem derão a gloriosa alcunha de *voador*.

Mas não tardou em vir a superstição pôr em sobresaltos e em perigo o illustre *voador* suspeito de feitiçarias e de relações com o demonio !...

O proprio rei ensinuou a Bartholomeu Lourenço a necessidade de adiar novas experiencias da sua machina, á que este queria dar melhoramentos, que já tinha engendrado.

A superstição do povo suffocou o genio do sabio.

Bartholomeu Lourenço vingou-se, brilhando no magisterio, e na tribuna sagrada, e em 1720, quando D. João V instituio a academia real de Historia Portugueza, foi elle um dos seus cincoenta membros, e escreveu com desempenho applaudido a *historia do bispado do Porto,* que lhe coube na distribuição das materias, além de diversas *memorias,* que offereceu e forão publicadas.

O rei D. João V estimava tanto Bartholomeu Lourenço, que concedeu-lhe o fôro de fidalgo para seu velho pae.

Mas em 1721 mandado á Roma para alcançar da Santa Sé a elevação da capella real de Lisboa ao gráo de patriarchal, e á destruir antigas divergencias sobre as quartas partes dos bispados, nada conseguio, e foi logo substituido

por seu irmão, e embora, voltando para Portugal, fosse na secretaria dos negocios estrangeiros incumbido da decifração da correspondencia diplomatica naquelles tempos feita em caracteres de secreta convenção, achou-se despojado da estima e da confiança do rei ou por diplomata inhabil, ou por injustas suspeitas do seu comportamento politico em Roma.

Decahido da protecção de D. João V, renovarão-se as furias supersticiosas contra o *Voador*, repetirão-se em satanica intriga, em aleives ridiculos, em versos malignos as estupidas, absurdas, e pavorosas denuncias de pacto com o diabo : os invejosos, e menos insensatos inimigos declarárão o *Voador* infeliz maniaco, pobre homem atacado de loucura.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão perseguido assim, desgostoso, indignado e justamente resentido de tanta ingratidão, fugio, desappareceu de Portugal em Setembro de 1724, abandonando sua cadeira de lente da universidade, e o logar de socio da academia, e foi morrer em mizeria na cidade de Toleda, em Hespanha, á 18 de Novembro de 1724, sendo enterrado na matriz de S. Romão á custa da irmandade dos ecclesiasticos de S. Pedro.

A perseguição systematica, e furente, de que foi victima este grande, muito celebre e assignalado brazileiro não podia provir sómente da superstição do povo rude · na exploração habil e opportuna do desagrado de D. João V quatorze annos depois da ascenção aerostatica de 1707 manifestou-se claramente o espirito vingativo, o furor fanatico de invejosos colligados, ou de instituição inimiga e condemnadora da luz da sciencia humana.

Suspeitou-se da inquisição ; mas a suspeita até hoje fi-

cou sem fundamentos, que autorisem sentença digna da historia conscienciosa e recta.

Entretanto perdura e perpetuar-se-ha gloriosa a memoria do homem superior, que primeiro realisou a ascenção aerostatica. O problema não era novo; mas nenhum antes de Bartholomeu Lourenço o tinha praticamente resolvido, e os irmãos Montgolfiers, á quem seus compatriotas, os francezes, dão as honras de inventores da primeira machina aerostatica, só em 1783, isto é setenta e quatro annos depois do brazileiro — *Voador*, effectuárão, o que este já havia feito ver em publico na cidade de Lisboa em 1709.

6 DE AGOSTO

FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS

Natural da provincia de S. Paulo, onde nasceu em 1714 na villa depois cidade de Santos, Gaspar que no claustro tomou o nome religioso de *Madre de Deus*, foi filho legitimo do coronel Domingos Teixeira de Azevedo e de D. Roza de Serqueira Mendonça, de familias nobres e ricas da então capitania.

Orphão de pae ainda em tenra idade, á sua zeloza e digna mãe deveu solicita educação até que aos dezessete annos desprezando a riqueza e a condição nobre que tantos gozos e grandezas lhe promettião na terra, recolheu-se ao claustro Benedictino, e acompanhando o provincial frei Antonio da Trindade veio ao Rio de Janeiro e seguio para a Bahia, onde com outros entrou no noviciado á 4 de Agosto de 1731, sendo abbade no mosteiro frei João Baptista da Cruz, seu tio avô pelo lado materno.

Professou e seguio severamente os estudos do mosteiro. A 10 de Agosto de 1743 abrio como lente de theologia a sua aula : distinguio-se no magisterio, e não menos na tribuna sagrada ; pregando muitas vezes de improviso e com admirada erudição e eloquencia.

Renunciou a abbadia em S. Paulo e o lugar de Deffinidor para o qual foi eleito em 20 de Fevereiro de 1756.

Abbade do mosteiro do Rio de Janeiro durante dous annos e quatro mezes, governou exemplarmente. Fez guardar exacta observancia do seu instituto : zelou a pompa e esplendor das solemnidades do culto divino : deu todas as segundas-feiras jantar aos presos da ilha das Cobras ; liberalisou aos pobres avultadas esmolas distribuidas com prudencia e cuidado, para que ellas coubessem aos mais necessitados ; enriqueceu a bibliotheca do mosteiro com livros novos, e tomou habil conservador e encadernador para restaurar os livros velhos e estragados pela traça, e administrou habilmente os bens do mosteiro.

Eleito provincial na junta de 5 de Agosto de 1768, a 6 do mesmo mez e anno declarou renunciar o lugar, e recolheu-se ao mosteiro de S. Paulo.

Escreveu no Rio de Janeiro, quando era abbade, a Relação chronologica de todos os documentos do patrimonio do mosteiro.

Em S. Paulo e depois de 1768 escreveu as Memorias para a historia da capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo, do Estado do Brazil. Publicadas em 1797 de ordem da Academia Real das Sciencias, sendo esta obra de grande e reconhecido merecimento.

7 DE AGOSTO

DUARTE COELHO PEREIRA

Fidalgo portuguez já illustre por seus serviços e á quem el-rei D. João III honrava com a sua amizade, Duarte Coelho Pereira foi um dos primeiros donatarios das capitanias hereditarias do Brazil, e de todos o mais habil e benemerito, devendo-se-lhe a colonia organisada mais sabiamente que apresentou logo sociedade com certo caracter de civilisação.

Duarte Coelho, andando pela costa d'Africa, arribou em Setembro de 1530 á ilha de Itamaracá, e bateu francezes que se tinhão apoderado de uma feitoria portugueza, que ali havia e logo depois subindo pelo rio Iguarassú, poz em derrota os indios *Potiguares*, alliados dos francezes, e tomou-lhes a aldêa, onde annos depois fundou a primeira povoação da sua capitania.

A 10 de Abril de 1534 recebeu a carta de doação da capitania de Pernambuco e a 24 de Outubro do mesmo anno o foral dado á ella, estendendo-se o seu dominio desde o rio de S. Francisco até o rio de Iguarassú.

Duarte Coelho veio com sua espoza, seu cunhado Jeronymo de Albuquerque, e diversas familias de colonos que reunio, para a sua capitania, onde chegou ou no fim de 1534, ou logo no principio de 1535, indo residir na aldêa de Iguarassú em quanto fundava a cidade de Olinda.

O dia 9 de Março de 1535 lembra a data em que elle fez registrar na *camara da nascente cidade* a carta de doação da sua capitania.

Duarte Coelho creou um livro do tombo das terras, no qual se registrárão todas as sesmarias que foi concedendo, e outro da inscripção e alistamento dos colonos estabelecidos na capitania ; de modo que deu á esta um principio de estatistica utilissimo á administração que elle plantou e desenvolveu systematicamente e com a melhor ordem.

Logo em 1535 soffreu horrivel guerra dos *cahetés*, tribu selvagem numerosa e feroz ; soube porém vencel-os, e conseguir e estreitar alliança com os indios *tabayres* ou *tabayares* inimigos daquelles, e cujo chefe Tabyra era para selvagem habilissimo guerreador, e até estrategista.

Não menos perigosos inimigos á domar forão os degradados, os vagabundos e réos de policia incorrigiveis, e mulheres de ruins costumes, de quem o governo de Lisboa livrou Portugal, mandando-os povoar as capitanias do Brazil, cabendo boa parte de semelhante gente á Pernambuco.

Duarte Coelho em carta que escreveu á D. João III pedio-lhe pelo amor de Deos que não lhe mandasse povoadores de tal qualidade, e referindo-se á ruim e desastrada re-

messa de gente corrompida para o Brazil, dizia energico: mal leal ao rei que nas capitanias do sul havia mais ladrões e assassinos do que colonos.

Entretanto os degradados e os pervertidos tiverão de corrigir-se e de trabalhar em Pernambuco, e os que teimárão no seu antigo viver ou fugirão ou soffrerão rigorosos castigos.

Em 1539 um novo laço veio unir ainda mais ao Brazil Duarte Coelho pelo nascimento de seu segundo filho Jorge de Albuquerque Coelho que vio a luz em Olinda, e que tão grande nomeada tinha de ganhar.

A capitania de Pernambuco floresceu tanto que em 1549, estabelecendo-se no Brazil o governo geral, que veio despojar os donatarios de todos os seus principaes privilegios, excepto o da hereditariedade, Duarte Coelho foi exceptuado, e continuou no gozo e exercicio de todos os poderes que lhe garantira sua carta de doação.

Duarte Coelho Pereira falleceu em Olinda á 7 de Agosto de 1554, deixando o governo da capitania nas mãos debeis de sua esposa viuva, D. Brites de Albuquerque, pela ausencia do herdeiro, segundo donatario, seu filho Duarte de Albuquerque Coelho, que então estava estudando em Portugal.

Duarte Coelho Pereira servio á colonisação e á civilisação de Pernambuco immensamente mais do que todos os outros donatarios. Adoptou o Brazil, dedicando-se exclusivamente á sua capitania, deixando nella plantada sua nobre e gloriosa familia, e conservando-se portuguez pela obediencia e lealdade ao soberano; mas identificando-se com o Brazil, e sendo todo inteiramente brazileiro pelo mais legi-

timo interesse—o do cuidado e do florescimento da sua capitania —, pela maior gloria do seu nome, pelos berços de filhos seus, pelas raizes de futuro de sua familia, e emfim pela sepultura, ou pelo ultimo leito do seu derradeiro somno sem desperto.

Duarte Coelho Pereira falleceu em Olinda á 7 de Agosto de 1554.

8 DE AGOSTO

JOÃO MENDES DA SILVA

Natural da cidade do Rio de Janeiro, onde nascera em 1656, João Mendes da Silva formou-se em leis na universidade de Coimbra, e de volta para o berço patrio, exerceu dignamente a profissão de advogado, e cazou-se com Lourença Coutinho.

Annos depois Lourença Coutinho, suspeita de judaismo, foi presa no Rio de Janeiro pelos agentes do Santo Officio e remettida para Lisboa.

João Mendes abandonou tudo para seguir e proteger sua esposa, cuja sorte, como a de seu filho Antonio José da Silva se acha mencionada no artigo relativo á este.

Com escriptorio de advocacia em Lisboa João Mendes á despeito dos amigos que adquirio, e das praticas ostensivas e muito frequentes de devoção e de piedade, não conseguio arrancar a esposa dos carceres da inquisição; ao menos

porém educou seu filho e poude ve-lo formado em canones pela universidade de Coimbra, e praticando com elle em seu escriptorio.

Mas á 8 de Agosto de 1726 tambem Antonio José da Silva, seu filho, e sua esperança, foi agarrado pela inquisição sob pretexto de suspeição de judaismo!...

Embora depois de dous mezes de tormentos, e de tratos de polé, soltassem o pobre joven, o dia 8 *de Agosto* foi para João Mendes precursor de horrivel infortunio, e ficou no seu espirito, como sombra negra e de máo agouro do futuro. O pae estremecido via no dia 8 de Agosto a marca da implacavel inquisição lançada sobre seu filho.

Ainda assim, ainda com a perseguição da sinistra idéa, e com o medonho martyrio que ameaçava sua esposa, o infeliz João Mendes abatido, desgostoso, á maldizer da inquisição dentro de si, exteriormente á fingir acata-la, viveu dez annos, fallecendo emfim no de 1736.

Deus tinha-se amerciado daquelle esposo dedicado, e pae extremoso, que ao menos não vio as flammas malditas da fogueira sacrilega devorarem a esposa e o filho.

João Mendes da Silva foi jurisconsulto, e advogado de muito credito e poeta de algum merecimento.

Escreveu:

Um poema dedicado á Nosso Senhor Jesus Christo.

Hymnos sacros.

E — Fabulas e poezias ligeiras, á que autorisados criticos dão decidida preferencia.

9 DE AGOSTO

FREI FRANCISCO DE SOUZA

Em 1630, anno mais ou anno menos nasceu na ilha de Itaparica, termo da cidade da Bahia, Francisco de Souza que dando logo na puericia provas de vivo engenho, foi levado á Goa, onde recebeu a roupeta de jezuita, e seguindo para Portugal, partio d'ahi com outros companheiros do mesmo instituto para a India.

Frei Francisco de Souza illustrou-se notavelmente, brilhou na tribuna sagrada, recebendo *universaes applausos*, diz Barbosa. Em 1665 voltou, depois de curta retirada, segunda vez ao Oriente. Administrou por alguns annos a vigararia da igreja de Nossa Senhora das Neves na ilha de Salsete, foi preposto da casa professa de Goa, e deputado da inquisição da mesma cidade, de que tomou posse á 9

de Agosto de 1700, e tendo mais de oitenta e um annos falleceu no collegio de S. Paulo de Goa em 1713.

Foi em sua vida objecto de estima e de veneração de quantos o conhecêrão, e que exaltavão tanto as suas virtudes, como a sua sabedoria, sendo ainda exemplar pela humildade.

Deixou para perpetuar o seu nome a obra intitulada : *Oriente conquistado a Jesus-Christo pelos padres da Companhia de Jesus na provincia de Goa*, em tres partes, das quaes as duas primeiras forão publicadas em Lisboa e a terceira se conservou em manuscripto no collegio de S. Antão de Lisboa, e que, com a extincção da Companhia, não se sabe o fim que levou.

O illustrado Sr. Innocencio Francisco da Silva diz no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*: « A obra é, nem mais nem menos, a *Chronica* dos feitos da Companhia de Jesus nas partes da India ; e em pontos de linguagem não cede em pureza e elegancia as que temos de maior estimação. »

Que falte ao *Oriente Conquistado* outro maior merecimento, não bastaria esse de abalisado classico da lingua portugueza para gloria e renome do brazileiro frei Francisco de Souza ?...

Pena é que se ignorem as datas precisas de seu nascimento, de seus mais notaveis serviços, e até de sua morte, tendo apenas ficado registrada a de sua posse como deputado da inquisição da cidade de Goa *á 9 de Agosto de* 1700.

Em falta de mais esplendido e bello dia, sirva o 9 *de Agosto* como pedra, onde se grave o seu nome illustre.

10 DE AGOSTO

ALEXANDRE DIAS DE REZENDE

A instituição dos soccorros aos padres e irmãos pobres da irmandade de S. Pedro da cidade do Rio de Janeiro é tão benefica e santa que deve perpetuar a memoria do homem mil vezes generoso que lhe deu origem.

Alexandre Dias de Rezende, homem pardo, foi natural da cidade do Rio do Janeiro, e filho de um carpinteiro laborioso e honrado que lhe deixou fortuna.

O accidente da côr foi explorado pelos invejosos da mediocre riqueza de Rezende.

Quando o vice-rei do Brazil, marquez do Lavradio, organisou completamente os quatro terços ou regimentos auxiliares do Rio de Janeiro, dispoz que o quarto terço fosse o dos *pardos*, e Rezende foi nomeado capitão de uma das companhias.

O major Mello, portuguez, e commandante desse terço, ouvindo uma vez o capitão Rezende queixar-se de acto de desrespeito de um dos soldados de sua companhia, respondeu-lhe com insultosa zombaria :

— Vocês são mulatos, lá se entendão.

O offendido correu ao vice-rei que então já era Luiz de Vasconcellos, e fez-se ouvir.

Luiz de Vasconcellos mandou chamar o major Mello, e recebendo a confissão da offensa, ordenou logo a sua prisão.

— Preso ! exclamou o major ; preso por isto ?...

O vice-rei respondeu-lhe :

— Nós somos brancos, cá nos entendemos.

O *pardo* Rezende foi menos feliz com os padres.

Devoto de S. Pedro, desejou pertencer á respectiva irmandade : animado pelo padre Luiz Gonçalves dos Santos, aceitou deste a promessa de propol-o para irmão de S. Pedro.

A meza da irmandade reunio-se, e regeitou o candidato por ser *homem de côr*.

Recebendo do padre Luiz Gonçalves o annuncio da injusta e cruel repulsão, Rezende disse chorando :

— Paciencia ! os senhores padres não me querem : paciencia !...

Annos depois, já sargento-mór do regimento dos homens pardos, Alexandre Dias de Rezende, fez construir duas grandes casas de sobrado na rua de S. Pedro, e como então bastante velho fosse, o seu amigo padre Luiz Gonçalves fez-lhe ver que tarde se mettia em taes obras.

— E' segredo que se conhecerá depois da minha morte.

E como se pensasse em outro assumpto, accrescentou :

— Tenho muita pena dos senhores padres, que sendo pobres, e estando doentes, não podem celebrar.

A 9 de Agosto de 1812 falleceu o sargento-mór Alexandre Dias de Rezende, e aberto o seu testamento, encontrou-se nelle a seguinte disposição :

« Declaro que entre os bens que possuo, são duas moradas de cazas que fazem dous sobrados, etc. — as quaes deixo *á irmandade de S. Pedro,* para esta tomar logo conta dellas e fazer assistencia aos revs. sacerdotes que se acharem enfermos sem poderem celebrar, fazendo-se-lhes uma mezada ao arbitrio da mesma irmandade, etc. »

E foi esta a origem da piedosa instituição dos soccorros aos padres da irmandade de S. Pedro do Rio de Janeiro.

E' impossivel negar admiração e louvores á esse nobre e generosissimo bemfeitor da irmandade que altiva e indignamente o repulsára.

E o mais curioso foi á 10 de Agosto a disputa da irmandade de S. Pedro com a Ordem Terceira de Santo Antonio no empenho de carregar o caixão funebre que levava o cadaver do homem, a quem tanto desprezára na vida !

11 DE AGOSTO

PRUDENCIO GIRALDES TAVARES DA VEIGA CABRAL

Filho legitimo de Joaquim Giraldes Tavares da Veiga Cabral e de D. Anna Thereza de Jezus nasceu Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral aos 22 de Abril de 1800 na cidade de Cuyabá, provincia de Matto Grosso.

Destinado á carreira das letras a que o impellião as esperanças de seus paes e o seu proprio talento muito cedo revelado, Prudencio Giraldes começou os seus estudos de humanidades na cidade de S. Salvador da Bahia, e foi depois concluil-os em Lisboa, d'onde partio em 1817 para a universidade de Coimbra, e alli seguio o curso e se formou na faculdade de leis no anno de 1822.

Tornando á patria, que então já era nação independente e livre o dr. Veiga Cabral dedicou-se desde logo ao serviço do Estado, e vestindo a toga do magistrado em

1823, exerceu consecutivamente os lugares de juiz de fóra da villa, hoje cidade do Rio Grande do Sul, de ouvidor da comarca do Ceará, de auditor geral do exercito do sul estacionado em Montevidéo, n'esse tempo provincia Cisplatina do imperio, e emfim de desembargador da relação do Maranhão em 1829.

Sete annos antes o Brazil tinha pronunciado o mote magestoso que para sempre o desligára da antiga metropole, e diligente e ufano desenvolvia suas forças de joven gigante, ennobrecendo-se com todas as instituições que são indispensaveis a uma nação que funda a sua gloria na liberdade, no progresso e na civilisação. Elle para quem, no dizer de um dos deputados portuguezes das côrtes de Lisboa, bastarião algumas escolas de primeiras letras, vingava-se d'esse sarcasmo ou d'essa provocação audaciosa, creando em algumas de suas provincias duas academias de medicina, duas de sciencias juridicas, além das academias militar e de marinha que já possuia, e de que loucos recolonisadores tinhão pensado em despojal-o, e para dar-lhes vida e regularidade, fontes de sciencia e fócos de luz, não precisou ir mendigar fóra do seu seio homens abalisados nas theorias e amestrados na pratica; entre os seus filhos achou de sobra notaveis capacidades que se tornarão as placentas da intelligencia de uma enthusiastica mocidade, sequiosa de saber, ardente de nobres ambições e de patriotismo, nova geração que devia ser a herdeira da geração heroica dos benemeritos da independencia.

Instituidas por lei de 11 de Agosto de 1827 as academias juridicas de S. Paulo e de Olinda, foi o desembargador Veiga Cabral chamado a fundar na de S. Paulo, em 1829, o ensino do direito civil patrio; o illustre cuiabano não hesitou,

esqueceu a brilhante perspectiva da carreira que seguía e em que tanto se adiantára, trocou a cadeira curul pela do magisterio, e ensinou a materia importante que lhe fôra designada durante quasi 34 annos, ou até 1852, em que desceu da tribuna academica para o leito fatal, onde se dorme o somno da morte.

O que foi o conselheiro Veiga Cabral, como lente cathedratico, proclamão a uma voz os seus numerosos discipulos nos elogios que tecem ao seu illustrado mestre, dizem-o tambem a consideração com que o governo o distinguio, as graças com que S. M. o Imperador o honrou, e dizem-o emfim, a nós que vivemos hoje, e dil-o-hão aos vindouros, ás gerações futuras, os escriptos, as obras, fructos sazonados da intelligencia mais robusta.

Veiga Cabral servio por duas vezes o lugar de director da academia juridica de S. Paulo em épocas em que tanta prudencia, como energia devião presidir ao exercicio d'esse cargo ; foi em 1833 e em 1842 ; em 1833, dous annos depois da abdicação de D. Pedro I, nos tempos de geral effervescencia, e da exaltação politica que agitava todos os espiritos e notavelmente inflammava a mocidade academica ; em 1842, em que um partido politico lançou-se imprudente no campo armado.

Em circumstancias tão delicadas o director da academia houve-se com tanta solicitude e habilidade que nem ao menos teve occasião de reprimir a menor imprudencia dos jovens cultivadores da sciencia.

S. M. o Imperador, apreciando o merecimento deste distincto brazileiro, agraciou-o com o titulo de seu conselho por decreto de 5 de Julho de 1854, e mais tarde, a

13 de Agosto de 1860, com a commenda da ordem de Christo.

O conselheiro Veiga Cabral deixou valiosos documentos de sua capacidade em dous interessantes trabalhos.

Em 1855 apresentou esse illustre escriptor a sua Memoria Historica Academica, na qual consignou os primeiros traços do direito administrativo brazileiro, e que mereceu ser unanimemente approvada pela congregação da faculdade de direito de S. Paulo em sessão do 1° de Março do mesmo anno.

Em 1859 deu ao prélo a sua obra intitulada Direito Administrativo Brazileiro, trabalho de longo folego, e fido revelador de aturado estudo, de profundas meditações e patriotico empenho.

Por lei de 1851 tinha sido creada nos cursos juridicos a cadeira de direito administrativo, tornando-se desde logo palpitante a necessidade de obras nacionaes que facilitassem o estudo dessa materia: o dr. Prudencio Giraldes, embora não estivesse incumbido de ensinal-a, determinou com a mais louvavel espontaneidade lavrar naquelle campo da sciencia, e o resultado foi essa colheita pingue, generosa e utilissima, esse livro que realisou uma empreza tão ardua e difficil, qual a de systematisar a doutrina especial do nosso direito administrativo, esmerilhando na collecção das nossas leis as que lhe são relativas, achando, feliz Theseo, uma Ariadua, o fio miraculoso para sahir triumphante desse immenso labyrintho e ir completar o seu trabalho com a applicação dos principios da sciencia reconhecidos como os mais puros no estado actual della pelas nações civilisadas.

Homem de critica esclarecida, de meditação e de idéas

proprias, tomou os melhores mestres por seus guias ; mas não se escravisou a modelo algum, nem limitou-se áquelle horizonte da mediocridade que não póde ir além dos limites da imitação ou da escolha mais ou menos conscienciosa das lições dos auctores preconisados e finalmente não se contentando com a doutrina geral da sciencia, e positiva do nosso direito constitucional, elevou-se a considerações de reformas nos diversos ramos da administração.

Applaudida em todo o Brazil, elogiada pelos juizes mais competentes, altamente apreciada pelo Instituto Historico e Geographico, que conferio ao illustre auctor o diploma de membro correspondente, a obra do conselheiro Veiga Cabral não é a ultima expressão do direito administrativo brazileiro; foi porém, e é uma luz brilhante derramada sobre elle.

O conselheiro Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral falleceu na cidade de S. Paulo no anno de 1842.

12 DE AGOSTO

SALVADOR DE MESQUITA

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1646, Salvador de Mesquita destinou-se ao sacerdocio, foi para Roma, e lá estudou, e tomou ordens sacras.

Primando como latinista, tornou-se afamado poeta, escrevendo por gosto e preferencia em latim suas obras poeticas, e explorando principalmente a musa dramatica.

Escreveu um drama sacro—*Sacrificium Jepht* que fez publicar em Roma, e que fundou a sua reputação de poeta latino.

O abbade Diogo Barbosa na *Bibliotheca Luzitana* assevera que leu tragedias compostas por Salvador de Mesquita, á ellas rende louvores, attesta o seu merecimento, dá como as melhores *Demetrius, Perseus e Prusias Bithyni*;

não se publicárão porém as tragedias do consummado latinista.

Não fique Salvador de Mesquita esquecido por falta de datas averiguadas de seu nascimento, de sua vida illustre, e de seu fallecimento: dê-lhe o dia 12 de Agosto lugar para a inscripção de seu nome.

13 DE AGOSTO

HYPOLITO JOSÉ DA COSTA PEREIRA FURTADO DE MENDONÇA

Nascido em 1773 na colonia do Sacramento, então sob o dominio de Portugal, Hypolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça era irmão de Saturnino José da Costa Pereira, que foi no Brazil ministro, brazileiro tambem muito illustre, e em cujo competente artigo se achão informações sobre sua familia.

Tendo estudado as disciplinas preparatorias no Rio de Janeiro, seguio para Portugal e na universidade de Coimbra tomou depois do competente curso o gráo de bacharel nas faculdades de direito e de philosophia.

Seu notavel merecimento, como homem de esclarecida intelligencia, e a protecção que merecia sua familia alcançárão que elle fosse nomeado em 1798 Encarregado de Negocios nos Estados-Unidos, onde esteve em Philadelphia até Setembro ou Outubro de 1800.

Regressando á Portugal foi um dos directores litterarios da Impressão Regia, e teve entre os outros tres directores por companheiro o celebre frei Velloso, auctor da *Flora Brazileira*, e brazileiro como elle.

Fazendo uma viagem á Londres levado por negocios particulares, o ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho (depois conde de Linhares) deu-lhe a incumbencia de alguns assumptos do serviço do Estado.

Hypolito gemeu tres annos nos carceres da inquisição; mas por fim conseguio fugir delles, esteve occulto em Lisboa por alguns mezes, e com o disfarce de creado de Felippe Ferreira de Araujo e Castro passou com este ao Alentejo, e dahi conseguio chegar a Hespanha, seguindo para Gilbraltar, donde passou para Londres.

Se não foi á maçonaria, como se espalhou, que Hypolito deveu a sua evasão dos carceres, parece ao menos que ella não foi estranha ao segredo da sua existencia occulta em Lisboa; e á sua viagem de retirada ou fuga para a Inglaterra.

Em Londres, onde passou o resto da sua trabalhosa vida, Hypolito sustentou-se com recursos de que dispunha; mas que serião insufficientes, se suas publicações litterarias, e a redacção do *Correio Braziliense* não lhe dessem avultados e mencionados lucros.

O *Correio Braziliense*, ou Armazem *Litterario* impresso em Londres por W. Lewis em oitavo grande começou a ser publicado em 1807 e só terminou em 1822.

O *Correio Braziliense* teve tão notavel importancia, que a regencia de Portugal desgostosa de suas doutrinas, primeiro mandou refutal-as tambem pela imprensa, e depois prohibio a introducção e leitura dessa gazeta em Portugal,

renovando-se com severas penas a prohibição por tres vezes, da qual a ultima foi em 1817, conforme o diz o illustrado Sr. Innocencio Francisco da Silva, de cujo Diccionario Bibliographico Portuguez é em maxima parte collegido este artigo.

Hypolito José da Costa escrevia no *Correio Braziliense* não só como politico habil e sagaz; mas tambem as vezes como ou adevinhador de segredos de gabinete, ou como delles mysteriosamente informado.

No Rio de Janeiro chegou em certa occasião á correr por certo (mas de modo algum provado) que o principe-regente depois rei D. João VI confiára á José Saturnino da Costa Pereira, irmão de Hypolito, informações de grave assumpto diplomatico, cujas negociações não podia francamente impedir, embora o desgostassem muito. O facto não é airoso para o principe-regente; foi porém desse modo que explicárão o conhecimento que do segredo teve o celebre redactor do *Correio Braziliense*.

Em 1821 e 1822 foi essa importante publicação periodica o orgão das aspirações brazileiras de independencia, e prestou grandes serviços á causa do Brazil.

Logo depois de proclamada a independencia do Brazil Hypolito José da Costa foi agente do governo imperial brazileiro na côrte de Londres.

Abria-se-lhe em 1823 largo e bello horisonte: Hypolito, o redactor eloquente, grave e moderado do *Correio Braziliense* tinha direito á esperar de sua patria pelo menos alta e brilhante carreira diplomatica; mas á 11 de Setembro de 1823 a morte o apanhou em Kensington, quando ainda não contava cincoenta annos de idade.

Hypolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça deu ao prélo em Lisboa:

Memoria sobre a bronchocele ou papo da America Septentrional por Benjamin Smit Berthou, traduzida em portuguez.

Historia breve e authentica do Banco de Inglalerra, traduzida em portuguez.

Descripção da arvore assucarina e da sua utilidade e cultura.

Ensaios politicos economicos e philosophicos de Benjamim, conde de Rumford, traduzidos em vulgar, dous tomos.

Descripção de uma machina para tocar a bomba a bordo dos navios sem o trabalho de homens.

E em Londres, além do *Correio Braziliense*:

Historia de Portugal composta em inglez por uma sociedade de litteratos, trasladada em vulgar com as notas da versão franceza e do traductor portuguez Antonio de Moraes Silva, e continuada até os nossos dias, 3 tomos.

Nova Grammatica portugueza e ingleza.

Narrativa da perseguição de Hypolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, etc., etc., 2 tomos.

Assegura-se que além dessas escrevêra ainda outras obras.

14 DE AGOSTO

JOAQUIM NUNES MACHADO

Na villa, mais tarde cidade de Goyana, provincia de Pernambuco nasceu entre os annos de 1809 e 1812 Joaquim Nunes Machado de familia abastada, e que gozava merecida estima e influencia.

Tendo feito seus estudos de disciplinas preparatorias, matriculou-se na academia juridica de Olinda que acabava de fundar-se, e cursava em 1831 o seu quarto anno, quando com os seus collegas academicos prestou relevante serviço, tomando armas e concorrendo muito para suffocar terrivel sedição de soldados, que rebentára no Recife á 14 de Agosto de 1831 e que durante tres dias puzéra em grande perigo aquella cidade, capital da provincia.

Em 1832 tomou o gráo de bacharel em leis, e no anno seguinte, promulgado o codigo do processo, foi nomeado juiz de direito de Goyana, passando em 1831 á juiz da pri-

meira vara crime do Recife, e como tal servindo de chefe de policia da mesma cidade.

Membro da assembléa provincial de Pernambuco logo na primeira legislatura e reeleito depois, sua provincia o elegeu deputado da assembléa geral na legislatura que principiou em 1838, merecendo a reeleição na seguinte.

Em 1844 pronunciou-se activamente pelo partido liberal, e em sua provincia foi o mais popular dos chefes praieiros.

Nunes Machado reunia com effeito as condições mais notaveis para sel-o: no parlamento, bem que pronunciasse alguns discursos eloquentes e vigorosos, nunca foi tido em conta de orador de primeira ordem; mas nas assembléas populares era tribuno arrebatador: de elevada estatura, agradavel presença, olhos cheios de fogo, tinha voz que se prestava á todos os tons, desde a doçura da amabilidade alliciadora até o rugido do leão: fallava com facilidade e energia: dispunha de grande força physica e de coragem inabalavel: além disso era generoso, e beneficente, e nenhum como elle, sabia tanto mover o povo.

Reeleito deputado nas duas seguintes legislaturas foi tão popular na capital do imperio, como o era em Pernambuco.

A' 29 de Setembro de 1848 o partido conservador subio ao governo, e o liberal tomou o seu posto de opposição. Em Pernambuco já então os animos se achavão em effervescencia, tendo havido conflictos e desordens em um ou outro ponto. Nunes Machado, pronunciando na camara o ultimo, e o melhor dos seus discursos, declarou que para si e para seus amigos só pedia ao governo garantias de vida.

As camaras forão adiadas.

Os deputados e senadores liberaes em numerosa reunião

politica resolverão empenhar-se nas suas respectivas provincias em arrefecer todos os exaltamentos dos seus correligionarios por ventura resentidos e abafar quaesquer idéas de opposição menos restrictamente legal.

Nunes Machado, apoiando muito essa deliberação, negou-se comtudo á seguir para Pernambuco, onde temia que a revolta rompesse apezar de todos esforços em contrario. Urgido para partir afim de empregar todo o seu prestigio, toda a sua popularidade em obstar e desfazer o imminente movimento armado, respondeu: « não vou para Pernambuco; porque se eu fôr, *serei victima.* »

O deputudo Urbano Sabino Pessoa de Mello, comprovinciano, amigo intimo, e o homem que mais influia no espirito de Nunes Machado, infelizmente venceu a sua reluctancia.

Nunes Machado com os outros seus collegas de deputação (menos Urbano que ficára, tratando de estabelecer-se como advogado no Rio de Janeiro) chegou á Pernambuco, e logo com os outros deputados dedicada e afincadamente se entregou com todo o ardor de seu caracter ao desempenho de sua missão pacificadora e patriotica.

Mas por um lado o novo presidente da provincia, desconfiando da lealdade de Nunes Machado, e dos seus collegas deputados liberaes, desattendeu á todas as suas proposições.

Por outro lado adversarios politicos levados por egoismo de partido, acenderão calumnias, insinuando que Nunes Machado e seus collegas se tinhão vendido ao governo.

Finalmente os proprios praieiros começárão á murmurar, vendo deslealdade e traição na attitude ordeira tomada por

aquelles dignos conselheiros da paz, da moderação, e da obediencia á lei.

Offendidos pela desconfiança da sua lealdade, abandonados de todo pelo presidente da provincia, aquelles deputados não souberão levar até o heroismo o sacrificio de sua popularidade, e não podendo de todo abater a revolta, que á despeito delles rebentára, lançárão-se á frente, tomárão a responsabilidade della.

Nunes Machado repetio aos seus collegas de deputação : « eu bem annunciei, que vinha ser victima ! vou sel-o. » E logo depois sahio do Recife, e foi chefe rebelde.

O nome de Nunes Machado foi o alento e o enthusiasmo da revolta.

A 2 de Fevereiro de 1849 a cidade do Recife, capital da provincia devia, conforme plano ajustado, ser atacada por duas columnas de revoltosos : a primeira commandada pelo capitão Pedro Ivo penetrou nella e bateu-se por muitas horas com o apoio de populares praieiros que de antemão prevenidos a esperavão no Recife : a segunda columna suspendeu sua marcha, occupando uma casa rural em frente de sitio, em que abrigada hostilisava um destacamanto de tropa legal.

Nunes Machado estava nessa columna retardataria, trajava sobrecasaca de côr, e para ser bem distincto e reconhecido dos seus, trazia lenço de seda vermelho atado ao travez do peito, quasi um ponto de mira offerecido aos tiros da peleja.

Contrariado pela demora, tanto mais que já ouvia a fuzilaria na cidade, Nunes Machado correu á observar o posto inimigo, abrio um portão olhou, mostrou-se, e

ao fechar de novo o portão cahio morto por uma bala, que veio certeira á sua cabeça.

O que valia Nunes Machado, disse-o a consequencia da sua morte. A segunda columna que devia entrar e combater no Recife, retirou-se desanimada, e dissolveu-se em grupos de fugitivos.

Joaquim Nunes Machado morto á 2 de Fevereiro de 1849 em campo armado, em revolta contra o governo legal, em acção criminosa, e peior do que isso, em gravissimo e lamentavel erro politico expiado longamente pelo seu partido em todo o imperio, foi em todo o imperio chorado. O retrato de Nunes Machado multiplicou-se em milhares de copias, ou de estampas, e ainda hoje se vê conservado em muitas casas, principalmente sob o tecto modesto ou pobre de gente do povo.

Joaquim Nunes Machado, homem de probidade inatacavel, typo de generosidade, e de dedicação, leal até o sacrificio, corajoso até a bravura, morreu, sendo realisada a sua previsão quasi prophetica : « *se eu fôr para Pernambuco, serei victima.* »

15 DE AGOSTO

ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS

No mesmo anno de 1681 em que morrêra em Olinda João Fernandes Vieira á 10 de Janeiro, falleceu á 3 de Fevereiro o seu companheiro d'armas e de gloria André Vidal de Negreiros.

Nasceu este assignalado brazileiro na cidade da Parahyba em principios do seculo decimo setimo: era de nobre linhagem, e foi embalado no berço da riqueza: destinado á carreira militar, apenas recebeu fraca e limitada instrucção, qual a que nesse tempo se podia obter no Brazil.

Seu nome surge de subito em 1636 na guerra da invasão e conquista hollandeza: contra o poder neerlandez que se firmava já do rio de S. Francisco ao sul até o Rio Grande do Norte o patriotismo das hostes mal soccorridas, dizimadas, e expulsas dos campos gloriosos de Pernambuco, vin-

gava-se em guerrilhas famosas que invadião o territorio conquistado, destruindo plantações e colheitas.

Vidal de Negreiros ajudante do capitão Sebastião do Souto distingue-se por valor e coragem indomaveis.

Até 1644 elle brilha na defeza da cidade de S. Salvador contra Mauricio de Nassau, que vem atacal-a e é rechaçado; faz-se notavel em expedições de guerra de recursos em terra e no mar contra os hollandezes, e conquista bem merecida confiança de bravo e habil capitão.

Em 1644, abusando do armisticio ajustado entre o rei D. João IV de Portugal restaurado, e o governo hollandez que déra o exemplo do abuso, vai com instrucções do governador Telles da Silva á Pernambuco, e á pretexto de visitar sua familia na Parahyba, inspira, urde e prepára a insurreição pernambucana contra o dominio hollandez, pondo á frente do movimento combinado João Fernandes Vieira.

Em 1645 á 13 de Junho rompe a insurreição; Vieira e o capitão Cardozo ganhão a primeira victoria das Tabocas e Vidal de Negreiros e Moreno desembarcão em Pernambuco com os seus regimentos, explorão pretextos de reprezalia e vingança, e despindo o dissimulo artificioso, ligão-se á Vieira ao grito de—*liberdade e fé*, no dia 15 de Agosto.

Vidal toma a direcção militar da insurreição pernambucana; ganha o combate da *Casa-forte*, e marcha de victoria em victoria.

De 1645 até o fim de 1647 foi o general em chefe do exercito pernambucano, e com Vieira, Camarão, e Henrique Dias, seus principaes commandantes, e capitães auxiliares reduzio os hollandezes ao extremo dominio, e defensa de suas praças fortes.

Vencedor e resplendente de gloria entregou sem resenti-

mento, nem leve desgosto o commando em chefe do victorioso exercito pernambucano ao general Barreto de Menezes mandado pelo rei.

Elle tinha resistido á outras ordens: á essa que lhe viera amesquinhar a gloria do triumpho completo e já quasi indisputavel, submetteu-se magnanimo.

Telles da Silva, o governador-geral, tinha-lhe ordenado antes, que incendiasse e destruisse as plantações em Pernambuco e capitanias visinhas: Vidal de Negreiros desobedecêra; mas honrára a politica e conveniente desobediencia, incendiando e destruindo os cannaviaes de suas fazendas.

O rei urgido pela Hollanda tinha tambem ordenado o desarmamento da insurreição, e Vidal de Negreiros com Vieira desobedecêrão, dizendo que *resistirião ao rei para servir melhor ao proprio rei.*

Em 1648 e em 1649 André Vidal de Negreiros sob o commando de Barreto de Menezes mostra-se heróe nas duas batalhas dos Guararapes.

Em 1654 é elle ainda quem ataca e toma as primeiras defezas do Recife; é elle quem, apezar de ferido, commanda o ataque da fortaleza das Cinco Pontas, e é elle emfim o principal encarregado de ajustar a capitulação dos hollandezes.

De 1645 á 1654 a guerra hollandeza é epopéa grandiosa, e o primeiro heróe da epopéa é indubitavelmente André Vidal de Negreiros.

Coube-lhe em seguida a honra de ir levar á D. João IV em Portugal a faustosa noticia da expulsão dos hollandezes.

Recebeu galardões e premios.

Foi depois governador e capitão general do Estado do Maranhão, de Pernambuco e de Angola.

Teve commendas lucrativas, fôro grande, honras e poder; elevou-se e resplendeu por premio de seus heroicos serviços; mas sua maior honra, seu mais subido fôro de fidalguia, sua mais admiravel elevação, seu explendor magnifico estão nos inclitos e admiraveis feitos que em ardôr e homerico esforço de patriotismo o tornárão primeiro heróe dessa epopéa da guerra de 1645 á 1654 que destruio o dominio hollandez, que aniquilou a conquista, e o poder estrangeiro no Brazil.

Na primeira metade do seculo decimo setimo André Vidal de Negreiros é o heróe que mais brilhante radia na historia do Brazil.

16 DE AGOSTO

FRANCISCO DE PAULA SOUZA E MELLO

Na villa, depois cidade de Itú, provincia de S. Paulo, nasceu á 5 de Janeiro de 1791 Francisco de Paula Souza e Mello, filho legitimo do bacharel em canones Antonio José de Souza, natural do Porto e de D. Gertrudes Solidonea de Siqueira. Seu abençoado nascimento viera coroar piedosa promessa feita á *S. Francisco de Paula* por seus paes, esposos de exemplar fidelidade que almejavão em um filho a flôr e o fructo de seu amor.

Em 1795 Francisco de Paula perdeu seu pae ; mas sua educação foi confiada ao veneravel jezuita José de Campos Lara, parente seu, que depois de prolongado exilio em Roma, viera para Itú á esperar a morte para ter sepultura na terra de seu berço.

Logo na primeira juventude Francisco de Paula patenteou

as admiraveis faculdades e felizes dotes que se harmonisavão para torna-lo, como veio á ser, monumento de sabedoria: memoria prodigiosa, intelligencia facil e prompta, reflexão aturada e excepcional naquella idade união-se ao amor do estudo, á voluntaria applicação á leitura, e á modestia, e docilidade do genio.

Das aulas que havia em Itú passou para ás que lhe poude offerecer a cidade de S. Paulo; conseguindo fazer curso incompleto de humanidades; tendo porém ao menos se fortalecido nas disciplinas principaes do ensino secundario.

E' de crer que sua compleição muito delicada o impedisse de ir graduar-se na universidade de Coimbra.

Com effeito Francisco de Paula, a quem a natureza tinha dado caixa craneana oblongada e de grandeza desproporcional, mas com magnifica fronte, era franzino de corpo, menos bem conformado na contexctura dos ossos thoracicos, tinha a voz suave porém fraca, e saude extremamente melindrosa.

Recolheu-se pois a Itú e abysmou-se na livraria que herdára de seu pae, e que elle foi avidamente augmentando com obras escolhidas e numerosas, campo immenso e variado onde arou sua vasta e bella intelligencia.

A revolução de Portugal em 1820 foi tão ruidosa e de resultados tão consideraveis, que chegou á abalar o solitario ituano que encerrado vivia em sua bibliotheca.

Francisco de Paula fechou o livro para saudar a liberdade e sua provincia o elegeu deputado ás côrtes de Lisboa; mas doente e abatido não poude transpôr o Atlantico e desconsolado vio partir Antonio Carlos, Feijó, Vergueiro, e Silva Bueno, que o foi substituir.

O movimento da independencia do Brazil começava: a 23

de Maio de 1822 houve na cidade de S. Paulo pronunciamento no sentido das idéas luzitanas; a camara de Itú reagio e em sessão extraordinaria de 4 de Agosto declarou nullo e cassado o governo provisorio que se creara naquella capital, e conferio á Francisco de Paula Souza e Mello poderes de seu procurador para ir tratar com as outras villas da provincia a organisação de um centro de união e obediencia ao principe-regente D. Pedro. A proclamação da independencia logo no mez seguinte tornou desnecessaria esta patriotica medida.

Francisco de Paula Souza e Mello foi eleito deputado á constituinte brazileira, e nessa grandiosa assembléa, ainda noviço parlamentar, e acanhado pela modestia, pouco se distinguio; mas consciencioso e patriota votou sempre no sentido liberal, embora sem ligação de partido.

Dissolvida a constituinte, Francisco de Paula retirou-se para Itú, e na universidade da sua bibliotheca, escondeu o luto que levava no coração pelo golpe de Estado que enchera de nuvens sombrias o horisonte politico do Brazil.

A' 5 de Maio de 1826 começou finalmente a primeira legislatura do imperio, conforme a constituição jurada á 25 de Março de 1824.

Deputado eleito pela provincia de S. Paulo, o illustrado ituano, dominando sua timidez, exaltou a tribuna da camara temporaria com a sabedoria da sua palavra.

Conhecido desde logo pelo seu nome parlamentar—*Paula e Souza*—, tomou senão o primeiro, ao menos um dos primeiros logares naquella camara. Vasconcellos que havia de ser tão grande, começava monotono e apenas esperançoso discutidor: Lino Coutinho brilhava pela graça e pelo epigramma, sem aprofundar as questões; Ledo, o orador

elegante e florido falhava em valentia de dialectica; á Feijó faltava illustração em sciencias sociaes e economicas; Calmon (depois visconde e marquez de Abrantes) á quem o povo chamava — o canario — pela suavidade enlevadora de sua palavra, era então mais deleitoso do que convencedor; outros muito habeis, raro subião á tribuna: Paula e Souza sahido sabio da sua bibliotheca sorprehendera á todos pela profundeza de seus conhecimentos em direito constitucional, e administrativo, em finanças, em direito internacional, e em todos os assumptos trazidos á discussão.

Quando elle se levantava para fallar, ninguem murmurava, todos os ouvidos avidos como que se alongavão para não perder uma só palavra que sahia da sua voz fraca; o discurso de Paula e Souza era sempre rica fonte de luz, logica viva, e ás vezes no meio de sua preceituosa simplicidade havia rasgos de eloquencia sem calculo, imagens brilhantes e de momento inspiradas que arrebatavão o auditorio.

Paula e Souza pronunciado e esclarecido liberal foi reeleito deputado, e em 1833 os votos dos seus comprovincianos e a escolha da regencia derão-lhe assento na camara vitalicia.

Ali, no senado brazileiro, foi mantenedor fiel, sabio, e admirador dos principios liberaes: elle e Alves Branco (depois visconde de Caravellas) erão as fortalezas invenciveis do partido liberal: nem Vasconcellos, nem Honorio Hermeto (o marquez de Paraná) puderão batel-os uma só vez no campo da logica e da eloquencia.

De 1838 em diante Paula e Souza disputou palmo a palmo o campo da politica á reacção legislativa conservadora. A interpretação do Acto Addicional, as reformas do codigo do processo, a creação do conselho de estado, e outros pro-

jectos que se tornárão leis do imperio, soffrêrão do senador liberal opposição energica e esplendida que ficou perpetuada em discursos, que poderião apparecer com distincção nos annaes parlamentares das primeiras nações do mundo.

Em 1845 Paula e Souza foi nomeado conselheiro de estado.

O partido liberal voltando ao governo em 1845 gastou-se em estereis trabalhos : falta-lhe defeza ; porque ou não podia, e por tanto não devia ser governo, ou não soube sel-o.

Em 1848 Paula e Souza, o liberal sabio e honestissimo, foi encarregado pelo imperador de organisar gabinete, e organisou-o com esmerada escolha de liberaes, membros distinctos do parlamento e de idéas moderadas.

Seu pensamento era abater a omnipotencia dos partidos dominantes, e dar á nação a realidade do systema representativo pela liberdade e influencia legitima do voto nacional nas eleições, e para tão patriotico empenho projectava a eleição por circulos ou districtos, escudando sua livre expressão com incompatibilidades electivas das autoridades e magistrados dependentes da nomeação e demissão ou dos adiantamentos por decretos do governo.

O empenho era nobilissimo ; menos elle porem do que a indisciplina do partido determinou desintelligencias, desgostos, perturbação na familia politica, objecções, inercia contrariadora até que Paula e Souza afflicto, doente, desenganado por acerbas decepções deixou o poder, que passou em Setembro de 1848 aos seus adversarios politicos.

Tres annos depois o grande sabio filho de seu proprio estudo deixava tambem e para sempre a terra.

Antes porem de morrer ainda esforço heroico do estadista imminente e benemerito...

Paula e Souza em leito de dôr, prostrado, quasi moribundo, certo de morte proxima, soube que no senado se se discutia projecto de lei militar, contra o qual se pronunciava a opinião do seu partido.

Era á 15 de Agosto.

Torturado por crueis dôres, cadaverico, e á cahir na sepultura, Paula e Souza com supremo esforço arrasta-se para fóra do leito, e veste-se á custo para ir ao senado.

A virtuosissima esposa e a familia em ancias o interrogão.

Elle responde :

— Quero ir ao senado, e fallar pela ultima vez : quero protestar em nome da constituição contra o projecto de lei que sujeita paizanos á commissão militares : talvez possa a voz do moribundo com o prestigio da morte impedir tão grande prepotencia...

Um amigo, entrando nesse momento, annunciou que por falta de numero de senadores deixára de haver sessão da camara vitalicia nesse dia.

Paula e Souza abateu-se de todo : pouco depois tinha perdido a falla.

No dia seguinte á 16 de Agosto de 1851 expirou.

Foi um dos maiores homens do Brazil pela sabedoria, pela honra, e por admiraveis virtudes.

17 DE AGOSTO

LUIZ NICOLÁO FAGUNDES VARELLA

Na freguezia de Nossa Senhora da Piedade, hoje villa do Rio Claro, provincia do Rio de Janeiro, nasceu aos 17 de Agosto de 1841 Luiz Nicoláo Fagundes Varella, filho legitimo do dr. Emiliano Fagundes Varella e de D. Emilia de Andrade.

Acompanhando seu pae nomeado juiz de direito de Catalão em Goyaz, foi para esta provincia em 1852, e lá estudou a lingua latina com grande proveito, começando logo a manifestar o seu talento poetico: annos depois, voltando sua familia de Goyaz, entrou para um collegio em Petropolis, no Rio de Janeiro, sob a direcção de Jacintho Augusto de Mattos, que, apreciando devidamente sua bella intelligencia, aproveitou-a em estudos assiduos e zelosamente excitados.

Mudando-se seu pae para Nictheroy, veio o joven Luiz

Varella completar os seus preparatorios nesta cidade, e teve por professor de philosophia um homem, que era desembargador aposentado, e gozára em certo tempo creditos de litterato.

Luiz Varella já então dava-se ao cultivo da poesia, e escrevia cantos bem inspirados e reveladores do seu immenso talento; mas o professor de philosophia tomou á peito abater-lhe o estro, ameaçando-o com a *pobreza que teria por sorte*, e repetindo-lhe por vezes «nunca será bom poeta.»

Luiz Varella quiz vingar-se do mestre que menosprezava suas faculdades poeticas: improvisou duas oitavas, e escreveu no fim dellas (*Luiz de Camões—Luziadas*), como se fossem cópias: em outro papel copiou de facto duas oitavas do grande poeta, e assignou « Luiz Varella : » No dia seguinte offereceu umas e outras a apreciação do professor, que immediatamente declarou ruins as oitavas de Camões assignadas por Luiz Varella, e excellentes as que o travesso estudante improvizára, e déra por copiadas de Camões.

Em 1862 matriculou-se na academia juridica de S. Paulo, e frequentou-a durante dous annos : seu genio poetico radiou com explendor; mas seu coração inflammou-se tambem apaixonado por formosa donzella: Luiz Varella casou-se com o objecto de sua ternura, e teve um filho, que amou estremecido.

Resolvido a concluir seus estudos de direito em Olinda, sahio do Rio de Janeiro para Pernambuco no vapor francez *Bearn* que naufragou na altura dos Abrolhos. Luiz Varella desenvolveu grande energia: salvos os passageiros e a tripolação em deserta praia, dirigio todos os trabalhos para levantar choupanas, e para obter soccorros.

Esteve um anno em Pernambuco, cursando a faculdade de direito, e chorando saudades da esposa e do filhinho.

Chegados os mezes de ferias, vôou em azas de amor para o Rio de Janeiro, e da capital do imperio, correndo ao paterno lar quasi endoudeceu ao saber que a morte lhe roubára a esposa e o filho.

Esse duplice golpe cortou-lhe o futuro, e enegreceu-lhe a vida.

Luiz Varella não quiz proseguir em seus estudos juridicos: o amor de seus paes já não lhe bastava: fugio á sociedade; passou os primeiros tempos que seguirão ao seu infortunio fatal, vagando sozinho pelos campos, desapparecendo no seio escuro das florestas, vadeando ribeiros, atravessando á nado caudalosos rios, caminhando leguas sem destino, nem idéa, pedindo a Deus a morte, e arruinando a saude em desespero de felicidade no mundo.

Mas ainda e sempre poeta, quando se recolhia a casa paterna, exhalava em tristissimos versos os gemidos que lhe arrancava a dôr, como por exemplo nos seguintes:

Minha alma é como um deserto
Por onde o romeiro incerto
Procura uma sombra em vão;
E' como a ilha maldita
Que sobre as ondas palpita
Queimada por um volcão.

No seu cantico do *Calvario* chorou a perda do filho em versos cuja dolorosa melodia achará echo em todos os corações sensiveis.

Adoptou pouco a pouco os costumes simples e até o vestuario dos lavradores pobres e rudes, e como á procurar consolações, cantou a vida campestre; mas sob o ponto de vista original, e extravagante que em seus intimos tormen-

tos imaginava, como a inventar linitivos á dôr que sem linitivo o perseguia.

O primeiro e activo periodo da afflicção pareceu arrefecer. Luiz Varella passou á segundas nupcias.... sorriolhe doce esperança... amou ternamente a nova esposa, que lhe deu duas flôres, duas filhas; mas embalde! a melancolia ficou sempre obumbrando a alma do poeta ferido em seu primeiro amor, torturado pela lembrança do primeiro filho perdido.

Viveu assim mal comprehendido pelos homens do seu tempo, que não podião ou não souberão calcular o gráo dos seus tormentos exagerados por exaltada sensibilidade, viveu assim mal julgado, julgado excentrico, talvez quasi desajuizado o misero poeta que a desgraça fulminára com dous golpes de morte sobre os seus santos amores.

A 18 de Fevereiro de 1875 Luiz Varella deixou de soffrer, fallecendo na cidade de Nictheroy victima de um ataque de apoplexia cerebral.

Em S. Paulo e em Olinda o joven estudante do curso juridico escreveu com extraordinaria fertilidade numerosas composições poeticas, muitas das quaes são lindissimas e de merecimento incontestavel; mas foi depois da morte de sua primeira esposa e idolatrado filhinho, que seu genio excitado pela dôr do coração se expandio em producções mais commoventes e repassadas de sentimento profundo.

Luiz Varella escrevia sempre inspirado, como de improviso, e de uma vez do principio ao fim suas composições, seus cantos, e, o que cumpre notar, não os relia jámais para corrigil-os: entretanto nunca faltou primor de fórma á seus grandiosos pensamentos; acudia-lhe a rima sem esforço, a

simplicidade dava encantos á seus versos, a melancolia perfumava-os.

Nascêra poeta, e não foi, nem poderia ser, senão poeta: elle o foi sem calculos, nem sonhos de gloria, principalmente no ultimo e atormentado periodo da sua vida; deixou porém em suas obras o sello do seu genio em certa originalidade bem marcada: nunca se sujeitou ao absolutismo de escola alguma, nem tomou por modelo ou procurou imitar algum poeta: Deos e a natureza erão os seus inspiradores, e em tudo quanto lhe sahio da intelligencia e da penna sente-se e aprecia-se a sua individualidade poetica.

Suas principaes obras publicadas são:—*Nocturnas*—*Vozes da America*—*Cantos Meridionaes*—*Contos e Phantasias*—*Pendão auri-verde*—*Cantos do Ermo e da Cidade.*

Deixou em manuscriptos um fragmento da vida dos apostolos, e tres dramas em verso—*A Fundação de Piratininga*—*Ponta Negra*—e—*O Demonio do Jogo,*— além de muitas poesias.

Depois de sua morte foi publicado o seu poema em dez cantos—*Anchieta ou o Evangelho nas selvas*—que encerra admiraveis bellezas.

Luiz Varella fechou o seu poema com os seguintes versos:

Volve a teu negro exilio de amarguras,
Oh, desgraçada musa! A's turvas ondas
Do temeroso mar, onde rebramão
As furias das procellas populares
Entrega o pobre esquife, onde guardaste
Teus mais formosos e adorados sonhos!—
A Deos! Nossa missão está completa.

18 DE AGOSTO

SEBASTIÃO DO REGO BARROS

Sebastião do Rego Barros, filho legitimo do coronel Francisco do Rego Barros e de D. Maria Anna Francisca de Paula Cavalcanti de Albuquerque, nasceu na provincia de Pernambuco a 18 de Agosto de 1803.

Destinado á carreira militar, teve praça de cadete em Setembro de 1817: aos ouvidos de menino soldado tinhão acabado de soar os brados de uma revolução que rebentára, hasteando bandeira de nacionalismo e de liberdade, e a seus olhos corria então á jorros o sangue dos vencidos. Quatro annos depois, joven de 18 annos, pagou nobre tributo ás idéas liberaes excitadas pela revolução de Portugal, sendo pelo governador Luiz do Rego mandado preso para Lisboa, onde, solto em breve, pedio e teve licença para seguir na universidade de Coimbra o curso de sciencias

mathematicas e philosophicas; mas a independencia do Brazil accendeu em 1823 perigosas rivalidades entre os estudantes brazileiros e portuguezes da celebre universidade, e Sebastião do Rego passou a concluir os seus estudos em França: no anno de 1825 fez uma viagem á Allemanha, em 1826 recebeu o gráo de bacharel em mathematicas na universidade de Gottingen, e em Dezembro do mesmo anno saudou a terra da patria, cujas auras respirou de novo.

Vindo ao Rio de Janeiro, Sebastião do Rego Barros obteve passagem do corpo de caçadores a que pertencia para o de engenheiros, e com a patente de capitão voltou á sua provincia que altamente o distinguio, elegendo-o seu deputado á assembléa geral.

Tomando assento na camara temporaria em 1830, começou então a sua vida politica, que só terminou no dia da sua morte.

A' excepção da legislatura de 1845 e da de 1848, aliás dissolvida no mesmo anno, Sebastião do Rego Barros teve sempre uma cadeira no parlamento brazileiro, e nelle foi um dos mais influentes dos deputados de Pernambuco. Sem possuir notaveis condições para brilhar na tribuna, era, quando fallava, conciso e energico, e sempre ouvido com attenção.

Foi duas vezes ministro da guerra: no gabinete de 19 de Setembro de 1837, em uma época difficil e dolorosa, em que a rebellião talava os campos do Rio Grande do Sul, e erguia o collo em outras provincias, e no de 10 de Agosto de 1859, quando certamente desde alguns annos a ordem publica tinha como continúa a ter as mais solidas garantias no espirito e no coração de todos os brazileiros; mas ainda gravissimas questões se debatião na arena da economia politica.

Foi tambem presidente da provincia do Pará desde 1853 até 1856, e tanto nos ministerios como no governo provincial conquistou bem merecida reputação de administrador activo, zeloso e probo.

Desempenhou ainda com esmero importantes commissões que o recommendárão á gratidão do paiz. Em 1831 foi nomeado commandante geral dos guardas municipaes da côrte: assustadoras, criticas erão então as circumstancias: no dia 7 de Abril succedêra o que o eloquente conde Louis de Carné chama o tormento das grandes perplexidades e das longas incertezas: a nobre abdicação do primeiro imperador, e a gloriosa e nobre dedicação do partido liberal victorioso poderião não ser sufficientes para salvar a monarchia constitucional e a integridade do imperio: ellas o forão; mas houve horas e dias dos mais profundos abalos: o exercito indisciplinado fôra milagrosamente dissolvido sem consequencias desastrosas; a guarda nacional, que devia tornar-se admiravel pela sua fidelidade e pelo seu patriotismo, ainda não estava creada. Os guardas municipaes da côrte forão chamados a cumprir a mais honrosa, brilhante e arriscada tarefa na capital do imperio: a escolha do commandante desse corpo foi um titulo de gloria para o nomeado.

Em 1850 annunciava-se proxima a guerra, á que por tanto tempo provocava o Brazil o dictador de Buenos-Ayres, e o governo imperial incumbio a Sebastião do Rego Barros a difficil commissão de contratar na Europa as tropas estrangeiras, que effectivamente vierão ganhar com os nossos bravos os louros de uma campanha libertadora de povos opprimidos, e demonstradora do desinteresse, da civilisação e da honra do Brazil.

Depois de tantos trabalhos e serviços relevantes, Sebastião

do Rego Barros, agraciado pelo imperador, sempre considerado pelos seus comprovincianos, e justamente apreciado por todos os seus compatriotas, quando se preparava para prestar novos tributos de civismo e amor á patria, vigoroso ainda, apezar do labor e dos annos, teve de dobrar a cerviz ao golpe da morte, e lá descansou ne terra de Pernambuco em 1863.

19 DE AGOSTO

AGOSTINHO MARQUES PERDIGÃO MALHEIROS

Agostinho Marques Perdigão Malheiros, filho legitimo do capitão Agostinho Marques Perdigão Malheiros e de D. Anna Joaquina Rosa, nasceu aos 29 de Agosto de 1788, em Vianna, na provincia de Entre Douro e Minho, no reino de Portugal. Aos 22 annos de idade achava-se já formado na faculdade de leis na universidade de Coimbra, e depois de ter feito a leitura do costume ante o desembargo do paço em Lisboa, veio em 1812 para o Rio de Janeiro, onde foi despachado pelo principe regente, juiz de fóra para a villa de Santos, em S. Paulo. Em 30 de Janeiro de 1813 tomou posse do lugar, encetando a sua longa e honrosa carreira de magistrado.

Servio successivamente de juiz de fóra em Marianna na provincia de Minas Geraes, de ouvidor interino em Ouro

Preto, de juiz de fóra da Campanha da Princeza, de desembargador da relação da Bahia, donde veio para a casa de supplicação nesta côrte, e ahi continuou como desembargador, até que entrou para o supremo tribunal de justiça, a mais elevada posição na magistratura.

Desempenhou tambem diversas commissões ou annexas por lei áquelles cargos que exerceu, ou por nomeação do governo: assim foi que occupou os lugares de juiz provedor, de ausentes, de juiz dos feitos da corôa e fazenda, de juiz da chancellaria, de adjunto ao conselho supremo militar de justiça, e ainda outros não menos importantes.

Exclusivamente dedicado ás nobres funcções do seu ministerio, nunca pretendeu outros louros, nem gloria que não fossem aquelles que devia ganhar e ganhou na fiel e religiosa administração da justiça: não houve gallas nem vestes brilhantes pelas quaes se lembrasse uma só vez de trocar a sua becca de magistrado: sacerdote da lei, elle velou sempre, incessantemente e sómente pela sacra flamma da justiça, como a antiga vestal pelo fogo sagrado. As tempestades revolucionarias passarão bramindo por sua cabeça sem que podessem abalal-o nem arrastal-o em seu impeto para fóra da sua posição. Quando a borrasca cessava, quando o horizonte da patria se mostrava limpo das nuvens escuras e pesadas, quando brilhava a luz dos dias tranquillos, Agostinho Marques Perdigão Malheiros apparecia inhabalavel em seu posto, magistrado sómente e magistrado sempre.

Prestou serviços á causa constitucional e á independencia; mais ainda prestou-os como magistrado, podendo harmonisar felizmente o amor decidido que tributava á patria adoptiva com o cumprimento do seu dever. Em 1822,

D. Pedro, depois primeiro Imperador do Brazil, correu á provincia de Minas Geraes para destruir as combinações sinistras daquelles que se oppunhão ao desenvolvimento e triumpho da idéa da nossa regeneração politica; e o juiz de fóra de Marianna, Agostinho Marques Perdigão Malheiros, foi o escolhido para desempenhar interinamente as funcções de ouvidor do Ouro-Preto, e nesse empenho com tal solicitude e dignidade se houve, que bem mereceu do governo e da nação, concorrendo muito para o reconhecimento geral da autoridade do principe regente, que era o chefe enthusiasta da santa cruzada da liberdade.

Illustrado e prudente, severo; mas não oppressor, probo e de consciencia recta, deixou na magistratura um nome honrado e uma grande reputação; o governo soube aprecial-o tanto, que ao despachal-o juiz de fóra de Marianna, deu-lhe predicamento de primeiro banco, honoraria de desembargador, e o habito da ordem de Christo, e ainda por acabado o seu tempo de juiz de fóra da Campanha, quando apenas tinha um anno de exercicio desse cargo, declarando-se então que essa dispensa era dada em attenção ao merecimento e letras do distincto magistrado.

No reinado de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II foi condecorado com a commenda da ordem de Christo, obteve o fôro de fidalgo cavalleiro da casa imperial, e o titulo de conselho e tratamento de excellencia, que lhe vierão pela sua entrada no supremo tribunal de justiça.

O conselheiro Agostinho Marques Perdigão Malheiros empregava as horas que lhe restavão do cumprimento zeloso dos deveres do seu ministerio nos doces cuidados da familia, e em prazeres e verdadeiros gozos de intel-

ligencia que no seu retiro sabia encontrar no estudo das letras, na apreciação de numerosos e raros livros que com infatigavel perseverança reunia em sua rica bibliotheca, e na contemplação de alguns bellos paineis que possuia: o magistrado só esquecia o culto das leis na hora do descanço, e a hora do descanço era ainda do espirito e do coração; era do amor da esposa e dos filhos, e do amor da sciencia e das bellas artes.

O illustre magistrado era extremamente escrupuloso em seus trabalhos, quer de juiz, quer de litterato: deixou varios manuscriptos sobre jurisprudencia, historia e philologia, sendo entre todos muito estimavel um—Glossario de palavras antiguadas e obsoletas da lingua portugueza, indispensavel para bem se entenderem os classicos e obras antigas.

Foi no dia 19 de Agosto de 1860 que de subito a morte fez descer ao tumulo esse venerando ancião, cujo corpo já estava vergado ao peso de 72 annos de idade, e de 50 de serviços ao Estado. Seu passamento foi o termo de uma vida laboriosa e longa; mas que toda inteira póde-se resumir em tres palavras: honra, intelligencia e dever.

20 DE AGOSTO

D. MARIA QUITERIA DE JESUS

A independencia do Brazil custou guerra porfiada e gloriosa na provincia da Bahia.

O commando das armas estava nessa provincia sendo exercido pelo brigadeiro Manoel Pedro de Freitas Guimarães, natural do Brazil, quando á 11 de Fevereiro de 1822 chegou de Portugal uma carta regia, nomeando para aquelle cargo o brigadeiro Luiz Ignacio Bandeira de Mello, valente e energico militar portuguez.

A junta governativa provisoria, a camara municipal, os patriotas emfim, explorando pretextos, negavão-se á dar cumprimento á carta regia: á 19 de Fevereiro as tropas portuguezas da guarnição tomárão as armas á favor do seu general Madeira e durante todo o dia baterão-se com os

corpos militares brazileiros, em geral de 2ª linha, acabando por obrigal-os á retirar-se para o interior.

O general Madeira com a numerosa e aguerrida força luzitana de guarnição ficou senhor da cidade, em quanto no reconcavo e no interior os patriotas bahianos se reunião, e se preparavão para a guerra.

A' 25 de Junho na villa depois cidade da Cachoeira esses benemeritos paladinos da independencia pronunciárão-se, reconhecendo o governo do principe D. Pedro, cento e nove dias mais tarde imperador do Brazil, e installando um governo interino.

Dentro em pouco rompeu a guerra que marcada por notaveis e asperrimas pelejas só terminou á 2 de Julho de 1823, dia glorioso, em que Madeira e suas aguerridas tropas evacuárão a cidade de S. Salvador da Bahia, e vencidos partirão para Portugal.

Nessa guerra os bahianos mostrárão-se heróes; mas ainda para sua maior honra, e justo orgulho as senhoras bahianas os igualárão em patriotismo.

A historia guarda zelosa o facto memoravel da missão desempenhada por M. J. Pires Camargo que veio da Bahia ao Rio de Janeiro apresentar-se á princeza real D. Leopoldina, logo depois imperatriz do Brazil, em nome das senhoras bahianas, que mandavão offerecer suas joias para ajudar as despezas exigidas pela guerra da independencia da patria.

Mas entre essas illustres e benemeritas patriotas sobresahio por ardente impulso raro em seu sexo mimoso, e por enthusiasmo explendido D. Maria Quiteria de Jesus Medeiros.

Filha das primeiras nupcias do portuguez Gonçalo de

Medeiros, e de uma senhora portugueza, D. Maria Quiteria, bahiana de nascimento, joven de costumes puros, e de animo exaltado, um dia ouve á meza do jantar á um hospede de seu pae a noticia da guerra, e a electrisadora exposição das aspirações dos patriotas, e da magnificencia que esperava ao Brazil, imperio independente.

Gonçalo de Medeiros lamenta não ter um filho para offerecel-o á causa do Brazil.

Uma hora depois Maria de Medeiros á sós com seu pae, diz-lhe:

— Não tendes filho; mas eu, como outras bahianas do reconcavo, sei manejar armas de fogo na caça: meu pae!... se eu me disfarçasse em homem...

Gonçalo de Medeiros reprehendeu a fiiha; esta porém que se exaltava pelo amor da patria, e que ainda mais transportada fôra pelo ardor de uma irmã casada e patriota, á quem consultára, preparou em segredo para si vestidos de homem, e um dia, aproveitando a ida de seu pae á villa da Cachoeira, acompanhou-o ás occultas, e ao chegar á villa, entrou em um bosque, trocou seus vestidos de senhora pelos do outro sexo, e foi apresentar-se como voluntario, e alistou-se no regimento de artilharia.

Dous dias depois o imberbe e bonito voluntario fazia a guarda do quartel de artilharia.

Gonçalo de Medeiros atraiçoou o segredo ou o disfarce da filha; não poude porém retiral-a da sua praça.

D. Maria de Medeiros sentio que lhe pezava demais o serviço da artilharia, e conseguio que a passassem para o batalhão de caçadores, denominado dos *voluntarios do principe*; e nelle servio até o fim da guerra,

A bravura desta heroina resplende ainda mais e tóca ao sublime pela sua honestidade de senhora.

O seu exemplo provocou imitadoras, e D. Maria de Medeiros á frente de algumas dezenas de impavidas amazonas bahianas bateu-se heroicamente contra os soldados luzitanos, que tentavão desembarcar perto da foz do Paraguassú.

Depois de tão brilhantes feitos, e da mais completa victoria á 2 de Julho de 1823, D. Maria de Medeiros veio ao Rio de Janeiro trazer ao imperador D. Pedro I a feliz noticia da evacuação da Bahia pelas tropas luzitanas.

O imperador que de longe admirava a heroina pelas noticias de seus actos de bravura, recebeu-a condignamente, e com suas proprias mãos collocou-lhe no peito a insignia de cavalleiro da imperial ordem do cruzeiro.

D. Maria de Medeiros foi na capital do imperio objecto do mais vivo interesse e do favor publico. Ella trajava o uniforme do seu batalhão, addicionando-lhe um saiote indicador do seu sexo, que soube honrar com a honestidade do proceder.

A distincta ingleza Maria Graham no *Journal of a Voyage to Brazil,* publicado em Londres em 1824 diz, tratando de D. Maria de Medeiros que « seu aspecto pouco ou nada tinha de varonil, suas maneiras erão agradaveis, e que apezar da vida que passára entre soldados, nem tinha destes os habitos grosseiros e bruscos, nem contra sua honra havia a menor suspeita. »

D. Maria Quiteria de Jesus Medeiros é pois explendida heroina de quem o Brazil póde justamente ufanar-se.

21 DE AGOSTO

ANTONIO FRANCISCO DE PAULA E HOLLANDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

VISCONDE DE ALBUQUERQUE

Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcanti de Albuquerque, filho legitimo do capitão-mór Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e de D. Maria Rita de Albuquerque Mello nasceu em Pernambuco aos 21 de Agosto de 1797.

Assentou praça aos dez annos de idade, começando a vencer tempo em 1 de Agosto de 1807, reconhecido cadete á 3 de Novembro desse anno no regimento de artilharia da provincia de Pernambuco, ao qual pertenceu até o posto de major, á que foi promovido a 20 de Abril de 1819, passando para o estado maior do exercito a 18 de Novembro de 1824: foi promovido a tenente-coronel em 20 de Março

de 1827, em cujo posto se reformou a 9 de Novembro de 1832.

Tendo obtido licença em 1816 para vir ao Rio de Janeiro, desta capital seguio para Moçambique como ajudante de ordens do governador e capitão-general da capitania de Moçambique José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque: tornando ao Rio de Janeiro, partio logo para Macáo nomeado lente do segundo anno da escola real de pilotos por aviso de 12 de Junho de 1819 e sargento-mór do batalhão do principe-regente (já então rei) da mesma cidade.

A proclamação da independencia do Brazil foi saudada por Hollanda Cavalcanti assim bem longe da patria; mas em breve para ella voltando, ao passar por Pernambuco achou sua provincia em furente conspiração que produzio a revolta chamada da Confederação do Equador em 1824; ligado ás tropas legaes prestou serviços tanto na praça, como na Barra Grande, para onde se retirárão e firmárão a resistencia os corpos que não adherirão á revolta victoriosa em Olinda e no Recife.

Em sua carreira militar Hollanda Cavalcanti não teve occasião de illustrar-se, colhendo louros marciaes.

E' preciso porém dizer que em Pernambuco até 1816 o serviço militar não obstou á que elle fizesse além dos estudos especiaes da arma de artilharia, outros de humanidades.

Em 1826 veio Hollanda Cavalcanti para o Rio de Janeiro, tendo sido eleito deputado da primeira legislatura ordinaria do imperio, merecendo a reeleição nas tres seguintes até que á 7 de Fevereiro de 1838 escolhido senador em lista offerecida pela provincia de Pernambuco que quatro vezes o elegera deputado, passou á sentar-se na camara vitalicia.

Desde 1826 elle frequentou a tribuna, embora lhe faltassem alguns dos principaes dotes que se exigem no orador: não tinha o dom da palavra fluente; ao contrario esta muitas vezes lhe acudia difficil, obrigando-o a hesitar e parar em quanto procurava a melhor expressão para a idéa: nos seus discursos nem havia brilhantismo, nem arte na ordem dos argumentos, e menos na disposição das partes oratorias; mas Hollanda Cavalcanti obrigava a attenção pela sua franqueza caracteristica, e ás vezes rude. Subia a tribuna para dizer o que pensava, e dizia-o com simplicidade, e com certa altivez propria de quem fallava sem jámais calcular com o agrado ou com o desagrado de quem quer que fosse.

Foi liberal desde 1826 até o ultimo dia de sua vida; mas sempre com a mais absoluta independencia de idéas e sem jámais respeitar disciplina de partido.

O primeiro que no Brazil requereu accusação formal de ministros de estado foi Hollanda Cavalcanti, propondo na camara a accusação de Lucio Soares Teixeira de Gouvêa e de Joaquim de Oliveira Alvares, ministros, o primeiro da justiça, e o segundo da guerra.

A 3 de Novembro de 1830 aceitou a pasta da fazenda em ministerio, no qual se achou em desintelligencia com o marquez de Paranaguá e com algum outro sobre a direcção politica dos negocios, representando elle o principio liberal: á 18 de Março de 1831 continuou ministro no ministerio fracamente liberal concedido por D. Pedro I ao espirito de nacionalidade justamente irritado por insultos dos portuguezes nas noites das garrafadas de Março. A' 5 de Abril foi demittido com todos os outros ministros.

A' 7 de Abril D. Pedro I abdicou, e Hollanda Cavalcanti a 3 de Agosto de 1832, tendo sido o golpe de Estado

de 30 de Julho, á que elle ardentemente se oppuzera, subio com as pastas do imperio e da fazenda ao ministerio que se chamou dos quarenta dias pela sua ephemera duração até 13 de Setembro.

Estrenuo propugnador da maioridade do Imperador o senhor D. Pedro II, decretada esta á 23 de Julho de 1840, subio com a pasta da marinha para o ministerio liberal organisado no dia seguinte ; e retirou-se do governo que passou aos seus adversarios á 23 de Março de 1841.

Em 1844 occupou outra vez a pasta da marinha á 23 de Maio, entrando como liberal no ministerio de 2 de Fevereiro do mesmo anno : conservou-se no governo até 29 de Abril de 1847, sendo algum tempo ministro interino da guerra, e depois effectivo da fazenda.

Em 1862 emfim ainda voltou ao poder como ministro da fazenda do gabinete de 30 de Maio organisado pelo marquez de Olinda depois de duas votações contradictorias da camara, pelas quaes em tres dias tinhão cahido dous ministerios de opiniões oppostas.

Já a 14 de Setembro de 1850 Hollanda Cavalcanti fôra nomeado conselheiro de estado extraordinario, passando a ordinario á 20 de Agosto de 1859. A 18 de Junho de 1855 o Imperador o agraciára com o titulo de visconde de Albuquerque.

O gabinete de 30 de Maio era o preparador politico de um periodo de transição, e havia de entregar o governo ao partido liberal fortalecido com o concurso de brilhante fracção de conservadores separada franca e nobremente do seu antigo partido. O velho e venerando visconde de Albuquerque, soffrendo grave e adiantada affecção do coração

e tão doente que proxima o estava esperando a morte, não hesitou em tomar parte no ministerio.

Sua franqueza, sua independencia caracteristicas e sua fidelidade aos principios liberaes erão por todos respeitadas.

O visconde de Albuquerque tinha na tribuna do senado desde alguns annos exaltado aquellas virtudes da franqueza e da independencia pessoal á tal ponto e com dizeres taes, que em vivos epigrammas, e em idéas que se afiguravão excentricas, enunciava grandes verdades tomadas por ironias ou por paradoxos.

Em 1846 por exemplo, alludindo claramente a falsificação do systema eleitoral, ousou declarar que os ministerios podião governar sem maioria de votos na camara, chamando *artificiaes* as maiorias parlamentares.

Fóra do governo exclamou um dia no senado :—não ha no Brazil duas cousas que se pareção mais uma com a outra do que um liberal com um conservador.

Em uma discussão financeira, em que se tratava de acudir a falta de recursos do Estado, o visconde de Albuquerque disse aos ministros :—dinheiro temos nós de sobra, o que nos falta é juizo.

Combatendo a creação de uma nova repartição ministerial, e a idéa de que os serviços de cada uma das antigas seis pastas ministeriaes já erão demasiado pezo, e tarefa quasi impossivel de bem desempenhar-se, o visconde de Albuquerque, zombava dos ministros, atacando as novas e grandes despezas, que se exigião do thesouro, e clamava: —achão excessivo o trabalho?... pois eu não penso assim: estou prompto á tomar sobre mim o desempenho de todas as seis pastas ministeriaes.

Em outra occasião dizia : « senhor presidente ! o paiz

vai mal, e o seu estado não melhorará, em quanto não se enforcar algum ministro.»

Sempre que tomava a palavra no senado lançava alguma dessas proposições incisivas, pungentes, que envolvião em certa exageração e fórma um pouco original fundo de verdade inegavel.

Foi em toda a sua vida parlamentar energico defensor da liberdade da imprensa.

Na administração publica era activo e economico, zeloso e honradissimo.

No seu ultimo ministerio não poupou-se ao trabalho que lhe aggravava a molestia, e no fim de onze mezes de soffrimentos e de sacrificio pessoal falleceu no dia 14 de Abril de 1863.

O visconde de Albuquerque foi senador do imperio, conselheiro de Estado, gentil homem da imperial camara, cavalleiro da ordem de Christo e dignitario da imperial ordem do Cruzeiro.

Cidadão benemerito e de probidade tão reconhecida que nunca uma simples suspeita ousou insinuar-se contra elle, o visconde de Albuquerque morreu pobre, e o governo do Estado honrou seus serviços e bella memoria, decretando bem merecidas pensões para suas filhas.

22 DE AGOSTO

DOM THOMAZ DA ENCARNAÇÃO

Bispo e sabio, Thomaz da Encarnação nasceu na Bahia em 1728 : dedicando-se ao sacerdocio por decidida vocação, desprendeu-se de todos os laços do mundo, e ao mesmo tempo que com severos estudos opulentava sua intelligencia, dava aos homens o exemplo de virtudes e a lição de austeros costumes.

Em Portugal admirou pela sua sabedoria, e grande piedade, e nomeado e sagrado bispo, conservou-se humilde, como fôra, e só exigente do cumprimento dos deveres, de que era o primeiro e zelozo respeitador.

O marquez de Pombal tinha D. Thomaz na mais elevada estima, e o consultava muitas vezes.

D. Thomaz da Encarnação escreveu uma *Historia Ecclesiastica,* que foi publicada em Coimbra em quatro tomos,

e cuja excellencia mereceu o reconhecimento de autorisados juizes.

O nome de D. Thomaz da Encarnação fica registrado neste artigo de 22 de Agosto, que aliás bem póde não lembrar facto algum de sua vida ; mas que serve á sua memoria em falta de datas, que á elle se refirão.

23 DE AGOSTO

FREI MATHEUS DA ENCARNAÇÃO PINA

Natural do Rio de Janeiro e filho legitimo de Domingos Alves Pina e de Francisca Fernandes, Matheus da Encarnação Pina foi baptisado com poucos dias de nascido á 23 de Agosto de 1687 na freguezia de Nossa Senhora da Candelaria.

Aos dezesseis annos e já com estudos consideraveis para tão pouca idade; mas não desproporcionados para sua grande intelligencia, entrou para a Ordem Benedictina, tomando a cogula em 1703.

Foi uma das glorias do Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro pela sua sabedoria e piedade.

Eleito abbade e achando-se no exercicio da sua prelazia foi de subito mandado seguir para Portugal para responder

por abusos, que aleivosa, ou erradamente lhe imputárão; mas não lhe foi difficil demonstrar sua innocencia.

Em Lisboa foi chamado á pregar na capella real na quaresma do anno de 1729, e o rei D. João V que o ouvio e admirou, tomou-o immediatamente sob sua protecção de modo que o D. abbade frei Matheus da Encarnação Pina poude logo na seguinte frota voltar para o Rio de Janeiro, e restituido ao seu mosteiro, continuar no exercicio de sua dignidade.

24 DE AGOSTO

ANTONIO JOAQUIM RODRIGUES TORRES

Lá em Corrientes, em cemiterio povoado por heróes, cavou-se uma sepultura, que recebeu jovenil cadaver, que tinha direito á jazigo no seio da patria, e no meio de jardim de odoriferas flôres. A França tão rica de grandiosos renomes, conserva, exalta, glorifica o seu dedicado martyr de patriotismo, cavalleiro d'Assas.

O Brazil tem no *menino Torres*, em um joven de desesete annos o seu heroe, o seu martyr dedicado que não iguala sómente porque excede o cavalleiro d'Assas.

Antonio Joaquim Rodrigues Torres, filho legitimo do Sr. dr. Bernardino José Rodrigues Torres e da Exma. Sra. D. Maria Emilia Torres nasceu á 24 de Agosto de 1848 na freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Porto

das Caixas, municipio de Itaborahy, provincia do Rio de Janeiro.

O anjo de seu berço auspiciava-lhe afortunado futuro.

O dr. Bernardino Torres, seu pae, é medico illustrado, e de intelligencia tão distincta e notavel, que só a modestia, ou o amor de socegado retiro o tem negado á mais ostensiva e brilhante posição na sciencia que cultiva e exerce, ou no horisonte politico, onde pudera elevar-se.

Sua familia era e é importante e prestigiosa.

O *menino Torres* era sobrinho do visconde de Itaborahy, brazileiro e estadista de grande e bem merecida influencia e chefe do partido conservador, e do Sr. Candido José Rodrigues Torres, actual barão de Itamby, cavalleiro de primorosos dotes, e do qual o menor merecimento é ser rico e generoso capitalista.

O menino Antonio Torres educado com esmero foi por seu pae destinado ao commercio; mas seu genio ardente não se sujeitou á vida commercial: revolto á qualquer injustiça, irritavel á offensas de seu brio, ou signaes de menos preço era prompto em reagir, como em mais de um caso, com enorme desproporção de forças.

Em 1864 aos annuncios da marcha do forças brazileiras para o Estado Oriental do Uruguay aspirou alistar-se como voluntario do exercito; não lh'o permittirão porém em attenção a sua idade, que excedia apenas alguns mezes á deseseis annos: entretanto alcançou de seu pae licença para assentar praça no batalhão de engenheiros, e encetou os respectivos estudos na escola de applicação.

Mas a guerra do Paraguay chamou em breve os patriotas e os bravos aos combates e ás batalhas: parte do batalhão de engenheiros teve ordem de marchar, e então não houve

estremecimentos de amor de familia, nem empenhos, nem observações sobre sua idade, que desviassem o herôe do caminho da gloria—e da morte.

Antonio Joaquim Rodrigues Torres partio enthusiasmado : era 2° cadete da 3ª companhia do 1° batalhão de artilharia á pé, e chegando ao exercito, os officiaes e soldados ao vel-o tão joven, com o rosto absolutamente imberbe, e com desenvolvimento physico acanhado, o conhecêrão e designarão por — *menino Torres*.

Um dia elle disse á alguem que o chamava assim :

— Hade ver do que é capaz o *menino Torres*.

E mostrou-o pouco depois.

Em Corrientes entrou elle no numero dos valentes que sob o commando do tenente coronel Willagran Cabrita occupárão a ilha da Redempção na noite de 5 para 6 de Abril de 1866.

Antonio Torres contava então desesete annos e alguns mezes de idade.

Depois de vivissimo fogo nos dias 7, 8 e 9 arrojado sobre a posição tomada na ilha pelos brazileiros, ficando esta á tiro de fuzil do forte inimigo — *Itapirú* —, os paraguayos em numero de mais de mil e duzentos homens de escolha, força superior á commandada por Cabrita, desembarcárão ás primeiras horas da madrugada de 10 de Abril na ilha da Redempção, e aproveitando as trévas, avançavão ameaçadores.

Alguns soldados brazileiros que estavão na parte exterior das trincheiras, presentirão o inimigo, e obra de momentos alguns tiros annunciárão começo de conflicto, e logo o menino Torres, 2° cadete da 3ª companhia do 1° batalhão de artilharia a pé, entrou nas fortificações exclamando :

— Ahi estão os paraguayos! affirmo-o; porque matei á um.

Seguio-se horrivel peleja.

Os paraguayos batião-se protegidos pela noite e fazendo fogo de dentro de matagaes que muito conhecião.

Cabrita despojou-os d'ali á tiros de metralha, e em seguida e por outro lado fez executar formidavel carga de baionetas.

O contingente de artilharia lançou-se álém das trincheiras e de machadinhas em punho accommetteu as linhas paraguayas.

Combatia-se corpo á corpo.

O menino Torres intrepido e arrojado igualava aos mais bravos: salvou as vidas de dous officiaes de seu corpo, os tenentes Mourão Pinheiro e Guimarães, matando mais dous inimigos, que os ião ferir; o ultimo destes porém tivera tempo de rasgar-lhe o ventre á baioneta.

Ainda ferido o heróe continuou a pelejar; mas logo e ao gritar: — « Viva a nação brazileira! . . . » uma bala atravessou-lhe o coração.

O Marte de desesete annos cahio morto.

O tenente coronel Cabrita fez o seu elogio em tres palavras, dizendo:

— Merreu, como um leão!...

Devião ter levado á sepultura o cadaver do 2° cadete Antonio Joaquim Rodrigues Torres envolvido em uma bandeira nacional.

Era a unica mortalha digna desse heróe.

Mas faltarião bandeiras nacionaes para mortalhas de tantos heróes perdidos pelo Brazil na guerra do Paraguay.

25 DE AGOSTO

CANDIDO BORGES MONTEIRO

VISCONDE DE ITAUNA

Filho legitimo do capitão José Borges Monteiro e de D. Gertrudes Maria da Conceição, nasceu Candido Borges Monteiro á 12 de Outubro de 1812 na cidade do Rio de de Janeiro.

Estudou preparatorios nesta cidade e matriculando-se em 1827 na academia medico-cirurgica teve em 1833 a carta de cirurgião formado.

Sahia apenas das aulas quando se organisava a nova Escola de Medicina : no mesmo anno de 1833 entrou em concurso e pelas provas de sua capacidade foi nomeado para um dos dous logares de lente substituto da secção cirurgica, e

em acto solemne de 17 de Dezembro de 1834 recebeu o gráo de doutor em medicina.

Em outro concurso, no anno de 1837, teve a cadeira de lente de operações, anatomia topographica, e apparelhos.

Em 1843 e 1844 regeu tambem a cadeira de clinica externa por ausencia do respectivo lente, o cirurgião-mór do exercito dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho.

Exerceu o alto magisterio por mais de vinte e cinco annos, e aposentou-se em 1858.

Era na cadeira o que foi depois na tribuna parlamentar, orador eloquente, de palavra facil, de exposição clarissima, e de exame severo do assumpto que o occupava: tinha memoria tão feliz e admiravel que por mais de uma vez na sala da directoria da Escola alguns dos lentes seus collegas por gosto a experimentavão: Candido Borges lia uma pagina de livro de sciencia, e fechado este, repetia o que lêra sem faltar-lhe uma só palavra.

Foi notavel operador, e o primeiro que no Brazil praticou no homem vivo a ligadura da aorta ácima da bifurcação iliaca, escrevendo sobre essa operação memoria estimada a pedido do celebre professor da França *Velpeau*, memoria que foi impressa nos Annaes da Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro.

A explosão da barca de vapor *Especuladora* da carreira da côrte a Nictheroy em 1844 encheu de miseras victimas a enfermaria, em que o dr. Candido Borges dirigia então os estudos de clinica externa ; as observações de muitas dezenas de homens mais ou menos queimados, servirão-lhe para escrever interessantissimo trabalho scientifico sobre a materia.

Medico distincto e habil, elle o foi da Imperial camara

e teve a honra de ser medico parteiro de S. M. a Imperatriz.

Fóra do campo da sciencia medica illustrou-se não menos na administração, e no parlamento.

Como administrador estreou-se dignamente na camara municipal da côrte, sendo na eleição de 1848 o segundo na ordem dos vereadores, e por morte do primeiro em Outubro de 1849, occupou a cadeira de presidente até o fim do quatriennio.

Em sua administração municipal amortizou-se divida superior a sessenta contos de réis, elevou-se a renda, e construirão-se obras importantes.

Servio o logar de commissario do governo junto a Associação Central da Colonisação, desde 1 de Agosto de 1851 e foi nomeado presidente da mesma Associação por decreto de 28 de Março de 1859, e em commissão de tanto labor e importancia distinguio-se pelo seu zelo economico e pela sua dedicação á tarefa que lhe fôra confiada.

De 27 de Agosto de 1858 até 25 de Abril do anno seguinte exerceu a presidencia da provincia de S. Paulo: á 16 de Julho de 1868 succedêra no poder aos seus adversarios o partido conservador ; o ministerio dissolveu a camara, e Candido Borges, já então barão de Itaúna, presidente de provincia em periodo de grande reacção politica, e de tormenta eleitoral, soffreu ardentissima opposição do partido liberal, que lhe causou profundo desgosto. Em oito mezes de administração provincial naquellas circumstancias politicas pouco lhe foi dado fazer: no entanto deu novo regulamento á instrucção publica, e dotou a provincia de S. Paulo com algumas obras uteis.

Na vida parlamentar o dr. Candido Borges começou, sendo membro da assembléa provincial do Rio de Janeiro em 1850 e influio notavelmente nella, como um dos principaes oradores, e como chefe proeminente.

Na legislatura geral de 1853 á 1856 foi um dos deputados eleitos pela provincia do Rio de Janeiro, e membro da commissão de poderes, fez sua estréa na tribuna, sustentando a validade da eleição do illustre liberal Souza Franco, sendo vencido na votação pela maioria do seu partido, que excluio da camara aquelle estadista.

Sua experiencia de administração municipal e os profundos estudos que fizéra o levárão a apresentar á camara notavel projecto de reforma do systema municipal, que aliás não teve andamento, ficando esquecido depois da primeira discussão

Decretada a eleição por districtos a candidatura do dr. Candido Borges naufragou em 1857 combatida pelo proprio partido conservador, á que se ligára, e no qual se distinguira.

No mesmo anno entrou em lista triplice para senador offerecida pela provincia do Rio de Janeiro, e sobre elle recahio a escolha do Imperador.

Com assento na camara vitalicia, nem pela recente derrota soffrida abandonou o seu partido politico, e ou ministerialista ou na opposição prestou á politica conservadora consideraveis serviços com o seu talento pujante e eloquente na tribuna.

O senador Candido Borges Monteiro já agraciado com o titulo de barão de Itaúna, foi mais tarde, em 1872, elevado á visconde.

Em 1869 fez uma viagem á Europa levado principalmente

pelo amor da sciencia medica nunca por elle sacrificada ás fulgurosas e exclusivas exigencias da politica.

De volta do velho mundo civilisado o barão de Itaúna projectava dedicar-se com ardor á clinica de operações cirurgicas, quando o Imperador desejoso tambem de visitar a Europa, e ainda mais urgido pelos cuidados que reclamava a preciosa saude da Imperatriz, convidou o illustre medico para acompanha-lo.

O barão de Itaúna cumprio alegre e honorificado pela distincção o seu dever de medico, de amigo, e de homem grato e dedicado ao imperador.

Em 1872 tornando á patria com o Sr. D. Pedro II e sua augusta esposa, a virtuosissima Imperatriz, o visconde de Itaúna foi em breve desviado de seus planos de vida clinico-cirurgica.

O gabinete de 7 de Março de 1871 precisou fortalecer-se com sangue novo, e influencia auxiliar, e modificando-se, foi o visconde de Itaúna chamado á tomar a pasta de ministro da agricultura, commercio, e obras publicas a 20 de Abril de 1872.

Elle não hesitou ; aceitou a pasta no meio de fervorosa opposição dos liberaes, e dos conservadores dissidentes, que o não poupárão em suas acres censuras.

A camara temporaria foi dissolvida.

As paixões politicas prorompêrão em lavas volcanicas.

Indifferente aos furores da tempestade, muito menos politico, do que administrador, de olhos fitos, e de intelligencia, e de coração dedicados ao paiz, o visconde de Itaúna no ministerio da agricultura, commercio e obras publicas não perguntava a alguem qual era a sua côr politica, começava a abrir largos horisontes á immigração européa, á telegraphia

transatlantica, ás vias ferreas, e a outros grandes melhoramentos, quando em Agosto do mesmo anno de 1872 cahio no leito, d'onde havia de passar á sepultura.

Na noite de 25 de Agosto falleceu : suas ultimas palavras meia hora antes de expirar forão ; « vou despertar. »

O imperador que se achava no theatro com a imperatriz, retirou-se immediatamente ao receber a triste noticia do passamento do visconde de Itaúna.

O ministro secretario de estado que acabava de morrer quasi que não deixou dinheiro sufficiente para as despezas do seu enterro.

Sua familia ficou em pobreza; e o governo do Estado decretou pensões annuaes, uma de um conto e duzentos mil reis para a viuva, e de seis centos mil reis para cada uma das tres filhas do visconde de Itaúna.

Este illustre brazileiro foi 1° barão de Itaúna, e 1° visconde do mesmo titulo com grandeza por Decreto de 19 de Julho de 1872, conselheiro, ministro e secretario d'Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras publicas, senador do Imperio pela provincia do Rio de Janeiro, lente jubilado da Escola de Medicina da Côrte, medico da Imperial Camara, condecorado com as honras de Official Mór da Casa Imperial, dignitario da Ordem da Rosa, commendador da de Christo ; gran cruz das Reaes Ordens Portuguezas de Nosso Senhor Jezus Christo, e da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, das Ordens Ernestina da Casa Ducal da Saxonia, e da Imperial Ordem Austriaca da Corôa de Ferro, e membro da Imperial Academia do Rio de Janeiro, e de diversas sociedades scientificas.

26 DE AGOSTO

JOÃO PEREIRA DA SILVA

Padre illustrado e poeta distincto, João Pereira da Silva nasceu no Rio de Janeiro em 1743: destinou-se ao estado ecclesiastico e estudou com ardor, distinguindo-se por seu talento vivo e brilhante.

Foi professor de rhetorica e de philosophia, e conego da Sé do Rio de Janeiro.

Era poeta suavissimo e muito estimado: perdeu-se grande numero de suas composições, que agradavão extraordinariamente por faceiras, e ás vezes docemente enlevadoras; mas contidas nas expansões dos sentimentos: das poucas escapadas á mutilações, e á completa perda, é digna de especial menção e será sempre estimada pelos criticos, e pelos litteratos de gosto apurado o seu cantico ao *carnaval*.

Ignora-se o dia de nascimento, como o dia e anno da morte deste distincto fluminense, e em falta de datas relativas á sua vida, é o seu nome registrado no artigo de 26 de Agosto.

27 DE AGOSTO

BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS

No dia 1 de Maio de 1850 toda a cidade do Rio de Janeiro commoveu-se ao annuncio da morte de Bernardo Pereira de Vasconcellos, como ao ruido de um monumento, que houvesse desabado.

E no emtanto os restos mortaes do grande estadista forão levados ao cemiterio de S. Francisco de Paula por alguns poucos amigos dedicados, de quem se admirou a coragem.

As camaras legislativas estavão reunidas, Vasconcellos era o genio inspirador, a suprema intelligencia directora do partido predominante, e todavia pauperrimo sequito honrou o caixão funebre desse grande homem da terra.

Não foi a ingratidão, foi o terror, que determinou esse facto.

Em 1850 a *febre amarella* rompêra trazida do estrangeiro na cidade do Rio de Janeiro: pestifera e mais horri-

vel e fatal que o *cholera-morbus* flagellava, dizimava a população: igualou-a em proporções de mortifera influencia a proporção do contagio de terror que espalhou.

O povo reputava fóco de peste o cadaver de cada victima da *febre amarella*.

Fugirão quasi todos do cadaver de Vasconcellos; mas a capital do imperio se commovêra ao estrepito do baque do munumento.

Bernardo Pereira de Vasconcellos nasceu na antiga Villa Rica, depois cidade de Ouro Preto, capital da provincia de Minas Geraes, á 27 de Agosto de 1795, sendo filho legitimo do dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos e de D. Maria do Carmo Barradas.

Fez no Brazil os seus estudos preparatorios, em 1813 seguio para Portugal, matriculou-se na universidade de Coimbra, em 1818 tomou o gráo de bacharel formado em direito sem deixar na universidade reputação de estudante distincto por conquistas de applicado, ou por esperanças de intelligencia notavel.

Ficou em Portugal um anno; mas sem procura em seu escriptorio de advocacia: teve por si os tios influentes e considerados, e graças a elles foi despachado juiz de fóra de Guaratinguetá em S. Paulo, e dali voltando para Ouro Preto, obteve a nomeação de desembargador da relação do Maranhão.

Caminhava apressado o feliz protegido de bons parentes e zelosos patronos; rompêra porém a revolução de Portugal, em seguida a da independencia do Brazil, a fundação do imperio, a constituinte brazileira installada e dissolvida em 1823, a constituição politica do Brazil offerecida e jurada em 1824.

Vasconcellos vio e estudou tudo isso; fitou os olhos no futuro, pronunciou-se liberal, e em 1826, na primeira legislatura do Brazil honrado pelos votos de seus comprovincianos tomou assento na camara dos deputados, onde lançou os fundamentos da sua grandeza.

Pouco e pouco se fez notavel na tribuna parlamentar: em 1826 foi apenas orador mediocre, monotono, de palavra muitas vezes menos facil; desde logo porém discutidor habil: em 1828 a pratica e o estudo tinhão já vencido em grande parte aquelles defeitos, e Vasconcellos se tornára um dos principaes oradores da camara, e um dos mais ouzados e vehementes chefes da opposição liberal. Cada dia mais forte, mais rico de sciencia, mais seguro de seus recursos, nenhum o excedeu na valentia da dialectica, no ardimento do ataque, na energia da defeza, e nenhum o igualou no jogo do sarcasmo, e do ridiculo.

E isso era o menos!...

Cruel e invencivel affecção da medulla espinhal que levou-o á paralysia concorreu talvez para tornal-o tão consummado estadista, como foi: Vasconcellos concentrou a vida nas faculdades mentaes, dominou as dôres, e os padecimentos, que soffria, tomando o estudo, e constante e reflectida leitura por distracção, e ajuntando ás conquistas de sua intelligencia vastissima juizo penetrante e apurado, foi no seu tempo o homem que vio mais longe no futuro, e que mais sagaz previo a marcha dos acontecimentos.

No reinado do primeiro imperador já Bernardo de Vasconcellos se illustrára como legislador. Para não fallar em outras leis de que foi principal autor ou notavel collaborador, ahi está o *codigo criminal do Brazil*, grandiosa obra, de que elle foi o architecto director.

Depois da abdicação de D. Pedro I, de 1831 á 1835 não houve uma lei importante, uma instituição politica, que não devesse os maiores tributos á inspiração, aos conselhos, ou ao trabalho desse estadista. O codigo do processo, e as reformas da constituição ou acto addicional forão em maxima parte desse estadista. O partido liberal deveu á Bernardo de Vasconcellos as mais consideraveis instituições, com que dotou o Brazil.

Em 1835, sendo membro da primeira assembléa provincial de Minas Geraes, deu-lhe a mais sabia direcção, creou em leis que fez adoptar, systema de ensino publico, e de decretação de estradas, e tornou a primeira legislatura da assembléa mineira verdadeiramente exemplar.

O fallecimento do ex-imperador D. Pedro I em 1834 apagando no Brazil as esperanças e planos do partido restaurador, afrouxou os laços de união do partido liberal dominante: a agitação prolongada dos espiritos, e desordens em diversas provincias, a revolta medonha do Pará, a rebellião que em 1835 rebentou no Rio Grande do Sul gastavão o governo dos liberaes: nesse mesmo ultimo anno logo em Maio a morte de Evaristo da Veiga foi novo e profundo golpe que ferio o partido que desde 7 de Abril de 1831 se mantinha no poder.

Era regente do imperio o padre Diogo Antonio Feijó que não soube ou não quiz dar ao grande estadista influencia condigna na direcção dos negocios publicos.

Vasconcellos observou desgostoso a marcha do governo, sentio reacção anti-liberal no espirito de muitos, os antigos partidistas do ex-imperador finado fazendo causa commum com os diversos grupos de opposição, prevendo proximas e inevitaveis combinações futuras, estadista vidente, habilis-

simo e astuto, encaminhou-as, colligou os grupos dissidentes, pronunciou na camara a palavra *regresso*, separou-se dos liberaes, e organisou, disciplinou e commandou o partido—conservador—, que depois de dous annos de luta parlamentar levou o padre Feijó á resignar a regencia, conquistando o poder á 19 de Setembro de 1837, em que subio ao ministerio.

Desse ministerio de 19 de Setembro coube de direito á Vasconcellos a direcção politica, a maior influencia, a flamma vivificadora, e a tarefa brilhante de seu representante e defensor principal nos debates do parlamento.

Em 1840 á 22 de Julho, quando a decretação da maioridade do imperador o Senhor D. Pedro II estava á romper das camaras legislativas em exaltamento febril que a população da capital com enthusiasmo apoiava, Vasconcellos, uma vez imprudente, ouvido em conselho, propôz o adiamento das camaras: nenhum dos membros do ministerio ousou tomar a responsabilidade individual de ministro referendador do decreto de adiamento: Vasconcellos offereceu-se para fulminar o atrevido acto: foi nomeado ministro, e mandou ás camaras o decreto que as adiava. A reacção rompeu, e no fim de nove horas Vasconcellos não desceu, cahio do poder.

— Forão ás nove horas mais gloriosas da minha vida!... exclamou elle depois no senado.

E' provavel que o orgulho tivesse inspirado essa exclamação.

Certo é porém que á 22 de Julho Bernardo de Vasconcellos ostentou coragem, ousadia politica, que não tiverão os ministros que se conservárão no ministerio, precisando

que elle viesse tomar a maxima responsabilidade do que não ousárão.

Depois de 1840 Vasconcellos não tornou á ser ministro, embora o partido de que era incontestavelmente o chefe, subisse duas vezes ao poder.

No reinado do primeiro imperador Bernardo de Vascollos foi em 1828 convidado á tomar uma pasta de ministro ; recusou-se porém á aceital-a : sem duvida temeu então perder subindo ao ministerio, a influencia que já gozava no partido liberal que systematico, e mais revolucionario, do que parlamentar, fazia opposição á todas as combinações ministeriaes, aliás tambem todas sem solidariedade politica representante de idéas de maioria parlamentar.

Grande politico, abalisado estadista, financeiro muito notavel, Vasconcellos, Alcides nas camaras, não prescindio jámais da imprensa: diversos periodicos, entre outros, a *Sentinella da Monarchia,* mais tarde o *Caboclo,* e outros obedecião á sua direcção, e á seus conselhos, e publicavão artigos de potente argumentação, de horriveis sarcasmos, de desabridas zombarias contra seus adversarios tambem violentos aggressores: então dando a idéa e ensinando o ridiculo da idéa, o grotesco da fórma, o veneno das settas, Vasconcellos dizia, clamava aos seus inspirados escriptores:

— Artigos curtos!... escrevão artigos de meia columna!... são esses os que o povo lê.

O povo! Vasconcellos foi o idolo do povo até 1834: de 1836 em diante aborrecido pelos liberaes soffreu opposição violentissima.

Já antes, e muito mais depois elle foi accusado e ultrajado em sua vida particular e publica, em sua probidade, e em tudo.

Em 1840 o povo apedrejou sua casa.

Bernardo Pereira de Vasconcellos não foi o que as injurias, e não poucas e desmesuradas calumnias dos inimigos politicos o pintarão, nem o patriota, e estadista influente e puro, que seus enthusiastas preconisárão.

A ambição do poder fascinava esse illustre cidadão, e os favores de sua influencia politica muitas vezes generosa chegárão á nublar, talvez injustamente sua reputação.

Mas é preciso não esquecer que todos os raios dos odios politicos erão vibrados contra o estadista mais imminente e primeiro do partido conservador.

Em todo caso Bernardo Pereira de Vasconcellos foi o principal legislador, e o estadista sem competidor, e sem emulo digno de comparação, que o imperio do Brazil póde apresentar ao mundo desde a época gloriosa de sua independencia.

Deputado nas tres primeiras legislaturas, senador, conselheiro de Estado, e grande do Imperio, altamente condecorado, Bernardo Pereira de Vasconcellos ainda foi mais notavel pela sua mestria como orador parlamentar, como economista politico, legislador e profundo estadista.

28 DE AGOSTO

D. MANOEL DE ASSIS MASCARENHAS

Filho de D. Francisco de Assis Mascarênhas, depois marquez de Palma, nasceu D. Manoel á 28 de Agosto de 1806, na capitania mais tarde provincia de Goyaz, sendo ahi á esse tempo seu pae governador e capitão-general.

D. Manoel formou-se em direito na universidade de Coimbra, e pouco depois de tomar o gráo de doutor, foi nomeado pelo governo do imperio addido de primeira classe na legação em Berlim, e em seguida secretario da legação em Vienna, onde exerceu interinamente o cargo de encarregado de negocios.

Preferindo a magistratura á diplomacia voltou para o Brazil.

Mas a politica disputára D. Manoel á magistratura.

Na quarta legislatura foi eleito deputado da assembléa geral pela provincia do Rio Grande do Norte, a de Goyaz o reelegeu depois e emfim a primeira daquellas provincias o incluio em lista triplice para senador, e á 12 de Junho de 1850 a escolha imperial deu-lhe assento na camara vitalicia.

Na camara como no senado foi orador muito frequente na tribuna : tinha palavra facil, memoria assombrosa, promptidão no improviso, enthusiasmo pelos principios que sustentava, e era terrivel no sarcasmo, excedendo-se ás vezes no ataque violento ao adversario.

A independencia, a franqueza, a dedicação e a audacia o carectisárão, como orador parlamentar.

Na camara temporaria e ainda á principio no senado foi ardente paladino conservador e aggredio o partido liberal e combateu os seus mais valentes campeões com a vehemencia enthusiastica e ás vezes desabrida; mas natural de seu genio : entretanto em 1844 pronunciou-se divergente de todos os chefes conservadores, sustentando a conveniencia politica da amnistia aos compromettidos nas revoltas liberaes de S. Paulo e Minas em 1842 ; voltando porém á camara foi defensor energico dos principios conservadores, e o mais infatigavel, e terrivel opposicionista da situação liberal predominante no governo de 1844 á 1848.

No senado foi ainda dedicadissimo conservador até 1852 em que levado sómente pela força de suas convicções atacou de frente o gabinete do visconde de Itaborahy.

D. Manoel não era homem de transições morosas, medidas e calculadas : desgostoso, com razão ou sem ella, convencido de graves erros politicos e das tendencias do partido conservador, que fôra até então o seu, pronun-

ciou-se na tribuna atacando-o com o mesmo ardor, com que o defendêra.

O mais eloquente dos escriptores liberaes do tempo, apreciando justamente o caracter de D. Manoel na sua expontanea e inesperada opposição á seus antigos correligionarios politicos, gravou na imprensa estas palavras: « é homem que desembarcando em nova praia que procurou, *queima os seus navios.* »

Com effeito o senador D. Manoel foi o mais arrebatado, energico, embravecido, e inexgotavel orador de opposição, que encontrárão daquelle anno em diante os ministerios conservadores.

Identificado com os liberaes, levando á elles toda a dedicação a mais desinteressada, toda a eloquencia e todos os exaltamentos de sua palavra na tribuna, e toda a moderação e sabedoria de seus conselhos na direcção do partido, D. Manoel foi um dos chefes, e uma das influencias *mais prudentes* da situação liberal pronunciadamente no governo pela dissolução da camara em 1863.

Mas, sempre o mesmo parlamentar independente e exaltado em suas convicções, logo em 1864, atacando a aposentação forçada de magistrados, aggredio, censurou com a mais impetuosa força o ministro da justiça illustradissimo e probo, e aliás além de seu corriligionario politico, seu amigo particular.

Apezar dessa lamentavel divergencia D. Manoel continuou á ser chefe conselheiro do partido liberal.

Chefe-conselheiro sómente: na alta administração do Estado elle tinha sido presidente de diversas provincias e duas vezes da do Rio Grande do Norte. Passando para o partido liberal, declarou e manteve a resolução de não

aceitar cargo algum politico: negou-se absolutamente á entrar em combinações ministeriaes, e limitou-se á ser — chefe conselheiro do partido liberal.

Quando em Maio de 1865 cahio o ministerio Furtado, D. Manoel disse profundamente triste: « está perdida a nossa bella situação politica ! . . . agora é só avançar para a ruina da grande obra. . . »

E a prophecia realisou-se.

Em 1866 o desgosto abatendo a alma, grave molestia alquebrando o corpo mostrárão D. Manoel no senado como á despedir-se dos amigos, das lutas politicas, da vida emfim: pallido, emagrecido, desalentado, quasi moribundo, no fim da sessão desse anno ainda tomou a palavra; mas nem poude levantar-se, sentado pronunciou seu ultimo discurso, seu canto de Cysne, discurso triste, franco, leal, patriotico, quasi afflictivo pouco depois.

D. Manoel de Assis Mascarenhas falleceu na cidade do Rio de Janeiro.

Era varão de rigidos costumes, catholico profundo, e typo de probidade.

Foi commendador da ordem de Christo, official da Imperial da Rosa, e gentil-homem da camara de S. M. o Imperador.

29 DE AGOSTO

JOAQUIM CAETANO DA SILVA

Entre os homens sabios do Brazil nenhum excedeu a este, e bem poucos o terão igualado.

Joaquim Caetano da Silva, filho legitimo de Antonio José Caetano da Silva, natural da ilha de Santa Catharina, e de Anna Maria Floresbina, natural de Paranaguá então da capitania de S. Paulo, e ulteriormente da provincia do Paraná, teve seu berço á 2 *de Setembro* de 1810 na povoação chamada *Guarda do Serrito*, da freguezia do Espirito Santo de Jaguarão, na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Aos deseseis annos seguio para França onde completou os seus estudos de preparatorios, e depois o curso de medicina na faculdade de Montpellier, sustentando these que versou sobre idéas de philosophia medical á 29 de Agosto de 1837, data do seu diploma de doutor pela universidade de França.

Em onze annos, isto é, de 1826 á 1837 elle estuda *profundamente* suas humanidades e tomou o gráo de doutor. Isso é muito: mas admire-se o mais.

Em 1828 o estudante Joaquim Caetano recebeu o diploma de membro da Sociedade de Historia Natural de Montpellier.

Os estudantes brazileiros e portuguezes tinhão fundado em Montpellier, *Sociedade Litteraria Luso brazileira* para cultivo da lingua portugueza, e nella em sessão de 21 de Junho de 1829 Joaquim Caetano (aos desenove annos de idade) apresentou uma lista de *quatro centos e noventa palavras, que Moraes esquecêra em seu Diccionario e das quaes aliás se servira explicando os significados de outras dicções.*

Em 1832 apresentou o trabalho, que denominou *Supplemento ao Diccionario de Moraes*, no qual offereceu a riqueza de mais *quatro centos vocabulos* colhidos em obras de classicos portuguezes, e não lembrados pelo venerando lexicographo.

Em 1836 apresentou ao *Circulo Medico de Montpellier* um trabalho com o titulo: *Fragmento de uma memoria sobre a queda dos corpos* escripta em francez: o *Circulo* mandou imprimir o trabalho, e conferio ao autor o diploma de seu membro titular.

Joaquim Caetano dispunha de pensão muito modesta, e despendia demasiado em compra de livros: que podia fazer em França?... fez o inverosimil: ganhou dinheiro ensinando a lingua franceza á estudantes francezes!... ensinou magistralmente a lingua de Racine e de Moliere.

Eis ahi Joaquim Caetano da Silva simples estudante em Montpellier.

Que estudante até hoje o igualou?...

De França veio o dr. Silva para o Rio de Janeiro e á 21

de Fevereiro de 1838 foi nomeado professor do Imperial Collegio de Pedro II, no qual ensinou grammatica portugueza, rhetorica, e grego, limitando-se depois á cadeira de grego, quando se completou a organisação do collegio, e o respectivo systema de estudos.

Em 1839 foi tambem chamado a ensinar rhetorica, poetica, e grego no lycêo provincial do Rio de Janeiro.

A 26 de Junho do mesmo anno de 1839 succedeu ao bispo de Anemuria na reitoria do Imperial Collegio de Pedro II.

Em 1838 o Instituto Historico e Geographico Brazileiro deu-lhe o diploma de seu membro titular, depois effectivo, e em 1859 elevado á honorario.

Em 1851 o dr. Silva leu durante algumas sessões no Instituto extensa memoria sobre os limites do Brazil com a Guyana Franceza conforme o sentido exacto do artigo 8° do tratado de Utrech, trabalho luminoso e de profundo estudo.

A' 14 de Novembro de 1851 teve o dr. Silva a nomeação de encarregado de negocios junto ao governo dos Paizes Baixos, e á 17 de Fevereiro de 1854 a de consul geral do Brazil no mesmo reino.

Na Europa levantou indestructivel monumento á sua patria, fortaleza inexpugnavel em face do direito evidente no *Oyapock* diante das pretenções da França á dilatar abusivamente o territorio da sua Guyana na America. O dr. Silva publicou em *francez* a sua obra em dous volumes.

« O *Oyapock e o Amazonas,* » que foi em *direito* a ultima e irrespondivel (e tão irrespondivel, que á despeito da sensação que produzio em França não poude ser contestada) a ultima, e esplendidamente firmada demonstração clarissima

da justiça do Brazil na porfiada questão do *Oyapock*. Como historica, geographica e diplomatica essa obra bastaria para a gloria do dr. Silva : mas exalta-se ainda nella o alto merecimento do sabio brazileiro que a escreveu em francez, como se ufanaria de te-la escripto o mais provecto litterato da França.

De volta ao Brazil o dr. Silva em 1863 occupou a attenção do Instituto Historico e Geogrophico Brazileiro com a leitura de trabalhos longos e de maravilhosa erudição : sob o titulo de *Questões Americanas* elle apurou em sorprendentes estudos varios pontos deixados indecisos por Humboldt ; mas por infelicidade sómente dous artigos, ou duas memorias, que valem duas obras monumentaes, como tudo quanto sahia de sua intelligencia, forão lidas por elle no Instituto : a primeira é *Antilia*, a segunda — *Brazil*, revelando ambas estudos extraordinarios ; na ultima porém, na que trata da origem do nome *Brazil* que ficou ao imperio americano, maravilhão o criterio, e abysmo de averiguações, e a profunda sciencia que o elevou á orientalista applaudido pelos orientalistas mais celebres da França.

De 1863 em diante doente e quasi cego o dr. Silva foi com tudo por algum tempo inspector geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte, e depois até sua morte director do archivo nacional.

O dr. Joaquim Caetano da Silva falleceu na cidade de Nictheroy á 27 de Fevereiro de 1873.

Além das sociedades scientificas já mencionadas elle foi tambem membro da de Geographia de Paris. Teve no Brazil o habito de cavalleiro da Ordem de Christo, sendo depois de official elevado á dignitario da Imperial Ordem da Rosa, e recebeu de Portugal a commenda da de Christo.

Foi em toda sua vida prodigio de estudo quasi incessante: o Sr. Porto-Alegre, actual barão de Santo Angelo dizia delle: « este homem estuda vinte e cinco horas por dia. »

A' mais profunda sabedoria soube ajuntar inexcedivel pureza de costumes e grandes virtudes.

Deixou avultada copia de manuscriptos da maior importancia sobre as linguas portugueza e grega, e sobre limites do Brazil, além do que se ignora.

30 DE AGOSTO

FREI VICENTE DO SALVADOR

Nasceu este erudito brazileiro na Bahia em 1605, entrou para a ordem Seraphica, e por seus estudos severos e grande sciencia foi considerado um dos mais doutos socios della.

Frei Vicente do Salvador escreveu a historia da provincia seraphica do Brazil: esta obra que não foi publicada, mereceu elogios de Jorge Cardozo, de frei Agostinho de Santa Maria, e do abbade Diogo Barbosa, e o Sr. conselheiro Pereira da Silva no *Supplemento Biographico* dos varões illustres do Brazil della falla, registrando o nome do autor.

Balthazar da Silva Lisboa em seus manuscriptos de apontamentos biographicos que aliás nem sempre são seguros em datas, diz que esse illustre brazileiro nascêra á 30 de Agosto do anno de 1605.

31 DE AGOSTO

HENRIQUE DIAS

Filho de africanos, e de côr preta como a de seus paes, Henrique Dias nasceu em Pernambuco ou no fim do seculo decimo sexto ou logo no principio do seguinte. Aprendeu á lêr e escrever, e ignora-se quanto á sua vida absolutamente tudo até 1633: seu proceder desse anno em diante é garantia do seu passado obscuro.

Em 1633 as armas pernambucanas tinhão já avançado no seu longo periodo de adversidade: Calabar levára o condão da victoria para o campo hollandez. Os invasores estendião sua conquista. Foi então que em Maio daquelle anno apresentárão-se no Campo Real do Bom Jesus ao general Mathias de Albuquerque alguns homens pre-·os capitaneados por um creoulo de nome Henrique Dias,

offerecendo-se para combater em defeza da patria. O general aceitou o auxilio, e confirmando Henrique Dias no posto de capitão, em que pelos seus fôra acclamado, recommendou-lhe que reunisse quantos homens de sua côr podesse, não sendo elles escravos.

Logo á 8 de Setembro de 1633 Henrique Dias á frente de trinta e cinco pretos acompanhou a expedição de duzentos homens que foi disputar o passo á mil hollandezes que marchavão em soccorro de Iguarassú: foi terrivel a peleja: o capitão preto portou-se com inescedivel bravura e foi ferido por dous mosquetaços.

Até 1635 entrou sempre galhardamente em combates parciaes; mas a 8 de Junho a fortaleza do Arraial do Bom Jesus rendeu-se depois de tres mezes de cerco e da mais heroica resistencia. Henrique Dias ficou prisioneiro; mas os hollandezes tendo-o em pouco apreço pelo accidente da côr, logo depois o deixárão em liberdade com a mulher e filhas.

Em Abril de 1636 Henrique Dias, aproveitando propicio ensejo, mette-se pelas matas com a familia e alguns soldados pretos, e vae reunir-se ao já minguado exercito pernambucano em Porto Calvo e logo a 9 de Junho entra e se distingue em combate sob as ordens de D. Antonio Felippe Camarão.

A' 17 e 18 de Fevereiro de 1637 o crioulo capitão, commandando oitenta negros, firma sua já esclarecida reputação na batalha de Porto Calvo, cuja gloria principal merecidamente lhe coube. Ferido por uma bala na mão esquerda, quando mais fervia a peleja, mandou que logo lhe fizessem a amputação, e acabada esta, voltou immediatamente ao combate.

O rei de Hespanha e de Portugal recompensou Henrique Dias, conferindo-lhe o habito da ordem de Christo, o fôro de fidalgo, e depois a patente de cabo e governador dos homens pardos e creoulos com o soldo mensal de quarenta cruzados.

De 1637 á 1645 Henrique Dias se assignala como chefe guerrilheiro, distingue-se brilhantemente na defeza da cidade de S. Salvador da Bahia, e na vigorosa repulsão do principe Mauricio de Nassau, que com grandes forças a atacava, e não houve commettimento ou interpreza, em que não tomasse consideravel e louvada parte.

Em 1645 de accordo mal dissimulado com o governador geral do Brazil Telles da Silva, finge-se desertor, á frente de seus negros deixa a Bahia, atravessa Sergipe, transpõe o S. Francisco, entra no districto das Alagôas, inflamma o pronunciamento do povo, e vae fazer juncção com Fernandes Vieira e o capitão Cardoso que estavão á frente da insurreição pernambucana contra o dominio hollandez.

De 1645 á 1654 Henrique Dias tomou parte em numerosos combates, commandou por alguns dias as forças que cercavão o Recife, em quanto os outros chefes tentavão a conquista de Itamaracá, cobrio-se de gloria nas duas batalhas dos Guararapes, e em vinte e um annos de guerra ou de guerrilhas, em que sempre entrou, excepção feita da capitulação honrosissima do Arraial do Bom Jesus, em 1636, nunca foi vencido ou derrotado, e sempre fulgurou vencedor, ou guerrilheiro retirou-se feliz e garboso, tendo causado ao inimigo graves damnos.

Deu provas de lealdade só igual á sua bravura : mostrou-se homem tão grande pelo valor, como pela honra.

Ignorante, quasi rude revelou capacidade militar e recursos estrategicos que ninguem esperava delle.

Era homem de côr preta, e pela côr amesquinhado; mas pela sua intrepidez, pelo seu merecimento, pelos seus serviços e brilhantes feitos mostrou-se á par de André Vidal de Negreiros, de Camarão e de Fernandes Vieira.

Foi verdadeiro heróe.

Expulsos os hollandezes, e firmada a victoria da patria todos os chefes pernambucanos forão merecida e amplamente galardoados, e premiados... menos elle.

No Brazil perpetuárão sua mais que alva, fulgurante memoria, dando o nome de *Henrique Dias* aos regimentos de homens pretos.

Parecêra talvez muito o posto de mestre de campo que lhe foi conferido.

Felippe IV déra em relação á Henrique Dias lição de justiça que D. João IV não soube aproveitar.

O mestre de campo Henrique Dias morreu quasi esquecido no Recife á 31 de Agosto de 1661.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE

SEGUNDO VOLUME

Maio

Junho

Julho

Agosto